

LÚCIA HELENA HEBLING ALMEIDA

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS:

Imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade
segundo uma abordagem Junguiana

CAMPINAS

2005

LÚCIA HELENA HEBLING ALMEIDA

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS:

Imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade
segundo uma abordagem junguiana

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do título de
Doutor em Ciências Médicas, área de concentração
Ciências Biomédicas*

ORIENTADOR: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

CAMPINAS

2005

UNICAMP
64d
EX
BC/ 6686
123-06
<input type="checkbox"/> D <input checked="" type="checkbox"/>
11.00
3/12/06

ID 374930

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

Al 64d Almeida, Lúcia Helena Hebling
Danças circulares sagradas: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana. / Lúcia Helena Hebling Almeida. Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Joel Sales Giglio
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Danças religiosas. 2. Saúde Mental. 3. Religião e Psicologia. 4. Espiritualidade. 5. Teoria Junguiana. 6. Religião e Medicina. 7. Imagem corporal. 8. Qualidade de vida. 9. Religião. I. Giglio, Joel Sales. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

(sln/fcm)

Banca examinadora da tese de Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Membros:

1. Profa. Dra. Cátia Mary Volp

2. Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias

3. Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda

4. Profa. Dra. Elisabeth Bauch Zimmermann

5. Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Ao Enzo Luiz Hebling Almeida Picca, meu sobrinho e afilhado que, na sua “perspicácia” de quatro anos e cinco meses, em 23.01.05, me presenteia com este desenho e diz: “Este é o tio Vicente Mário cantando e dançando com a madrinha, e a madrinha beijando o tio Vicente”.

Para que a arte - em especial o desenho, a música, a dança de que tanto gosta - e o seu coração de criança - ingênuo e bom - possam, em parte, permanecer na sua vida.



A Míriam Hebling Almeida, minha irmã e mãe do Enzo Luiz, cujo apoio nas traduções dos textos de inglês foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Joel Sales Giglio, meu orientador, que sempre com seu bom humor me abriu caminhos, teceu comentários preciosos e desculpou minhas distrações e ações impensadas.

À Profa. Dra. Zula Garcia Giglio que, com sua força e carinho, abriu sua casa e apoiou-me em difíceis momentos pessoais, vividos durante a época do doutorado.

À Profa. Dra. Catia Mary Volp, à Profa. Dra. Elisabeth Bauch Zimmermann, à Profa. Dra. Regina Muller, pelos comentários na banca de qualificação.

Às alunas do curso de Especialização em Arte-terapia da Unicamp, que participaram deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro, companheira em alguns cursos ministrados, responsável por me abrir possibilidades junto à Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Rio Claro), e também pelas correções de português.

Ao Prof. Dr. Valmor da Silva, da Universidade Católica de Goiás (em Goiânia), com pesquisas na área de Bíblia e literatura sagrada, pela coletânea e envio das passagens bíblicas que mencionam a dança, muitas das quais foram por mim selecionadas para este trabalho.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Simões Pião, do Depto. de Estatística, Matemática Aplicada e Computação do IGCE/UNESP (Rio Claro), pelo tratamento estatístico.

Aos funcionários da UNICAMP - do Depto. de Psiquiatria: André Luís Alcântara Goulart, Lílian Cristina Gonçalves, Mônica Ap. Cintra Garcia de Almeida; da Pós-Graduação na pessoa de Márcia Aguiar dos Santos; da Diretoria de Apoio Didático, Científico e Computacional da FCM: Elaine F. A. Corradello (revisão), Rosana Eugênia Soares Elias Lugli e Sílvia Auxiliadora de Lúcio (editoração) por ajudarem de alguma maneira a realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria José Ap. Hebling, ao Prof. Dr. Osvaldo Aulino da Silva, que me incentivaram para o doutorado e ao Prof. Dr. Irineu Bicudo, que, além do incentivo, presenteou-me com sua prosa utilizada na introdução deste trabalho.

À Maria Carolina Moraes - querida amiga “Lolita” - pela sua valiosíssima presença na filmagem das danças e encaminhamento do vídeo.

Ao Prof. Enilton Silviano e ao Prof. Luiz Carlos Picca, pessoas especiais na roda da minha vida, as quais, com carinho e admiração, estiveram sempre, de alguma maneira ao meu lado.

Ao Prof. Gil Moreira Neto, médico homeopata e amigo, presente em preciosas horas e em momentos delicados, cuidando para que minha energia vital não sucumbisse.

A Ana Maria Galvão Rios, minha terapeuta sempre presente, mesmo à distância, cuidando e apontando com seu jeito especial de ser, para minhas idéias e meu coração.

Ao Prof. Dr. Ivan Antônio de Almeida, querido amigo e “primo”, que desde o projeto inicial deste trabalho esteve presente com seu carinho, apoio e comentários adequados.

Aos meus padrinhos, Maria Lígia Prado Almeida Brandt e João Batista Brandt, que tantas vezes proporcionaram uma boa cama, uma boa mesa, aconchego e carinho, quando me hospedaram em Campinas.

Ao meu tio, Wail Hebling, que com o brilho de admiração, nos olhos, pelo meu trabalho, regado a alguns churrascos e peixes, alimentou o meu corpo e a minha alma.

Ao Vicente Mário da Fonseca, meu par neste momento na dança da vida, que, muitas vezes entendeu e suportou os meus muitos “momentos estressantes”, enquanto eu permanecia – segundo suas palavras – “casada com a minha tese e meu computador”.

Ao meu pai, Flávio Celso Prado Almeida que sempre me ensinou o caminho dos livros, das idéias, e que sempre colocou o acesso à educação formal e informal como condição necessária para toda uma vida.

À minha mãe, Aldair Hebling Almeida, que com sua força, seu amor, sua sensatez, sua psicologia intuitiva, me apoiou sempre e me ajudou a ter discernimento sobre a vida e as pessoas.

A Deus, pelas oportunidades de crescimento nem sempre fáceis de serem assimiladas ou compreendidas, e que se tornam enriquecimentos em nossas vidas, lembrando as palavras de Eclesiastes 3:

Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu:

Tempo de nascer e tempo de morrer;
tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta.

Tempo de matar, e tempo de curar;
tempo de destruir e tempo de construir.

Tempo de chorar, e tempo de rir;
tempo de gemer e tempo de bailar.

Tempo de atirar pedras, e tempo de recolher pedras;
tempo de abraçar e tempo de se separar.

Tempo de buscar e tempo de perder;
tempo de guardar e tempo de jogar fora.

Tempo de rasgar, e tempo de costurar;
tempo de calar, e tempo de falar.

Tempo de amar, e tempo de odiar;
tempo de guerra, e tempo de paz.

“Estamos perdendo a percepção do tempo cíclico, e,
em maior ou menor grau,
desapercebidamente dependentes do tempo linear”.

(Larry Dossey, *Space, Time & Medicine*, 1982).

Acordo de noite subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma coisa escura
com paredes vagamente brancas.
Lá fora há um sossego como se nada existisse.
Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena coisa de engrenagens
que está em cima da minha mesa.
Abafa toda a existência da terra e do céu...
Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única coisa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite enorme
Com a sua pequenez...

(Alberto Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*, XLIV - 7/5/1914).

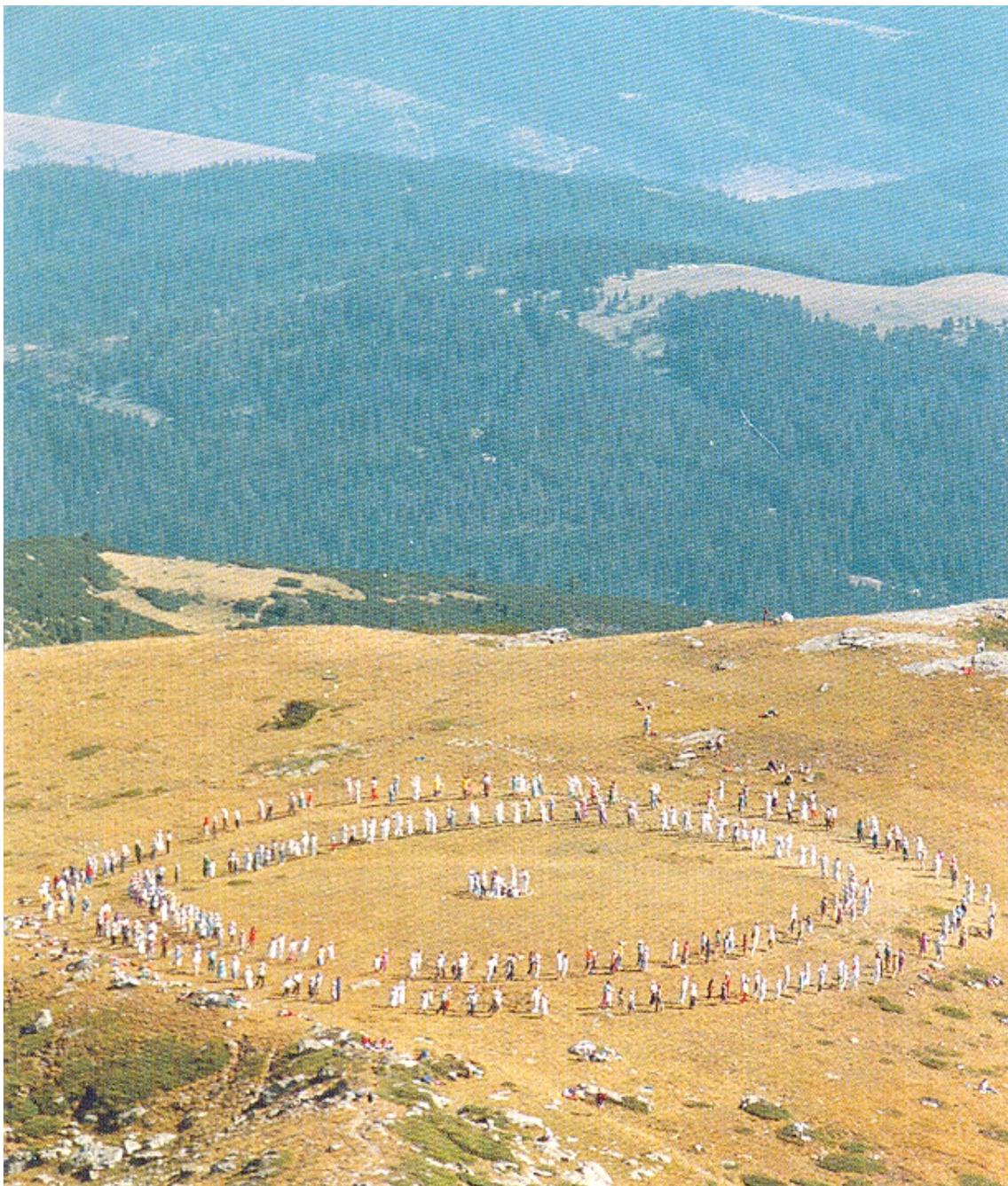


Foto nas montanhas de Rylla, Bulgária: dança circular sagrada focalizada por Peter Deunov, Pan- Euritmia (1999 - arquivo pessoal da autora).

	<i>Pág.</i>
RESUMO	<i>xxxí</i>
ABSTRACT	<i>xxxv</i>
1- APRESENTAÇÃO	39
1.1- Justificativa	46
1.2- Pressupostos	49
2- OBJETIVOS	51
2.1- Objetivo geral	53
2.2- Objetivos específicos	53
3- REVISÃO DA LITERATURA	55
3.1- A dança: o corpo, o ritmo e a ciência	57
3.2- O homem primitivo e o sagrado	62
3.3- A dança como um mito e como rito	64
3.4- A dança em diferentes épocas e civilizações	71
3.5- A dança de Cristo com os apóstolos	87
3.6- A dança na Bíblia	89
3.7- O homem moderno: um ser separado de seu corpo e da religiosidade	93
3.8- Jung e a religiosidade: o “homo religious”, o sagrado	100
3.9- Jung, o corpo e as terapias corporais	105
3.10- Danças circulares sagradas: uma expressão de símbolos arquetípicos e da religiosidade	108
3.11- Danças circulares sagradas: sua história e seu contexto no Brasil	123
3.12- As danças circulares sagradas na educação de crianças e de adultos	130
3.13- Arte como terapia	134
3.14- O uso do desenho e a psicologia junguiana	137

3.15- O corpo e a religiosidade: uma proposta de integração na saúde mental.....	142
3.16- Uma palavra sobre qualidade de vida.....	156
3.17- Arquétipo e símbolo.....	160
3.18- Os arquétipos da Grande Mãe e do Grande Feminino.....	163
3.19- A individualização de Jung e o “Self”.....	167
3.20- O simbolismo do círculo e o círculo de mulheres.....	169
4- METODOLOGIA.....	173
4.1- Características da Pesquisa.....	175
4.2- Procedimentos.....	178
4.3- Sujeitos.....	179
4.4- Coleta dos dados.....	179
4.5- Material e Métodos.....	180
4.6- Interpretação dos dados.....	184
5- INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	185
5.1- Saúde mental - M.I.N.I.....	187
5.2- Unidades significativas.....	187
5.2.1- Unidades significativas- sujeito 1.....	188
5.2.2- Unidades significativas- sujeito 2.....	189
5.2.3- Unidades significativas- sujeito 3.....	190
5.2.4- Unidades significativas – sujeito 4.....	191
5.2.5- Unidades significativas – sujeito 5.....	192
5.2.6- Unidades significativas – sujeito 6.....	193
5.2.7- Unidades significativas – sujeito 7.....	194
5.2.8- Unidades significativas – sujeito 8.....	195
5.2.9- Unidades significativas – sujeito 9.....	196
5.2.10- Unidades significativas – sujeito 10.....	197
5.3- Resultados quanto à religiosidade.....	198
5.4- Análise quantitativa quanto à qualidade de vida.....	201
5.5- Análise qualitativa quanto à qualidade de vida.....	207

5.6- Comparação da imagem corporal através dos desenhos da figura humana.....	209
5.6.1- Figura 1- Desenho da figura humana do sujeito 1 na pré e na pós avaliação.....	209
5.6.2- Figura 2- Desenho da figura humana do sujeito 2 na pré e na pós avaliação.....	211
5.6.3- Figura 3- Desenho da figura humana do sujeito 3 na pré e na pós avaliação.....	213
5.6.4- Figura 4- Desenho da figura humana do sujeito 4 na pré e na pós avaliação.....	214
5.6.5- Figura 5- Desenho da figura humana do sujeito 5 na pré e na pós avaliação.....	216
5.6.6- Figura 6- Desenho da figura humana do sujeito 6 na pré e na pós avaliação.....	218
5.6.7- Figura 7- Desenho da figura humana do sujeito 7 na pré e na pós avaliação.....	220
5.6.8- Figura 8- Desenho da figura humana do sujeito 8 na pré e na pós avaliação.....	222
5.6.9- Figura 9- Desenho da figura humana do sujeito 9 na pré e na pós avaliação.....	224
5.6.10- Figura 10. Desenho da figura humana do sujeito 10 na pré e na pós avaliação.....	226
6- CONCLUSÃO.....	229
6.1- Considerações finais.....	231
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	235
8- OBRAS CONSULTADAS.....	253
9- ANEXOS.....	257
10- APÊNDICES.....	333

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1 Inventário de religiosidade.....	200
Tabela 2 Domínios e facetas do instrumento de avaliação de qualidade vida da OMS (WHOQOL).....	203
Tabela 3 Análise da variância do modelo fatorial.....	204
Tabela 4 Médias dos domínios, independentes do tipo de avaliação e teste de Tukey.....	205

LISTA DE QUADRO

	<i>Pág.</i>
Quadro Sinóptico Análise qualitativa quanto à qualidade de vida.....	207

	<i>Pág.</i>
Figura 01 Foto da autora, Lúcia Helena, com Marie Gabriele Wosien.....	46
Figura 02 Pintura em caverna.....	72
Figura 03 Músicos e dançarinos egípcios.....	74
Figura 04 Mozárabes em procissão.....	82
Figura 05 Mulher dançando com címbalos e véus.....	84
Figura 06 Dança de iniciação e puberdade.....	85
Figura 07 Foto de espíritos de árvores representados numa dança funerária.....	86
Figura 08 Maria e outras moças dançando.....	93
Figura 09 Vaso da Pré-Dinastia egípcia.....	99
Figura 10 Funcionamento do plano macroscópico.....	105
Figura 11 Imagem da estátua de Santa Verônica.....	109
Figura 12 Tripla espiral.....	112
Figura 13 Foto de dança com movimento em espiral.....	113
Figura 14 Deusa da fertilidade.....	114
Figura 15 Divindades do sol e da lua.....	116
Figura 16 Pintura em forma de mandala.....	117
Figura 17 Foto da autora exemplificando maneira de assinalar o centro no círculo na dança circular.....	119
Figura 18 Foto em curso ministrado Marie Gabriele Wosien.....	130
Figura 19 Primeira mandala pintada por Jung.....	138
Figura 20 Desenho feito por senhora durante processo de depressão.....	139
Figura 21 Altar circular no santuário de Atena.....	163
Figura 22 Deusa arcaica da Beócia.....	165

RESUMO



A investigação desta tese de doutorado versa sobre a prática das Danças Circulares Sagradas na experiência de religiosidade e na qualidade de vida. Foram também investigadas modificações na imagem corporal das pessoas que participaram desta pesquisa, bem como a constelação (aparecimento) de imagens arquetípicas.

Acreditamos previamente que a possibilidade de uma re-significação na imagem corporal, na qualidade de vida e na religiosidade, pudesse contribuir para um melhor ajustamento psíquico e para a melhora no estado geral da pessoa.

Participaram da pesquisa dez voluntárias do sexo feminino, com idade variando entre 25 e 54 anos, com curso superior completo e especialização em Arte-terapia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - SP.

A pesquisa envolveu aspectos teóricos e práticos: a montagem de um grupo de pessoas dispostas a participar de vivências – aulas de danças circulares sagradas por um determinado período, bem como a disposição das mesmas para que observassem, registrassem e relatassem suas experiências em torno disso.

As observações acerca destas vivências levou os sujeitos a atribuírem significados passíveis de interpretação e compatíveis com uma proposta de pesquisa qualitativa dentro de uma abordagem fenomenológica.

Ao final desta pesquisa constataram-se modificações na imagem corporal, alterações na religiosidade, melhora na qualidade de vida e a constelação do Arquétipo da Criança, do Arquétipo da Grande Mãe e do Arquétipo do Feminino.

ABSTRACT



In this doctoral dissertation we investigated the effect of Circular Sacred Dances over the experience of religiosity and over the quality of life. Changing in body image of the persons involved, as well as the constellation (appearance) of archetypical images have also been investigated.

We had previously believed that a re-signification of body image, quality of life and religiosity could contribute to a better psychological adjustment as well as to the improvement on one's general state.

The data collection involved ten volunteers, ages ranging from 25 to 54, who had a higher degree in education and specialization in Art-therapy from Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), at Campinas – SP.

The research involved both theoretical and practical aspects: the gathering of a group of people willing to take part in the practices – circular sacred dance classes within a certain period of time, who would also have to take note and report their experiences.

By observing the practices they had to present interpretable significations which had to be compatible with a qualitative research proposal within a phenomenological approach.

By the end of this study, modifications in body image, alteration in religiosity, improvement in quality of life and the constellations of the Child Archetype, of the Grand Mother Archetype and of the Feminine Archetype have all been ascertained.

1- APRESENTAÇÃO

Os outros seres, não o homem, pouco necessitam do universo explicado; basta-lhes a vida, essa que lhes chega diariamente, aos olhos e ao apetite, das matas com seus frutos, das montanhas com

seu ar,

das águas, com seu murmúrio, do sol com seu calor,

da lua e das estrelas com o sossego da noite.

Os outros seres, não o homem, contentam-se com “o espetáculo do mundo”; tudo lhes é novo e inacessível sempre”.

Os outros seres, não o homem, “para si mesmos anônimos”, apenas vivem, e quando o fado lhes embacia o olhar, “entram na morte como em casa”.

O homem, não os outros seres, precisa de que “tudo tenha um sentido: a folha caída, a macieira em flor, o copo de cristal, a chávena que tinha uma asa partida”.

O homem, não os outros seres, povoa seu sono com perguntas que julga imperiosas:

quem sou? De onde vim? Qual o destino final?

Onde o significado daquilo que faço?

(Irineu Bicudo)

Durante toda a minha vida a música e a dança estiveram presentes. Conta minha mãe que falei muito cedo - aos 11 meses - e que sempre gostei de cantar e falar cantando: se eu cantarolasse uma determinada melodia perguntando algo, deveriam me responder da mesma maneira, caso contrário eu virava as costas e nem ligava. Aos três anos cantava e dançava imitando Rita Pavone, cantora italiana no auge na década de 60, e garanto: eu também fazia sucesso!

Pisei num palco pela primeira vez aos quatro anos de idade para reger uma “bandinha rítmica” e continuo me apresentando em público em festas litúrgicas e profanas em diferentes ocasiões.

Criada em escola de freiras, sempre ouvi que ser musical, ter ritmo, enfim, que a musicalidade em si, é um dom que vem de Deus, e o canto uma maneira de louvá-Lo.

A música atua nas nossas emoções...

Passei minha adolescência e juventude fugindo das aulas de Educação Física, que detestava por serem maçantes, sempre com os mesmos exercícios repetitivos, para ensaiar e cantar no “Conjunto Melorítmico” (que existe até hoje!), regido pela Ir. Hermínia Maria Zago, formado pelas normalistas da “Escola Puríssimo Coração de Maria” em Rio Claro - SP, onde eu estudava.

Só participava com prazer das aulas de Educação Física quando havia ginástica rítmica, uma “espécie” de dança na qual eu podia perceber o meu corpo e meu “estado de espírito”.

Contam meus pais que quando eu nasci - apressada, aos oito meses - era agitada desde pequena e movia tanto minhas minúsculas pernas (eu cabia numa caixa de sapato), que com esse movimento eu escorregava meu corpo na estufa e acabei queimando meus calcanhares. Eu acho que já queria dançar!...

Também na adolescência e juventude o interesse pela dança me levou ao ballet clássico, mas uma fratura no pé direito me tirou a possibilidade das pontas e dos palcos nesta arte.

De novo a música, e a dança, a dança das emoções...

Anos mais tarde já adulta e psicóloga fiz minha formação em Cinesiologia e Psicologia Junguiana, no “Instituto Sedes Sapientiae” em S. Paulo, sob a orientação de um grande homem e porque não dizer, sábio mestre: Dr. Petho Sandor por quem nutro um eterno amor e uma eterna saudade.

Reencontrei num simpósio um antigo amigo - Prof. Dr. Luiz Alberto Lorenzetto - que apontava o corpo e o lúdico presentes na vida e muitas vezes ausentes nos professores de Educação Física. Esse reencontro interessantíssimo do ponto de vista junguiano, repleto de mistérios e sincronicidades, deu início à confirmação de uma brincadeira feita anos antes na qual ele me instigava a percorrer a carreira universitária, e eu, ainda imatura e fugindo dela disse: - “vou, quando você for meu orientador!” E foi o que aconteceu, 12 anos após esta minha fala, quando iniciei meu mestrado em 1995.

Fiquei em paz com a Educação Física entregando a ela parte do meu conhecimento da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e com a Psicologia Organísmica de Petho Sandor por meio das reflexões baseadas em seus ensinamentos, e presentes na minha dissertação.

O trabalho de SANDOR é internacionalmente reconhecido. Escreve KIRSCH (2000):

Petho Sandor (1916 – 1992) foi um ginecologista húngaro que veio para o Brasil em 1949. Um homem muito intuitivo e introspectivo - ensinou na Universidade Católica em São Paulo, onde fez traduções particulares do “Seminário das Visões de Jung” e conduzia discussões das Obras Completas de Jung. Até o momento isto ainda não foi traduzido para o português. Ele desenvolveu sua própria teoria “Terapia do Toque Sutil”, um tipo de tratamento psicossomático. Seu pensamento não foi aceito por todos os “teóricos” junguianos, mas ele continuou seu trabalho independentemente, de sua própria maneira.

Por meio de Petho Sandor, de suas aulas e ensinamentos aprendi sobre o trabalho com o corpo, com as técnicas de relaxamento que levam a um rebaixamento da consciência, a estados alterados da consciência que possibilitam um contato mais profundo com o transcendente e o *numinoso*; como se a consciência fosse um pálido reflexo de uma Chama Maior que deve ser sempre reverenciada.

O Dr. Sandor lembrava-nos a todo o momento que, ao trabalharmos com o ser humano, atuávamos em quatro aspectos: espiritual, mental, emocional e estrutural (corpóreo).

Pude perceber, no convívio com ele, o que aponto em minha dissertação de mestrado:

O nosso corpo... é a sede da morada do Eu Superior no nosso mundo. A chamada visão holística passa por uma maior abrangência, compreensão e assimilação do ser humano, das coisas ao seu redor, e do Divino em nós. E o

Divino, o Espiritual, a Alma, a Essência, a Energia Primordial, a Alma do Mundo, não importa o nome que empregamos, importa saber que esta "Chama" habita o nosso corpo, e por meio dele se expressa... Nosso corpo carrega mistérios e expressa com a energia vital em seus movimentos, a centelha divina que habita em nós! (ALMEIDA, 1999, p. 100-101).

Isso fez ainda mais sentido quando na minha formação tomei contato com um grupo de pessoas que voltavam de um curso em Findhorn, na Escócia, sobre Danças Circulares Sagradas e comecei a participar de vivências com tais danças no Instituto "Sedes Sapientiae" em São Paulo.

Percebi que estas danças alteravam o meu tônus corporal: minha postura melhorava, minha disposição física aumentava; meu estado emocional se alterava - ficava mais alegre e mais calma, e que algumas delas me tocavam numa profunda emoção de maneira a me deixar "ligada" num estado mais sensível e perceptível a algo mais profundo e denso como se tocasse algo sagrado, ou como se os gestos e passos presentes nas danças favorecessem um contato com uma dinâmica diferente, mais espiritual. Desde então continuei eventualmente dançando, fazendo cursos na área, tentando entender o que ocorria.

Após a minha defesa de mestrado, em 1999, procurei o Prof. Dr. Joel Sales Giglio relatando-lhe o meu interesse em aprofundar os conhecimentos sobre este tema, propondo um grupo de vivência e pesquisa interligando este assunto nas áreas de Saúde Mental, Psicologia e Religião. Para minha alegria e realização ele considerou o tema interessante e aceitou a orientação do meu projeto de doutorado.

A religiosidade, a música, o cantar e o dançar sempre estão presentes em minha vida.

A dança da vida me apresentou surpresas diversas, entre elas o fato de, na Sexta-Feira Santa de 2001, na Igreja Luterana em Rio Claro - SP, após a audição de piano de um amigo de infância - Douglas Guarnieri Rodrigues -

conhecer aquele com quem eu convivo nas danças de salão, nas da força, nas do amor, nas da compaixão, nas das emoções da vida e nas tentativas de viver a alegria, sempre, a despeito das adversidades: meu companheiro, Vicente Mário da Fonseca.

A música, as danças, o sagrado, o mistério tem revelado-se uma constante em minha vida e sou agradecida a Deus por isso tudo.

Em outubro de 2003, em São Paulo, durante uma vivência de Danças Circulares Sagradas com Marie Gabriele Wosien (Foto 1) - mãe das danças sagradas - pessoalmente comuniquei a ela o desenvolvimento de minha tese de doutorado sobre estas danças, conforme pode ser registrado pela foto a seguir, desta autora Lúcia Helena (*à esquerda*) e Marie Gabriele (*à direita*):



Figura 1- Foto da autora, Lúcia Helena, com Marie Gabriele Wosien

1.1- Justificativa

*Quem possui a ciência e a arte
tem também a religião.
(Goethe)*

Acredito que a possibilidade de uma ressignificação na imagem corporal, na qualidade de vida e na religiosidade pode contribuir para um melhor ajustamento psíquico e para a melhora no estado geral da pessoa.

Estamos no presente momento vivendo uma massificação do corpo, um culto à escultura esbelta e magra, em detrimento da saúde mental e física, a fim de agradar um mercado ideológico e cultural, que é imposto. Socialmente, no

senso comum, o corpo costuma ser lembrado por questões estéticas, mas isso não significa que é vivido e percebido de uma maneira melhor, mais integrada (ALMEIDA, 1999).

O nosso corpo e a nossa vivência corporal não são alvos de uma atenta e cuidadosa observação em nosso dia-a-dia, pois na inquietude da vida moderna nos questionamos, pensamos, corremos com nossas tarefas diárias, e não nos apercebemos de nosso corpo. Quando o corpo reclama a sua vitalidade, isto é, quando adoecemos e/ou nos cansamos, é que costumamos nos aperceber dele (ALMEIDA, 1999).

Na visão de Jung a psicose pode ser o sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido, e a religiosidade é uma manifestação necessária ao ser humano (JUNG, 1991).

Poderíamos, quem sabe, com a prática das danças circulares sagradas, nos apercebermos do sagrado, do sentido que damos às nossas vidas, e encontrarmos ainda mais uma maneira de manifestarmos a nossa religiosidade? Creio que sim, e espero que este trabalho colabore para esta reflexão.

O Dr. Petho Sandor sempre dizia, a seus alunos, uma frase que se tornou célebre: - *“Faça!... Depois me conte”*. Então, estou fazendo e vou contando.

Venho aliando a aplicação de desenho livre no consultório e as técnicas de Sandor - a sua “Terapia do Toque Sutil”.

A Terapia do Toque Sutil é conhecida no Brasil como Psicologia Organísmica, pois Sandor assim a denominava muitas vezes nas suas aulas informalmente (DURAN, 1997; ALMEIDA, 1999).

Fui percebendo que a vivência de um trabalho corporal, por meio de uma técnica de relaxamento - não importando qual a técnica, poderia trazer uma maior consciência corporal e psíquica, modificando a imagem corporal, e que isto poderia ser verificado nos desenhos (ALMEIDA, 1999).

Acreditar que também a prática das danças circulares sagradas possa modificar a imagem corporal das pessoas que a vivenciam, e que isto também possa ser constatado em desenhos feitos, antes e depois dessa prática (das danças circulares sagradas), estimulou-me a realizar este trabalho.

Concordo com o pensamento de Le Bouch, verificando que “apesar das evidências de que o esquema corporal possa ser em parte inato, ele pode ser constantemente modificado por experiências sensório-motoras, ou seja, o ambiente altera e refina o esquema corporal” (ALMEIDA, 1999, p. 93; LE BOUCH, 1983).

Constata-se que “a consciência corporal surge à medida que o esquema corporal vai se tornando mais refinado”... O desenvolvimento da consciência corporal “depende do esquema corporal e envolve elementos perceptuais-motores, bem como conceituais e cognitivos” e é “um pré-requisito importante para o estabelecimento da imagem corporal” (ALMEIDA, 1999, p. 94-95).

SCHILDER (1981) define a imagem corporal como “a figuração de nosso corpo formada em nossa mente” (p.11).

A imagem corporal e o esquema corporal interagem e “alimentam” a consciência corporal, o que torna a consciência corporal mais completa e complexa. Conforme NASH¹ (1983):

O esquema corporal é o ‘diagrama do corpo que é formado no cérebro (provavelmente com uma localização definida) pelo qual movimentos propositais coordenados são executados e pelo qual as partes do corpo e o corpo em si são orientados no espaço’. A imagem corporal é a ‘imagem que o indivíduo tem de si como uma pessoa física’ e a consciência corporal é um ‘espaço intermediário entre o esquema corporal e a imagem corporal, e pode ser definida como¹a identificação e a localização, posição e movimento do corpo e suas partes individuais no espaço, a inter-relação entre essas partes do corpo (sejam elas móveis ou estáticas) no ambiente externo’ (p. 282-83).

¹NASH, (1983), *apud* WILLIAMS, H. G. **Perceptual and motor development**. New Jersey: Prentice Hall Inc., 1983.

Podemos inferir que uma melhor vivência e consciência corporal levam a uma nova “operatividade”, uma nova ação no mundo: consigo mesmo - emocional e fisicamente - com os outros, com as suas circunstâncias, com o seu espaço social (ALMEIDA, 1999).

1.2- Pressupostos

Diante das considerações feitas acima, os pressupostos deste trabalho são:

- (1) que a prática das danças circulares sagradas modifica a imagem corporal e a consciência de si mesmo, e que isto poderá ser constatado utilizando-se a observação e análise de desenhos; e
- (2) inferir, acreditar no fato de estar promovendo na pessoa que participa das vivências com as danças circulares sagradas, a possibilidade de uma melhora na qualidade de vida que repercutirá na sua saúde mental, levando o indivíduo a uma condição mais plena consigo mesmo e mais harmoniosa com o coletivo.

2- OBJETIVOS

2.1- Objetivo geral

Investigar possíveis alterações na imagem corporal expressa pelos desenhos, sobre possíveis mudanças na qualidade de vida, e na religiosidade correlacionando-as à prática das danças circulares sagradas.

2.2- Objetivos específicos

- (1) Revisar alguns aspectos relativos às danças, sobre as danças circulares sagradas e as danças circulares sagradas no Brasil.
- (2) Verificar se ocorrem mudanças na imagem corporal das pessoas que participam deste estudo.
- (3) Verificar se a participação nas danças circulares leva a uma melhora da qualidade de vida nas pessoas que participam deste estudo.
- (4) Observar se as danças circulares sagradas podem contribuir para a manifestação ou modificação da religiosidade nas pessoas que participam das vivências oferecidas neste estudo.

3- REVISÃO DA LITERATURA

3.1- A dança: o corpo, o ritmo e a Ciência

As estruturas sagradas e culturais pré-cristãs só podem ser compreendidas se se adotar o ponto de vista dos antigos. Para eles, todas as coisas mundanas estavam vinculadas às coisas divinas. Todos os pensamentos e todas as ações humanas estavam subordinados às influências energizantes das forças divinas onipotentes. Sua filosofia e sua sabedoria culminavam no conhecimento de que ‘ como o acima, assim também o abaixo’ e na tentativa de harmonizar todas as suas atividades e ambições com a natureza superior, a Vontade Divina

(Josef Heinsch - Nigel Pennick: Geometria Sagrada).

Desde a mais remota antiguidade a dança existe historicamente na vida do homem (DEUTSCH, 1997).

Antes mesmo de expressar-se por meio da palavra o homem “criou com o próprio corpo padrões rítmicos de movimentos” desenvolvendo também um “sentido plástico do espaço” (MENDES, 1987, p. 6).

STEWART (2000) também observa que muito antes de desenvolver o pensamento lógico racional, o homem experimentava o seu corpo; a autora deste trabalho considera a dança como uma das mais antigas e elementares maneiras de expressão do ser humano.

A importância da dança nas sociedades humanas é tema de muitos estudos de antropologia e sociologia; a dança como forma de expressão dos sentimentos do ser humano é conhecida “desde os povos pré-letrados, cuja vida costuma ser pautada por estreitas ligações com sua mitologia, até os diversos modismos da civilização contemporânea” (PELLEGRINI FILHO, 1986, p. 9).

Segundo PELLEGRINI FILHO (1986) “a dança constitui uma das primeiras formas de manifestação humana” não somente do ponto de vista artístico, visto que existiam danças ligadas à religião, à caça, à guerra, à fertilidade, à morte, etc. SACHS (1943) escreve sobre as danças medicinais nas

chamadas “culturas xamânicas”, onde o doente era colocado no centro do círculo, e o “xamã”, “médico”, curandeiro, dirigia a dança circular, até que os dançarinos entrassem em êxtase, até que subjugassem o espírito da enfermidade que tomava aquele corpo doente, o afastassem, ou o possuindo em si mesmo (no sentido da possessão) pudessem vencê-lo. SHADEN² ressalta que nas culturas primitivas as danças tinham um caráter sagrado, que de certa forma se manteve até meados do século XVIII – temos como exemplo “as mulheres normandas que dançavam em torno de um menir (monumento megalítico, que consiste num bloco de pedra vertical) afim de que seus maridos pudessem voltar ilesos do mar” (SACHS, 1943, P. 89).

WOSIEN (1996) enfatiza que para o homem primitivo a dança era a maneira natural de se harmonizar com o cosmos, pois o movimento rítmico continha a chave da criação e reintegração e constituía uma maneira de se estar em contato com a fonte da vida.

LIFAR (s/d, p. 18) afirma que “o homem já dançava antes de aprender a servir-se da palavra, antes mesmo de conhecer a intenção melódica”.

Idéia semelhante encontramos em STEWART (2000) que também afirma que o movimento foi a primeira linguagem do homem, e ainda é nossa grande linguagem quando queremos expressar algo além das palavras, algo além da razão. Acrescenta, ainda, que com as danças podemos simplesmente expressar o que sente o corpo ritmicamente.

HANNA (1979)³ afirma que o ato de dançar é humano; a dança está relacionada a diferentes aspectos da vida humana - aprendizagem, comunicação, crenças, relações sociais e políticas - chegando a interferir no desenvolvimento da raça humana; quando suprimida, por qualquer razão (moral, religiosa ou política), ocorrem interferências na essência do homem.

²SHADEN, (1986), *apud* PELLEGRINI FILHO, A. **Danças folclóricas**. São Paulo: Esperança, 1986.

³HANNA, (1979), *apud* DEUTSCH, S. **Música e dança de salão: interferências da audição e da dança nos estados de ânimo**. São Paulo, 1997. (Tese - Doutorado - Universidade de São Paulo).

A dança faz com que possamos expressar os sentimentos de uma maneira física, levando a uma integração entre o corpo, o físico e a emoção. Por meio das danças podemos nos sintonizar com o outro e com o ritmo da vida; podemos perceber um pulsar universal e observar o que nos conecta com este todo. Podemos observar, ainda, que tudo na vida envolve o ritmo. O ritmo é um dos grandes fenômenos da vida e tudo na natureza expressa um ritmo perfeito: os planetas com seus giros e suas órbitas, os dias e as noites, as fases da lua, as marés, as estações do ano, os batimentos cardíacos, o fluxo da nossa respiração, o nosso andar regular, os nossos comportamentos alternados - tensão e distensão, atenção e dispersão, atividade e passividade. Os movimentos sociais com seus períodos de esplendor e decadência, os governos com suas tendências econômicas, as idéias de fluxo e refluxo, opostas, complementares, compensatórias, necessárias. Tudo na matéria vibra ritmicamente, e quanto mais aprofundamos para o interior das moléculas, descobrimos partículas “dançantes e menores” que são os prótons, pósitrons, elétrons, nêutrons, quarks (FREGTMAN, 1988).

O ritmo influi em toda a natureza, principalmente na natureza humana como uma força de magia e encantamento, como por exemplo, em certos faquires, encantadores de feras, e sobre a natureza psicofísica do homem primitivo (LIFAR, s/d, p. 18).

De acordo com FREGTMAN (1988, p. 29):

O ritmo é o equilíbrio que permite expressar o inexpressável e que sustenta nossas emoções; é base de todo movimento humano no espaço, incluindo a música. Desde o pulso de nossos silêncios e sono ao equilíbrio do sangue entre a alcalinidade e a acidez, ou a relação complementar orto e parassimpático do sistema nervoso, estar em equilíbrio é respeitar a dinâmica rítmica universal e a mensagem do corpo consciente... O profano olha. O sábio vê. O liberto percebe o ritmo dos ritmos.

Ritmo e danças estão unidos. A dança é considerada como uma maneira de organização social dos povos primitivos, expressão da cultura humana, “enfim, um fenômeno rítmico de alguma ou de todas as partes do corpo para expressar emoções ou idéias, segundo um esquema individual ou coletivo” (WEDGEWWOD⁴, p.6).

Creio ser nossa a tarefa de resgatar e preparar uma consciência mais holística, integradora, espiritual, ecológica, coletiva, que desembocará numa nova visão de vida baseada em preceitos antigos, preciosos, que foram, no entanto, esquecidos, quase enterrados para sempre na cultura científica em que estamos arraigados.

A dança oferece uma oportunidade para a expressão das emoções, tradições e rituais da vida (GUDMUNDSON, 1989; HARRIS, et al. 1978), de atitudes e crenças (MURPHY, 1986).

Assim poderemos nos abrir “ao sagrado da Terra, do ser humano, do universo e de tudo o que nele se contém se, antes, criarmos a precondição de sua emergência” (BOFF, 2001, p. 34 - grifo nosso).

Creemos que precisamos de uma nova visão de mundo, de homem, e de um trabalho que seja fruto de uma visão “mais interativa, abrangente, ampla, que é oposta à ciência mecanicista e fragmentada.” (ALMEIDA, 1999, p.13).

Com a dança podemos buscar significados observando atentamente o que podemos com ela expressar, verificando aspectos dos símbolos nela contidos e possibilitando que os nossos movimentos sejam plenos de sentido e sentimentos.

A dança possibilita a capacitação para a comunicação de idéias, imagens, símbolos, personalidade e sentimentos em forma de movimento (STUECK e TAYLOR 1989).

⁴WEDGEWWOD, (1987), *apud* MENDES, M. G. **A dança**. São Paulo: Ática, 1987.

A dança envolve processos físicos e mentais (GUDMUNDSON, 1989).

Ao dançarmos, podemos parar com nossa atividade puramente mental e reflexiva, a fim de prestarmos atenção em nosso corpo, como nos sentimos naquele momento, como está nosso estado emocional, nosso tônus corporal - postura, cansaço, ou energia física. Podemos perceber aqueles que nos rodeiam, nosso entrosamento com o outro e com a natureza que nos cerca. Plantados com os pés sobre a terra, sentir as pulsações de nossos gestos e de todo nosso corpo, com o peso igualmente distribuído sobre os nossos pés, observarmos a sensação de nos assentarmos firmemente sobre a terra. Com o ar que interpassa nosso corpo, com uma acuidada atenção, repararmos em nossa disposição espiritual - o pneuma - o espírito vital, a energia que permeia a nós todos. Com o balanço de nossos braços ao alto, buscarmos uma religação com o divino, com algo mais espiritual.

Podemos observar como está o nosso ritmo individual, o ritmo que percebemos numa determinada dança, o nosso ritmo no dançar a vida e o Divino que dança no meio de nós.

GUNTHER e SCHAEFER (1975) descrevem que

... através da dança o ser humano penetra em sua própria existência. Ele consegue se libertar de todas as influências externas, tornando-se completamente ele mesmo. Dançando, ele vivencia seu profundo eu, vincula seu viver com o mundo, com o todo e com Deus. Dançando ele se sente como parte do Cosmos (p. 15).

Neste trabalho levaremos em consideração “a experiência interior, a auto-imagem, os processos emocionais que são conceitos vividos e expressados com o corpo, com as emoções presentes nesse corpo” (ALMEIDA, 1999, p.13). Como é sabido, a dança possibilita um melhor desenvolvimento do “eu” (SCALIN, 1989) - arriscaria dizer, um maior fortalecimento do ego - além do melhoramento

do auto-conceito, auto-estima, e identidade por meio do uso de movimentos corporais (MURRAY⁵).

Acreditamos ser propício que a Ciência possa refletir sobre tudo isso, se posicionar, e promover essa busca holística, integradora, espiritual, ecológica, coletiva, visto que a “Ciência pode ser considerada como a que auxilia no processo de conhecimento e engrandecimento humanos” (ALMEIDA, 1999, p.15).

3.2- O Homem primitivo e o sagrado

*O sagrado pré-existe ao ser;
a criação implica a encarnação de um princípio sagrado.
Não se trata de fazer brotar o sagrado a partir da
existência humana;
pelo contrário, o que faz brotar o ser humano
é o fato de ele ser impulsionado pelo sagrado
(Mircea Eliade: O reencontro com o sagrado).*

Segundo ELIADE (s/d.b) o homem possui duas maneiras de existir no mundo: uma dessacralizada, não religiosa, profana; e a outra sacralizada, religiosa, sagrada.

Na maneira sacralizada, nenhum ato se resume no ato em si mesmo ou em uma resposta simplesmente fisiológica: todo ato ou é “ou pode tornar-se um “sacramento”, uma comunhão com o sagrado” (ELIADE, s/d.b, p. 28).

De acordo com esse autor “o sagrado se manifesta” (ELIADE, s/d.b, p. 25):o homem primitivo vive num mundo sacralizado, todo o Cosmos é sacralizado: todos os homens, tudo o que existe no mundo vegetal e no mundo

⁵MURRAY, (1989) *apud* GUDMUNDSON, J. E. An update on States' dance curricula: North Dakotta. **Jofherd**, 6(5):50-51, May/Jun. 1989.

animal participam de uma “sacralidade cósmica”. Este tipo de comportamento existe tanto entre os caçadores nômades como entre os agricultores sedentários. Eles sacralizam todo e qualquer ato, invocando sempre o divino antes de fazer algo.

Na verdade, a manifestação do sagrado “funda ontologicamente o mundo”. Não é possível para o homem primitivo outra referência: nada pode ser começado, nada pode ser feito sem uma orientação prévia, sem um referir-se ao sagrado (ELIADE, s/d.b, p. 36).

Conforme ELIADE (s/d.b) existem também dois tipos de tempo: o tempo profano e o tempo sagrado. O profano pode ser estagnado periodicamente pela inserção de um tempo sagrado; por meio de uma ruptura no tempo profano, o tempo sagrado é reatualizado, santificado pelos deuses, tornado presente pelo rito. Tendo estas duas espécies de tempo, o homem religioso passa de uma para outra - da duração temporal ordinária para o tempo sagrado, numa continuidade e sem perigo, por meio do rito. Também por meio do rito há uma qualidade “trans-humana” no tempo que pode ser homologada à Eternidade (ELIADE, s/d.b, p. 81 - 83).

Afirma ELIADE (s/d.b):

Periodicamente o homem religioso se torna contemporâneo dos Deuses, na medida em que re-atualiza o Tempo primordial no qual se realizaram as obras divinas... Tudo o que o homem faz tem um modelo trans-humano; mesmo fora do tempo festivo (ritos)... Seus gestos imitam os modelos exemplares fixados pelos Deuses e pelos Antepassados míticos... Quanto mais exatos, mais próximos dos modelos divinos são os rituais... (cuja) intencionalidade é religiosa (p.100).

O homem primitivo é religioso por excelência e tem a necessidade de mergulhar neste Tempo sagrado indestrutível. Para o homem primitivo é o tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário e profano, no qual se desenrola a existência humana.

“A origem das realidades e da própria vida é religiosa... No rito, nas festas, reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, e experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina” (ELIADE, s/d.b, p.102).

3.3- A dança como um mito e como rito

*Para Eliade o homem é um “pontifex”,
um construtor de pontes entre o conhecido e o
desconhecido, o visível e o invisível,
o compreensível e o inominável
(Frédérick Tristan - Mircea Eliade:
O reencontro com o sagrado).*

Conforme já relatamos, segundo ELIADE (s/d.a) um mito fornece modelos para o comportamento humano, e, portanto, confere valor e significado à existência; conta uma história sagrada, um acontecimento num tempo primordial, o começo, a origem de tudo; como uma realidade teve existência com base no sobrenatural, no sagrado.

Para os povos primitivos, o mundo, como o conhecemos hoje, e o homem um “ser mortal, sexuado e cultural”, só existem graças a uma manifestação do sagrado - um “Ser Sobrenatural” - que o fundou, cujo comportamento o homem deverá imitar por meio dos seus gestos (ELIADE s/d.a). Um exemplo disso é o que ELIADE (s/d.a) cita: “entre os Navajos, as mulheres devem sentar-se sobre as pernas e de lado, e os homens de pernas cruzadas à frente, porque se diz que no começo a Mulher mutante e o Matador de monstros se sentaram nessas posições”. A Mulher mutante e o Matador de monstros são figuras mitológicas arcaicas (p. 14).

Levando-se em conta o pensamento de ELIADE (s/d.a) acerca dos aspectos do mito, observamos que o mesmo pode ser respeitado e focado por meio das danças sagradas, pois a dança revive o mito e encerra o ritual nele presente, vivificando-o no corpo.

Como nos esclarece MENDES (1987, p. 8):

...Parece certo que os povos primitivos procuram expressar nos ritos o conteúdo dos mitos, através de movimentos e gestos que continham as características que os definiam como dança, pois num ritual eles - os mitos - podiam ter tratamento épico ou dramático, este não necessariamente verbal, quando, então, os movimentos dançantes seriam os comunicadores.

A recitação dos mitos deve ocorrer num determinado período sagrado, assim como as danças, específicas para um evento também considerado sagrado.

Isso ocorre em função de a vida religiosa e a vida profana não poderem coexistir numa mesma época, numa mesma unidade de tempo. Faz-se necessário reservar à vida religiosa, dias ou períodos específicos, dos quais a vida profana com suas ocupações é retirada. Com isto temos a origem das festas e celebrações ritualizadas (DURKHEIM, 1996).

ELIADE (s/d.b) ressalta que:

Não é a morfologia da festa que nos interessa, é a estrutura do tempo sagrado atualizado nas festas... Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico... (eles) saem do tempo histórico... do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e interpessoais - e reúnem-se ao tempo primordial que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. O tempo mítico e sagrado reencontra o tempo da origem... constituído por um *eterno presente* indefinidamente recuperável (p. 101).

Encontramos, ainda, outros aspectos “paralelos” entre os mitos e as danças sagradas.

O mito ensina tudo o que se relaciona com a existência própria de um povo, de uma comunidade, e sua relação com o Cosmos, e as danças sagradas exprimem e conferem este mesmo significado com seus atributos típicos.

O homem das sociedades arcaicas recorda a história mítica de sua tribo, e a reatualiza periodicamente. O mesmo se dá com as danças sagradas; com elas o homem revive determinados rituais de seus ancestrais e os reatualiza com seus gestos.

Podemos citar como exemplo o ritual da “Cabana da Nova Vida” - que faz parte da Dança do Sol - dos Cheynne, que é um ritual cosmogônico de renovação do Mundo e de renascimento da Vida, no qual a cabana sagrada representa o Universo, o seu teto a abóbada celeste, o chão a terra, as quatro paredes, as quatro direções do espaço cósmico.

Este tipo de representação encontramos em diferentes danças sagradas que também representam um ciclo novo - o Ano Cósmico - o agradecimento aos céus, o andar nas quatro direções e uma bênção à terra (ELIADE, s/d.a).

A dança é um rito, seus movimentos, gestos e passos proporcionam um aprofundamento da experiência humana. Sabemos que no começo da História, o corpo como um todo, bem como suas partes tinham um caráter sagrado, e a própria potência do corpo converte a dança em sacramento (WOSIEN, 1996).

Observamos outra estreita relação da dança como um rito no mito de Vainamoinen sobre a origem dos remédios (que se liga à história da origem do mundo). No ofício funerário canta o xamã Na-khi:

Vamos agora acompanhar o morto e conhecer novamente a tristeza. Vamos novamente dançar e assustar os demônios. Se não se sabe de onde vem a dança, não se deve falar dela. Se ignorar a origem da dança, não se deve dançar (ELIADE, s/d.a, p. 22).

Percebemos no homem primitivo uma especial relação com o transcendente, com o numinoso, com a “essência” que o precede, o que o torna, nas suas atitudes o “*homo religious*”.

Nas suas atitudes como “*homo religious*”, na sua experiência com este outro mundo, transcendente, sagrado, de uma “realidade trans-humana”, é que se formam idéias e valores que guiam o homem e dão significado à sua existência.

Isso é, periodicamente, reconfirmado por meio dos rituais, e esta rememoração, reatualização do que foi feito *in illo tempore* - desde o início dos tempos impõe a certeza da existência de algo absoluto, sagrado, transcendente, mas acessível à experiência humana.

Portanto, o ritual anula o tempo cronológico, linear e profano, e reinstaura o tempo sagrado, o que garante para a comunidade que o executa, o recriar de seu mundo, o recomeçar sua vida, abolindo o passado, inserindo-o no mundo do mistério das realidades cósmicas e humanas.

Como afirma ELIADE (s/d.a) “o rito leva o homem a transcender seus limites, obriga-o a situar-se ao lado dos Deuses e dos Heróis míticos, a fim de poder realizar seus atos” (p. 123).

A dança fixa os passos, gestos e posturas cujo fim quase sempre consiste na aproximação com o deus, com o divino. Por meio da dança o homem transcende sua condição de fragmentação e volta a sentir-se uno consigo mesmo, e com o mundo. Num nível mais profundo pode ainda encontrar uma afinidade universal e um sentido de totalidade na vida (WOSIEN, 1996).

O homem primitivo dançava por alegria, pela dor, por amor, pelo temor. Dançava ao amanhecer, ao anoitecer, para a chuva, para a semeadura e para a colheita, para as estações do ano. Dançava para o nascimento, para a puberdade, para o casamento, para a guerra, para a vitória, para a caça, para a morte. Dançava para qualquer acontecimento repentino, inexplicável e atemorizante para a comunidade, buscando a proteção (WOSIEN, 1996).

A dança foi evoluindo de uma descarga rítmica de energia, de uma expressão espontânea do movimento para passos, gestos e posturas mais estabelecidos em função dos cultos e ritos. Na dança circular sagrada há a finalidade de aproximar-se do divino, e o próprio corpo constitui-se o instrumento para este poder transcendente, movido por este poder transcendente ou em reconhecimento a ele (WOSIEN, 1996).

WOSIEN (1996) afirma que

Penetrar no tempo sagrado na dança equivale a penetrar no eterno e atemporal, que é idêntico ao aqui e agora. Fazer-se uno com toda a criação constitui a marca do divino e significa o paraíso para o homem... A mente se encontra num estado crepuscular além do pensamento e da vontade, onde há algo que se move... experimentamos a sensação de ser vividos pela Vida... As tradições sagradas do mundo - entre elas a dança - constituem uma amálgama dos símbolos do homem como metáforas do Mistério... Oferecem uma idéia da fonte, do encontro com o milagroso, que para o homem é a única experiência que valida a experiência da criação (p. 10-12).

LIFAR (s/d) sustenta que a religião encontrava sua expressão igualmente na dança e na exaltação, e que “todos os povos tiveram danças sagradas, movimentos e gestos rituais. Todos conheceram a poderosa ação do movimento físico-rítmico sobre a natureza física do indivíduo” (p.23).

BURKERT (1993) revela que a dança é uma atividade cultural muito retratada na iconografia. Chama a atenção para o fato de que “o movimento coletivo, ritmado e repetitivo, sem finalidade específica, é como que a forma pura cristalizada do ritual em geral” (p. 212), ressaltando ainda que todas as festas antigas de iniciação incluíam a dança, e que, para se pertencer a um grupo arcaico, o aprendizado das suas danças era fundamental.

LANGER⁶ (1987) considera que ao perderem a consciência mítica é que as danças dos povos primitivos modificaram-se, e, SACHS⁷ (1987) afirma que esta modificação, esta transformação foi maior quando se extinguiram os mitos e o caráter religioso das danças.

Retomo a idéia de que as tradições sagradas assinalam a necessidade de o homem tentar compreender o divino e o sagrado, a sua dependência de um poder transcendente. A tentativa de estabelecer um contato com esse poder se dava por meio dos rituais, os quais garantem a continuação da vida.

Pelo ritual da dança o homem assumia sua responsabilidade no Cosmos a fim de vigiar e velar sobre a continuidade da vida vegetal. Para os canibais Uitoto, por meio do dançar as danças ocorre a “reiteração de todos os acontecimentos míticos”. Os canibais Uitoto afirmam: “as nossas tradições estão sempre vivas entre nós mesmo quando não dançamos; mas trabalhamos unicamente para podermos dançar” (ELIADE, s/d b., p. 115).

Baseando-nos em ELIADE consideramos as danças circulares sagradas uma expressão religiosa de um fenômeno que ele chama de hierofania, isto é, uma das diversas manifestações do sagrado no mundo: “a fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado propusemos o termo hierofania... o que está implicado que *algo sagrado nos mostra*” (ELIADE, s/d.b, p.25).

De acordo com CHEVALIER (1989):

A dança é celebração, a dança é linguagem... A dança clama pela identificação com o imperecível; celebra-o... exprime e pede uma espécie de fusão... que é como uma volta ao Ser único de onde tudo emana, para onde tudo retorna, por um ir e vir incessante da Energia vital.

⁶LANGER, (1987), *apud* MENDES, M. G. **A dança**. São Paulo: Ática, 1987.

⁷SACHS, (1987), *apud* MENDES, M. G. **A dança**. São Paulo: Ática, 1987.

Concordamos com BERNI (2002) que verifica ser possível, e eu acrescentaria: necessário em nossos dias, a mesma compreensão do “*homo religious*”.

BERNI (2002) diz que “o homem religioso é o homem integral, holístico por excelência... identificado com o Todo, *holos*”. O autor admite que precisamos nos aproximar deste aspecto orientador do “*homo religious*” de uma “maneira íntima, de modo a se vivenciarem seus referenciais, para assim, melhor apreendê-lo” (p. 148).

Aproveitamos para ressaltar o que realmente acreditamos e esperamos verificar neste trabalho:

- (1) Ao dançar as danças circulares sagradas, com um conhecimento sobre os seus simbolismos, estaremos de alguma forma restaurando algum significado em nossas vidas.
- (2) Ao atribuir aos passos nas danças sagradas um significado, o dançar poderá levar as pessoas que participam das danças a perceber a comunhão com algo divino, transcendente, metafísico.
- (3) Ao observar cuidadosamente estas questões, abre-se uma porta, uma dimensão, uma iniciação em direção a um homem menos fragmentado, menos materialista, menos mecanicista, contribuindo para uma outra visão acerca da espiritualidade e do sagrado, e,
- (4) ao promover na pessoa que vivencia este tipo de dança, a possibilidade de uma melhora na qualidade de vida que repercutirá na sua saúde mental, levando ao indivíduo uma condição mais plena consigo mesmo e mais harmoniosa com o coletivo.

3.4- A dança em diferentes épocas e civilizações

*A perda da riqueza inimaginável dos ritos
fez com que aquele que pretendia compreender e,
sobretudo viver a plenitude do cosmos,
não encontrasse entre o cosmos e ele essa
dinâmica flamejante que faz com que o mundo
permaneça perpetuamente vivo.*

*(Paul Barba-Negra - Mircea Eliade: O reencontro
com o sagrado).*

Obviamente não temos a pretensão de, neste trabalho, apresentar uma visão “histórica” da dança ou de sua evolução, mas apenas marcar e observar a relação que existe entre a dança, o sagrado e seu contexto ritual em diferentes épocas e civilizações.

A dança traduz, por meio de gestos e movimentos, as emoções do homem, e pode ou não ser acompanhada de música ou canto. A dança, neste sentido, pode ainda conferir um caráter ritualístico à motricidade corporal - as emoções ao serem expressas pelo corpo, levam o ser humano a um sentir por meio do corpo, e o sentir e a emoção fazem parte da essência do homem. Ao sentir e conferir significado ao que sente, o homem se diferencia dos animais.

Quando os homens cultivavam um individualismo primitivo (havia um “emergir do ego”, mas de uma maneira muito ligada ao coletivo), ocupando-se do coletar alimentos, vivendo em pequenos bandos isolados, é que temos os primeiros registros de atividades dançantes, isto é, no Paleolítico Superior. Acreditavam os homens que pela representação pictórica conseguiam alcançar seus intentos, ou seja, ao pintar a figura de um animal nas paredes e tetos das cavernas - aprisionavam seu espírito e com isso a caçada seria favorável. Encontramos ainda representações de figuras humanas disfarçadas de animais, executando danças mágicas para também alcançar seu objetivo, e depois, o registro completado com a pintura de um animal trespassado por lança ou dardo mortífero (MENDES, 1987).

A pintura em caverna do Paleolítico Superior - 10.000 a.C. - em Cogul, Lérida, na Espanha - FIGURA 2- (STEWART, 2000, p. 31) retrata provavelmente uma dança guerreira ou animal, circular, onde as pessoas não se tocam e dançam ao redor de uma pessoa ou animal (SACHS, 1943, P.221). BOUCIER (2001) considera esta figura uma composição com data incerta, talvez do período Mesolítico, já que eram raras as representações humanas no Paleolítico. De qualquer maneira, a reproduzimos.



Figura 2- Pintura em caverna

No Neolítico, o homem já adorava os espíritos, cultuava e enterrava os seus mortos. Nas cerimônias e ritos as danças tinham um papel importante, geralmente executadas pelos xamãs e em alguns momentos até acompanhadas por música, como se observa em algumas pinturas em cavernas, e também pelo fato de terem sido encontrados em escavações objetos talhados em osso: assobios, flautas e matracas com tais representações (MENDES, 1987).

Nas culturas agrícolas encontramos referências a danças circulares com relação à fertilidade, para a chuva, para a lua e suas fases, e para os antepassados, as danças fúnebres (SACHS, 1943).

Na verdade, a dança como fenômeno religioso está presente em todos os povos e todas as culturas, sendo a mais importante “ação cúltrica”, assim como o é o sacrifício; ambos num mesmo pé de igualdade (WANDENFELS, 1995).

Segundo WANDENFELS (1995), a dança tem primeiro um sentido de promoção de comunhão; contudo, conforme assinalado por este mesmo autor, existe, também, inerente à dança, o “efeito enfeitiçante”, isto é, o dançar em si realizaria um feitiço: contra a doença, morte, fome, catástrofes naturais, contra a peste na Idade Média, a dança nupcial para proteger os nubentes contra

demônios - feitiço de defesa; a dança é realizada a fim de se alcançar determinado objetivo: caça, chuva, colheita, vitória - feitiço de analogia; a procissão em forma de dança - circunscreve-se com um círculo o altar, a imagem de um deus, um cadáver, como proteção contra poderes hostis.

Existe também a dança religiosa em homenagem à divindade - como uma parte de um culto sacrificial e a dança com um sentido místico-extático, isto é, por meio da dança pode se entrar em contato com espíritos e divindades, como no xamanismo, na dança dos dervixes, bem como no candomblé e na umbanda (WANDENFELS, 1995).

As danças são classificadas por ENGEL⁸ (1964, p. 14) como (1) religiosas: executadas para adorar ou aplacar a divindade, ou como manifestação do êxtase espiritual; (2) guerreiras para o exercício da agressividade e intimidação do inimigo; (3) profanas: no intuito de fomentar as relações sexuais ou incitar paixões entre seus praticantes.

Os povos guerreiros, com costumes patriarcais possuíam mais danças de imitação e mímica. Os povos mais pacíficos, com costumes matriarcais tinham danças mais tranqüilas com referência às festas agrícolas ou a motivo pastoril muitas vezes com o uso de máscaras e jóias (ELLMERICH, 1964). Mais tarde esta questão será aprofundada.

Observa-se muito sobre as danças em antigas civilizações com o registro pictórico ou escultórico das mesmas: encontram-se referências às danças circulares nas quais cantando em êxtase, as pessoas evoluíam em torno de um altar onde se encontrava a vítima a ser sacrificada ao deus (ELLMERICH, 1964).

O Egito praticou amplamente a dança sagrada, a dança litúrgica - principalmente a funerária, para a celebração da primavera, e a dança de recreação BOUCIER (2001).

⁸ENGEL *apud* ELLMERICH, L. **História da dança**. São Paulo: Ricordi, 1964.

ELLMERICH (1964, p. 14-22) relata sobre as danças em diferentes povos:

No Egito havia as danças sacras em homenagem a “Ápis - o touro sagrado” que ocorriam diante de “Hathor - deusa da dança e da música”, e em rituais dedicados principalmente a Osíris, Ísis e Hórus. A seguir - FIGURA 3 - músicos e dançarinos egípcios - Coleção do Metropolitan Museu de Art em Londres (STEWART, 2000, p. 39)

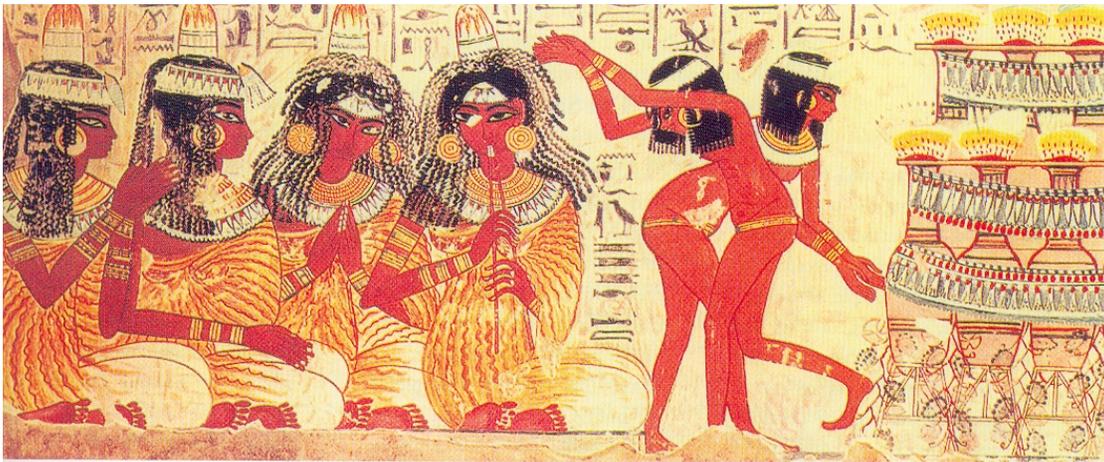


Figura 3- Músicos e dançarinos egípcios

Pelas esculturas, murais e baixos-relevos descobertos em escavações arqueológicas, temos conhecimento de danças entre os assírios e caldeus. Eram danças religiosas em honra aos deuses Baal, Moloch, Nabo, Astarte, etc.

Na Índia executava-se a dança “*Bharata natyan*” no templo de Shiva, onde os princípios coreográficos registrados datam 2000 a.C., e cujo nome vem do sábio Bharata a quem se acreditava, Shiva revelou os segredos desta arte divina. Os *mudras* - gestos simbólicos - expressam os sentimentos em substituição às palavras.

Os gauleses tinham danças religiosas consagradas a Benelus ou o deus-sol, a Hésus - deus do terror, danças guerreiras, e outras danças executadas junto a árvores sagradas, grutas e fontes.

Na China antiga, a dança era destaque na corte imperial, integrando-se os dois princípios básicos Yo - música e Li - rituais. Através de ritos honrava-se a memória dos ancestrais e o espírito do Grande Mestre, que representava a fonte da virtude.

Entre os gregos a dança sempre integrou os rituais religiosos, pois o seu politeísmo favorecia a ocorrência de diversas ocasiões em que podiam honrar um deus por meio da dança. Exaltavam Apolo, o deus-sol, por meio de cantos e danças, bem como Dionísio, o deus do êxtase e do prazer. Os gregos possuíam danças religiosas, dramáticas, funerárias e guerreiras.

Um exemplo de dança grega guerreira foi a “dança pírrica” usada na educação e na preparação militar. Ainda a encontramos de certa maneira pura nos montanheseiros do Cáucaso - região entre o norte da Índia e o mar Cáspio, na Ásia (LIFAR, s/d, p.25; BOUCIER, 2001).

Na Grécia antiga existiam muitos grupos e locais específicos para as danças, bem como diferentes tipos de danças que eram denominados “choros” - haviam o “coro” dos rapazes, o “coro” das virgens, o “coro” das mulheres, e as danças bélicas dos guerreiros. A dança e a música eram então inseparáveis (BURKERT, 1993, p. 212).

Para os gregos a dança era em sua essência religiosa e um “meio de comunicação e honra aos deuses”; as cerimônias de iniciação incluíam danças (BOUCIER, 2001, p. 22). Os gregos acreditavam no poder das danças mágicas, e o uso de máscaras era um recurso que lhes dava mais liberdade de ação. Os coribantes da Frísia dançavam em homenagem a Cibele, Mãe dos Deuses, e os curetas em Creta homenageavam Zeus por meios de danças guerreiras, mágicas e mesmo orgíacas (MENDES, 1987, p. 13).

Em especial a dança no culto a Dionísio era impregnada de erotismo e de grande importância religiosa.

Dionísio aparece como o “deus do despertar primaveril da vegetação, deus da fecundidade, muitos de seus ritos são agrários e comportam a ostentação do *phallos*”. É também o deus do “entusiasmo e da embriaguez (material e espiritual), do transe, do êxtase” (BOUCIER, 2001, p. 24).

Ariadne, filha do rei Minos de Creta é um exemplo de mulher mortal associada ao divino. Supõe-se que foi ela quem levou a estátua de Afrodite a Delos, estabelecido lá um templo e um culto com danças à Afrodite, pois Ariadne foi retratada como uma das mulheres seguidoras de Dionísio - as extasiadas mênades dançantes, que com sua dança ritual, através do êxtase erótico, o corpo entrava num ritual que ligava o pessoal e o transpessoal, para uma realização espiritual. Ariadne também supervisionava rituais femininos na Vila dos Mistérios em Pompéia (CORBETT, 1990).

A partir do século VII a. C o culto a Dionísio torna-se liturgia agrária em Atenas, com celebrações no campo no início do outono para os gregos (março-abril).

Relata LIFAR (s/d)

Dionísio ensinava a união entre os deuses e os homens (religião - religar - unir) e suas devotas, as bacantes, se deixavam levar num turbilhão desenfreado de adoração orgiástica... por meio do poder da dança sagrada obscureciam o cérebro como pedia o culto (p.24).

No século IV a.C, ocorre um esvaziamento religioso na dança dionisíaca e na dança pírrica, que de danças litúrgicas passam a ser rito cívico e depois danças de representação. Mesmo assim, no cotidiano grego a dança continua muito presente, e encontramos danças de nascimento e pós-parto, danças nupciais, danças de banquete (BOUCIER, 2001).

Em função de sua importância, a dança era matéria obrigatória na formação do cidadão grego, cujo ideal de perfeição era a harmonia entre o corpo e o espírito, e era empregada desde os cinco anos até a velhice. Praticavam danças

individuais, grupais e em grandes conjuntos, em ritos funerais, ritos guerreiros, para a natureza e fecundidade da terra e das mulheres (NANNI, 1995).

De acordo com GNECCO (1999), danças faziam parte da religiosidade grega nos cultos aos deuses, nos templos de Neméia e Istmia próximos a Corinto, bem como no templo de Apolo em Delfos.

A dança como uma maneira de aproximar-nos do Uno está expressa em Plotino que viveu em Alexandria e Roma de 240 a 270 d.C. "...nós aspiramos a ele, a nos mover em torno dele... passada a discórdia, dançamos uma dança inspirada em torno dele" (O'BRIEN, 1964, p. 84). Além das danças religiosas, havia também em Roma as danças agrárias, para as cerimônias nupciais, e as danças guerreiras (BOUCIER, 2001).

Em Roma a cada cinco anos o Estado realizava um sacrifício solene em honra ao deus Marte; o Imperador Augusto consagrou um templo a Marte Ultor (Vingador). Marte, ou Ares entre os gregos, com quem foi identificado a partir do século III a.C. era o Deus da Guerra, filho de Zeus e de Hera e pai das ferozes Amazonas.

Talvez poucos saibam que Marte entre os romanos ou Ares entre os gregos era um deus oriundo da Trácia, possuía poucos templos em sua honra; o lobo, o pica-pau e o touro eram os seus animais simbólicos.

STEWART (2000) observa que muitas deusas eram veneradas pela dança sagrada, em especial a "Grande Mãe". Ela possuía o papel de "criadora, provedora e protetora de toda a vida; a deusa em si era uma dançarina, celebrando através da dança os ciclos das estações e os ciclos da vida. A dança era a forma principal de adoração da Grande Mãe" (p.15). A autora diz que:

Na pesquisa sobre os rituais da deusa, rapidamente se tornou aparente a mim, que aonde quer que a mãe-deusa da religião antiga reinasse, no Oriente Médio, no Vale Hindu, na China, no Japão, na Europa, na África, na Grécia, em Creta, na Indonésia, na Ásia, a música e a dança eram componentes integrantes da expressão espiritual dos seus ritos (p. 16).

O festival em honra a Isis acontecia na primavera, com a inundação anual do rio Nilo, do qual as vidas dos egípcios sempre dependeram. Uma inscrição consagrando um templo a Isis diz: “Que bela é essa morada. Durará tanto quanto os céus. Foi criada para você dançar todos os dias eternamente. Para você acordar e dormir, infinitamente, na terra para sempre”.

A deusa Bastet representava o prazer, a dança, a música e a alegria no Egito. De acordo com o historiador grego, Heródoto, século V a.C., centenas de milhares de adoradores iam até Bubastes, casa de Bastet, centro de sua adoração. Acreditava-se que reverenciar Bastet pela música e dança resultava em boa saúde, tanto física como mental.

Na Babilônia antiga havia festivais e hinos à deusa Ishtar, “Os cidadãos de Kishi, dançam com a cítara em suas mãos esquerdas e o centro da cidade ficava cheio dos sons dos tamborins, das flautas e dos tambores que ecoavam”.

Um ritual antigo da Síria, era realizado em honra da deusa Astarte, ou Ester, do qual a drama-dança derivou mais tarde.

Na Índia, Bharati e Sarasvati, ao que se acredita, deram ao seu povo a fala, a música, a dança e o ritual.

Na literatura hindu, Sarasvati foi a corporificação de toda a existência, toda a inteligência, toda a felicidade e inventou o primeiro escrito, o sânscrito. Deusa da aprendizagem e da sabedoria, ela deu a poesia e a música e organizou a música e o ritual. Ela é frequentemente representada segurando um alaúde e um livro, o Vedas.

Bharati ensinou a união da dança com o canto e é frequentemente chamada de Mãe dos Bardos. Bharati (sol), Sarasvati (céu, água) eram chamados em invocações antigas ou orações com Ila (terra), deusa do rito em si. Era deusa tríplice.

A venerável deusa Tara, que precedeu Buda em muitos séculos, é honrada no Tibete, como a corporificação das atividades iluminadas de todos os budas e bodhisattvas. Ela é a patrona das artes, da música, da dança, da palavra escrita e das ferramentas da criação (p. 23 a 25).

Os romanos guardavam na sala do "*Pontifex Maximus*" no Fórum o "ancile", um escudo que teria caído do céu e que era considerado sagrado, um presente do deus Marte e garantia da sobrevivência do Império Romano. Os seus sacerdotes, chamados de "*salii*", eram conhecidos por suas danças frenéticas, cheias de saltos. Estas danças eram executadas em Roma até o ano 40 d.C., por 12 sacerdotes (ELLMERICH, 1964).

Sabe-se que:

Los antiguos romanos eran extremadamente religiosos, pero con un cierto animismo, pues el mundo entero se experimentaba como animado. Cada montaña y lago tenía su espíritu; cada árbol, cada familia, casa, hogar, estaba habitado por un poder invisible. Todas las actividades estaban sacralizadas, desde la guerra y la cosecha hasta el parto, la profecía y los hechos comunes de la vida diaria. Había una manera correcta o incorrecta de realizar cada acción, y como consecuencia seguiría el éxito o el fracaso... La sacralización del mundo y de la conducta en la vida es un perpetuo recordatorio de las realidades inmateriales y de la prioridad de lo invisible sobre lo visible... La creencia en una dimensión espiritual de la vida se identifica hoy día tan estrechamente con el Cristianismo y otras religiones salvíficas que es difícil para el hombre moderno imaginarla en su forma pagana... Los guardianes de las tradiciones sagradas incluían a las Vírgenes Vestales, los Salii o sacerdotes danzantes, los colegios de Augures y Arvales y el supremo oficio del Pontifex Maximus, todos los cuales desempeñaban sus obligaciones bajo las reglas y preceptos más estrictos.

(Los Misterios Romanos. In: ANALES DEL COLEGIO INVISIBLE.

Disponível em:

<<http://www.geocities.com/symbolos/s17godw1.htm>>

Acesso em: 16 ago.2004.

Posteriormente Roma considerou que os “sacerdotes “salii” saltitavam e pulavam de maneira deselegante, que a dança era imprópria ao homem, pois se dizia que, para um homem dançar, deveria estar embriagado ou louco”. Todas as danças religiosas, entretanto, não eram mais realizadas com a pompa anteriormente mencionada e o dançar passou a ser visto como arte e a servir diferentes propósitos.

(DANZAS. Enciclopédia Católica. Disponível em:

<<http://www.encyclopediacatolica.com/d/danzas.htm>>

Acesso em: 16 ago. 2004.

ELLMERICH (1964) fala-nos sobre outras danças: as bacanais executadas em honra ao deus Baco; as lupercais, em 15 de fevereiro, ao deus Pan (em torno de fogueiras, saltavam por cima, os homens com torso nu), as saturnais dedicadas ao deus Saturno como dança de fecundidade, executadas no solstício de inverno - correspondendo ao nosso Natal.

ELLMERICH (1964) assegura, ainda, que em Roma a dança teve sua importância principalmente na educação das mulheres que as deveriam aprender, bem como as poesias, as músicas e o canto. Em função disto os romanos contrataram professores para aprender a dança de outros povos, atendendo a uma determinada classe social - os patrícios; com isso se tem o primeiro registro do ensino da dança, oficializado.

Na Idade Média a dança teve um papel paralitúrgico, mas considerada suspeita e um resquício pagão, são muitos os interditos que a atingem, tais como o concílio de Vannes em 465 d. C, o concílio de Toledo em 589, o decreto do papa Zacarias em 774, contra os “movimentos indecentes de dança ou carola”. No final do século XII, Odon, bispo de Paris, proíbe as *choreae* - carola, dança, nas igrejas, nos cemitérios e nas procissões, e isto é adotado no concílio de Trento em 1562. As danças são mantidas fora dos ofícios da igreja em algumas datas (BOUCIER, 2001).

Em Limógenes, na França, na partida dos Cruzados, em 1215, “dançou-se a carola com alegria”; há ainda a carola na noite de Páscoa em algumas igrejas de Paris (BOUCIER, 2001). Em Limógenes, até o século XVII, dançava-se no coro da catedral para Saint Martial: “Saint Martial, roga por nós e dançaremos para ti” (BOUCIER, 2001, p. 49); até metade do século XIX, os sacerdotes e o povo dançavam em volta do coro de São Leonardo (também em Limogènes, França, conforme LIFAR, s/d).

Na Idade Média - 465 d.C. até 1453 - a Idade das Trevas - as danças passam a ser consideradas ritos de orgia, e o “culto” ao corpo passa a ser considerado como pecado. Em função de uma forte influência da autoridade eclesiástica, as danças tornam-se proibidas (MENDES, 1987).

As danças também foram importantes no rito gnóstico cristão do século III. Tiveram importância nos séculos XVII e XVIII na liturgia espanhola que ainda as conserva em Toledo e Sevilha, e também encontramos resquícios destas danças na liturgia ortodoxa (MENDES, 1987).

Constatamos

Por São Isidoro de Sevilha... que era costume que os estudantes celebrassem as bodas com danças e cantos, com acompanhamento instrumental, o que nos sugere um precedente das “tunas”, conhecidas a partir do século XVI-XVII. Havia canções e danças associadas ao culto aos espíritos, a adivinhação e cura.

MÚSICA PROFANA EN LOS PRIMEROS SIGLOS MEDIEVALES. In: PREHISTORIA. Flamenco - Músicas Mediterrâneas. 2004. Disponível em:

<<http://www.ugr.es/~berlanga/prehistoria.htm>>

Acesso em: 25 mai. 2004.

Os mozárabes (do árabe *musta'rab*, “arabizado - de origem árabe”) - eram os conhecidos cristãos que viviam sob a dominação muçulmana na região de Andaluzia.

Encontramos também, ainda hoje, em Toledo, a antiga prática das “missas mozárabes nas quais se dança no coro, na nave da igreja” (LIFAR, s/d, p. 24). Após a missa os mozárabes saem em procissão pelas ruas (FIGURA 4):



Figura 4- Mozárabes em procissão

LOS MOZÁRABES de Toledo.

Disponível em:

<http://www.geocities.com/mozarabestoledo/index1.htm>

Acesso em: 16 ago. 2004.

Os mozárabes sofrem uma influência das religiões pré-cristãs. As religiões pré-cristãs têm os seus

cultos, relacionados às questões mais profundas do homem, como a dor, a morte, e o além. Os homens (desta época) dedicam-se à agricultura, à caça, ao pastoreio, adoram as divindades da fecundidade e da fertilidade

da terra, as deusas mães, aos deuses infernais, a lua, ao sol, ao cavalo, ao touro, ao cervo, as árvores, as fontes, e as montanhas... Criam santuários, fabricam amuletos; praticam a adivinhação e os ritos mágicos, as danças funerárias, as oferendas de produtos agrícolas...

... Os cultos ibéricos mozarábicos recebem dos colonizadores fenícios, gregos e romanos influência cultural das religiões e ritos de mistério.

RELIGIONES PRECRISTIANAS. In: LITURGIA HISPANA.

Disponível em:

http://www.mercaba.org/LITURGIA/2liturgia_hispana.htm

Acesso em: 10 maio. 2004

As danças religiosas consistiam principalmente de procissões lentas e refinadas pelas ruas da cidade ou ao redor do altar. Eram, normalmente, executadas por grupos de sacerdotes; mas, às vezes, “cidadãos de ambos os sexos e de todas as classes, sem menosprezarem seus caracteres ou a dignidade de suas posições, participavam dessas exibições”.

DANCING. Catholic Encyclopedia.

Disponível em:

<http://www.newadvent.org/cathen/04618b.htm>

Acesso em: 16.08.2004

Tem-se conhecimento de que o cristianismo primitivo tinha uma atitude positiva para com a dança; inclusive havia danças em homenagem à mãe de Deus e aos mártires (MENDES, 1987).

Atualmente na capital de São Paulo, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria estabelecida a Rua Padre Musa Tuma nº 3, na Vila Clementino (ligada diretamente à Catedral Siríaca Ortodoxa de Antioquia, que tem sua sede atualmente em Damasco na Síria), é formada pela comunidade Sirian ou Siríaca.

Esta comunidade radicada no Brasil, oriunda dos países do Oriente Médio entre eles Turquia, Síria, Líbano, Iraque, Palestina e Jordânia, mantém a tradição na celebração de Páscoa de executar uma procissão ao redor da igreja, como referência às danças sagradas realizadas em tempos antigos. É uma das “lembranças” do cristianismo primitivo. Tive a oportunidade de participar deste bonito ritual em algumas celebrações da Páscoa nesta igreja.

Entre os hebreus a dança também se faz presente.

Na Bíblia existem diversas passagens de louvor a Deus com danças. Citarei isso mais adiante, com um destaque específico.

Posteriormente, a dança ressurge no Renascimento para expressar o conceito de beleza, de harmonia entre o corpo e o espírito.

Inicia-se a preocupação com a coreografia na dança e o senso estético presente nas roupas - que eram distintas entre os camponeses e os nobres. Começa na corte um ensino específico que leva ao aperfeiçoamento dos movimentos, tornando complexo o seu aprendizado - dando origem ao *ballet* e aos bailados (ELLMERICH, 1964). Temos o início da teoria da dança e o ensino da dança a partir do século XV (SACHS, 1943).

Com este desenvolvimento deixa-se de dar importância ao rito. A dança tornou-se complexa e foi envolvendo estudos específicos. Executada por grupos especializados, a dança e o dançar obtiveram o “status” de arte e encenação, cujo enfoque não nos interessa. Assim sendo, dança e rito seguem caminhos distintos. (FIGURA 5- Mulher dançando com címbalos e véus - Casa dos Mistérios - Pompéia - STEWART, 2000, p. 50).

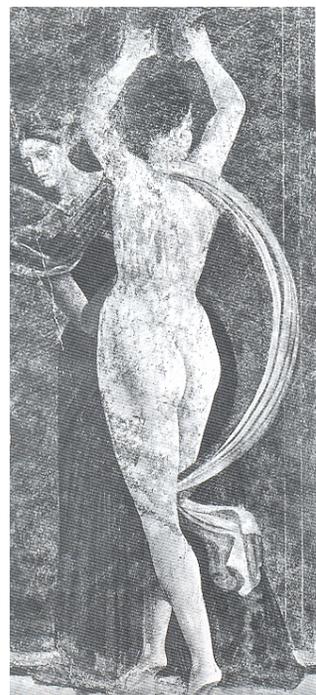


Figura 5- Mulher dançando

Não pretendemos aqui aprofundar o assunto em torno das danças indígenas brasileiras, mas, apenas mencionar alguns de seus aspectos.

As danças rituais existem em diferentes populações indígenas no Brasil, especialmente aquelas mais isoladas em que a miscigenação com o branco não ocorre de maneira intensa. Algumas destas danças são realizadas em círculo, outras em linha.

A tribo Tenetehara - de língua tupi que habita o Maranhão (FIGURA 6) - possui danças para os ritos de iniciação e puberdade - elas ocorrem na primeira menstruação da menina e a iniciação masculina acontece a cada dois ou três anos, com meninos de uma mesma faixa etária, que são iniciados na função de 'puxadores' dos cantos e das danças - função esta "importante para o homem adulto" (ZANNONI, 1999, p. 30).



Figura 6- Dança de iniciação e puberdade Tenetehara

No grande ritual Krikati - o Wu'Tú que chega a durar quatro meses - também há a presença de danças para os homens e para as mulheres. Esse ritual guerreiro, "revigora a identidade étnica, a auto-imagem e a auto estima" deste povo que habita o sertão e o sudoeste do estado do Maranhão (BARROS, 1999, p. 54).

A música, a dança e o canto xamânicos são o “veículo de comunicação” com o mundo sobrenatural, com o mundo dos animais, das plantas, da natureza em geral, para as tribos Xavante e Bororó, que se estendem na região de Mato Grosso, Goiás e sul do Pará (AYTAI, 1999).

As tribos Bororó (FIGURA 7) preservam rituais funerários nos quais praticam “danças, cantos, refeições comunitárias, e destruição dos pertences dos mortos” (VIERTLER, 1999, p. 118).



Figura 7- Foto de espíritos de árvores representados numa dança funerária Bororó.

O “Povo Krenák” - tribo indígena de Minas Gerais - conserva entre outros, o ritual de reverência à lua cheia, com uma dança cantada a fim de agradecer a iluminação do caminho, a fertilidade da terra e das mulheres (comunicação pessoal de Kaká Verá, índio desta tribo, à pesquisadora).

Os Xamãs Terena do Mato Grosso do Sul preservam a cerimônia de “Oheokoti”, na qual, sob efeito de um transe, cantam, dançam e bebem até cair. Esta cerimônia tem a função profilática de afastar as doenças, pois nela se pede aos “koixomuneti” mortos forças para afastar os espíritos ruins, com a ajuda e proteção dos espíritos bons”. A bebida xamânica era feita com mel, um “licor

espirituoso” que chamavam de “chicha”, mas não é mais utilizada; no seu lugar, usam a pinga.

Os Terena não agradecem mais as colheitas, já não seguem o ritmo das estrelas, porque com a proximidade das atividades econômicas, da venda de produtos, muitos dos seus ritos se dessacralizaram e se perderam (CARVALHO, 1999, p.111).

Também as tribos Macuxi, Taurepan, Wapischana e Taren do Vale do Rio Branco em Roraima possuíam inúmeros cantos e danças, que provinham de cantos e danças míticos, com personagens como animais, heróis, demônios e homens. Todavia, a introdução litúrgica católica por parte dos beneditinos, ocasionou o desaparecimento dos cantos e danças tradicionais das tribos. Aliada a esta questão “religiosa”, “as questões culturais da colonização, a ocupação do território e as relações de trabalho” também contribuíram para um esvaziamento da dimensão ritual destes povos indígenas (SANTILLI, 1999, p. 144).

De acordo com FARO (1986) “o contato com a civilização dilui as tradições indígenas”.

Este fato também é apontado por ELIADE (s/d b), quando ele diz que numa sociedade urbanizada os rituais religiosos, o sagrado, a comunhão com o cósmico são desvalorizados, assunto que discutiremos mais adiante.

3.5- A dança de Cristo com os Apóstolos

*Vinde a mim, ó vós que sois sublime no
Paraíso, para quem o Paraíso foi ofertado como
um local de dança*

*(Stephan A. Hoeller - Jung e os
Evangélicos Perdidos).*

MEAD (1994), PULVER (1990), HOELLER (1993) informam que Cristo também dançava com seus apóstolos.

HOELLER (1993), além de mencionar o ritual gnóstico, no qual, na Última Ceia, após a refeição sacramental, Cristo dançou com os apóstolos, afirma que a “*chorea mystica*” - o culto da dança extática - não era desconhecida na Antiguidade, e as altas divindades eram vistas como “dançarinas que dançam o mundo para fazê-lo existir”. A frase citada no início deste capítulo foi retirada, segundo o mesmo autor, de um papiro mágico grego (p. 138).

O ritual cristão mais antigo que se conhece é o Hino de Jesus (ou a Dança de Jesus) que aparece nos Atos Apócrifos de São João, do século IV, e era considerado um ritual de iniciação.

Esse ritual, transcrito parcialmente neste trabalho, revela que Jesus Cristo se encontrava no centro e os 12 apóstolos caminhavam ao seu redor, formando um círculo, enquanto cantavam e dançavam:

Então, solicitando-nos a fazer como se fosse um anel, segurando as mãos uns dos outros, mantendo-o no meio, ele disse:

- 'Respondam amém para mim'.

Então ele começou a cantar um hino dizendo: glória a ti, Pai!

E nós, enquanto circulávamos em anel, respondíamos a ele:

- Amém!

... A Graça comanda a dança.

Eu tocaria flauta; dancem todos vocês.

- Amém!

Eu tocaria um canto fúnebre; lamentem-se todos vocês.

-Amém!

O Oito uno (Ogdoad) soa (ou toca) conosco.

- Amém!

Os Doze comandam a dança no alto.

- Amém!

Tudo cuja natureza seja dançar [que dance].

- Amém!

Quem não dança, não sabe o que está sendo feito.

- Amém!

(...) E agora responde ao Meu dançar!

Veja a ti mesmo em Mim que falo;

E vendo o que faço, Guarda silêncio sobre os Meus Mistérios.

Dançando compreende o que Eu faço...

(grifos da autora) (MEAD, 1994, p. 33-40)

3.6- A dança na Bíblia

O símbolo religioso, o rito, a palavra, o mito são sempre maiores do que nossa capacidade de apreensão; excedem as categorias do entendimento comum e seus vários sentidos dão-se a ver e se retraem, provocando conhecimento instantâneo vivo para, em seguida, tornar-se apenas lembrança
(Marília Ancona Lopes – Diante do Mistério).

A dança se faz presente na Bíblia em diferentes passagens, ora como louvação, ora como manifestação da alegria, muitas vezes como comemoração de uma conquista, como ritual de fé à Javé, invocação, e para chamar a atenção dos presentes como regogizo.

Não pretendo aqui esgotar o assunto, mas apresentar este material colhido, que passa muitas vezes despercebido.

A dança aparece como uma maneira de louvação no Salmo 150:

Aleluia!

Louvai a Deus no seu santuário,

Louvai-o na fortaleza do seu firmamento.

Louvai-o por suas proezas;

Louvai-o por tanta grandeza.

Louvai-o com toques de trompa;

Louvai-o com harpa e cítara;

Louvai-o com tambor e dança

Louvai-o com cordas e flautas;

Louvai-o com címbalos sonoros;

Louvai-o com os címbalos da ovação.

Que tudo que respira louve o Senhor!

Aleluia!

(grifo da autora)

Existem outros textos na Bíblia com referência ao termo dança ou dançar no Antigo Testamento:

- Êxodo 15,20: E pegou Miriam, a profetisa, irmã de Aarão, o tamborim em sua mão e saiu, todas as mulheres atrás dela, com tamborins e com danças (*meholot*).

- Juízes 11,34: E voltou Jefté a Masfa, à sua casa, e eis que a sua filha saiu para encontrá-lo com tamborins e com danças (*meholot*). Era sua filha única. Além dela não tinha filho nem filha.

- Juízes 21,21: E espiareis e quando saírem as filhas de Silo para dançar (*hwl*) com suas danças (*meholot*) saireis das vinhas e as raptareis, cada homem sua mulher, das filhas de Silo. E caminhareis para a terra de Benjamim.

- 1 Samuel 18,6: Quando eles voltavam junto com Davi, depois de este ter matado o filisteu, saíram as mulheres de todas as cidades de Israel, para cantar e dançar (*meholot*) ao encontro de Saul, o rei, com tamborins, com alegria e com sistros.

- 1 Samuel 18,7: E cantavam as mulheres e dançavam (*mesahaqot*) dizendo: "Saul matou mil mas Davi matou dez mil".

- 1 Samuel 21,12: E disseram os servos de Aquis: “Por acaso não é este Davi, o rei da terra? Não era para ele que se cantavam com danças (*meholot*): ‘Saul matou mil, mas Davi matou dez mil?’”

- 2 Samuel 6,5: Davi e toda a casa de Israel dançavam (*mesahaqim*) diante de Javé, com todas as suas energias, com cítaras, harpas, tamborins, pandeiros e címbalos.

- 2 Samuel 6,14: E Davi dançava (*kr*) com toda força diante de Javé, e Davi vestia um efod de linho.

- 2 Samuel 6,2: E disse Davi a Micol: “Diante de Javé que me preferiu a teu pai e de toda a sua casa para me instituir chefe sobre o povo de Javé, sobre Israel eu dançarei (*sihaqti*) diante de Javé!” Pela vida de Javé.

- 1 Reis 18,26: Eles tomaram o novilho e o fizeram em pedaços e invocaram o nome de Baal desde a manhã até o meio-dia, dizendo: “Baal, responde-nos!” Mas não houve voz, não houve resposta; e eles dançavam (*psh*) diante do altar que tinham feito.

- Salmo 30,12: Transformaste o meu luto em dança (*mahol*), Tiraste o pano grosseiro e me cingiste de alegria.

- Provérbios 8,30: Eu estava junto com ele como artesão (ou criança querida, ou bailarina)

Eu era o seu encanto todos os dias,

Dançava (*mesaheqet*) em sua presença todo o tempo.

- Provérbios 8,31: Dançava (*mesaheqet*) na superfície da sua terra,

E encantava os filhos de Adam.

- Eclesiastes 3,4: Tempo para chorar e tempo para sorrir,

Tempo para lamentar e tempo para bailar (*rqd*).

- Cânticos 7,1: Volta-te, volta-te. Sulamita,

Volta-te, volta-te...

Queremos te contemplar!

“Que contemplais na Sulamita,
quando dança (*meholat*) entre dois coros?”

- Jeremias 31,4: De novo te reconstruirei e serás reconstruída,
Virgem de Israel.

De novo te enfeitarás com os teus tamborins,
Sairás com danças (*mehol*) alegres.

- Jeremias 31,13: Então se alegrará a virgem na dança (*mahol*)
E os jovens e velhos juntos;

Converterei o seu luto em alegria,

Eu os consolarei e alegrarei depois dos sofrimentos.

- Lamentações 5,15: Cessou a alegria de nosso coração,
Converteu-se em luto a nossa dança (*mehol*).

- Zacarias 8,5: E as praças da cidade se encherão de meninos
e meninas que brincarão (ou dançarão) (*mesahaqim*) em suas
praças.

Os termos hebraicos para dança, no Antigo Testamento são: *meholah* (de hwl): dança de roda, dança; hwl: rodear, vibrar; voltar-se (contra); dançar em roda; shq: brincar, agir de maneira desajeitada, rir, sorrir; krr: participio significa dançar (saltar, tripudiar); pzz: ser ágil, saltar, dançar.

Os textos do Novo Testamento que contêm o termo dança ou dançar são:

- Mateus 11,17 (Lucas 7,32): Nós vos tocamos flauta e não dançastes (*orchéasthe*)! Entoamos lamentações e não batestes no peito.

- Mateus 14,6 (Marcos 6,22): Ora, por ocasião do aniversário de Herodes, dançou (*orchésato*) a filha de Herodíades no meio e agradou a Herodes.

- Lucas 15,25: Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto da casa ouviu músicas e danças (*choron*).

Os termos gregos para dança, no Novo Testamento são “*orchéoma*”: dança e choros: coro com dança.



Figura 8- Maria e outras moças dançando - primeiros manuscritos da igreja, Biblioteca do Vaticano (STEWART, 2000, P.37)

3.7- O Homem moderno: um ser separado de seu corpo e da religiosidade

Desde que houve a racionalidade ocidental, com seu espírito positivo e científico, o sagrado foi-se dissipando totalmente.

(Edgar Morin - Mircea Eliade: O reencontro com o sagrado).

Gostaria de lembrar a visão de vida e de homem que permeava o cotidiano em tempos primórdios. Podemos observar isso por meio de HESÍODO (1989) que discorre acerca da “*Teogonia*”:

... O mundo que este poema arcaico põe à luz, e no qual ele próprio vive, está vivo de um modo permanente e - enquanto formos homens - imortal. Um mundo mágico, mítico, arquetípico e divino, que beira o Espanto e o Horror, que permite a experiência do Sublime e do Terrível, e ao qual o nosso próprio mundo mental e a nossa própria vida estão umbilicalmente ligados.

Durante milênios, anteriores à adoção e difusão de escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que, - reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica, - o ouviam. Então, a palavra tinha o poder de tornar prescritos os fatos passados e os fatos futuros (*Teogonia*, vv. 32 e 38), de restaurar e renovar a vida (*idem*, vv. 98-103).

Mas sobretudo a palavra cantada tinha o poder de fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez (19).

HESÍODO (1989) relata o hino que abre a “*Teogonia*”, sobre as danças e o seu caráter ritualístico:

...A dança em volta da fonte (vv. 3-4) é uma prática de magia simpatética com que o pensamento mítico analógico crê garantir a perenidade do fluxo da fonte. O círculo ininterrupto, que a dança constitui, comunicaria por contágio o seu caráter de renovação constante e de inesgotável infinitude ao fluxo da água, preservando-o e fortalecendo-o. Nestes dois versos justapostos (3-4), as Musas dançam em torno da fonte violácea e do altar do fortíssimo Zeus. Como

centros criados pela circunferência da dança, a fonte e o altar se equivalem. E todo o contexto deste Proêmio mostrará que, como a fonte é fortalecida e mantida pela dança, o altar do bem forte filho de Cronos (i.e. a presença da própria força de Zeus) é mantido pelo canto e dança das Musas. O fluxo recebe da dança a sua força, e o altar de Zeus, força suprema, também a recebe da voz e da dança das Musas. Um verbo como mélpomai (= "cantar-dançar"), donde o nome Melpoméne para uma delas, indica o quanto eram sentidos pelos gregos antigos como uma unidade os atos de cantar e dançar, a voz e o gesto. - Voz e gestos que, executados pelas Musas, tornam aqui presente a Força de Zeus entre os homens. A seqüência dos versos 5-21 descreve as deusas ambigualmente com os hábitos das mortais gregas e à uma como potestades ontofônicas que são. Banham-se antes de formarem os coros, como as gregas cuidadosas de se mostrarem mais belas no espetáculo; banham-se nos córregos e fontes e dançam sobre os cimos das montanhas, como se ninfas desses lugares (p.23).

O cultuar e o prestar atenção ao corpo são coisas quase esquecidas na nossa sociedade contemporânea.

A ciência favorece e fortalece a racionalidade, fazendo-nos esquecer do nosso corpo.

SANTIN (1992)⁹ demonstra

O quanto às ciências modernas fortaleceram a racionalidade, preocupando-se com o fato físico, com o mensurável, e a ciência com isso se "esqueceu" de que o mundo, não se reduz a fatos físicos, pois existe uma infinidade de fenômenos que

⁹SANTIN (1992) *apud* ALMEIDA, L. H. H. **A psicologia organísmica, a psicologia junguiana e a utilização de desenhos: uma reflexão para a educação física.** Rio Claro, 1999. (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual Paulista).

ultrapassam a esfera da física pura. Apoiando-se na Física Quântica, este autor afirma que tudo “se resume em energia”, e, aquilo a que chamamos de natural ou sobrenatural são planos de vibrações e dimensões, alguns possíveis de serem percebidos por nossos sentidos. Apesar disto, o nosso corpo é o centro de convergência, compreensão e apreensão do mundo” (ALMEIDA, 1999, p.31-32).

O homem moderno, fruto dessa ciência e educação, tornou-se um ser cindido do seu corpo e das questões espirituais e metafísicas.

“À medida que o homem foi desenvolvendo o seu intelecto, ele esqueceu-se de seu corpo, e muitos só lembram-se dele quando adoecem” (ALMEIDA, 1999, p.30).

Na sociedade moderna uma das coisas que mais caracteriza o homem é sua “des-sacralização” e a dificuldade que ele tem em encontrar as “dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas” (ELIADE, s/d.b, p. 27).

Numa sociedade profana, todo o ato é profano e justificado pela necessidade de subsistência e pelo proveito econômico que pode proporcionar. Não há significação alguma nas atitudes, nenhuma “abertura” ao Universal, ao mundo espiritual, “a religiosidade cósmica se obscurece”, há um vazio religioso. (Eliade, s/d.b).

O homem “a-religioso” é um homem que não reconhece a transcendência, e a realidade para ele é relativa, muitas vezes, chegando a duvidar do sentido da existência. Este homem vê a si mesmo como o único agente importante da História e recusa qualquer apelo à transcendência. O homem moderno é o resultado de uma “dessacralização da existência humana” (ELIADE, s/d.b).

Essa cisão do homem religioso para o a-religioso é apontada por MACHADO FILHO (1994) que a vê como a primeira e grande cisão vivida pela humanidade: a transição “ocorrida do tempo/espaço mítico para o tempo/espaço

histórico”, pois esta “cisão rompeu o elo que ligava as civilizações às suas origens e retirou do homem a comunhão de substância que havia entre ele e as forças cósmicas”; e como esta trajetória se tornou irreversível, cabe ao homem moderno o “desafio de resgatar através de si mesmo o elo perdido com as forças primordiais” (p.2).

ELIADE (s/d b.) mostra que em nossa sociedade urbana, pós-industrial, não há espaço suficiente para os rituais religiosos, e que estes, por sua vez, trariam uma expressão maior de nossos símbolos.

O homem contemporâneo é vítima de sua sociedade de consumo, de seu processo de industrialização, este (homem contemporâneo) exalta doentamente os valores finitos do eu e a satisfação material em detrimento do sagrado, de sua sacralidade e da comunhão com o cósmico.

O caráter religioso tornou-se esquecido com a perda da “consciência mítica” por parte dos povos urbanizados e desenvolvidos, com a desvalorização e dessacralização dos mitos e ritos. Perdeu-se também o caráter religioso que sempre existiu nas danças e no corpo originariamente.

O progresso materialista dos últimos séculos garantiu uma maior conquista externa ao homem, mas esta conquista externa não se fez acompanhar de uma “conquista interna” com o homem aprendendo “a melhorar o conteúdo de sua experiência” (VOLP, 1994, p. 60).

O corpo, a religiosidade, a valorização da experiência interna numa dimensão mais profunda merecem ser resgatados.

Segundo (GIGLIO, 1996), a ilusão que a felicidade viria dos bens materiais e da tecnologia caiu por terra levando-nos a uma grande frustração e fazendo-nos voltar para o “não racional e sobrenatural em busca de um sentido para nossa vida” (p. 4).

ESPÍRITO SANTO (1998) afirma que devemos ter a certeza de que somos dotados de uma espiritualidade, não importando a denominação que atribuíamos a ela, pois há no ser humano uma “visão de transcendência”.

LANZ (1978) afirma que é necessária uma “espiritualização lenta de nosso mundo por nós mesmos, cabendo-nos abrir-nos ativamente, conscientes... dos impulsos espirituais, a fim de realizá-los na terra” (p. 75).

E também assinala STEINER (1974, p.12):

Nestes tempos, quando as pessoas em seus muitos caminhos, consciente ou inconscientemente, estão buscando experiências espirituais, é aqui na esfera artística que isso se abre para todos aqueles de boa vontade e de mente aberta.

O homem no seu processo de desenvolvimento perdeu sua conexão com o divino para tornar-se livre, para sentir-se como um ser capaz, autônomo, independente do poder divino. Com isso caiu num extremo oposto: a conexão com o sagrado se perdeu. Torna-se urgente a reabilitação, com consciência, desta herança que foi por ele abandonada.

Percebemos que a dança faz parte da vida do ser humano desde os primórdios, e extrair significado do que se vive é a tarefa destinada ao homem.

Torna-se importante também resgatar o caráter religioso e ritualístico da dança.

Podemos fazer isto percebendo o caráter simbólico presente em algumas danças, nos significados que damos aos passos efetuados, a “comemoração” que ela re-atualiza.

“Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo (ELIADE, s/d.b., p. 218).”

Quando dançamos os ritmos do sol e da lua, nos damos conta não só da importância do religar-se à natureza, à vida, aos eventos sagrados da natureza, mas também do resgate da cultura, dos valores mais profundos e arquetípicos presentes nos rituais, com os quais a vida moderna nos faz perder o contato

(WOSIEN, 1996). Percebemos, também, a sensibilidade, a emoção, a comoção - coisas que estão sendo perdidas no nosso dia-a-dia, na nossa realidade virtual e tecnológica, e que precisam ser retomadas, recuperadas.

Isso precisa ser experimentado, vivenciado.

Podemos fazer isto: ressignificar a vida buscando o sagrado.

Podemos buscar isso por meio das danças circulares sagradas; estas podem ser um caminho, uma maneira de nos aproximarmos do Divino.

Podemos voltar a sentir a sacralidade de nosso mundo, perceber o sagrado presente muitas vezes em pequenos gestos, no nosso mundo simbólico.

Afinal, como bem nos lembra ELIADE (1976), também apontado por BERNI (2002): o *homo faber*, o *homo ludens*, o *homo sapiens* e o *homo religious* possuíam a mesma qualidade e grandeza.

Não será isso o que ainda buscamos quando, tantas vezes, muitos de nós ritualizamos as comemorações do Ano-Novo indo à praia e pulando sete ondas?... Ou quando damos “três batidinhas na madeira” para que o “azar não se manifeste e a sorte se mantenha em nossos dias?”

FIGURA 9- vaso da Pré-Dinastia egípcia: dançarinos com os deuses- Coleção do Metropolitan Museu de Arte - Londres (STEWART, 2000, p. 8).



Figura 9- Vaso da Pré-Dinastia egípcia

3.8- Jung e a religiosidade: o “*homo religious*”, o Sagrado

O homem é fundamentalmente “homo religious”, o único capaz de religar ou tentar religar as diversas dimensões que a realidade apresenta, e em particular, as dimensões mais enigmáticas, aquelas que a mera razão não pode atingir

(Frédéric Tristan – Mircea Eliade: O reencontro com o sagrado).

Para JUNG (1988) a religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana. Ele diz que há no inconsciente uma função religiosa, e que devemos observar o simbolismo religioso dos processos inconscientes no contexto da psicoterapia.

“Religio”, segundo JUNG (1988), significa reler atentamente os fatos, com uma observação cuidadosa de certos fatores que agem sobre o homem e sobre o seu estado geral.

Nos nossos tempos modernos, o homem carece de sentido, seus gestos mecânicos e repetitivos na correria da vida não têm mais significado, o que, de acordo com JUNG (1988), desempenha e quase determina um papel fundamental no aparecimento da neurose.

A neurose da nossa época, para Jung, é decorrente de um sentimento cada vez maior de inutilidade, e de um vazio religioso.

A questão do sentido da vida é, na visão junguiana, uma perspectiva religiosa, do *religere* - reler atentamente os fatos, e *religare* - religar-se ao Maior, ao Divino, ao Espírito.

A religiosidade, dentro de uma perspectiva junguiana, é uma maneira de expressão necessária e natural ao ser humano.

Isto é bem apontado por GIGLIO (1996):

O homem é um ser simbólico, que se difere dos outros animais pela sua capacidade de simbolização, e de expressar esses símbolos através da palavra, das artes, dos rituais religiosos que constituem um meio propício de expressão simbólica, não só individual, como também coletiva - essa já é uma razão bastante forte para tentarmos entender a importância da religião. A religiosidade, portanto, é uma manifestação natural, e uma necessidade do ser humano. Assim como você tem necessidade de comer, de dormir, tem necessidade de convivência social, você tem também necessidade da religião, tomada aqui no seu sentido essencial (p.3).

JUNG (1988) afirma que “a psicose em última instância, é um sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido”, e salienta, que “o homem carece de experiências vivas em torno da crença, da esperança, do amor e do conhecimento, e que temos que tentar um caminho de aproximação rumo a estas experiências” (p. 332, parágrafo 497).

Experiências que podem assumir um caráter religioso, acrescentaria.

Creemos que ao se dar abertura e atenção a experiências de caráter religioso, possivelmente estaremos caminhando em direção ao “*homo religious*” existente em nós, possivelmente, estaremos mais atentos ao nosso processo de individuação, e observar, então, que somos “capazes de nos reconciliarmos com o mistério de que o espírito é a vida do corpo, vista de dentro, e o corpo é a revelação exterior da vida do espírito.” (JUNG, 1993, p. 97, parágrafo 195).

JUNG (1988) tem como ponto de partida para muitos de seus trabalhos “a psicologia do “*homo religious*”, do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral” (p. 5, parágrafo 11).

E por quê?

Porque o homem possui consciência, e uma contínua ampliação da consciência - sua tarefa metafísica - faz do homem o único ser capaz de perceber seus sentimentos e dar sentido às coisas.

E para quê?

Acreditamos que para o homem atribuir significados aos seus gestos, ressignificar a todo instante a sua vida, propiciar a cura de seu corpo e de sua psique. Entendendo aqui a palavra significado não de maneira abstrata relacionada ao signo ou representação, e sim na maneira apontada por EDINGER (1989). Para este autor significado refere-se a um estado psicológico que traz luz a uma vida, uma experiência profunda e significativa, carregada de afeto, sentimentos, emoções. O significado percebido de maneira subjetiva, viva que “nos põe em relação orgânica com a vida como um todo”. Sonhos, mitos, ritos, manifestações artísticas transmitem “essa sensação de significado subjetivo e vivo” (EDINGER, 1989, p. 156).

Para que o homem possa buscar a si mesmo, estar atento ao seu centro interior: “*self*” ou “*si mesmo*”, é necessário tornar-se “aquilo a que veio para ser no seu processo de individuação” (SANDOR, 1991).

O processo de individuação, na perspectiva junguiana, seria como um acordo entre “a semente inata da totalidade” e o destino com suas circunstâncias externas, com a intervenção de “alguma força suprapessoal”... o “Grande Homem que vive em nosso coração”, e nos guia através do inconsciente de acordo “com um desígnio secreto” (VON FRANZ, s/d, p. 162).

De acordo com GIGLIO (1996, p. 4) “Jung entende a religião como uma forma de acesso ao nosso centro interior profundo - o self... que seria o elemento de integração entre o consciente e o inconsciente, entre o Divino e o Ego”.

JUNG (1988) ressalta em sua obra o quanto a Psicologia se defronta com o problema religioso: quais as relações entre psicologia e religião, discorre sobre o sagrado e o a existência de uma função religiosa no inconsciente,

apresenta a questão do simbolismo religioso dos processos inconscientes, que pode ser observado num contexto psicoterápico e a religiosidade como uma manifestação natural da psique.

Será que não poderíamos observar o aparecimento de um simbolismo religioso dos processos inconscientes e da manifestação da religiosidade, além de um contexto psicoterápico?

Acreditamos que sim, pois de acordo com GIGLIO (1996) a consciência evolui por diferentes caminhos:

O desenvolvimento intelectual, a prática da compaixão (entendida como capacidade de sentir e perceber o outro), a participação em rituais. Quanto mais o indivíduo percorrer estes caminhos de uma forma integrada, mais seguro será seu desenvolvimento e melhor nível de saúde mental ele terá. O homem estará caminhando para Deus na medida em que desenvolve a sua consciência reflexiva, essa consciência que é a sede, a fonte e a característica da nossa humanidade... e que pode nos permitir um contato com o Divino, via Self (p.4).

JUNG, em grande parte de sua obra, cita Rudolf Otto - filósofo e teólogo protestante (1896-1937), e é influenciado por ele. JUNG (1988, p. 3) entende a religião como uma “acurada e conscienciosa observação” do que Rudolf Otto chamou de numinoso, “uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário, a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência”.

Esta categoria que OTTO (1985) chamou de *numinosa ou o numinoso*, somente pode ser percebida encontrando “o ponto onde ela surge e se torne consciente” (p.12); isto é, o Sagrado tem que ser obrigatoriamente vivido intimamente para que seja compreendido (BERNI, 2002, p. 129).

OTTO (1985) define os diferentes sentimentos que possibilitam a identificação do numinoso: a) o sentimento de criatura; b) o sentimento de temor; c) o mistério que faz tremer; d) o temor, a majestade e a energia; e) o fascinante.

Não cabe aqui nos adentrarmos nesta questão dos “sentimentos de identificação do numinoso” tão bem explorada por BERNI (2002), que faz também uma discussão sobre o profano e o sagrado, as hierofanias, e a capacidade de apreensão do sagrado.

Queremos ressaltar MARDONES (1996, p. 18) que aponta o simbólico como o meio pelo qual pode o homem captar e se comunicar com o sagrado, e que é “no simbólico que o *“homo religious”* se realiza”.

Chamamos a atenção para a definição de sagrado em OTTO (1985):

O sagrado é antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio religioso... passa por domínios paralelos como por exemplo a ética... pode ser encontrado nas artes... compreende um elemento de qualidade absolutamente especial em que se subtrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável (p. 11).

Sendo assim, o *“homo religious”*, pela capacidade de simbolização da psique humana, torna-se atento ao numinoso, nem sempre compreensível racionalmente, mas repleto de significado e sentimento.

Pela consciência de sua dualidade profana e sagrada, o homem tenta integrar o Cosmos dentro de si e realizar a tarefa de entregar-se ao Divino, ao Maior.

O homem religioso sente-se no centro do Cosmos, antropocósmico, é por si só uma hierofania - uma das manifestações do sagrado no mundo. Mas este ser antropocósmico é sentido numa dualidade: “a vida é vivida... como existência humana, e ao mesmo tempo, participa de uma vida trans-humana, a do Cosmos ou dos deuses” (ELIADE, 1999, p. 137).

FIGURA 10- pintura de Hildegard Von Bingen, Líber Divinorum Operum, século III: Funcionamento do plano macroscópico - A divindade circular como uma roda, movida pelo amor. O extrato exterior, ígneo, da cólera divina consolida o firmamento para que este não se liquidifique, o espaço etéreo imprime-lhe o movimento, a região do ar aquoso umedece-o, os ventos zoomórficos mantêm-no em rotação, e a camada de ar inferior desperta a natureza. A terra é o cubo da roda do mundo, cujos raios cruciformes representam as quatro estações e as quatro partes do cosmos (ROOB, 1997, p. 661).



Figura 10- Funcionamento do plano macroscópico

3.9- Jung, o corpo e as terapias corporais

“O ser humano se libera também através dos gestos, que fazem parte de suas idiossincrasias”.

(Annamaria Sannino - Métodos do Trabalho Corporal na Psicoterapia Junguiana).

Consideramos Jung um teórico atento às questões do corpo e à psicologia profunda - como é também conhecida a psicologia de JUNG - uma teoria que se preocupa e se ocupa com o fazer de maneira brilhante a ligação entre a psique e o corpo (ALMEIDA, 1999, p. 43).

FARAH¹⁰ (1995) aponta o quanto Jung “já deixava em aberto, implicitamente, a possibilidade de vir a se desenvolver uma forma “junguiana” de abordagem do corpo, em Psicologia”; e discorre sobre o corpo como “um canal viável para o restabelecimento do nosso contato com a própria natureza humana” (p.43).

Existem outros autores que em sua prática também relacionam a psicologia junguiana e o corpo, como RAMOS (1994) que

constata no seu atendimento às pessoas as descobertas de Jung sobre os tipos psicológicos e suas manifestações físicas... e observa que a partir das constituições do corpo podemos inferir sobre a psique de um indivíduo. Também DURAN¹¹ (1997) discute o tema do corpo na perspectiva da Psicologia Analítica de JUNG e da Psicologia Organísmica de SANDOR (ALMEIDA, 1999, p. 44).

Partimos do princípio de que “se considerarmos que o nosso corpo é a casa onde mora a nossa alma, nossa psique, a individuação assume também uma dimensão corpórea” (ALMEIDA, 1999, p. 45).

WAHBA¹² (1982) diz:

O corpo nos dá a manifestação da energia no seu plano material, sofrendo as perturbações e transformações que ocorrem na psique. Se falo de um ego inflado ou um ego

¹⁰FARAH, R.M. Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Companhia Ilimitada/Robe Editorial, 1995.

¹¹DURAN, S.M.G.T.: **O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethő Sándor: Uma interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C.G. Jung.** São Paulo, 1997. (Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo).

¹²WAHBA, L.L. *apud* ALMEIDA (1999) **Consciência de si através da vivência corporal.** São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

alienado, ou de uma personalidade cujo centro está cada vez mais próximo do self, posso observar tal processo nos estados de “alienação” (apatia, desligamento, o corpo desvitalizado, sem energia disponível) ou “inflação” (atuação, liberação, manifestação caracterizada por alto grau de inconsciência) corporais, assim como observo um eixo corporal “centrado” (p. 45).

Uma vivência mais adequada do corpo leva à conscientização e alteração da imagem corporal. Uma melhor expressão e soltura do corpo leva também muitas vezes “a uma maior expressão e soltura diante das pessoas”. Podemos então observar “uma nova organização do próprio corpo, da energia psíquica, uma nova identidade”. Ocorre um fortalecimento e estruturação do ego... “a partir das novas dimensões corporais, observadas também pela psique da pessoa”. Isto tudo colabora para “o tornar-se quem realmente se é, que é a proposta de individuação de JUNG” (ALMEIDA, 1999, p.45-46).

Na abordagem junguiana

O self é o centro da personalidade total, e o ego é o centro da consciência. Por isso dizemos que o caminho do homem é em direção ao seu self, estabelecendo o eixo ego-self - para usar uma terminologia de EDINGER (1990). O self, como engloba a totalidade da personalidade, engloba, portanto, o corpo. Há um direcionamento do self que se expressa no corpo, e com isso determinadas doenças orgânicas ou mesmo problemas mentais, muitas vezes surgem para mostrar um novo direcionamento, a necessidade de uma nova orientação na vida do indivíduo (ALMEIDA, 1999, p.47).

Constatamos que a pessoa que não segue o seu caminho, o seu processo de individuação, pode muitas vezes tornar-se doente; a sua doença pode assumir um sintoma físico - no corpo - ou mental - na psique ou mesmo em ambos: corpo e psique.

Portanto, acreditamos que, nos termos da psicologia junguiana “uma doença serve para recolocar a pessoa no seu eixo, na busca de sua totalidade”. Observamos isso em nosso dia-a-dia: pessoas que depois de um problema físico ou psíquico (até mesmo ambos), se reorientam na “maneira de enxergar e de viver suas vidas... Uma doença pode levar uma pessoa a buscar a sua individuação” (ALMEIDA, 1999, p.49).

Acreditamos que o nosso “corpo, matéria realizada de uma Manifestação Superior, torna-se, então, um caminho para a vivência desta totalidade” (ALMEIDA, 1999, p.50).

3.10- Danças circulares sagradas: uma expressão de símbolos arquetípicos e da religiosidade

*Vem,
te direi em segredo
aonde leva esta dança.*

*Vê como as partículas do ar
e os grãos de areia do deserto
giram desnorteados.*

*Cada átomo,
feliz ou miserável,
gira apaixonado
em torno do Sol.*

*(Jalal al-Din Rumi, Mawlana:
Poemas Místicos-Divan de Shams
de Tabriz. São Paulo Attar Editorial,
1996).*

Segundo VAN DER LEWIV (1963) para os povos primitivos a arte e a religião eram tão próximas, que, de certa maneira, eram uma mesma coisa: a canção era oração, o drama era uma atuação divina, a dança era um culto, mágico, sagrado, poderoso.

A função religiosa da dança para estes povos era de estabelecer uma comunicação com forças naturais e sobrenaturais, buscando concatenar a vida individual e coletiva às leis da natureza, buscando auxílio e harmonia, sendo uma atividade “sacra, mágica e social” (VOLP, 1994, p. 8).

A dança acompanhava e estimulava todos os processos da vida. Alguns de seus motivos permaneceram o mesmo desde a Antigüidade, como a dança circular... que têm a sua origem na mágica da fertilidade dos tempos mais remotos, e nos ritmos da natureza. A natureza, que opera no mundo físico causando diferentes fenômenos, com seu poder criativo e regulador que nos encanta, mas também que nos assusta quando se revela com seu aspecto destruidor e avassalador.

A terra foi considerada sagrada como fonte de vida, pois provê todo o alimento, e também sagrada, como receptáculo dos mortos. Com o desenvolvimento da agricultura, rituais e celebrações sazonais se originaram.

Na Europa pré-cristã politeísta havia lugares sagrados, árvores, poços, montanhas, rios, deuses e deusas, alguns destruídos, e outros foram incorporados pelo cristianismo posteriormente (SHELDRAKE, 1993).

Como exemplo, temos a deusa Brighde, deusa da primavera que depois se tornou Santa Brígida, e a vênus de Eryx (Sicília - Itália) que tornou-se Santa Verônica, “uma doce mulher que vivia no paraíso e dançava para Jesus”. FIGURA 11- estátua de Santa Verônica dançando com seu véu- Basílica de São Pedro em Roma (STEWART, 2000, p. 68).



Figura 11- Imagem da estátua de Santa Verônica

Nas danças sagradas nos deparamos com aspectos simbólicos e arquetípicos, e “tocamos” o que ELIADE (1998) chama de “tempo hierofânico”, “tempo sagrado”, “tempo mítico”:

Todo o tempo, qualquer que ele seja se abre para um tempo sagrado, ou por outras palavras, pode-se revelar aquilo a que chamaríamos, em expressão cômoda, o absoluto, quer dizer, o sobrenatural, o sobre-humano, o supra-histórico... O tempo que viu o acontecimento comemorado ou repetido pelo ritual em questão, é tornado presente, “re-presentado”, se assim se pode dizer, tão recuado no tempo quanto se possa imaginar... Sendo assim, também o tempo sagrado, geralmente instaurado nas festas coletivas por via do calendário, pode ser realizado seja quando for e por quem quer que seja, graças à simples repetição de um gesto arquetípico mítico (p. 314-322).

Para JUNG (1991) os processos religiosos possuem uma natureza essencialmente simbólica: “sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias” (p. 46, parágrafo 92). O símbolo “converte a energia de “equação da libido”... como os objetos mágicos, os fetiches, os objetos sagrados, as figuras dos deuses: assim, como exemplo o primitivo esfrega seu objeto mágico de maneira rítmica, “e isto faz com que ele receba uma nova carga, e um poder mágico do fetiche” (p. 46, parágrafo 92); ou ainda desenha a figura do animal na parede da caverna acreditando que assim aprisiona o seu espírito, tornando possível a caçada.

JUNG (1991) fala que a tendência para o lúdico, para o místico, para o heróico, o estar sujeitos a poderes suprapessoais (superstições, fantasias, feiticeiros, espíritos, demônios ou deuses), são características do homem primitivo. A sujeição a estes poderes suprapessoais é uma questão religiosa, ou “o religioso do homem primitivo” (p. 49, parágrafo 95). Segundo ele essas ligações mágicas com os objetos presentes na religião primitiva são projeções de conteúdos inconscientes. Somente em algumas funções e domínios a nossa mente

libertou-se da “identidade mística originária com o objeto”. A mente do homem atual é ainda de certa maneira primitiva (JUNG, 1991, p. 276 parágrafo 516).

Para JUNG (1991) há no ser humano um princípio espiritual que não entra em choque com o instinto em si, mas na verdade com a instintividade (quando ocorre uma preponderância da natureza instintiva sobre o espiritual). De acordo com o autor “o espiritual aparece na psique como um instinto... é uma forma específica e necessária da força instintiva” (p. 56).

Para este autor, os símbolos nunca foram originados conscientemente, mas sim “produzidos pelo inconsciente”, e manifestados pela consciência (JUNG, 1991, p. 47).

De acordo com JUNG (1991) os instintos e os arquétipos constituem o inconsciente coletivo.

Os instintos são

formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não (p. 139).

Os arquétipos são

formas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não o seu caráter mitológico (p. 141).

WOSIEN (s/d) afirma que estamos neste momento experimentando um reviver do interesse religioso, e que este se manifesta na busca das danças sagradas como um “conectar-se de volta à origem”, porque os padrões coreográficos, movimentos e gestos das danças são arquetípicos, são arquétipos de movimento, que expressam uma tradição espiritual atemporal.

Um exemplo disso é a “Tripla Espiral” (FIGURA 12) do Templo da “New Grange”, na Irlanda, no vale do rio Boyne, que data do 4º milênio a.C. É um local de monumentos de rituais pré-históricos e túmulos do período Neolítico. A espiral é um padrão básico de movimento encontrado em muitas danças (STEWART, 2000, p. 144).



Figura 12- Tripla espiral

STEINER (1974) diz que a dança possui uma origem espiritual, e que sua “tarefa é desenhar o seu impulso e sua força criativa, conforme essa origem”. Este autor assinala ainda que a dança poderia ser considerada como uma “expressão divina no estímulo humano, por meio do movimento do corpo” e que “a arte do movimento também é uma experiência do espírito” (p. 5 - 12).

FIGURA 13- foto de dança com movimento em espiral (arquivo pessoal da autora):



Figura 13- Dança com movimento em espiral

Esta autora afirma ainda que “em suas origens as artes eram religiosas e seus impulsos e direções vinham dos grandes centros de mistério, onde uma relação consciente com o mundo espiritual e seus poderes divinos era cultivada” (STEINER, 1974, p. 27).

Os povos primitivos expressavam pelos movimentos e gestos suas crenças e valores; por meio das suas danças comunicavam sua religiosidade, organizavam sua postura perante o divino, ao transcendente e também perante o seu mundo de trabalho. Isso infelizmente foi esvaziado na nossa sociedade moderna (WOSIEN, s/d).

Acreditamos, baseados em nossas observações e experiências, que por meio da dança podemos vivenciar muitas emoções sem o recurso da palavra; a dança se torna extremamente simbólica por meio de imagens, gestos, representações que exprimem muita riqueza e vitalidade.

Sendo assim, consideramos que as danças circulares sagradas também anunciam um ritual expresso nos gestos, passos, direções e seus simbolismos implícitos.

Assim, imagens simbólicas de caráter arquetípico podem ser verificadas nas danças circulares sagradas, por exemplo, o elevar os braços ao alto que está relacionado ao céu e ao poder transcendente.

FIGURA 14- possivelmente uma deusa da fertilidade com seus braços elevados numa forma de prece (STEWART, 2000, p. 16).



Figura 14- Deusa da fertilidade

Por todo o mundo o simbolismo celeste exprime a sacralidade da transcendência: o que está “nas alturas” o que é “elevado” representa o sagrado por excelência... O Céu conserva um lugar importante no simbolismo. E esse simbolismo celeste revela-se em numerosos ritos (ascensão, escalada, iniciação, realeza, etc.), mitos (a Árvore cósmica, a Montanha cósmica, a cadeia de flechas, etc.), lendas (o vôo mágico, etc.). (ELIADE, s/d, p. 128-129)

O Céu é um símbolo quase universal pelo qual se exprime a crença em um Ser divino celeste, criador do universo e responsável pela fecundidade da terra graças às chuvas, que ele despeja... manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade... símbolo complexo da ordem sagrada do universo, que ele revela pelo movimento circular e

regular dos astros... símbolo dos poderes superiores ao homem... na tradição bíblica o céu é identificado com a divindade, ou ainda a morada de Deus (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 227-229).

Lembremos também a tradição católica romana, na qual ao consagrar o vinho e o pão, o padre eleva os braços em direção ao alto, ao céu.

A maioria das danças são em círculo (muito embora existam algumas em linha, em espirais, etc.).

Segundo JAFFÉ o círculo pode ser interpretado como um símbolo do “Self”: “ele expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza” (JUNG, s/d., p. 240).

De acordo com CHEVALIER e GHEERBRANT (1989) o círculo têm propriedades simbólicas de perfeição, ausência de divisão, homogeneidade. O movimento circular “imutável, sem começo e nem fim, e nem variações” simboliza o tempo. Conforme esses autores:

Dionísio o Areopagita conseguiu descrever, em termos de filósofo e de místico, as relações do ser criado com sua causa, graças ao simbolismo do centro e dos círculos concêntricos: ao afastar-se da unidade central, tudo se divide e se multiplica. Inversamente, *no centro do círculo todos os raios coexistem numa única unidade, e um ponto único contém em si todas as linhas retas, unitariamente unificadas em relação às outras e todas juntas em relação ao princípio único do qual todas elas procedem* (p. 251).

... A comparação neoplatônica de Deus a um círculo, cujo centro está em toda a parte é um tema que reaparece... nos sufistas, principalmente no *Glolshan-i-Raz* (Rosal dos Segredos), de Mahmud Shabestari. Rumi opõe a circunferência do mundo dos fenômenos ao Círculo do Ser Absoluto (p. 254).

Essa idéia já era conhecida no paganismo, conforme demonstra a FIGURA 15.

Em cima: o céu pagão das divindades masculinas representando diversos aspectos solares, ou do espírito cósmico: Apolo (Fébo, Hórus) representam a força vivificante dos raios solares, Cronos (Janus, Saturno) a força geradora do tempo do Sol. Nos cantos: as quatro estações do ano. Em baixo: as deusas pagãs como emanções da energia lunar: Ceres (Ísis, Cibele) que faz desabrochar os frutos no campo. Perséfone a força lunar que condiciona o crescimento das ervas e das plantas. Athanasius Kircher, *Obeliscus Pamphilius*, - Roma, 1650. (ROOB, 1997, p. 64).

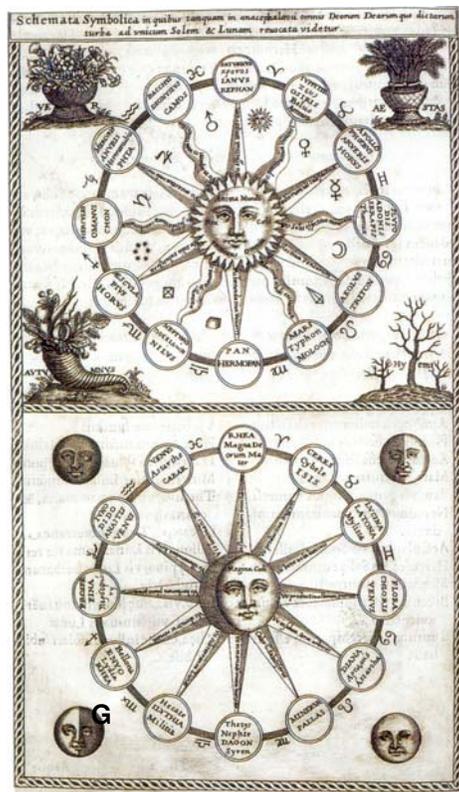


Figura 15- Divindades do sol e da lua

De acordo com WOSIEN (2004) o círculo é uma forma geométrica sagrada que espelha a natureza e o cosmos em sua unidade, e o seu centro é o “símbolo da força da criação divina, que flui incansavelmente para o aqui e agora” (p. 7). Para esta autora a linguagem da dança utiliza símbolos

que reproduzem o divino, principalmente o círculo, que está relacionado com o centro, através da roda de raios ou mandala, através da cruz como árvore do mundo, através do semi-círculo como símbolo da lua e através das diferentes formas de meandros. O dançarino, por meio das formas geométricas, que se interligam e relacionam, por meio dos

gestos do seu corpo, constrói na dança sagrada uma ordem que corresponde à ordem do cosmos, sendo que seu corpo é o cosmos minimizado (p. 12).

... Com o direcionamento para o centro e andando ao redor do círculo, o dançarino procura sempre tornar presente o centro do círculo como contrapartida divina. Do ponto de vista religioso, a dança circular é a tentativa de realizar na terra o espetáculo do movimento celestial (p. 14).

Para CHEVALIER e GHEERBRANT (1989) o centro é o símbolo do Princípio, de Deus que é o centro dos centros: “Deus é uma esfera cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma” significando a presença de Deus como universal e ilimitada, que se encontra no centro invisível do ser, independentemente do espaço e do tempo (p. 219).

Pintura em forma de mandala, circular - FIGURA 16. O Espírito Santo representado na forma de pomba, ao redor da mesa os 12 apóstolos com Maria. Os olhos dos apóstolos focam o centro - Hóstia Sagrada- que faz alusão à presença invisível de Cristo. Westphalian Máster, 1380. (JAFFÉ, 1979, p. 208).



Figura 16- Pintura em forma de mandala

Segundo CHEVALIER e GHEERBRANT (1989) o centro é

Foco de intensidade dinâmica, onde se concentra a energia, de onde partem o movimento da unidade em direção à multiplicidade, do interior em direção ao exterior, do não manifestado para o manifestado, do eterno para o temporal,

todos os processos de emanação e de divergência, e onde se reúnem, como em seu princípio, todos os processos de retorno e de convergência em sua busca de unidade.

O centro é um dos quatro símbolos fundamentais, junto com o quadrado, a cruz, o círculo (CHEVALIER e GHEERBRANT,1989), e a relação centro/eixo faz do centro, um símbolo ainda complementar a outros, como no centro do mundo se encontra a montanha sagrada, todo o templo, palácio ou cidade sagrada tem um centro ou se encontra num centro, no “axis mundi” - centro do mundo ponto de junção entre céu, terra e inferno, se eleva a árvore da vida (ELIADE, 1991).

Nas danças circulares sagradas, o centro do círculo é sempre assinalado de alguma maneira, com os quatro elementos, com velas, com fitas, etc., como uma referência ao divino. Todavia, para este estudo, isso não foi feito, para que não houvesse nenhuma possibilidade de sugestionar as participantes. (FIGURA 17- foto com esta autora - exemplificando com um centro muito bonito, em curso dado por Marie Gabriele Wosien em 2000).

Apenas os esquemas dos passos, dos movimentos e gestos foram desenvolvidos com as participantes desta nossa pesquisa.



Figura 17- Foto da autora exemplificando maneira de assinalar o centro do círculo na dança circular

Nas danças circulares dançamos com as mãos dadas.

SATZ (1994, p. 144) afirma que

Quando o homem toca, com sua mão, tem a intenção de sair fora de sua corporeidade para ir ao encontro do outro, experiência que termina com uma volta sobre si mesmo, retorno carregado de afetividade e quem sabe de dramas, na medida em que, por palpação, o homem se encontra sem cessar, de volta ao seu próprio eu. O tato é, com efeito, o único de nossos sentidos que contém o que Minkowski chama de “um elemento de reciprocidade”... e nos coloca o corpo em sua posição com o resto do mundo, o que implica num exame retrospectivo... cita Heráclito que diz: ‘a mão que faz tende a compreender, a mão que toca aguarda chegar a conhecer’.

Dançando também focamos nossa atenção nos pés. Conectamos-nos com a terra, com os pés. SOUZENELLE (1994, p. 70-72) coloca que “se a cabeça, no alto, é uma recapitulação de todo o corpo, embaixo, os pés também recapitulam e carregam seu futuro em potência... “num plano físico, os pés potencializam o corpo do Homem inteiro”.

LELOUP (1998) recorda-nos que o pé é o suporte que temos para permanecermos eretos, e é o símbolo da nossa força. É nossa base, proporciona o equilíbrio do corpo.

Aí, nos pés, começa também o nosso enraizamento na vida psíquica, corpórea e espiritual.

As danças circulares sagradas vieram de comunidades étnicas, sociais e religiosas. Por meio delas ocorre um treinamento de consciência do equilíbrio (até no sentido amplo da palavra), do caminho das danças, suas etapas, sentido do espaço, tempo, forma e memória para a seqüência dos movimentos. Assim o mundo interior e o exterior podem ser unidos por meio do dançarino, no seu centro, onde encontram-se a imobilidade e o movimento. Essas danças são eficazes como meio de “religio” - num processo de religação com o divino (WOSIEN, 2002).

Diz-nos WOSIEN (2002):

O indivíduo é aceito num espaço vibratório de ritmo e música que se baseia numa experiência profunda. Desta forma é a repetição dos arquétipos em movimento que executam a transformação, na medida em que todos os opostos estão contidos no fluxo das imagens primordiais. Com estas imagens, ocultas nas formas, o dançarino está numa relação de troca com a execução dos temas do movimento... A vida cíclica no céu e na terra insere o homem como dançarino no processo que sempre retorna, o processo do amadurecimento entre o nascimento, a morte e o novo nascimento. O movimento pendular, o movimento para frente e para trás, o movimento

para cima e para baixo, assim como o girar em torno do próprio eixo são partes do reconhecimento de que o homem se encontra no foco do confronto entre o claro e o escuro, entre a vida e a morte, a unidade e a fragmentação (p. 73-74).

Já STEWART (2000, p. 5) diz que a dança se torna sagrada à medida que “a beleza do movimento comunica o ideal divino”. Na dança sagrada vamos ao encontro da “alma da natureza, cujas energias são percebidas de maneira rítmica, como a dança contínua da vida” presentes na forma dos gestos.

Na opinião desta autora, a dança sagrada envolve a essência do mistério, pois com ela experimentamos uma dimensão que a mente linear não é capacitada a perceber. A dança sagrada nos torna capazes de conceber a existência além da nossa experiência física imediata, criando assim o conceito de espiritualidade, do divino, de Deus.

O ritual dançado comemora o fato de que “nossa vida começa (ativação), é vivida (movimento), e termina (final) com a memória do sagrado”. A invocação do divino também vem à mente, e a oferenda da dança é para que nos lembremos de agradecer pelo “alimento, tanto físico como espiritual, com o qual nossa vida e os seus dons são sustentados” (STEWART, 2000, p. 25).

Joan Dexter Blackmer, analista formada pelo instituto Carl G. Jung, em Zurique, observa (em relato a STEWART, 2000)¹³ que existe nas pessoas uma vontade muito grande de poder entrar num tempo e num espaço sagrados, e a dança sagrada em si, “se torna por um momento o recipiente para dentro do qual o sagrado pode fluir. Ela se torna um veículo para a manifestação dos deuses, das deusas, daquelas forças que aparecem na psique como imagens arquetípicas” (p. 136).

¹³STEWART, I. J. *Sacred Woman, Sacred Dance*. Rochester, Vermont, Inner Traditions, 2000

Também Laura Shannon diz que a dança sagrada é uma maneira de redescoberta da “experiência da antiga dança da cura, na qual a terapia de dança tem as suas raízes”, por meio da exploração criativa de danças existentes. “Queremos relacionar estas formas antigas de dança hoje em dia, e mantê-las vivas, de maneira que tenham significado para nós, também hoje, num contexto de ritual” (STEWART, 2000, p. 138).

E lembra-nos SOUZENELLE (1994, p.10): “Ninguém pode ensinar o que não viveu”.

Talvez algumas danças possam ser aprendidas por meio de esquemas de referências para dançá-las. No entanto, a vivência repetida, profunda, integradora pode nos trazer a apreensão destas danças. E, acredito que, nestas vivências, com este absorver da dança, a nossa inteligência poderá abrir-se para “uma outra dimensão de si mesmo e do mundo” conforme afirmado por SOUZENELLE (1994, p.10).

Notamos que as danças circulares sagradas permeiam o sagrado nos gestos e em seus simbolismos implícitos, possibilitando uma religação com o divino que na verdade nunca deixou de existir. As danças circulares sagradas podem tornar-se uma possibilidade, um caminho para nos sentirmos mais integrados ao Cosmos, de atentarmos para o mundo anímico - espiritual, usando uma terminologia mais junguiana - para o arquetípico sempre presente, mas muitas vezes por nós negligenciado, esquecido, não valorizado.

Encontramos idéia semelhante em GIBRAN (1971) quando diz que: “Nenhum homem poderá revelar-vos nada senão o que já está meio adormecido na aurora do vosso entendimento” (p. 53).

3.11- Danças circulares sagradas: sua origem e história no Brasil

*O que aconteceria se, em vez de apenas
construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura
ou a sabedoria de dançá-la?*

(Gaurady, Dançar a vida).

A maioria dos movimentos de dança circular teve sua expressão maior no “Movimento do Potencial Humano, nos anos 60, no Oeste Norte-americano em Esalem, e se alastra pela Europa, até o nordeste da Escócia, na comunidade de Findhorn” (BERNI, 2002, P. 54).

Este movimento encontrou uma forte aliança nos movimentos culturais da “Nova Era” (BERNI, 2002; CARROZZI, 1999), com seus paradigmas holísticos (BERNI, 2002; CREMA, 1989). Os movimentos relacionados à “Nova Era (New Age)” são vastos e complexos nos seus aspectos teóricos e práticos: combinam uma proposta de transformação individual, um contato maior com a natureza, questões relacionadas à cura, à espiritualidade, ao sincretismo religioso, à liberação do corpo. (CARROZZI, 1999).

É preciso distinguir algumas das diferentes características das danças folclóricas, das danças étnicas e das danças circulares sagradas.

De acordo com FARO (1986) as danças folclóricas nasceram das danças religiosas que deixaram de ser parte de um culto ou ritos e executadas nos templos, para serem realizadas em praça pública como celebrações de nascimentos, casamentos, para uma boa colheita, nas quais o povo passou a participar de tais danças, e não somente os iniciados. Assim, com o passar dos anos, “a ligação com os deuses foi ficando cada vez mais longínqua, e as danças que nasceram religiosas foram paulatinamente se transformando em folclóricas” (FARO, 1986, p. 14). Até então, pedindo ou agradecendo, invocando o auxílio divino em ocasiões de nascimentos, casamentos, mortes, guerras, colheitas, com

passos e gestos peculiares, com significado próprio as danças eram executadas em cerimônias específicas, sempre que houvesse necessidade de um apoio propício da divindade (FARO, 1986).

No mito religioso - antes da proibição da Igreja Católica - a dança se integrava quase em simbiose com a religião (FARO, 1986).

No caso das danças indígenas, no candomblé, em cultos africanos, asiáticos, que não cabe aqui descrever os vários rituais e as diferenças existentes em cada um, encontramos as danças étnicas - pertencentes aquele grupo específico, dentro de determinada cerimônia. Produzidas em ocasiões festivas ou dolorosas, com um cunho religioso, possuem também um elo com as religiões primitivas (FARO, 1986).

Diferentes países possuem grupos semi-profissionais ou profissionais de dança folclórica, tais como os do Leste Europeu, Escócia, Espanha, Filipinas, Itália, Argentina, Uruguai, com figurinos e adereços que não influem na coreografia em si, onde se mantém a ligação da dança à características das vidas destes povos, como por exemplo o Flamenco na Espanha, A Tarantella na Itália, o Tango na Argentina (FARO, 1986).

As danças folclóricas se caracterizam pelo seu aspecto de espetáculo - são apresentadas para um público, “com seus trajes típicos” (BERNI, 2002, p.71), como “uma apresentação teatral” (BONETTI, 1998), embora suas raízes estejam no “temperamento e costumes de cada povo” (BONETTI, 1998, p. 117).

As danças étnicas são “tradições vivenciadas por um povo... que expressam sua história e seus sentimentos” por meio da dança (BONETTI, 1998), nas quais as pessoas que dela participam estão mais interessadas nas suas “vivências pessoais” e na preservação de ensinamentos e de uma cultura, sem o caráter de apresentação pública com trajes típicos (BERNI, 2002).

No Brasil, encontramos uma junção do folclore com a religião em algumas festas, como a Festa do Divino, na Folia de Reis, São João e São Benedito. Em alguns estados como Paraná, Maranhão, Rio Grande do Sul,

Minas Gerais, Pernambuco diversos grupos se formaram para preservação e divulgação de danças folclóricas (FARO, 1986). Também há indícios que algumas danças étnicas se transformaram em folclóricas ao chegarem ao Brasil, como por exemplo, a congada, o maracatu, a dança dos pássaros, o reisado, o moçambique, o quilombo, descritas por Mário de Andrade como “danças dramáticas” (ANDRADE, 1982 ; FARO, 1986).

Bernhard Wosien (1908 - 1986) bailarino e teólogo alemão foi quem coletou os registros de danças circulares sagradas no mundo. Ele teve no convívio familiar e grupal durante sua infância e juventude, experiências com a música e danças típicas. Este autor relata que “a vida em grupo teve um papel marcante em sua vida... onde acampamentos de férias com camponeses em gigantescas montanhas, com danças e grupos de garotas... formavam uma convivência animada” (WOSIEN, 2000, p. 18).

Durante o período do nazismo alemão, Bernhard Wosien dedicou-se ao balé e foi solista do Teatro Estadual de Berlim. Em 1960 - com 52 anos deixou os palcos para dedicar-se à Pedagogia e foi docente na disciplina de Pedagogia da Cura na Universidade de Marburg de 1965 até sua morte em 1986 (BERNI, 2002).

Bernhard Wosien coletou e registrou diferentes danças de diferentes povos. Ele verificou em muitas danças a reverência a algo maior, ao Divino, presente no simbolismo dos passos executados; o que para ele, era uma espécie de meditação (WOSIEN, 2000).

Este autor afirmou:

Nas formas mais antigas das danças populares encontrei o caminho para a meditação da dança, como um caminhar para o silêncio. Esta meditação tornou-se para mim e meus alunos uma oração sem palavras (WOSIEN, 2000, p. 117).

Bernhard classificou tais danças como “*Heilige Tanze*” - traduzido para o inglês como “*Sacred*” (BERNI, 2002), e, conseqüentemente Sagrado em português.

Há relatos de que, posteriormente, Bernhard sugeriu “uma mudança para Holístico ou Curativo (*Holistic Dance ou Healing Dance*), mas o nome “*Heilige Tanze*” já estava associado ao seu trabalho” (BERNI, 2002, P. 86). Na verdade “*Heilige*” em alemão quer dizer santo ou sagrado, mas também comporta a conotação de curativo e integral. Não temos uma palavra que possa condensar esta “multiplicidade de significados da palavra alemã” (FRANCES; JEFFERIES, 1998, p. 40).

Em 1975, Bernhard Wosien esteve com Peter Caddy fundador da comunidade de Findhorn e ensinou lá muito do que havia coletado junto aos diferentes povos, muitas vezes com o auxílio de sua filha, Marie-Gabriele Wosien (BERNI, 2002).

BERNI (2002) relata sobre a história da comunidade de Findhorn na Escócia, considerada atualmente um “Centro Educacional Internacional... e aceita como membro da UNESCO Planet Society Network” (p. 90).

Bernhard Wosien “criou os primeiros workshops de Dança Circular Sagrada... e deixou o trabalho nas mãos de Anna Barton” (BERNI, 2002, p. 92). Anna Barton pioneira na mesma comunidade tornou-se uma entusiasta deste tipo de dança, foi responsável pela divulgação das mesmas, criando grupos de vivências (desde 1980), e de formadores para o ensino destas danças; era “a diretora de Danças Sagradas em Findhorn.... Em 1996 passa o cargo para Peter Vallance que continua seu trabalho até hoje” (BERNI, 2002, p. 92-95).

Por diversas vezes, nestes anos todos Marie Gabriele Wosien vai a Findhorn, dando continuidade ao trabalho iniciado por seu pai Bernhard Wosien.

A grande expoente da dança circular sagrada, atualmente, em nossa opinião é Marie Gabriele Wosien. Ela é conhecida internacionalmente nesta área, e ministra cursos a nível mundial sobre este assunto, além de estudar os simbolismos presentes em diversas danças, especialmente àquelas em que verifica a alusão ao sagrado.

Segundo esta autora o que caracteriza as danças circulares sagradas, é

O simbolismo referente ao sagrado presente nos passos e gestos, e na existência de uma atitude de reverência enquanto se dança. Dança-se sempre com uma intenção de aproximar-se do Divino: agradecendo, louvando ou venerando e respeitando-o. Assim, uma conexão com o centro interior, com o sagrado em cada um de nós pode vir a ser observado (WOSIEN, Comunicação pessoal em curso, 2002).

As danças circulares sagradas - como um “movimento” (BERNI, 2000) - chegam ao Brasil por meio de Carlos Solano Carvalho, que morou na comunidade de Findhorn por seis meses em 1984, e teve na comunidade de Nazaré em Nazaré Paulista - SP, um dos primeiros focos de difusão das mesmas.

Em 1992, Renata Carvalho Lima Ramos participou de uma Semana de Experiência em Findhorn com as Danças Circulares Sagradas. Tocada profundamente por esse trabalho (em relato pessoal à autora), retorna à Escócia em 1993 e participa de um treinamento formal com Anna Barton; em 1994 inicia seu trabalho de divulgação das Danças, dando cursos e editando livros sobre o assunto.

No período de 1993 a 1995, Gláucia Castelo Branco Rodrigues dedicou-se a ensinar danças circulares sagradas - algumas indígenas - para um grupo de pessoas ligadas ao curso de Cinesiologia do Instituto “Sedes Sapientiae” em São Paulo. Maria Cristina Bonetti também ministrava cursos e vivências nesta época, sobre este mesmo assunto no curso de Educação Física da Universidade Federal de Educação Física de Goiás (ESEFFEGO), levando também ao planalto central a pessoa de Marie Gabriele Wosien.

Em 1995, Carlos Solano (Belo Horizonte, MG), Sirlene Barreto (Salvador, Bahia), Renata C. L. Ramos (Editora TRIOM - São Paulo, SP) e Gláucia Castelo Branco Rodrigues (Universidade Anhembi-Morumbi - S. Paulo, SP), trazem Anna Barton para a realização de cursos no Brasil, nos diversos estados acima citados.

Todas estas pessoas citadas são chamadas, em diferentes grupos existentes no Brasil, de focalizadores. O focalizador (ou facilitador) é a pessoa que orienta as pessoas que participam das vivências com as danças circulares sagradas, atenta às idéias que devem ser trabalhadas, bem como ao andamento das vivências em si. (conforme RAMOS, 1998).

De 1995 até hoje, outros “focalizadores” estrangeiros foram trazidos ao Brasil por outros organizadores paulistas, tais como Maria Rosa Aleoni de Freitas. Organizadores de outros estados do Brasil também se uniram com o objetivo de fortalecer o trabalho com as Danças Circulares no Brasil, a fim de que outras propostas possam ser conhecidas e compreendidas, trabalhando com a diversidade das culturas dentro das danças circulares. Podemos citar a vinda de Maria Gabrielle Wosien da Alemanha, Peter Vallance, da Escócia, Ray Price do País de Gales, Mandy de Winter da Inglaterra, David Edery de Israel, Laura Sahanon dos EUA, Marianne Inselmini da Suíça, Friedel Kloke da Alemanha.

De 1997 a 1999, Gláucia Castelo Branco Rodrigues (Universidade Anhembi-Morumbi - S. Paulo - SP) se une a André Trindade (Instituto A&B - S. Paulo - SP) para a realização dos I, II e III Festivais de Dança e Música Étnica, reunindo participantes de todo Brasil.

Em 2002, 2003 e 2004, Renata C. L. Ramos junto com Sônia T. Y. de Campos Lima e Andréa Leoncini, organizam respectivamente o I, II e III Encontro Brasileiro de Danças Circulares Sagradas. Em 2005 esse evento expande para Festival Latino Americano de Danças Circulares dos Povos.

Pessoalmente iniciamos nosso contato com estas danças em 1992 no grupo de Cinesiologia do Instituto “Sedes Sapientiae” em São Paulo e, desde então, viemos tendo a oportunidade de participar de diversos cursos, treinamentos, vivências, onde percebíamos em nós diversas modificações já relatadas.

Em 1998, coordenamos a vivência “As Danças Circulares Sagradas e a Dança da Vida” em comemoração aos 40 anos de Ensino da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro - SP.

Em 1999, coordenamos uma vivência com as danças circulares sagradas a convite do Prof. Dr. Ivan Antônio de Almeida - coordenador do Núcleo de Estudos da Religião, na Universidade Federal de Ouro Preto, campus de Mariana - MG. Em função da repercussão deste evento, foi, então oferecido em 2000, um mini-curso sobre algumas danças circulares sagradas no VI Ciclo de Estudos da Religião e I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Historiadores da Religião, novamente na Universidade Federal de Ouro Preto, campus de Mariana - MG.

Durante os anos de 1999, 2000 e 2001 junto com a Profa. Dra. Alice Itani, com o especial convite da Profa. Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro - do Departamento de Educação da UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Rio Claro - SP, montamos o curso de extensão universitária "Festas e Danças: O Resgate da Tradição Popular". Neste curso ensinamos algumas destas danças a centenas de professoras da pré-escola e ensino fundamental de Rio Claro e região. O curso deu origem a um outro convite da prefeitura municipal de Araras - SP na pessoa de Nádia Aparecida Camargo, para ministrarmos em conjunto, eu e a Profa. Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro, um mini-curso sobre Contos de Fadas e Danças Circulares Sagradas, em 2001.

Em 2003, iniciamos o grupo de vivência com as pessoas desta pesquisa, na área de Saúde Mental, no Departamento de Psiquiatria da Universidade Estadual de Campinas, conforme mencionado anteriormente.

O primeiro trabalho acadêmico sobre as danças circulares sagradas, é realizado por BERNI (2002), o segundo é realizado por SABELLA (2004), ambos como dissertação de mestrado.

A nossa pesquisa de doutorado é o terceiro trabalho acadêmico a este respeito.

FIGURA 18- da esquerda para à direita, temos: Luciana Esmeralda Ostetto, Luiz Eduardo Valiengo Berni, Marie Gabriele Wosien, e esta autora - Lúcia Helena Hebling Almeida - em curso ministrado por Marie Gabriele Wosien, em junho de 2003.



Figura 18- Foto em curso ministrado por Marie Gabriele Wosien

Temos conhecimento de um quarto trabalho, em andamento, enfocando as danças circulares sagradas e a formação de professores, da Profa. Luciana Esmeralda Ostetto, Professora do Centro de Educação/UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Doutoranda em Educação/FE-UNICAMP (Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas) em Campinas/SP, sob orientação da Profa. Dra. Ana Angélica Albano e com término previsto para fevereiro de 2006.

3.12- As danças circulares sagradas na educação de crianças e de adultos

*“Erro após erro, o exasperado espírito
prosseguirá, se revigorado não for por esse fogo
purificador onde mover-te debes como um
bailarino”.*

(T. S. Eliot – Quatro Quartetos).

Tentaremos brevemente expor algumas idéias gerais sobre diferentes maneiras em que as danças circulares sagradas podem contribuir na formação da educação de crianças e de adultos também, com seus aspectos psicomotor, pedagógico, social e cultural.

A dança é antes de tudo - na sua grande maioria - uma atividade prazerosa, na qual podem ser verificados, além do trabalho lúdico, aspectos com relação à agressividade e ao respeito ao outro através de seu espaço e o de outra pessoa dentro da dança, sobre a sexualidade, a transcendência, e sobre a religiosidade (NANNI, 1995).

A dança oferece uma resposta às necessidades sociais e recreacionais humanas (GUDMUNDSON, 1989) e tem a capacidade de integrar os aspectos mentais, físicos, emocionais e espirituais da educação (H'DOUBLER¹⁴, 1986).

Por meio da dança o indivíduo pode viver uma experiência de alegria, valorizar a vida, e buscar a espiritualidade por meio de seu corpo (LORENZETTO, 1991). Segundo GARAUDY (1980) a dança pode ser uma maneira de comunhão com o universo cósmico, pois o homem quando dança se envolve com seu corpo, com seu espírito, com seu coração (BÉJART, 1980).

A dança ajuda no desenvolvimento do corpo (SCALIN, 1989). Os padrões de movimento executados ajudam na conscientização do corpo - das partes, lado, frente, costas, na percepção corporal - rígido, tenso, harmonioso, solto; na conscientização do corpo no espaço - em relação aos objetos, pessoas, direções, sentido; conscientização da força e agressividade empregada no movimento - rápido, lento, brusco, suave, rígido, diluído, curto, argo; conscientização de inter-relacionamento - o corpo em seu equilíbrio dinâmico, as seqüências de movimento e o encadeamento destes aspectos; conscientização do tempo, do ritmo e suas dimensões - alegre, rápido, solene/introspectivo, lento (NANNI, 1995).

¹⁴H'DOUBLER, (1986), *apud* INGRAM, A. Philosophical discussion of where dance belongs in higher education (USA). In: 8 COMMONWEALTH AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPORT, PHYSICAL EDUCATION, DANCE, RECREATION AND HEALTH, Glasgow, 18-23 jul., 1986. **Dance: the study of dance and the place of dance in society.** London, E. & F. N. Spon, 1986, pg 194-203.

Além do trabalho do corpo com relação à elasticidade, à força muscular, aos ritmos variados e alternados, o trabalho com as danças possibilita, por meio da comunicação não-verbal, a observação da criatividade no tocante à expressão e interpretação dos movimentos faciais e gestuais, associando, combinando os movimentos e seus significados (NANNI, 1995).

As atividades com as danças proporcionam alegria e excitação que poderão influir positivamente no “nível de maturação, crescimento, desenvolvimento, no autoconceito, na auto-estima, autoconfiança e na auto-imagem”, bem como contribuem para a organização do mundo subjetivo, consigo mesmo, com os outros e com o mundo (NANNI, 1995, p. 46).

O dançar possibilita o conhecimento de si mesmo pela participação no processo criativo (ARNOLD, 1986; BRINSON, 1986) e ainda pode fornecer condições que dêem confiança ao indivíduo e ao grupo, o que resulta na formação de um cidadão melhor preparado para lidar com seu ambiente e confiante para contribuir com a comunidade (BRINSON, 1986).

As danças podem enriquecer, incentivar, nortear a aprendizagem de um modo geral nas áreas de ciências, matemática, geografia, geometria, favorecendo a interdisciplinaridade. Toda essa vivência poderá ser integrada com outros momentos criativos da aprendizagem, por meio do desenho e escultura em argila, com relação ao que se observou, se sentiu com a dança, conceitos aprendidos, formas geométricas executadas com os passos, por exemplo.

Além da aquisição das habilidades motoras fundamentais, o trabalho com as danças permite ainda a expressão simbólica por meio do movimento, e a exploração de aspectos pedagógicos específicos, tais como: discriminação de forma, tamanho, linhas retas e curvas, profundidade, relação figura-fundo, relação espacial - orientação, direções, sentidos, e temporal - agilidade, velocidade, intensidade (NANNI, 1995).

Por meio das danças promove-se a aquisição de habilidades físicas e intelectuais (EARLS e LUNT, 1989; BRINSON, 1986), oferece-se um corpo de conhecimento teórico e não só uma atividade física (COX, 1989), assinalam-se aspectos da história e da cultura (SCALIN, 1989).

NANNI (1995, p. 47) alerta para percebermos que com relação ao próprio corpo estamos trabalhando “com simetria corporal, eixo do corpo, proporcionalidade e regularidade, lateralidade, eqüidistância com relação a pessoas e objetos, ordem de alinhamento e ortogonalidade (mundo geométrico que nos cerca), e expressão gestual”.

ZIMMERMANN (1992) menciona estudos de H. Prinzhom, Jolande Jacobi, Nise da Silveira, que evidenciaram a relação existente entre as imagens de espaço e de movimento, interiores e exteriores. Tal relação baseia-se em

esquemas coletivos, arcáico-dinâmicos, que estruturam e organizam o espaço”... vivemos num “campo de forças em que atuam direções básicas, tais como: em cima/em baixo, lado esquerdo lado direito e à frente e atrás. Além disso, configuramos o espaço com movimentos redondos e angulares, contrativos e expansivos, simétricos e assimétricos, os quais, por sua vez, nos remetem às regularidades presentes em todo o universo (p. 30-31).

Do ponto de vista social a dança trabalha na observação da pessoa: dela mesma e do outro; no trabalho coletivo, de grupo, poderá contribuir na desinibição de sua postura frente ao mundo que a cerca (NANNI, 1995).

Culturalmente falando, o aprendizado de diferentes danças enriquece demais a aprendizagem dos costumes e ritos de outros povos, anteriormente praticados, e por muito tempo esquecidos... por pouco, muito pouco, quase para sempre. Assim, contribuímos para o resgate de uma tradição significativa que fomentou as atividades e festividades importantes no desenvolvimento da humanidade, e ritos, que integrados, fortalecem a dimensão simbólica da personalidade, levando à integração e ao significado do “para que” e em função “do que” se vive, reinstaurando a importância dos rituais e, eventualmente, da religiosidade no cotidiano.

Sendo assim, observa-se por meio das danças a experiência em processos artísticos com perspectivas culturais e históricas (EARLS e LUNT, 1989).

Finalizando, ressaltamos as palavras de STEINER e HUSEMANN, F,¹⁵ (1984, p. 311): “Curar é educar, educar significa curar”.

Concordamos com as palavras deste autor - educação e cura andam juntas.

3.13- Arte como terapia

Com muita freqüência os pacientes ficam surpreendidos com a sua própria expressão, com o processo e o produto da sua atividade artística. E o seu trabalho passa a ser visto como um espelho de aspectos anteriormente ocultos.

(M. Margarida M. J. de Carvalho- A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia).

A arte remonta a tempos passados, em que precedia a fala e a escrita e designava as necessidades, os pensamentos e sentimentos dos homens primitivos, que se expressavam com desenhos nas paredes das cavernas, em forma de esculturas, nas armas e utensílios domésticos (MONTAGU, 1969).

O pensamento depende de uma linguagem (função simbólica) e da conceituação. Entretanto, “o simbólico não se reduz à linguagem verbal” e sua expressão pode dar-se pelo desenho, pelo gesto, pelo movimento, pelo som, pela dança, pela escrita. Em todos os períodos históricos, desde as cavernas até os dias atuais, a arte está presente na cultura humana com sua função simbólica.

¹⁵STEINER, *apud* WOLFF, O.; HUSEMANN, F. **A imagem do homem como base da arte médica.** São Paulo: Associação Ben eficiente Tobias, 1984.

O homem no seu processo de formação e transformação, nas mais diferentes culturas, cria imagens e símbolos, encontrados nos mitos, nas religiões, nas artes, e que contêm profundas emoções.

JUNG (1991, p. 84) relata que existem “pessoas que nada vêem ou escutam dentro de si, mas suas *mãos* são capazes de dar expressão concreta aos conteúdos do inconsciente”. O autor observa que para estas pessoas a utilização de materiais plásticos é muito adequada e vantajosa. Outras pessoas também “são capazes de se expressar através de movimentos do corpo, com a dança”.

A arte possui por si só um valor terapêutico. O início dos estudos das relações entre arte e psiquiatria se dá em 1876 quando Max Simon publicou “pesquisas sobre manifestações artísticas de doentes mentais, e fez uma classificação das patologias segundo essas produções” (ANDRADE, 2000).

Usar a arte dentro de um contexto e processo psicoterapêutico é Arte-Terapia ou Terapia Expressiva. O material usado para este fim pode ser amplo e variado: papel, lápis de diversas cores, tintas, argila, carvão, etc., não havendo necessidade de habilidade manual ou talento artístico. Existe ainda neste contexto a Dança-Terapia (LEVY, 1992) que tem por objetivo a expressão humana dentro do movimento, segundo a proposta de Marian Chace - uma de suas expoentes, e que foi “introduzida no Brasil por Norberto Abreu da Silva Netto” (ANDRADE, 1995, p. 51).

Temos conhecimento também da “Euritimia” de Rudolf Steiner na qual gestos, passos e movimentos têm uma conotação simbólica, num processo terapêutico, inserido na Antroposofia (FORTUNA, 2000).

Não é nossa intenção explorar estes enfoques, apenas citá-los.

ANDRADE (2000) faz um interessante histórico do uso da expressividade e/ou arte em psicoterapia, inclusive o seu contexto no Brasil, mas não cabe também aqui esta reprodução, apenas a sua menção. O autor salienta o trabalho de Nise da Silveira, concebido segundo os parâmetros da teoria

junguiana, e acredita que a pintura e o desenho... a música, a dança... “formam um instrumental valioso para o indivíduo reorganizar a sua ordem interna, e ao mesmo tempo reconstruir a realidade” (p. 125).

De acordo com FORTUNA (2000) na definição da American Art Therapy Association (AATA), a arte-terapia é uma profissão de ajuda que

oferece oportunidade de exploração de problemas e de potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não-verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades, mediante experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas (p. 7).

Esta autora coloca que a arte-terapia possibilita àquele que a ela se submete, a identificação nas imagens artísticas representadas, dos sentimentos, pensamentos e sensações de diferentes épocas ou situações de vida.

De acordo com a American Art Therapy Association a arte-terapia, pressupõe que o *‘processo criativo’* é o meio pelo qual o terapeuta procura “intermediar a reconciliação dos conflitos emocionais do cliente, facilitando sua auto-percepção e seu desenvolvimento pessoal” (FORTUNA, 2000, p. 8).

ELIEZER (2004) conta-nos que

A Arte-terapia já conquistou espaço nos hospitais, consultórios, empresas, escolas, organizações não governamentais (ONGs) e em diversas comunidades, com uma característica interdisciplinar, nas áreas de: psiquiatria, neurologia, psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia e terapia ocupacional... Promove um campo de forças de grande poder de comunicação, expressão, reabilitação e o encaminhamento correto de uma energia represada ou mal canalizada (p. 16-17).

FORTUNA (2000) lembra-nos que na teoria da Antroposofia de Rudolf Steiner, também existe o trabalho de *'terapia artística'*, no qual são utilizadas técnicas de pintura, modelagem, tecelagem, entre outras.

Sabemos que dentro da perspectiva junguiana, a compreensão das imagens (desenhos) tem produzido excelentes resultados nos campos psicológico, psiquiátrico e escolar (GIGLIO, 1994; LIGETI, 1995; ALMEIDA, 1999; WAHBA, 1999; VASCONCELLOS E GIGLIO, 2003; VASCONCELLOS, 2004).

A experiência artística pode trazer à tona conteúdos inconscientes com grande carga afetiva e intenso fluxo de energia psíquica. Um indivíduo com o ego organizado expressa tais conteúdos de forma mais coerente do que um indivíduo psicótico (WAHBA, 1999).

O processo artístico com sua expressão subjetiva possibilita a elaboração de conflitos intrapsíquicos, o que o torna passível de valor terapêutico. Não se considera a arte como uma produção final nestes casos (GIGLIO, 1994).

VASCONCELLOS (2004) ressalta que

Diversas correntes teóricas têm reconhecido a importância da Arte como recurso terapêutico, ampliando sua utilização durante intervenções psicoterapêuticas a outros campos onde a Psicologia e a Psiquiatria também passaram a ter representatividade. O profissional de Saúde Mental pôde agregar os conhecimentos extraídos de estudos sobre processos artísticos e subjetividade aos conhecimentos da Psicologia e da Psiquiatria clássicas (p. 52).

3.14- O uso de desenhos e a psicologia junguiana.

Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais.

(Aniela Jaffé – O Homem e seus símbolos).

JUNG acreditava que os artistas (como antes os alquimistas) projetavam parte de sua psique sobre a matéria ou sobre objetos inanimados. Sendo assim o artista não é tão livre quanto parece ser; sua obra sempre será controlada por leis da natureza, leis da psique inconsciente. Este autor dizia que um objetivo do artista moderno é expressar sua visão interior de homem, e num segundo momento dar vazão ao plano espiritual da vida e do mundo (JAFFÉ, 1979).

Para ele, o distúrbio emocional pode ser expresso não só de maneira intelectual, mas também “conferindo-lhe uma forma visível”, pela pintura ou pelo desenho, nos quais as pessoas “expressam seus afetos por meio de imagens” (JUNG, 1991, p. 83). Também SILVEIRA (2001) afirma que as imagens que saem de dentro de nós, representadas num papel ou tela carregam energia, desejos, impulsos que, muitas vezes, são inexprimíveis pela palavra.

JUNG utilizava na apreensão de seus processos interiores os recursos plásticos, a pintura e o desenho. Apresentamos em seguida a primeira mandala pintada por JUNG em 1916 - Figura 19 - (JAFFÉ, 1979, p.76):

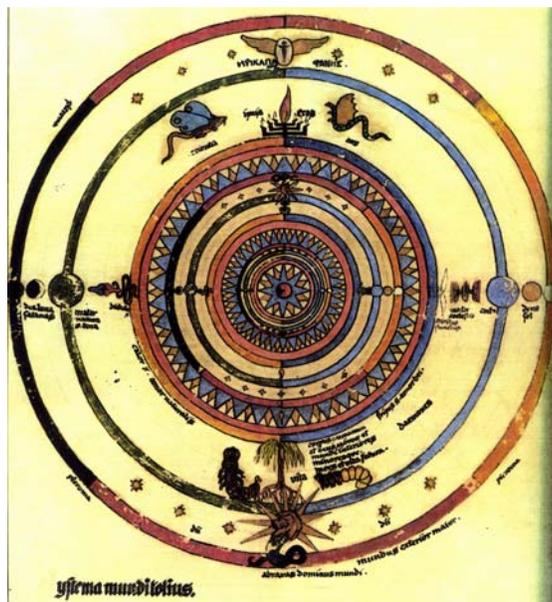


Figura 19- Primeira mandala pintada por Jung

Como já dissemos anteriormente, JUNG também utilizava desenhos com seus pacientes - FIGURA 20- se refere ao “confronto entre um jovem herói e um dragão alado, feito por uma senhora de 50 anos durante um processo depressivo” (JAFFÉ, 1979, p. 117).

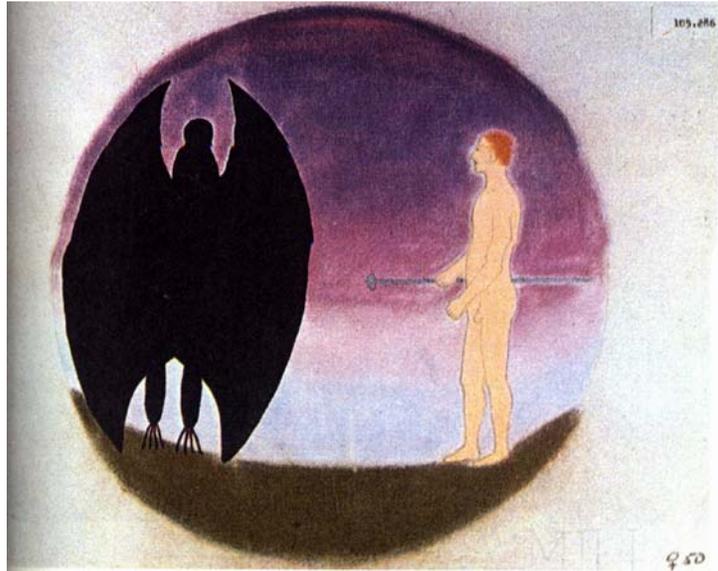


Figura 20- Desenho feito por senhora durante um processo depressivo

De acordo com ALMEIDA (1999):

Ele (JUNG) solicitava que seus pacientes desenvolvessem livremente uma imagem de sonho ou imaginação ativa e, depois, que expressassem isso por meio da dramatização, da escrita, da dança, da pintura, do desenho, da modelagem. JUNG percebeu que conjugando a imagem à ação podíamos observar o desdobramento de processos inconscientes, observar como está ocorrendo o processo de individuação, que é o eixo de sua psicologia (p. 59-60).

Sabemos que diferentes autores fazem uso de desenho. O desenho proporciona ao indivíduo a expressão e integração de seus sentimentos, por isso ele vem sendo utilizado há muito tempo como uma técnica projetiva, isto é, o

indivíduo projeta sobre o papel aquilo que ele sente, seus conflitos, medos, angústias e a imagem que tem de si mesmo (ALMEIDA, 1999).

A doença somática e sua expressão simbólica foi observada e analisada por RAMOS (1994) que também utilizou desenhos com seus pacientes.

ALMEIDA (1999) faz um apanhado de diferentes autores que estudam o desenho como técnica projetiva: LOWENFELD e BRITAIN (1970), DUARTE JÚNIOR (1988), MACHOVER (1949), OLIVEIRA (1978), MORGENSTERN (1978), ANNA FREUD (1978), OCAMPO (1981), CAMPOS (1986), KOTKOV E GOODMAN (1986), DI LEO (1987) READ (1955), SILVEIRA (1981).

Destacamos SILVEIRA (1981), pioneira com seu trabalho baseado em Jung no Brasil, apresentando casos de esquizofrênicos e psicóticos de um hospital psiquiátrico, que realizavam trabalhos num atelier de pintura sob sua responsabilidade. Segundo a autora o desenho possibilita uma distância do conteúdo invasor do inconsciente. Assim, com o uso de desenhos (entre outras técnicas expressivas) percebiam-se melhoras no quadro clínico, melhora no relacionamento interpessoal e até um interesse pelos estudos.

Na verdade, o processo artístico em si apresenta elementos que podem ser considerados terapêuticos. O acesso à subjetividade do indivíduo funciona como canal mediador entre mundo interno e mundo externo. O valor terapêutico não está na obra de arte enquanto produção final, e sim no processo artístico que expressa essa subjetividade e permite a elaboração de conflitos intrapsíquicos (GIGLIO, 1994).

Acrescentamos LEÃO (2000), que também trabalhou com desenhos como técnica projetiva numa análise de conteúdo dos mesmos e “análise dos aspectos formais”, para investigar transformações ocorridas em sujeitos perante a aposentadoria.

Relacionando o uso de desenhos com a dança, destaco o trabalho de ZIMMERMANN (1992), que utilizou o que denominou de “dança meditativa” e também associou a “dança meditativa” ao desenho livre em atendimentos, num enfoque junguiano.

ZIMMERMANN¹⁶ (1992) ALMEIDA (1999, p. 60) constatou que “a dança meditativa em associação com o desenho livre promove integração do Eu consciente com as camadas mais profundas da personalidade”; verificando, ainda, com a interpretação simbólica dos desenhos, “uma conexão entre processos interiores que até então eram inconscientes e a integração desses processos”.

ARCURI (2004) pesquisou a questão do envelhecimento, corpo, e memória. A autora utilizou um procedimento que chamou de T.E.C.T.C (técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal). Desenvolveu um trabalho corporal (por meio da dança, yoga, relaxamentos, e a calatonia de SANDOR) aliados à expressão plástica, incluindo o desenho, para avaliação dos resultados.

Outros autores, tais como BONILHA (1974), FARAH (1995), IENCARELLI (1980), MORAES (1979), SANTIS, (1976), SEIXAS (1989), WAHBA (1982), relacionam a psicologia profunda de Jung, com o trabalho corporal baseado na Psicologia Organísmica de SANDOR, a imagem corporal e o uso de desenhos. Os trabalhos desses autores também foram resumidos por ALMEIDA (1999).

No entanto, a nossa pesquisa propõe uma nova perspectiva associando o corpo com as danças circulares sagradas e o uso de desenhos.

Levaremos em consideração três importantes premissas necessárias à compreensão da linguagem dos desenhos, levantadas por FURTH (2004):

- 1- Os desenhos originam-se no mesmo *locus* em que se originam os sonhos - o inconsciente.
- 2- Os desenhos devem ser aceitos como um método válido e confiável de comunicação com o inconsciente; é fidedigno como ferramenta analítica, confiável para ajudar o paciente a crescer e se desenvolver.
- 3- Na interpretação dos desenhos, supõe-se que mente e corpo estão interligados e, nesta conexão, se comunicam e cooperam entre si o tempo todo.

¹⁶ALMEIDA, L. H. H. *A psicologia organísmica, a psicologia junguiana e a utilização de desenhos: uma reflexão para a educação física*. Rio Claro, 1999. (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual Paulista).

FURTH (2004) afirma que os desenhos têm a mesma eficácia que os sonhos, enquanto fonte de informação psíquica, pois permitem a interação de áreas não manifestas ou reprimidas.

Este autor também ressalta que a realidade das imagens tem um lugar importante na concepção junguiana e observa que existe uma “ligação direta” entre a consciência e o inconsciente: o inconsciente “fala” por meio de um desenho até sobre “anomalias potenciais que a mente consciente não está preparada para encarar ou não consegue compreender” (p. 25).

Para este autor, o efeito catártico do desenho permite que o símbolo dê uma nova direção à energia psíquica interna, e ajude no processo de cura.

3.15- O corpo e a religiosidade: uma proposta de integração na saúde mental

O mesmo gesto-artístico cultural integrava magia, ciência e religião primordialmente. Estas vão se diferenciando em campos distintos do conhecimento com o desenvolver da civilização ocidental.

(Liomar Quintino de Andrade - A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia).

ALEXANDER afirmou numa entrevista a BARSIN (1984) que podemos experimentar a realidade espiritual em nosso corpo e sua conexão com a parte espiritual do universo, ao percebermos no nosso corpo a manifestação da Criação Espiritual.

Por meio de nosso corpo, de seus sentidos, nos localizamos no mundo.

Para STEINER (1988) o homem possui 12 sentidos: sentido do tato, sentido do eu, sentido do pensamento, sentido da linguagem, sentido da audição, sentido do calor, sentido da visão, sentido do paladar, sentido do olfato, sentido do equilíbrio, sentido do movimento, sentido para percepção da harmonia vital de

nosso corpo, que é o sentido da vida. Por meio deles e de maneira misteriosa o homem se liga ao mundo.

Encontramos idéia semelhante em MORAIS (1992): “Nossos corpos são, antes de tudo, o nosso primeiro e mais fundamental mistério. Somos e não temos um corpo... E o corpo apresenta claramente uma consciência e uma sabedoria que não precisam de raciocínios” (p. 80).

Para STEINER (1988) a doença é um problema espiritual - o que ocorre no organismo nada mais é do que a consequência do que ocorreu nos planos superiores anteriormente; curar é reconciliar estes planos. Segundo este autor, os primórdios da profissão médica encontravam-se no campo religioso. O médico era o mediador entre espírito e matéria, entre o mundo terreno e o divino, e o administrador das forças curativas que tinham uma origem divina.

A idéia de doença, de cura e o papel do curador foi-se modificando ao longo dos tempos.

Para o homem primitivo, subjugado pelas forças da natureza, o que explicava a sua realidade era o invisível e não o material. Almas e espíritos animavam todas as coisas vivas da natureza, isto é, todas as coisas tinham alma; chamamos isto de animismo ou filosofia animista (SHELDRAKE, 1993). Havia uma “totalidade”: o homem e a natureza eram um só. O transcendente encontrava-se na natureza e a medicina respeitava o espiritual.

O curador - o xamã, o curandeiro, mago - que era o homem da medicina, mediava o cosmos e o doente. O curador tinha mais uma atitude de supervisão dos acontecimentos, pois a cura vinha dos céus, dos deuses (GARRISON, 1966).

Os sumérios, assírios, caldeus, persas, babilônicos começam a descrever uma classificação e terapêutica para as doenças e usavam a inspeção das vísceras, urina e fígado para prever o futuro. Existem modelos em terracota datados de aproximadamente 3000 anos com inscrições proféticas. A astrologia, os eventos da natureza, meteorológicos e astronômicos, eram considerados no diagnóstico e prognóstico das doenças em 1185 a.C. (GARRISON, 1966).

Entre os hindus, no documento mais antigo de que se tem conhecimento em sânscrito - Rig Veda: 1500 a.C. - o tratamento consistia num encantamento contra os demônios da enfermidade. Em 437 a 137 a.C. têm-se registro sobre hospitais para a cura, não conheciam muito a anatomia, e o diagnóstico compreendia a inspeção, a palpação, a auscultação e o uso de sentidos especiais, pois as doenças eram classificadas em naturais e sobrenaturais (GARRISON, 1966).

Em 600 a.C. a massagem e a acupuntura eram praticadas por japoneses e chineses. Na China se conhecem 10.000 variedades de febre e 14 tipos de diarreia. O uso de ervas, raízes e plantas alucinógenas para a cura, a teoria de demônios diferentes atuando nas enfermidades e a adoração aos ancestrais (GARRISON, 1966) parece ser de difícil compreensão para a medicina ocidental até hoje (observação nossa).

A medicina persa, a hindu, e a judia são muito semelhantes; em todas havia cultos para as curas.

Especialmente na medicina judia, a enfermidade também era considerada uma ira de Deus. Os sacerdotes atuavam como médicos, e consideravam muito a questão sanitária nas doenças contagiosas.

Os antigos hebreus são os fundadores da profilaxia. Tinham um código muito definido de ritual e de culto para higiene e limpeza, principalmente com os alimentos, para as mulheres após o parto, e no período menstrual. Na Bíblia há relatos sobre a lepra, a praga de Baal-Peor (Números, XXV, 9), e a praga depois de se comer perdizes (Números XI, 31-33), entre outras (GARRISON, 1966).

A noção de equilíbrio como uma “proporção justa ou adequada” foi desenvolvida por Alcmeon. Contemporâneo de Pitágoras (580 - 489 a.C.), ele trouxe contribuições para a chamada *medicina holística* (*holos*=pleno, integral). Alcmeon propunha a existência de uma vida saudável por meio da meditação, adequação da dieta, e da moderação em tudo (BARROS, 2002).

O Talmud incorpora este conhecimento médico antigo (370 - 427 a.C.); neste livro verifica-se que o sangue é considerado o princípio vital, que a alma e o coração são essenciais à vida, e a respiração é comparada a uma combustão que alimenta todo o corpo. Regras cuidadosas com relação à higiene e nutrição são observadas, principalmente com os recém-nascidos (GARRISON, 1966).

As civilizações hindu, chinesa, egípcia, babilônica, caldeia, persa, grega antiga tinham uma mesma linha de pensamento: o curador tinha habilidades com as ervas, com a música, com a terapia verbal (o poder da palavra e da sugestão) e deveriam, portanto, responder à busca espiritual do homem e à sua saúde (RAMOS, 1994).

Podemos observar que a doença era encarada como consequência de uma violação ou de uma ofensa aos deuses, e a cura envolvia também o arrependimento e o sacrifício. Havia rituais para aplacar a ira dos deuses, que envolviam o curador que era o conhecedor de benzimentos, das propriedades medicinais das ervas, de cantos e muitas vezes das danças para se obter a cura da pessoa doente.

A canção e as danças com poder de cura, podem ser encontradas em BURKERT (1992) que cita Aristide Quintiliano, musicólogo:

É a finalidade da iniciação báquica, que a ansiedade depressiva [ptoiesis] de pessoas menos cultas, provocada por suas condições de vida ou por alguma desventura, seja afastada com as melodias e danças do ritual, de maneira alegre e divertida... Seria, então, uma forma de psicoterapia compatível até com as mais recentes correntes atuais (p.122).

Acreditava-se que nestes rituais de cura havia uma intercessão divina, que tomava conta, possuía de certa forma a alma do doente.

EURÍPEDES¹⁷ (1992) afirma que:

Os bacantes provocam a simpatia das almas com os rituais [dromena] de uma maneira que para nós é ininteligível, e divina, de modo que alguns iniciantes são tomados de pânico, enchendo-se de temor divino; outros se identificam com os símbolos sagrados, abandonam suas identidades, ficam à vontade com os deuses e vivem a experiência da possessão divina (p.122).

BURKERT (1992) considera ainda:

... as reações aqui descritas não são idênticas, mas variam entre a perplexidade e a exaltação, indica que não é uma livre especulação baseada em postulados, mas uma descrição de algo que foi observado: sympatheia das almas e rituais, alguma forma de ressonância que não ocorre em todos os casos, mas que, uma vez ali, abalará profundamente ou mesmo estilhaçará as imagens da realidade. Ignorando o ritual e incapazes de reproduzi-lo, não temos como recriar essa experiência, mas podemos reconhecer

que ela estava ali. Havia uma possibilidade de 'se reunir ao thiasos com a alma", thiasesthai psychan, e isso significava felicidade' (p. 122).

Platão (429 - 347 a.C.), em alusão aos modelos médicos em seu "Diálogos", dizia que todos os males do corpo em geral vinham da alma, e esta deveria ser tratada para os males do corpo serem curados, com fórmulas de magia e argumentos, para que trouxessem a temperança. Com isso a saúde seria restabelecida. Platão afirmava que o grande erro no tratamento do corpo humano é o médico separar a alma do corpo (RAMOS, 1994). Acredito que aqui se encontram os primórdios da psicologia e da psiquiatria.

¹⁷EURÍPEDES, *apud* BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

O termo “terapia” é empregado por Platão em seu diálogo com Êutifrom significando cuidado, benefício prestado por um especialista que resulta numa melhora daquele que o recebe, que implica em uma mudança para um estado melhor. Cuidado em grego se diz “therapeía”, em latim “cura”, que em português tem o sentido médico de restabelecer a saúde, e envolve também outras palavras que significam tirar o grau máximo de excelência: “curar o queijo, a madeira”; escolher obras e dispô-las de maneira adequada; “curador”: proteção dos mais frágeis: “curatela”; enfim ações para melhorar, proteger, obtendo uma transformação (MEZAN, 1996, p. 98).

PLATÃO¹⁸ (s/d) diz que “ a dança modera o temor, a melancolia - deixando o corpo mais flexível, ligeiro e dócil; a cólera e a alegria temperando suas arrebatamentos por meio de movimentos melhor ordenados” (p.22).

Concluimos que na Antiguidade eram reconhecidas as propriedades curativas e terapêuticas da dança e da música que foram, por muito tempo, inseparáveis da medicina e da arte de curar (GAETNER, 1981, p. 53). A música com sua energia, cria tensões e ajuda na elaboração e mobilização afetiva; a dança é uma manifestação corporal desta energia... que permite aos pacientes chegarem a uma estruturação espaço-temporal suscitando uma nova construção de seu estado (GAETNER, 1981, p. 58).

O pensamento médico começa a se modificar, quando o foco de interesse deixa de ser das forças sobrenaturais sobre o portador da doença, passando, gradativamente, a ser vista como um fenômeno natural. Esse enfoque, que BARROS (2002) designa como *medicina empírico-racional*, teve seus primórdios no Egito (há papiros com fragmentos de textos médicos que datam de 3.000 a.C., segundo este autor).

Os egípcios estabilizavam fraturas em 2.750 a.C, faziam cirurgias em 2.500 a.C. na cabeça, no tórax, faziam alguns diagnósticos, prognósticos e tratamentos. George Ebers, em Tebas, em 1872 a.C., encontrou o que ficou conhecido como “papiro de Ebers” (datado de 1550 a.C. aproximadamente), o qual

¹⁸ PLATÃO, *apud* LIFAR, S. **La Danza**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, s/d.

ele acreditava ser um dos livros sagrados perdido - O Livro Hermético de Thot (Hermes Trimegistus), deus da medicina (como Apolo na Grécia) (GARRISON , 1966).

A religiosidade permanece no direcionamento de determinados deuses para a cura: Apolo com suas flechas trazia as epidemias e pragas para a humanidade, mas podia curá-las também, bem como Esculápio. Havia os templos para a cura como os de Cós, Epidauro, Cnido, Pérgamo, e Delfos, onde os pacientes eram purificados com banhos, massagens e onde muitas vezes permaneciam, para que seus sonhos e dos médicos-sacerdotes que deles cuidavam fossem interpretados.

O paciente era levado até a parte mais interna do templo chamada ábaton, e aguardava seu sonho de cura onde o próprio deus Apolo tocava a parte doente efetuando a cura; o deus muitas vezes aparecia na forma de uma serpente, que simbolizava a renovação da vida. O bastão de Esculápio possui uma serpente enrolada em torno de si, simbolizando transcendência e renascimento (GROESBECK, 1983).

A serpente era considerada sagrada e protetora da cura não só para os gregos, como também para os egípcios, os cretenses, os hindus, e os judeus.

Na Grécia clássica, os quatro elementos, o fogo, a água, a terra, e o ar, estão presentes na teoria dos humores de Hipócrates (460-377 a.C.). Para Hipócrates a bile amarela, bile negra, sangue e fleuma, respectivamente, fogo, terra, água, e ar são humores que predominariam em determinada estação do ano, isto é, verão (bile amarela), outono (bile negra), primavera (sangue) e inverno (fleuma). Estes humores influenciam o temperamento das pessoas que variavam entre o colérico, raivoso (irado), melancólico, fleumático.

Nesta cultura o coração era a sede da alma, contudo respectivamente havia também uma atitude mais racional, orientada para a causalidade: os métodos de observação e tratamento, começavam a ser valorizados (RAMOS, 1994).

A teoria dos humores sobrevive nos dias de hoje em algumas correntes do pensamento médico oriental: medicina tradicional tibetana ou da medicina ayurvédica e unani indianas (BARROS, 2002).

A medicina grega emigra para Roma. A característica da medicina romana são as termas, os progressos higiênicos, casas ventiladas e com calefação, os aquedutos, o cuidado com os alimentos como parte do culto a Vesta e Juturna. O período antigo da medicina se encerra com Galeno, que foi o fundador da fisiologia experimental e da farmácia (GARRISON, 1966).

Galeno (122-199 d.C.) parte dos pressupostos hipocráticos e faz avanços significativos nas concepções diagnóstico-terapêuticas. Suas idéias predominaram por 14 séculos, isto é, por quase toda a Idade Média. Anatomista, fisiólogo e terapeuta, Galeno realiza uma síntese do conhecimento médico existente fazendo-o avançar no contexto do Império Romano e da expansão do cristianismo. Suas referências quanto ao potencial curativo e venenoso dos medicamentos, a ênfase ao uso dos medicamentos fitoterápicos, são até hoje consideradas. O enfoque galênico transformou-se num dogma, impermeável à incorporação de novas descobertas surgidas nos séculos XV e XVI (BARROS, 2002).

Durante o período bizantino (476-732 d.C.), os padres da Igreja, dos quais muitos eram médicos, contribuíram para a descrição e terapêutica de epidemias como varíola e difteria (GARRISON, 1966).

Na Idade Média destacamos: Avicena - Ibu Sina - (980-1037) com seus tratados anatômicos; e que também prescrevia o vinho para curar feridas; Averroés, primeiro parasitólogo (1126-1198) que propôs um mundo que se renova constantemente e que chamava de evolução emergente. Acreditava na absorção da alma e da natureza humana pela natureza universal na hora da morte, o que o levou a ser perseguido (GARRISON, 1966).

O evento notável da medicina medieval foi a organização de hospitais para enfermos, que teve sua origem nos ensinamentos cristãos, levando as ordens religiosas a abraçarem a causa da saúde: os hospitaleiros, as irmãs de

Santa Catarina, os seguidores de Santa Isabel da Hungria, a ordem de São João de Jerusalém entre outras, que mais tarde influenciaram a criação das Santas Casas (GARRISON, 1966).

De acordo com BARROS (2002), Paracelso (1493-1541) representa a transição entre a escola galênica e o modelo biomédico. Paracelso acreditava numa ordem que organizava o micro e o macrocosmo, ambos dirigidos por um princípio vital: *archeus*. Paracelso identificava influências cósmicas e telúricas, substâncias tóxicas e venenosas, para a determinação da doença, bem como da predisposição do próprio organismo e das motivações psíquicas (grifo da autora). Paracelso dizia que o médico deve estar imbuído de compaixão e amor, não menos do que Deus direciona aos homens.

Para JUNG (1985), o fator psíquico começa a ser levado em consideração nas doenças a partir de Paracelso. Segundo este autor, Paracelso vê “a alma não mais como um apêndice do corpo, mas a matéria animada pela psique... modificando a concepção da natureza da doença e da essência da vida em si mesma” (p. 9, parágr. 17). Acreditando que Paracelso era um espírito típico de uma época de transição, Jung afirma que o fato dele ser filho ilegítimo de um médico, levou-o a perceber a influência psíquica do ambiente, principalmente nas crianças, especialmente “a vida não vivida dos pais” (JUNG, 1985, p. 2, parágr. 4).

JUNG (1985) lembra-nos também da relação de Paracelso com a religiosidade: ... “e deverá o médico falar de Deus, a *theórica médica* é uma religio médica... Médico e remédio são caridade dada aos necessitados por Deus... O médico é o instrumento por cujo intermédio a natureza é levada à obra” (p. 25-26, parágr. 41-42).

Os séculos XVI e XVII se caracterizam pelas buscas científicas individuais e pelas grandes descobertas que influenciam a medicina, bem como as descobertas das patologias, do funcionamento de cada órgão, da farmacologia. O organismo humano passa a ser considerado como uma máquina com funções específicas e funcionamento puramente mecânico (GARRISON , 1966).

Mas ainda prevalece uma concepção religiosa de fundamentação católica, na qual muitas vezes o pecado foi considerado fonte e origem das enfermidades, Lúcifer era o senhor do mal, e as doenças castigos, provações ou avisos de Deus. Tanto na medicina ibérica como na brasileira, o fator religioso pedindo a proteção dos santos para a cura alastrou-se. Sendo assim invocava-se Santa Luzia e Santa Odília para as afecções oculares, Santa Ágata nos males pulmonares, São Brás na Garganta (ou mesmo quando se engasga), Santa Apolônia nas dores de dentes, São Benedito nas mordeduras de cobras, Santo Amaro nas ulcerações e mutilações, São Lázaro na lepra, São Sebastião e São Roque nas pestes, São Bartolomeu e São Ciríaco nas afecções nervosas e na possessão demoníaca, São Miguel no Câncer, São Libório para os rins e cálculos renais, São Tomé nas verminoses, Santo Erasmo nas cólicas abdominais, Santa Margarida e Nossa Senhora do Bom Parto às parturientes (SANTOS FILHO, 1976).

No seu *Discurso do Método*, René Descartes (1596-1650) começa a fundamentar o enfoque sobre o conhecimento e “que persistem hegemônicos no raciocínio médico ainda hoje”: (1) busca das evidências que possam ser aceitas como verdades absolutas; (2) cada dificuldade deveria ser examinada em tantas partes quanto possíveis para solucioná-la; (3) pensamento ordenado do mais simples para o conhecimento mais complexo; (4) efetuar uma revisão exaustiva dos argumentos para que nada seja omitido (BARROS, 2002).

O século XVIII caracterizou-se pela teoria e sistemas (GARRISON, 1966), com o modelo cartesiano do “dualismo mente-corpo” que ao mesmo tempo promovia o pensamento científico, e sacrificava a compreensão mais global do homem. Com uma ênfase pura na razão, no intelecto, a ciência vai se separando da religião, da fé, do misticismo e de crenças (RAMOS, 1994).

Na primeira metade do século XIX, o modelo romântico, com a doença sendo um estado causado por diferentes fatores biológicos, morais psicológicos e espirituais ganham força, integrando-se novamente a “arte, a ciência e a religião... A psiquiatria se incorpora à medicina, os fatores psicológicos tornam-se importantes e surge o termo “psicossomática” (RAMOS, 1994, p. 22-23).

Podemos assinalar aqui também a homeopatia de Hanemann (1755-1843), na qual o homem como um todo, um ser integral, e o princípio holístico são considerados. Para Hanemann as doenças são “transtornos imateriais (dinâmicos) da força imaterial (o princípio vital, a força vital) que anima o corpo humano... e a cura se opera quanto mais força vital ainda prevalecer no doente” (HANEMANN, 1984, p. xxxv). De acordo com este autor, os transtornos ocorrem da desarmonia na energia ou força vital. O processo de cura advém do equilíbrio desta energia.

Hanemann considera também o espiritual para que haja harmonia em nosso ser:

No estado de saúde, a força vital imaterial (autocrasia) que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender os mais altos fins de nossa existência (HANEMANN, 1984, p. 5, parágr. 9).

Houve na segunda metade do século XIX um grande progresso na química, na biologia, e, conseqüentemente, na medicina. (GARRISON, 1966). Este “modelo biomédico, reducionista, de abordagem da saúde e da doença na vida dos indivíduos”, resultou na medicalização... O modelo biomédico estimula o “distanciamento objetivo”, a separação entre o observador e o objeto observado, esquecendo-se da interação médico-paciente como fundamental para o sucesso terapêutico. “A intensificação da divisão do indivíduo em *pedaços* contribui sobremaneira para dificultar a valorização do *todo*” (BARROS, 2002).

O século XX tem como tônica a medicina preventiva, avanços sobre a nutrição, o metabolismo, a endocrinologia, a psiquiatria, a psicologia, a farmacologia, a radiologia, a quimioterapia, entre tantas outras áreas existentes.

Mas a objetificação, a mensuração e descrição das doenças, o desenvolvimento da tecnologia, a padronização, leva a uma visão fragmentada de homem, e leva novamente a uma desvalorização do psicológico na medicina tradicional (RAMOS, 1994). Também a religiosidade e questões espirituais costumam ser negligenciadas.

Até mesmo num “setting terapêutico” considerar e lidar com as manifestações de religiosidade dos pacientes, de certa maneira, não são encaradas com a devida consideração. É o que aponta a pesquisa de GIGLIO E GIGLIO (2004):

Partindo da concepção junguiana de que o desenvolvimento espiritual seja um aspecto do processo de transformação implicado na Individuação, e da importância da religiosidade no campo do desenvolvimento da personalidade, da saúde mental e mesmo da saúde em geral... (consideramos) o Transcendente (como) aquela esfera que excede o lugar cotidiano da vida humana... O transcendente é o que tão bem Rudolf Otto e Jung chamam de *numinosus*, é a companhia misteriosa que tem instigado as reflexões humanas desde o advento da consciência e, mais do que isto, tem um poder inegável de mobilizar nossa esfera afetiva. As Religiões... interessam à Psicologia na medida em que exercem um certo determinismo sobre o sujeito, oferecendo-lhe representações, contendo-o ou forçando-o a exceder-se, ajudando-o a sentir-se mais realizado, mais apto a lidar com as dificuldades de sua vida ou, ao contrário, impotente, miserável, vulnerável, culpado... Os terapeutas freqüentemente defrontam-se com a problemática do transcendental na vida das pessoas que atendem, e... quando o referencial teórico do terapeuta admite a espiritualidade em si mesma, como uma dimensão específica, manifestações relacionadas com religiosidade aparecem com maior freqüência. Reconhecemos que os profissionais de Saúde Mental não são preparados para lidar com a espiritualidade, portanto se não buscaram uma formação específica, não lhes resta senão ignorar essa problemática ou atribuir-lhe um outro significado (p. 445-454).

Percebemos que com a evolução da Medicina, a conexão espiritual, a alma a religiosidade das pessoas, a religiosidade nos processo de cura deixaram de ser considerados. Passa-se a valorizar exclusivamente a experimentação, a padronização, a normatização dos procedimentos, o desenvolvimento de técnicas.

As descobertas no âmbito da biologia celular e molecular parecem ter confirmado a idéia de que “a chave de todo o conhecimento médico está nas ciências experimentais”. Assim sendo, verificamos um processo de supervalorização das ciências biológicas, de uma crescente super-especialização, e um aumento dos meios tecnológicos no desenvolvimento da medicina nestas últimas décadas, “que trouxe como conseqüência mais visível, a ‘desumanização’ do médico”. O médico transformou-se num técnico, conhecedor de exames complexos, um alto especialista, muitas vezes ignorante dos aspectos humanos presentes no paciente que assiste, em função de uma formação cada vez mais especializada e das transformações nas condições sociais de trabalho que tenderam a proletarizar o médico (GALLIAN, 2000).

Tem-se a impressão de que as ciências humanas - a história, a filosofia e a literatura - não têm mais nada a dizer à medicina, a não ser louvar as suas lutas e conquistas e relatar a sua tremenda evolução (GALLIAN, 2000).

São poucas as pessoas que estão conscientes de que “a ciência e a tecnologia não podem resolver todos os problemas da humanidade... Parece ser necessária uma reflexão histórico-filosófica para que se possa reumanizar a medicina e as ciências da saúde em geral” (GALLIAN, 2000).

A medicina deverá se redirecionar com um enfoque maior sobre o indivíduo, reforçando a prática médica como arte e como ciência (GODOY, 2004).

Acreditamos, portanto, que a Medicina deveria buscar novamente este elo com a religiosidade, com a concepção espiritual do mundo, que traz em si a capacidade de sentir e a reconciliação com a fé. Adoece também o homem que negligencia sua vida espiritual. A doença seria uma oportunidade de reflexão, de uma nova educação, uma nova postura frente à vida, uma iniciação.

Buscando Fílon de Alexandria, lembramos que os terapeutas eram também iniciadores: “Além de curar, podeis também iniciar no sentido da vida e do sofrimento os que estiverem doentes ou sofrendo” (LELOUP, 1997, p. 72).

Já salientamos anteriormente que os gestos e a sensibilidade adquirem enorme importância na obra de Steiner; para quem, por meio deles (gestos e sensibilidade) podemos fazer uma “higiene da alma”, ressurgindo uma espécie de cura do ser anímico.

Este autor menciona que alguns sacerdotes, em alguns rituais cúlticos, enviavam suas mensagens para “seres mais elevados” por meio de gestos, e não de palavras. A palavra em alguns momentos era silenciada e havia o gesto. Depois a palavra era retomada, referindo-se ainda ao poder da palavra, e também ao que é impronunciável (STEINER, 1988b, p. 54).

Acreditamos que a Psicologia, e a Psiquiatria, necessitam voltar-se para estas questões, abrindo seus horizontes e maneiras de atuar. Alguns terapeutas têm manifestado interesse nessa área. Talvez porque desde a época de Fílon de Alexandria - “Therapeutes” provinha de dois sentidos do verbo: servir, cuidar, render culto; e tratar, sarar. Ainda eram eles conhecidos como “ministros das coisas santas e das coisas sagradas” (LELOUP, 1996, p. 24).

Esses terapeutas, na época de Fílon cuidavam do corpo “animado”:

Cuidar do corpo de alguém é prestar atenção ao sopro que o anima... Nossa vida depende de um sopro, o Terapeuta cuida desse sopro que informa o corpo. Curar alguém é fazê-lo respirar: ‘pôr o seu sopro ao largo’ (sentido da palavra salvação em hebraico), e observar todas as tensões, bloqueios e obstruções, que impedem a livre circulação do ar (sopro), ou seja, a plena expansão da alma num corpo. Caberá ao terapeuta a função de ‘desatar’ esses nós da alma, esses obstáculos à Vida e à Inteligência Criadora no corpo animado do ser humano (LELOUP, 1996, p. 70-71).

Segundo ELIADE, por meio do estudo das tradições religiosas, o homem moderno pode reencontrar um comportamento arcaico, e tomar consciência da riqueza espiritual presente nele. Ouso afirmar que o mesmo se pode dar na compreensão e estudos dos gestos e significados presentes nas danças circulares sagradas, arquetípicos e que, por isso, sobrevivem no decorrer dos séculos. Ao reviver estes arquétipos o homem “se realiza como ser integral, universal”, e... reencontra “o simbolismo de seu corpo, que é um antropocosmos” (ELIADE, 1991, p. 32).

Este homem, voltado a se perceber como um “antropocosmos”, acredita, sabe, e sente uma “sintonia” entre ele mesmo - homem - e o cosmos. Lembremos que tudo para o homem “arcaico” está carregado de simbolismo espiritual em consonância com o cosmos. O homem traz o cosmos dentro de si, com os mesmos padrões rítmicos - do sono, do dia e da noite, das estações do ano e respeita em si mesmo e no cosmos os arquétipos presentes. Quando o homem está em sintonia com o cosmos, possivelmente os arquétipos podem se manifestar mais facilmente.

Poderemos observar isto em alguns relatos de pessoas que participaram deste trabalho. Trataremos posteriormente desta questão.

3.16- Uma palavra sobre qualidade de vida

O Terapeuta não é uma ‘pessoa de quem se supõe saber’, mas uma ‘pessoa de quem se supõe que saiba escutar’. Toda sua formação consistirá portanto nesse difícil aprendizado da Escuta:... escutar a natureza, decifrar a árvore, a nuvem, o movimento dos astros no céu, para melhor ouvir o Logos que informará todas as coisas e que está no princípio da criação... de ‘atenção àquilo que é’, quer seja na Natureza, nas Escrituras (as Leis Sagradas) ou

*nos movimentos mais ou menos bem ordenados
da inteligência e do coração... Escutar é o
começo da saúde mental; é também o começo
da Salvação*

(Cuidar do Ser – Jean-Yves Leloup).

A tentativa de avaliação acerca da qualidade de vida das pessoas era uma preocupação de pesquisas na área de sociologia até os anos 70. A dificuldade na definição e na elaboração de um conceito fez com que novos estudos e tentativas de mensuração fossem iniciados mais tarde, também na área médica. A primeira escala foi publicada em 1937, em Nova York, pelo Departamento de Assistência Social. Posteriormente, outras escalas foram desenvolvidas e validadas, todas originárias das ciências sociais (PRUTKIN e FEISTEIN, 2002).

Podemos perceber que o termo qualidade de vida não era usado de uma maneira uniforme pelos cientistas.

Os conceitos sobre qualidade de vida partem de uma definição bastante abrangente com relação à riqueza, padrão de vida e bem-estar, e podem ser considerados, até então, uma variante do conceito amplo de bem-estar. Contudo, envolvem outros conceitos multidimensionais, tangíveis e intangíveis, objetivos e subjetivos, individuais e coletivos (NOLL, 1999, GÖSSWEINER, V. et al., 2001)¹⁹.

Também para ZAPF (1987, GÖSSWEINER, V. et al., 2001)²⁰, o conceito de qualidade de vida apresenta um caráter multidimensional, envolvendo correlação com nível de condições individuais de vida e componentes do bem estar que são subjetivos, necessidades de segurança (renda, educação, saúde,

¹⁹GÖSSWEINER, V; PFEIFER, C.; RICHTER, R. **Quality of life and social quality**. Osterreichische institut für familienforschung (OIF). 12:2-5, 2001.

²⁰GÖSSWEINER, V; PFEIFER, C.; RICHTER, R. **Quality of life and social quality**. Osterreichische institut für familienforschung (OIF). 12:2-5, 2001.

acomodação, salário), necessidades sociais (amor, ligações familiares, contatos sociais, participação social e política), incluindo ainda, esperança, medo, felicidade, solidão, preocupação, competências.

Na Europa, diferentes pesquisas e publicações sobre qualidade de vida se concentram nos aspectos de trabalho, sobre a situação de cada país na comunidade europeia, focando os problemas dos idosos e de pessoas deficientes, da tecnologia e do meio ambiente. Os estudos envolvem diferentes áreas como medicina, psicologia, e educação, com indicações objetivas e subjetivas para a análise em qualidade de vida, que também envolve o conceito de bem-estar.

No Canadá, o termo qualidade de vida é exclusivo da área médica com a indicação de fatores objetivos e subjetivos para sua análise (GÖSSWEINER, V; et al., 2001).

Nos Estados Unidos, a atual discussão e análise sobre qualidade de vida é prioridade na medicina, com a observação de fatores mais objetivos e testes específicos para esta avaliação (GÖSSWEINER, V; et al., 2001).

O termo qualidade de vida aparece pela primeira vez na literatura médica em 1966, nos Estados Unidos. A partir de 1974, o conceito e a mensuração acerca de qualidade de vida, começam a ser mais estudados nesta área. PRUTKIN e FEISTEIN (2002) apresentam todo um histórico sobre o assunto.

A partir da década de 70, a avaliação da qualidade de vida vai-se tornando uma disciplina formal, com uma estrutura teórica coesa, métodos consagrados e diversas aplicações. Nestes últimos anos, a qualidade de vida vem-se tornando cada vez mais popular como uma variável útil para determinar “o impacto global das doenças e dos tratamentos médicos a partir da perspectiva do paciente” (BERLIM e FLECK, 2003).

Alguns estudos mostraram que os pacientes procuram um médico, na maioria das vezes, mais quando sentem que sua condição de saúde está afetando sua vida, do que pelos sintomas de uma doença em si. Também o submeter-se ao

tratamento subsequente, depende se o paciente considera que sua condição possa melhorar, ou não. Isto nos leva a deduzir que para o paciente as intervenções para tornar sua vida mais confortável são tão importantes ou até mais importantes que a cura em si mesma (BERLIM e FLECK, 2003).

Porém, o termo qualidade de vida é um conceito novo na pesquisa e prática dentro da psiquiatria e da psicologia.

De acordo com BERLIM e FLECK (2003), uma boa proposta de definição sobre qualidade de vida iniciou-se em 1991, quando um grupo de pesquisadores da Organização Mundial de Saúde (WHO) partiu para o desenvolvimento de uma definição unificadora e transcultural de qualidade de vida. Estes pesquisadores conceberam-na como "a percepção que um indivíduo tem de sua posição na vida, dentro do contexto cultural e sistema de valores no qual vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, parâmetros e relações sociais" (BERLIM e FLECK, 2003, p. 1).

No entanto, percebe-se que qualidade de vida é um conceito amplo e afetado de maneira complexa pela saúde física da pessoa, por seu estado psicológico, por seu nível de independência, seus relacionamentos sociais e o relacionamento com seu ambiente (BERLIM e FLECK, 2003).

Estes autores fazem uma revisão dos instrumentos mais usados para a avaliação em qualidade de vida, até se chegar ao WHOQOL - World Health Organization's Quality of Life Instrument: o Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde - OMS (WHOQOL-100).

O WHOQOL-100 foi elaborado pelo "WHOQOL GROUP" com a realização de um estudo piloto colaborativo, multicêntrico, em 15 cidades: Melbourne (Austrália), Zagreb (Croácia), Paris (França), Nova Delhi (Índia), Madras (Índia), Beer-Sheeva (Israel), Tóquio (Japão), Tilburg (Holanda), Panamá (Panamá), São Petersburgo (Rússia), Barcelona (Espanha), Bangkok (Tailândia), Bath (Reino Unido), Seattle (EUA) e Harara (Zimbawe) (WHOQOL GROUP, 1995).

O WHOQOL-100, versão brasileira, teve sua adaptação feita à nossa população por FLECK et al., (1999), de acordo com os seguintes passos: 1) Tradução, 2) Revisão por painel, 3) Grupos locais com a comunidade, em quatro grupos diferentes, 4) Incorporação das sugestões, 5) Retrotradução e 6) Reavaliação da retrotradução (FLECK et al., 1999a, 1999b).

O WHOQOL 100 mostrou um bom desempenho psicométrico, com características “satisfatórias de consistência interna, validade discriminante, validade de critério, validade concorrente e fidedignidade teste-reteste”, e em condições de ser usado no Brasil (FLECK, M. P. A.; et al., 1999b, p. 2), o que determinou a escolha deste teste para nossa pesquisa.

CERCHIARI (2004) realizou um estudo com 558 estudantes universitários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que teve como objetivo (entre outros) investigar a qualidade de vida de estudantes universitários, verificar a estabilidade da estrutura e a validade fatorial do WHOQOL-100. A autora também concluiu que o WHOQOL-100 é um instrumento capaz de avaliar a qualidade de vida em diferentes culturas e subpopulações.

O WHOQOL-100 possui seis domínios para avaliação: psicológico, físico, nível de independência, relações sociais, ambiente e espiritualidade. Exploraremos melhor esta questão na análise dos dados.

3.17- Arquétipo e símbolo

*O objetivo de toda a psicologia de Jung é
nos tornar acessível esse poder de curar que
reside no nosso inconsciente*

*(Lawrence W. Jaffé - Libertando o
Coração).*

Conforme já dissemos anteriormente, os arquétipos fazem parte do inconsciente coletivo, são formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular (JUNG, 1991), representam um padrão de comportamento com uma índole específica, potencialidades latentes e que só podem ser reconhecidos pelo seu efeito - que são as imagens arquetípicas (JACOBI, 1991).

O arquétipo possui um dinamismo próprio que determina o comportamento humano de maneira inconsciente, independentemente da experiência individual, exercendo sobre o indivíduo uma pressão que sempre vem acompanhada de um componente emocional, isto é, aliado à constelação arquetípica (manifestação de um arquétipo) há uma comoção que pode modificar pulsões e afetividade na personalidade (NEUMANN, 1996).

Os arquétipos têm um caráter “numinoso... espiritual... mágico... este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. Pode ter um efeito curativo ou destruidor, mas jamais indiferente” (JUNG, 1991, p. 210).

Este caráter “numinoso” como já citamos anteriormente, era vivenciado pela consciência do homem primitivo, como fascinante, terrível, avassalador, com um “caráter transpessoal e divino” (NEUMANN, 1996, p. 21).

Os arquétipos propagam-se pela tradição, linguagem e migração, mas podem também aparecer espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem que haja qualquer tipo de transmissão externa. São uma espécie de ‘prontidão viva’ que influenciam a maneira de pensar, sentir e atuar, inconscientemente. Possuem uma dinâmica, uma numinosidade, expressa na fascinação que a imagem arquetípica exerce sobre a consciência, sobre o estado emocional das pessoas (JACOBI, 1991).

Quando o arquétipo pode ser percebido, verificado, no aqui e agora, no espaço e no tempo, de uma maneira consciente estamos falando de um símbolo: “os símbolos são a visibilidade manifesta do arquétipo, correspondendo à invisibilidade latente do mesmo” (NEUMANN, 1996, p. 22).

O símbolo não é inventado conscientemente, ele aparece, e por trás dele (se podemos assim nos expressar) encontra-se o arquétipo, que é inconsciente. O símbolo atua como mediador entre o consciente e o inconsciente, entre o oculto e o revelado, entre o ego e o self, e sua riqueza se dirige tanto ao pensamento quanto ao sentimento, estimula a sensibilidade e a intuição, ele atua na nossa totalidade a um só tempo, de certa maneira, “ressoa” dentro de nós. O símbolo “mantém a vida psíquica em constante fluxo e a leva adiante no sentido do seu objetivo determinado pelo destino” (JACOBI, 1991, p. 91).

O símbolo coloca a consciência em movimento, com seu feito dinâmico transforma a energia psíquica fazendo (com) que os conteúdos inconscientes contidos no símbolo possam ser assimilados pela consciência, levando à formação de concepções, orientações e conceitos. Como o símbolo abrange a totalidade do sistema psíquico (inconsciente e consciência), alguns símbolos podem ser elaborados pela consciência de maneira rápida, outros assimilados durante um longo período e outros ainda não são nunca assimilados.

A consciência, os conceitos acerca da compreensão do mundo, a religião, o rito, o culto, a arte têm sua origem no símbolo e as imagens simbólicas são a “fonte criativa do espírito humano” (NEUMANN, 1996, p. 29).

A “capacidade da psique de formar símbolos, de unir pares de opostos”, sintetizar, anular os antagonismos (pois “cada símbolo está além do bem e do mal”), Jung chama de função transcendente, não no sentido metafísico, mas no sentido de que por meio desta função a psique cria uma passagem de um lado para outro (JACOBI, 1991, p. 91). A função transcendente possui um caráter equilibrador e saneador, por meio da experiência da consciência do conflito, pois é com o conflito que a transformação psíquica ocorre. É a atitude de observação cuidadosa, numa atitude religiosa de reflexão (no sentido do “*religere*” e do “*religare*” já mencionados), que a função transcendente opera (JAFFÉ, 1992).

A compreensão simbólica faz parte da psique, enriquece a vida trazendo-lhe uma dimensão mais profunda, equivalente à espiritual. Isso é que constitui o ser humano (JACOBI, 1991).

O numinoso, o misterioso e o irracional fazem parte da vida em todos os tempos, mas nem todos o reconhecem. Talvez este seja uma das interpretações prováveis àquela passagem em que Cristo diz: “quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lucas 8:8; 14:35) e “se o teu olho estiver são, todo o seu corpo ficará iluminado” (Mateus 7:22).

Acredito que a psicologia junguiana possa ser uma ponte para uma nova busca, uma nova postura de orientação frente ao irracional, no qual o símbolo atua como mediador entre o mundo racional que pode ser entendido pelo raciocínio, e o que vai além dele.

FIGURA 21- altar circular no santuário de Atena, séc. II d. C. (foto do arquivo pessoal de Marie Gabriele Wosien).



Figura 21- Altar circular no santuário de Atena

3.18- O arquétipo da Grande Mãe e o arquétipo do Grande Feminino

*A Grande Mãe sabe, mesmo que a nossa
civilização a tenha esquecido, que jaz no nosso
inconsciente uma capacidade ordenadora que
nos orientará se lhe concedermos tempo e
atenção*

*(Lawrence W. Jaffé - Libertando o
Coração).*

O Arquétipo da Grande Mãe possui inúmeros aspectos de acordo com JUNG. Entre eles podemos citar:

A própria mãe e a avó, a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, bem como a ama-de-leite ou ama-seca, a antepassada e a mulher branca; no sentido da transferência mais elevada, a deusa, especialmente a mãe de Deus, a Virgem (enquanto mãe rejuvenescida, por exemplo, Deméter e Core), Sofia (enquanto mãe que é também a amada, eventualmente também o tipo Cibele-Átis, ou enquanto filha-amada (mãe rejuvenescida); a meta da nostalgia da salvação (Paraíso, Reino de Deus, Jerusalém Celeste); em sentido mais amplo, a Igreja, a Universidade, a cidade ou país, o Céu, a Terra, a floresta, o mar e as águas quietas; a matéria, o mundo subterrâneo e a Lua; em sentido mais restrito, como o lugar do nascimento ou da concepção, a terra arada, o jardim, o rochedo, a gruta, a árvore, a fonte, o poço profundo, a pia batismal, a flor como recipiente (rosa e lótus); como círculo mágico (a mandala como padma) ou como cornucópia; em sentido mais restrito ainda, o útero, qualquer forma oca (por exemplo, a porca do parafuso); a yoni; o forno, o caldeirão; enquanto animal, a vaca, o coelho e qualquer animal útil em geral. Todos estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. Um aspecto ambivalente é a deusa do destino (as Parcas, Gréias, Nornas). Símbolos nefastos são bruxa, dragão (ou qualquer animal devorador e que se enrola como um peixe grande ou uma serpente); o túmulo, o sarcófago, a profundidade, água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil (tipo Empusa, Lilith, etc.). Esta enumeração não pretende ser completa. Ela apenas indica os traços essenciais do arquétipo materno. Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação

mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (páginas 91-92, parágr. 156-158 - grifo da autora).

Os mistérios da transformação da mulher - menstruação, gravidez, o trazer a criança dentro de si, o penetrar do homem durante o ato sexual, o crescimento da criança, são de certa maneira os alicerces da vida da mulher, fazem parte deste Grande Feminino, no qual o próprio corpo da mulher é o vaso, o receptáculo e agente de transformação.

A mulher pode se perceber como fonte de vida, reverenciar este princípio vital gerador de tudo o que existe - a Grande Mãe, perceber toda a natureza criadora, toda sua fonte de feminilidade e fertilidade, que pode levar às transformações na sua percepção da vida e na sua personalidade.

Sabemos que durante certas danças rituais se prestava homenagem à Grande Deusa, à Grande Mãe, ao Grande Feminino; na FIGURA 22, a deusa arcaica da Beócia ocupa o centro da dança executada pela roda de mulheres (NEUMANN, 1996, p. 261).



Figura 22- Deusa arcaica da Beócia

O feminino na verdade completa a individuação tanto nos homens pela sua contraparte inconsciente, a alma (não exploraremos esta questão), como nas mulheres pelo seu “self” feminino.

Um aspecto do feminino relacionado ao arquétipo da Grande Mãe é o maternal com seus sentimentos de segurança proteção e aceitação. Outro aspecto mais transformativo e dinâmico do grande feminino evoca as forças primitivas na mulher, e Eros o “deus interno”, a energia psíquica que se refere ao estabelecimento de relações, de ligações e mediações - ligado à paixão, à feminilidade, à sensualidade, que produz êxtase, liberação das convenções grupais, e um aprofundamento da personalidade, o que gera mudanças, atitudes criativas, a assumir riscos, a aprofundar-se nos relacionamentos (ULANOV, 1971; CORBETT, 1990).

O arquétipo do grande feminino envolve, inclusive, os aspectos do feminino que, na mulher, se manifestam na beleza física, na consciência feminina integrada ao corpo com alimentação e exercícios adequados, nos “rituais” ao banhar-se, vestir-se, ao embelezar-se; isto tudo não de uma maneira superficial tão somente para uma gratificação egóica, mas por respeito a sua natureza feminina, com uma “sabedoria instintiva”, consciente de que é “regida pela lua”, prestando atenção aos ritmos cíclicos de seu corpo, à sua energia e ao seu ânimo.

A mulher regida pelo arquétipo do feminino pode prestar atenção à sua fase luminosa, alegre, que lhe propicia novos conhecimentos com um melhor humor, bem como sua fase sombria, amarga, agourenta, tentando não descarregar de maneira destrutiva este aspecto negativo ao seu lado. Percebe seus períodos de extroversão e abertura, bem como os de reclusão e introspecção, quando se abrir para os relacionamentos e quando desistir do que considera precioso para que ocorra regeneração e crescimento (CORBETT, 1990).

A mulher tomada pelo arquétipo do feminino compreende o aspecto divino de sua natureza, que emana do “self”, (arquétipo da totalidade) atenta ao seu processo de individuação.

3.19- A individuação de Jung e o “Self”

“A individuação é o eixo de toda a psicologia junguiana”

(Aniela Jaffé - O homem e seus símbolos).

Assim como a idéia de que a totalidade do ser é inerente à semente como seu objetivo oculto, numa visão junguiana podemos afirmar que a alma do homem possui um senso de orientação para o seu desenvolvimento, para a sua plena realização, para sua inteireza, mesmo quando não estamos conscientes disso ou até façamos uma resistência a esta realização (JACOBI, 1991).

A isto Jung chama de “processo de individuação ou individuação”: existe em nós uma pré-programação psíquica, um potencial que precisamos desenvolver ao longo de nossa vida, um “vir a ser”, e isso emana do “Self”.

O Self é um conceito psicológico, uma idéia que serve para exprimir uma essência incognoscível, incompreensível, já que não podemos entender como tal, pois, por definição, ela transcende nosso poder de compreensão. De certa forma pode ser chamado o Deus dentro de nós (WHITMONT, 1990), ou a palavra junguiana para Deus (JAFFÉ, 1992).

O Self não é constante, mas um processo dinâmico, ativo, em transformação e rejuvenescimento contínuos. É a imagem arquetípica da realização pessoal e o centro da personalidade total.

O Self é a “possibilidade e fonte de uma meta psíquica repleta de significados existenciais... tendo acesso a um campo infinitamente mais amplo da experiência humana” (ZACHARIAS, 2002, p. 27-28).

O Ego é o centro da nossa consciência, que contém a memória, a identidade, a vontade e a razão. É como uma central que capta informações do mundo externo e do mundo interno e organiza isso tudo, nossas atividades do dia-a-dia, com certa constância e ritmo de acordo com a nossa vontade, que é a

quantidade de energia que o ego tem à disposição, para canalizar a sua ação. Há níveis nos quais a vontade não consegue operar, por exemplo, no inconsciente coletivo; pode-se com a vontade lembrar o que se fez antes, ou com algum esforço lembrar algo do passado.

É o ego que faz com que possamos refletir sobre nós mesmos, ele é o centro e causador de tomadas de decisão, ação e escolhas pessoais. O ego é também um complexo - complexo de identidade, cujos elementos mentais se apóiam nos cinco sentidos. A consciência e o ego dependem um do outro e o ego é apenas o centro do meu campo de consciência.

Jung utiliza o termo ego-consciência para mostrar o quanto a nossa consciência é parcial, pois não estamos conscientes de tudo o que nos acontece e não conseguimos registrar tudo ao mesmo tempo. A consciência só se apercebe de um fenômeno por vez, há uma alternância da consciência: eu leio o jornal, escuto música e desvio de uma cadeira na minha sala; dá a impressão que é tudo ao mesmo tempo, mas não é. A minha consciência só se apercebe de uma coisa de cada vez, isso me dá uma falsa noção da seqüência dos eventos.

Para Jung a consciência emerge do inconsciente, então o inconsciente existe desde o nascimento, mas a consciência, o ego, vai-se formando no decorrer de sucessivos estágios (NEUMANN, 1990).

O Self é o núcleo arquetípico do ego, é o “sujeito” da totalidade.

O Self pode ser comparado com um centro de energia que levará à realização de uma personalidade, cujo potencial nos é dado *a priori*. Isso significa o desenvolvimento máximo do ser humano, não no sentido da perfeição, mas sim no sentido da plenitude. Todo indivíduo tem para Jung, a possibilidade nata de atingir uma inteireza (WHITMONT, 1990).

Em outras palavras, eu - o meu ego deve ao menos tentar perceber mais profundamente o que de certa forma a vida propõe a mim, e como eu devo proceder para que esse desenvolvimento ocorra.

Assim temos um:

Vir a ser - SI MESMO,

Respeitar - SE,

Assumir - SE,

Cuidar - SE,

Encontrar - SE,

Realizar - SE, num contínuo

Orientar - SE

(CORTESE, 1993).

tudo não pelos condicionamentos culturais e visões do ego, mas de uma maneira maior, transcendente; isto é, o que essa pré-programação arquetípica coloca para o meu desenvolvimento. Este é o processo de individuação: a luta da pessoa para tornar-se aquilo que potencialmente nasceu para ser.

É de certa maneira mais vantajoso, e também psicologicamente mais “correto”, considerarmos certas forças naturais que se manifestam em nós, sob a forma de impulsos, como sendo “a vontade de Deus”. Assim, com isso, nos colocamos em consonância, num “afinar-se” com o “habitus” da vida psíquica ancestral, isto é, funcionamos da mesma maneira que tem funcionado o ser humano em todos os lugares e em todas as épocas” (JUNG, 1990, pg 25, parágrafo 50).

3.20- O simbolismo do círculo e o círculo de mulheres

*Vosso coração conhece em silêncio os
segredos dos dias e das noites... E se quereis
conhecer a Deus... o vereis sorrindo nas flores e
agitando as mãos nas árvores*

(Gibran Kalil Gibran - O Profeta).

Pudemos verificar que os símbolos arquetípicos são encontrados nas danças circulares sagradas. Exploraremos ainda mais o simbolismo do círculo. Segundo PENNICK (1982):

Talvez o círculo tenha sido o símbolo mais antigo desenhado pela raça humana. Simples de ser executado, é uma forma cotidiana encontrada na natureza, vista nos céus como os discos do sol e da lua, e ocorre nas formas das plantas e dos animais e nas estruturas geológicas naturais. Nos tempos antigos, as construções, fossem elas temporárias ou permanentes, eram circulares em sua grande maioria. Dos círculos de cabanas da Grã-Bretanha neolítica, desde os círculos de pedra megalíticos até as igrejas e os templos redondos, a forma circular imitou a redondeza do horizonte visível, fazendo de cada construção, na verdade, um pequeno mundo em si mesmo. O círculo representa o complemento e a totalidade, e as estruturas redondas ecoam peculiarmente esse princípio (p. 16).

De acordo com CHEVALIER e GHEERBRANT (1989):

O círculo simboliza o céu cósmico, particularmente em suas relações com a terra. Nesse contexto, o círculo simboliza a atividade do céu, sua inserção dinâmica no cosmo, sua causalidade, sua exemplaridade, seu papel providente. E por essa via junta-se aos símbolos da divindade debruçada sobre a criação, cuja vida ela produz, regula e ordena... O círculo, símbolo da animação (dar alma ou vida), é a forma habitual dos santuários entre os povos nômades... O círculo é também símbolo do tempo; a roda que gira... Desde a mais remota Antiguidade, o círculo tem servido para indicar a totalidade, a perfeição, englobando o tempo para melhor poder medir... A especulação religiosa babilônica daí retirou, mais tarde, a noção do tempo infinito, cíclico, universal, que foi transmitida na Antiguidade à época grega, por exemplo - através da imagem da serpente que morde a própria cauda...

Na iconografia cristã, o motivo do círculo simboliza a eternidade... No mundo céltico, o círculo tem uma função e um valor mágicos... O círculo exprime o sopro da divindade sem princípio nem fim: esse sopro processa-se continuamente e em todos os sentidos. Se o sopro parasse, haveria imediatamente uma reabsorção do mundo... Do círculo e da idéia do tempo nasceu a representação da roda, que deriva dessa idéia, e que sugere a imagem do ciclo correspondente à noção de um período de tempo (etimologicamente, o hebraico associa a torre, que é circular, com o verbo mover-se em círculos, girar, dar a volta; da mesma forma, liga a geração humana a esse "mover-se em círculos"... O simbolismo do círculo abrange o da eternidade ou dos perpétuos reinícios... Jung mostrou que o símbolo do círculo é uma imagem arquetípica da totalidade da psique, o símbolo do self (p. 250-254).

Sabe-se que “o círculo de mulheres ‘celebrando algum rito religioso é remanescente de antigos cultos de mulheres que mantinham vivos os mistérios do feminino” (CORBETT, 1990, p. 211).

Constata-se que as danças circulares sagradas faziam parte das práticas religiosas, da vida em comunidade até os “primeiros séculos da era cristã” e mantêm-se vivas até nossos dias, porque contém “arquetipos de movimento nos ritmos e nas formas da dança” (WOSIEN, 2002, p. 8-9), o que resgata de certa maneira, o tempo cíclico, não linear, a consciência mítica.

Acredito que estas danças circulares sagradas podem levar quem as vivencia a compartilhar uma intensa emoção, o que em minha opinião têm relação com a “aura mística que existe em torno da numinosidade do arquetipo, que exerce um efeito sobre os afetos” (JUNG, 1991, p. 211).

Assim, uma possibilidade de perceber uma comunicação com o divino, com algo sagrado, em nós se faz presente. O dançar torna-se ritual em si devido à “presença” do divino, e o ritual é transformador.

4- METODOLOGIA

4.1- Características da pesquisa

Este trabalho será fundamentado na pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa teve o seu reconhecimento a partir de 1967, quando tomava então um posicionamento oposto ao modelo mecanicista, funcionalista, de base positivista, somente preocupado em quantificar, mas que era até então muito divulgado e mais reconhecido até aquela época (MARTINS e BICUDO, 1989).

Na pesquisa qualitativa todo o fenômeno é situado, há um sujeito que vivencia um fenômeno, uma consciência que experiencia o fenômeno. A compreensão do que ocorre é estudada de uma maneira sistemática e na sua essência, não existindo pressupostos ou concepções pré-concebidas sobre o fenômeno investigado pois as vivências e experiências vão se descortinando. Ocorre uma intersubjetividade e uma relação dialética entre o pesquisador e o sujeito pesquisado (MARTINS e BICUDO, 1989).

E ainda, de acordo com MARTINS e BICUDO (1989)

... o trabalho com o fenômeno situado envolve a imaginação que é então compreendida como a “afirmação ser-no-mundo”, que envolve uma unidade entre o sentimento e a cognição, possibilitando a auto-expressão e o envolvimento com a realidade (p. 66-67).

Para um melhor desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa qualitativa tornar-se-á também indicada, em função dos seguintes fatores:

- na pesquisa qualitativa não existe generalização;
- a ênfase encontra-se no específico, naquilo que é peculiar, no aspecto individual;
- a pesquisa qualitativa envolve aspectos teóricos e práticos.

Muito embora existam diferentes modalidades teóricas neste tipo de pesquisa, a mais adequada parece ser

A 'modalidade F' onde a delimitação do fenômeno está baseada em um enfoque metodológico-filosófico... que são aplicados ao campo da Psicologia... e a preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado (MARTINS e BICUDO, 1989, p. 30).

Já BOGDAN E BIKLEN (1994) apontam neste tipo de pesquisa cinco grandes características:

- (1) O investigador é o instrumento principal e a fonte dos dados é o local, o ambiente no qual o estudo acontece;
- (2) Os dados são coletados em palavras ou imagens, sendo, portanto uma investigação descritiva;
- (3) Há um interesse maior pelo processo do que uma simples verificação do resultado ou produto;
- (4) À medida que os dados obtidos são agrupados, as abstrações vão sendo construídas, o que possibilita uma análise indutiva dos dados;
- (5) Há um foco especial nas perspectivas dos participantes, visto que a variedade das maneiras como as pessoas dão sentido às suas vidas e ao que vivem releva a importância do significado para as mesmas, o que é essencial neste tipo de investigação. Toda a estratégia e procedimento na investigação qualitativa são feitos de maneira a considerar toda e qualquer experiência do informador.

Para tanto a perspectiva de interpretação fenomenológica é a mais aceita pela maioria dos investigadores qualitativos, já que a fenomenologia considera o significado que os acontecimentos e interações possuem em situações específicas, para as pessoas comuns.

Ressaltamos que

... A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem. Ora, como saber o que faz sentido para o sujeito? Seguindo a máxima fenomenológica, que é ir-à-coisa mesma e não a conceitos ou a idéias que tratam da coisa, é preciso irmos ao sujeito que percebe e perguntarmos o que faz sentido para ele, tendo como meta a compreensão do fenômeno investigado.” (BICUDO, 2000, p.74)

A fenomenologia se apropria dos componentes subjetivos que existem no comportamento das pessoas, e toda experiência humana é intercedida pela interpretação (que se apóia nos significados) e, portanto passível de simbolização.

A fenomenologia tenta descrever e captar o fenômeno que ocorre na sua essência, e que se manifesta muitas vezes por meio dos símbolos e seus significados.

Sendo assim, o ser humano quando age como observador de si mesmo

... é capaz de estar atento às suas atividades, ao seu próprio experienciar. A experiência será então, o resultado de uma participação efetiva numa situação determinada, dentro de um contexto real de vida, localizada no mundo... o homem ... é um atribuidor de significados... gerando com isso a necessidade da interpretação” (FRANÇA, 1989, p. 28-29).

A proposta desta pesquisa baseia-se num experienciar, em vivências. A observação dessas vivências levará a atribuir significados, que, portanto, se tornará passível de interpretação e profundamente compatível com a proposta fenomenológica.

4.2- Procedimentos

A pesquisa envolve aspectos teóricos e práticos, e a prática requer, portanto, a montagem de um grupo de pessoas dispostas a participar de vivências - aulas de danças circulares sagradas por um determinado período, bem como a disposição das mesmas para que observem, registrem e relatem suas experiências em torno disso.

Em maio de 2002 foi divulgado no curso de Especialização em Arte-Terapia da Unicamp a criação de um “módulo de vivência em danças circulares sagradas” num total previsto de nove encontros com a duração média de cinqüenta minutos, uma vez por semana, em horário e local a ser estabelecido, a partir de agosto de 2002 com término previsto para novembro de 2002.

Após esta divulgação pedimos às pessoas interessadas em participar, que assinassem uma lista com nome, telefones e e-mail para contato, a fim de marcarmos antecipadamente os testes da pré-avaliação, cujos trabalhos tiveram início em 6 de agosto de 2002.

Inicialmente 14 pessoas do sexo feminino assinaram a lista voluntariamente.

Informamos a esta população que tal módulo se tratava da parte experimental da pesquisa de doutorado que denominamos “Programa de Vivências com Danças Sagradas - Qualidade de Vida e Religiosidade”.

Informamos, ainda, que os resultados seriam divulgados fossem eles favoráveis ou não à pesquisa, que o projeto não apresentaria riscos ou prejuízos às pessoas participantes, e que os aspectos éticos de sigilo seriam respeitados.

Esclarecemos também que as pessoas participantes assinariam um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e que poderiam interromper o trabalho a qualquer momento, caso não se adaptassem ao mesmo ou por qualquer outro motivo (ANEXO 1).

Todos esses procedimentos foram feitos levando-se em conta as exigências da Resolução 196/96 (ANEXO 2).

Em agosto de 2002 demos início à aplicação dos testes antes do início da vivência com as danças circulares sagradas para a coleta de dados em torno da saúde mental, religiosidade e qualidade de vida dos participantes - o pré-teste, com as 14 pessoas voluntárias presentes.

No entanto, para o início do trabalho prático - nos dias da vivência de cada dança - somente 10 pessoas compareceram (das 14 que assinaram a lista de interesse em participar), e com este grupo é que se fez a coleta de dados.

4.3- Sujeitos

Uma mostra de conveniência com dez pessoas do sexo feminino com curso superior completo e que faziam o curso de Especialização em Arte-terapia na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), com idade variando entre 25 a 54 anos.

4.4- Coleta dos dados

Definiu-se, em conjunto com o grupo, que o horário estabelecido seria às terças-feiras das 15:00 às 15:50h, na “Praça da Paz” na UNICAMP - local com anfiteatro pequeno, ao ar livre, arborizado, e próximo à Reitoria.

Toda a parte prática - as vivências em si - resultou num total de nove encontros. Marcamos ainda um décimo encontro para repassarmos todas as danças aprendidas, e neste último encontro fizemos a filmagem com a seqüência de todas as danças.

Esta fita em vídeo foi elaborada com o consentimento das participantes e é parte integrante desta tese.

Constatamos que o registro audiovisual feito com a filmagem das danças pode ser indicado para a exposição da realidade pesquisada:

... apesar de a câmera ser um instrumento técnico elaborado segundo uma opção físico-geométrica elegendo, de certa maneira, seu foco no mundo-horizonte da pesquisa. Uma filmagem usada como recurso metodológico de pesquisas científicas não contém, em geral, elementos da linguagem cinematográfica, tais como movimentos de câmera e ângulos de filmagem, que, no trabalho de um cineasta, funcionam para formatar o texto fílmico. Isto vêm a ser adequado para que o registro de uma atividade não apareça já trabalhado segundo algum pressuposto estético” (DETONI e PAULO, 2000, p. 147).

A coleta desses dados e as vivências das danças foram feitas no período de 6 de agosto a 26 de novembro de 2002.

Após o término das vivências, em janeiro e fevereiro de 2003, demos início ao pós-teste, utilizando os recursos descritos a seguir.

4.5- Material e Métodos

Estabelecemos a aplicação de um teste para verificação da saúde mental das pessoas voluntárias, a fim de se excluir as mais comprometidas.

Para isso escolhemos o M.I.N.I. (SHEEHAN, D.V.; LECRUBIER, Y.; WEILLER, E.; HERGUETA, T.; AMORIM, P.; BONORA, L.I.; LÉPINE, J.P., 2000) - Mini International Neuropsychiatric Interview - versão 5.0.0. - 2000 - para o português feito por Patrícia Amorim, em função do mesmo ser um instrumento diagnóstico, padronizado, de breve aplicação (em torno de 15 minutos), e de fácil utilização pelo pesquisador (ANEXO 3).

O delineamento da pesquisa também levou em conta cinco perguntas-chave em forma de questionário (APÊNDICE I). As respostas ao questionário, feitas pelos sujeitos participantes da pesquisa foram analisadas e interpretadas, buscando-se um procedimento adequado para análise e interpretação das mesmas. Sendo assim, apoiamos parte deste trabalho na metodologia apresentada por GIORGI (1985), descrita por FRANÇA (1989) e denominada de ‘busca de unidades significativas’, que se configura em quatro passos:

- (1) busca do sentido do todo, compreendendo a linguagem expressa nos depoimentos;
- (2) busca numa perspectiva psicológica, de significados que podem ser identificados e trabalhados em categorias interpretativas chamadas ‘unidades significativas’;
- (3) transformação das expressões comuns dos sujeitos numa ‘linguagem psicológica’;
- (4) síntese das unidades significativas transformadas.

Ou seja:

Resumem-se ou integram-se as compreensões contidas nas transformações das unidades significativas, numa descrição consistente da significação psicológica dos eventos enfocados em cada categoria, de tal modo a poder comunicá-la aos leitores da pesquisa, para fins de confirmação ou réplica. Verificam-se as convergências encontradas entre os sujeitos analisados dentro de uma mesma categoria de unidades significativas FRANÇA (1989, p. 42).

Tomamos como pressuposição a possibilidade de uma análise da estrutura do fenômeno, lembrando que“... Há sempre um sujeito, em uma situação, vivenciando o fenômeno” (MARTINS e BICUDO, 1989, p. 75).

Ressaltamos, entretanto, que este questionário foi construído para este grupo específico, uma população com alto nível intelectual, pois possuem universidade com nível de especialização. Para uma aplicação em uma população com um nível intelectual mais baixo - não universitários, tal questionário deverá ser adaptado, pois a compreensão do mesmo exige conhecimento de termos e definições mais específicas.

Para a pré e pós-avaliação dos sujeitos quanto a sua religiosidade escolhemos como instrumentos o Inventário de Religiosidade MOSCHELLA-LARSON (ML) descrito por GONÇALVES (2000) - (ANEXO 4). A validação dos referidos questionários para aplicação na população brasileira foi realizada pela Prof. Dra. Márcia Gonçalves (Unicamp), pelo Prof. Dr. Marcos Ferraz (Unifesp), e pelo Prof. Dr. Joel Giglio (Unicamp).

Para a pré e Pós-avaliação dos sujeitos quanto a sua qualidade de vida escolhemos o questionário WHOQOL (FLECK, M.P.A. et al, 1999b) - Avaliação de Qualidade de Vida - versão 100 - para o português, coordenado por Marcelo Pio de Almeida Fleck (UFRGS), no qual constam 100 questões que abrangem seis domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/crenças pessoais (ANEXO 5).

Para uma observação sobre a interferência das danças na modificação ou não da imagem corporal, foi aplicado o desenho da figura humana para fins de comparação na pré e pós-avaliação, segundo os critérios de FURTH (2004).

Para a escolha das danças estabeleceu-se como critério às que pressupõem um envolvimento com a religiosidade tais como a “a dança de Kós e a dança de agradecimento Menoussis”; danças que podem interferir na qualidade de vida - como a “dança de saudação” que estimula o contato social entre todos os participantes da dança e a dança “Rumelaj” que envolve a sensualidade e sexualidade, para que haja “consonância” com os domínios avaliados no WHOQOL 100.

Escolhemos ainda danças relativas a datas e festas significativas e comemoradas em nosso calendário, tais como Páscoa, Natal, Primavera.

Incluimos uma dança de casamento - Zemer Atik - por considerarmos que o casamento, a escolha de um parceiro, é, ainda, um aspecto importante, presente na nossa sociedade além de ser o símbolo da união amorosa do homem e da mulher.

O casamento simboliza na análise junguiana “no curso do processo de individualização ou de integração da personalidade, a conciliação do inconsciente, princípio feminino, com o espírito, princípio masculino” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 197).

As hierogamias ou casamentos sagrados, estão presentes em quase todas as tradições religiosas, simbolizando as possibilidades de união do homem com Deus, mas também uniões de princípios divinos como por exemplo a de “Zeus (a força) com Têmis (a justiça ou a ordem eterna), que deu origem a Irene (a paz), Eunomia (a disciplina) e Dice (o direito)” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 197).

O casamento simboliza “a origem divina da vida, da qual as uniões do homem e da mulher não são senão receptáculos, instrumentos e canais transitórios”, e se inclui entre os “ritos de sacralização da vida” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 197).

Escolhemos também uma dança circular presente na nossa cultura indígena, que faz uma “reverência” à lua em alusão aos ciclos de fertilidade da terra e das mulheres, numa referência aos povos indígenas que preservam suas danças no território brasileiro.

Cada participante recebeu um CD elaborado para fins didáticos com cópia das músicas que foram dançadas e uma apostila com as descrições e passos das danças realizadas organizada pela pesquisadora.

As descrições de tais danças estão anexadas no final deste trabalho (APÊNDICE II).

4.6- Interpretação dos dados

Para a Interpretação dos dados será observado sempre a mesma ordem, a mesma seqüência de apresentação dos sujeitos participantes, em todos os itens subseqüentes.

Os dados serão interpretados e os resultados verificados por meio da:

- análise do M.I.N.I - Mini International Neuropsychiatric Interview - versão 5.0.0. - 2000 - para o português feito por Patrícia Amorim.
- criação e análise de categorias interpretativas - unidades significativas - obtidas no discurso por meio dos questionários, conforme a metodologia de FRANÇA (1989).
- análise de diferenças significativas (ou não) no pré e pós-teste com relação à religiosidade comparando-se os dados obtidos na aplicação do Inventário de Religiosidade MOSCHELLA-LARSON (ML), conforme os critérios apontados por GONÇALVES (2000).
- análise quantitativa de diferenças significativas (ou não) no pré e pós-teste com relação à qualidade de vida comparando-se os dados encontrados na aplicação do WHOQOL 100.
- análise qualitativa de diferenças significativas (ou não) no pré e pós-teste com relação à qualidade de vida comparando-se os dados encontrados na aplicação do WHOQOL 100.
- comparação da imagem corporal através dos desenhos da figura humana - antes do início das vivências - pré-avaliação, e após o término das mesmas - pós-avaliação, segundo os critérios sugeridos por FURTH (2004).

5- INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.1- Saúde Mental - M.I.N.I.

Na verificação dos resultados do M.I.N.I. - Mini International Neuropsychiatric Interview - versão 5.0.0. - 2000 - para o português feito por Patrícia Amorim, foram constatados:

- quatro casos de transtorno de ansiedade generalizada,
- um caso de transtorno depressivo - reativo leve,
- cinco casos sem transtorno.

Casos mais graves não foram observados, e os casos detectados já estavam em processo psicoterápico, não necessitando encaminhamento específico.

5.2- Unidades significativas

A partir das respostas dadas pelos sujeitos às perguntas chaves no questionário (APÊNDICE I), as mesmas serão interpretadas, analisadas, estabelecendo-se as categorias como 'unidades significativas'.

5.2.1- Sujeito 1

SUJEITO 1 - 44 ANOS **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“Houve melhora no humor. Foi muito prazeroso participar deste grupo; foi um despertar, sentir-se mais revigorada, entusiasmada. Senti mais euforia.

Houve necessidade de maior verbalização entre as pessoas. A partir das danças tivemos a oportunidade de integração e uma melhor socialização com o grupo.

Senti mais disposição física”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM** **PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (humor, prazer, entusiasmo, euforia).

Melhora na interação com o outro.

Melhora na disposição física.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Disposição
física.

5.2.2- Sujeito 2

SUJEITO 2 - 34 ANOS **RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:**

“O que eu senti é que nos momentos logo após as danças, uma mudança mais de humor, e talvez ter lembrado o quanto eu gosto de dançar e o quanto me faz bem. Me senti mais leve, mais alegre como uma criança. Me sentia muito bem e mais solta.

Fez o grupo ficar mais próximo, e sentir necessidade, saudades, de estar mais perto uma da outra e de se conhecer melhor.

Durante e após as danças sentia-me mais leve, com o corpo mais relaxado. Eu estava muito cansada e as danças me ajudaram muito.

O que me trazia realmente para Campinas às terças-feiras era a dança circular.

Numa dança específica - “Minussis”- eu senti que o sagrado e/ou divino estavam muito próximos de nós”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (humor).

Melhora na interação com o outro.

Relaxação muscular, diminuição do cansaço físico.

Mobilização interior e maior motivação.

Sentimento religioso, ligação com o transcendente/espiritual.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho Intra-Psíquico.

Socialização.

Disposição física.

Motivação.

**Percepção/Conexão
com o sagrado.**

5.2.3- Sujeito 3

SUJEITO 3 - 51 ANOS **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“Muitas vezes cheguei triste e saí alegre. Houve um falecimento em minha família na época e as danças me auxiliaram muito.

As danças circulares favoreceram no aspecto de socialização com o grupo.

Na disposição física também tive alterações, chegava cansada e sem ânimo e ao término estava mais animada.

Houve uma proximidade maior com a natureza.

Ampliou meus conhecimentos sobre saudações diferentes”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (tristeza/alegria). Fortalecimento egóico.

Melhora na interação com o outro.

Alteração na disposição física.

Ligação intra-psíquica com a natureza.

Ampliação da percepção de manifestações culturais.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Disposição física.

Constelação do
Arquétipo da
Grande Mãe.

Ampliação Cultural.

5.2.4- Sujeito 4

SUJEITO 4 - 42 ANOS **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“Na maioria dos encontros após as danças me sentia mais alegre, com uma sensação maior de bem-estar. Só uma dança específica (Menoussis) me trouxe ansiedade, irritação e inquietude.

As danças favoreceram a integração das pessoas, e neste sentido foi muito importante.

Após as danças senti maior disposição física”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional: melhora e piora (alegria/bem-estar/ansiedade/irritação/inquietude)

Melhora na interação com o outro.

Melhora na disposição física.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Disposição física.

5.2.5- Sujeito 5

SUJEITO 5 - 54 ANOS **RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:**

*“Houve alterações de humor,
mais alegria.*

*As pessoas ficaram soltas, mais à
vontade, mais como elas são.*

Me senti mais forte fisicamente.

Pude sentir mais o meu corpo.

*Pude sentir a minha vida, o que
me rodeia como algo sagrado.
Modificou -se a minha visão de
religiosidade: a religiosidade, seria
estar em contato com a natureza,
com o que vem do divino”.*

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações
no estado emocional
(humor/alegria).

Melhora na interação com o outro.

Alteração positiva no tônus
muscular.

Melhora na percepção de si
mesmo.

Sentimento religioso, ligação com
o transcendente/espiritual.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

**Ganho
Intra-Psíquico.**

Socialização.

Disposição física.

Auto- percepção.

**Percepção/Conexão
Com o sagrado**

5.2.6- Sujeito 6

SUJEITO 6 - 45 anos **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“No humor, no ânimo, na coragem. Me sentia bem, mais calma e alegre.

Me senti mais disposta fisicamente.

“De certa maneira houve uma modificação em mim, entendia como sagrado apenas nossos rituais religiosos, e hoje entendendo como sagrado tudo (outras coisas) que se relacionam também com culturas antigas e seus rituais”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato:
alterações no estado emocional
(humor/ânimo/coragem/
calma/alegria).

Melhora na disposição física.

Sentimento religioso, ligação
com o transcendente/espiritual.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Disposição física.

Percepção/Conexão
Com o sagrado

5.2.7- Sujeito 7

SUJEITO 7 - 54 anos **RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:**

“Em algumas danças senti o bom humor, senti a alegria de viver, de estar presente no mundo. As terças-feiras se tornaram mais prazerosas a partir da prática das danças circulares sagradas.”

Percebi a importância da harmonização do grupo podendo me comunicar mais com o outro.

Foi uma oportunidade de estar comigo mesma, perceber a minha individualidade, senti o estar presente no mundo.

Durante a prática das danças (senti) uma maior disposição.

(Foi também) uma oportunidade de estar conectada com o Universo. Houve um reforço da minha visão de religiosidade. Somos parte do Universo e do Divino.

“Houve acréscimos de algumas simbologias que já incorporei na minha prática diária”.

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato:
alterações no estado emocional
(humor/alegria/prazer).

Percepção da harmonia grupal e
melhora na interação com o outro.

Alteração na relação eu - mundo.

Alteração na disposição física.

Sentimento religioso, ligação com
o transcendente/espiritual.

Ampliação da percepção de
manifestações culturais.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Auto- percepção.

Disposição física.

Percepção/Conexão
Com o sagrado

Ampliação Cultural.

5.2.8- Sujeito 8

SUJEITO 8 - 49 anos **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“Maior alegria e sensação de bem-estar, maior reflexão sobre os sentimentos, maior motivação, maior harmonia, buscou-se o lúdico”.

As danças interferiram na vontade de estar junto do grupo, sobre a observação do todo-grupo. O aspecto social foi a vivência mais forte, pois o grupo vinculou-se mais.

Houve uma conscientização sobre a importância da postura...

(Houve um)... buscar uma maior leveza... e graciosidade.

*Prestar mais atenção sobre o que é sagrado, por exemplo, o vínculo com a terra na dança indígena “Tumiake”. Prestar atenção quanto a presença do sagrado a nossa volta, o infinito, a celebração com o mesmo objetivo...
... nossas ligações, mais consciente com nossas raízes, símbolos e mitos”.*

SÍNTESE : **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (bem-estar-harmonia/ alegria-lúdico/motivação-sentimentos).

Observação do grupo e melhora na interação com o outro.

Alteração na percepção corporal.

Alteração na gesticulação (gestos mais “refinados”).

Sentimento religioso, ligação com o transcendente/espiritual.

Ampliação da percepção de manifestações culturais.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Auto- percepção.

Feminilidade.

Percepção/Conexão
com o sagrado.

Ampliação Cultural.

5.2.9- Sujeito 9

SUJEITO 9 - 46 ANOS **RESPOSTAS AO** **QUESTIONÁRIO:**

“Modificaram o meu emocional - me senti mais alegre e à vontade. Houve uma melhora gradativa no meu humor.

Foi muito prazeroso também o contato com o grupo.

Após cada encontro me senti mais bem disposta, com mais energia.

Percebi também que despertou a questão da sexualidade, me senti mais mulher principalmente após a dança “sensual” (Rumelaj) que participamos.

Enquanto dançava eu me sentia transportar gradativamente para um espaço sagrado, que se formava naquele instante, e terminando como se eu estivesse nas nuvens. Sagrado para mim é o que pode ser sentido, vivido, atingível.

Observei um grande desejo de conhecer a respeito do Judaísmo, despertando a curiosidade por seus rituais”.

SÍNTESE: **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (humor/alegria)

Observação do grupo e melhora na interação com o outro.

Alteração na disposição física.

Observação sobre a feminilidade e a sexualidade.

Sentimento religioso, ligação com o transcendente/espiritual.

Ampliação da percepção de manifestações culturais.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

Ganho
Intra-Psíquico.

Socialização.

Disposição física.

Feminilidade.

Percepção/Conexão
Com o sagrado.

Ampliação Cultural.

5.2.10- Sujeito 10

SUJEITO 10 - 33 ANOS **RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:**

“De modo geral eu me sentia muito feliz. O dançar para mim era muito prazeroso.

Houve maior entrosamento do grupo, interferência no aspecto social, e notava a alegria nas pessoas do grupo. Uma pessoa contagia a outra com sua alegria, seu olhar, seu toque.

Eu saía para as outras atividades mais disposta.

Me fez refletir: as danças circulares sagradas colocam o homem em contato com a terra e o céu. Percebe-se que o céu está bem próximo, no limite se sua cabeça, assim como a terra em nossos pés. Parece que aproxima o homem da natureza e da própria natureza humana.

Uma energia muito boa me contagiou. Às vezes é como se o outro fosse um espelho, experimenta-se uma emoção e o sagrado se manifesta. Pude encontrar o sagrado, assim como em minhas orações”.

SÍNTESE: **LINGUAGEM PSICOLÓGICA**

Percebe-se no relato: alterações no estado emocional (felicidade/prazer).

Observação do grupo e melhora na interação com o outro.

Alteração na disposição física.

Ligação intra-psíquica com a natureza.

Sentimento religioso, ligação com o transcendente/espiritual.

UNIDADES **SIGNIFICATIVAS**

**Ganho
Intra-Psíquico.**

Socialização.

Disposição física.

**Constelação do
Arquétipo da Grande
Mãe.**

**Percepção/Conexão
com o sagrado.**

5.3- Resultados quanto à religiosidade

Por definição entendemos a religiosidade como a disposição ou tendência para a religião ou para as coisas sagradas (FERREIRA, 1986).

Entre outras coisas, o indivíduo religioso é aquele que crê numa força ou forças sobrenaturais, criadora (s) do Universo, e que como tal deve (m) ser adorada (s) ou obedecida (s); que cumpre os seus deveres religiosos - sejam eles manifestados numa reverência às coisas sagradas, ou numa filiação a um culto qualquer; aquele que professa a fé, sua crença religiosa (FERREIRA, 1986).

No Brasil até o ano 2000 ainda não contávamos com instrumentos que avaliassem a religiosidade das pessoas.

GONÇALVES (2000) fez a operacionalização de um instrumento para a avaliação da religiosidade das pessoas e aplicação na população brasileira, por meio de uma validação por juízes com a junção de dois questionários de religiosidade já utilizados e validados em outros países. São eles: Questionário de Religiosidade de Vincent Moschella e Questionário de Religiosidade de Strayhorn, Weidman, Larson. A junção destes trabalhos a autora passou a denominar Inventário de Religiosidade MOSCHELLA-LARSON (ML).

O questionário de STRAYHORN, et.al., (1990), traduzido para o português, consta de questões que abordam fatores objetivos (extrínsecos), afiliação às instituições religiosas, bem como fatores subjetivos (intrínsecos), que avaliam a fé (um critério transcendente).

O questionário de Larson já foi amplamente utilizado nos Estados Unidos e Inglaterra onde foram realizados testes de consistência interna e externa, e validados em diversas populações. Ele foi uma adaptação do questionário de religiosidade de KAUFFMAN (1979). Foi o Dr. Paulo Dalgalarondo (Unicamp) que realizou a primeira tradução deste questionário para a nossa língua.

A escala do Questionário de Vicent Moshella foi traduzida por GONÇALVES (2002), com o consentimento do próprio autor para sua utilização. Este questionário foi validado e a consistência interna e a externa também já foram estudadas.

Após a validação de juízes no Brasil para este Inventário de Religiosidade Moschella-Larson (ML), e o estabelecimento dos pontos de corte (ANEXO 6), obtiveram-se os seguintes valores: (ML) TOTAL = 188 PONTOS. Considerando-se: Pessoas religiosas = Soma do questionário >94 pontos. Pessoas não religiosas = Soma do questionário < ou = a 94 pontos.

No entanto, o Inventário de Religiosidade Moschella-Larson (ML) apresenta algumas questões com relação à existência de uma doença e a religiosidade daquele indivíduo então doente, que é avaliada. Este dado - a doença ou o estar doente - não entra em nossa pesquisa. Portanto, para a nossa pesquisa as questões de número 5, 6, 11, 12 e 15 foram eliminadas com a anuência de GONÇALVES (2000), por tratarem de avaliação específica com relação à doença do sujeito que responde. Cada uma destas questões vale 10 pontos, num total de 50 pontos.

Assim sendo, a soma total do inventário por nós aplicado (APÊNDICE 2) passa a ser (ML) TOTAL = 138 pontos, e consideraremos pessoas religiosas as que tiverem > 44 pontos e pessoas não religiosas = ou < a 44 pontos.

Obtivemos com nossos sujeitos os seguintes resultados:

Tabela 1- Inventário de Religiosidade

Sujeitos	Pré Avaliação	Pós Avaliação
Sujeito 1	78	110
Sujeito 2	80	80
Sujeito 3	102	112
Sujeito 4	84	82
Sujeito 5	110	98
Sujeito 6	76	80
Sujeito 7	92	96
Sujeito 8	92	88
Sujeito 9	90	102
Sujeito 10	98	98

Por estes resultados podemos considerar já na pré-avaliação que os sujeitos que participaram deste estudo são pessoas religiosas.

Percebe-se uma diferença na amplitude total dos pontos: 76 a 110 da pré-avaliação para 80 a 112 da pós-avaliação. Há também uma alteração na mediana de 91 para 97. No entanto, não é um valor estatisticamente significativo, e isso provavelmente se deu em função do pequeno número de sujeitos da pesquisa.

Numa análise mais detalhada verificamos que a metade dos sujeitos apresentou uma pontuação maior na pós-avaliação - 50%; dois sujeitos (sujeitos II e X) apresentaram a mesma pontuação na pré e na pós-avaliação - 20%; e três sujeitos apresentaram uma queda na pontuação na pós-avaliação - 30%.

Numa análise qualitativa, percebemos que dos sujeitos que apresentaram uma pontuação maior na pós-avaliação, três deles - sujeitos VI, VII e IX - relataram em seu discurso a “Percepção/Conexão com o Sagrado”.

Curiosamente dois sujeitos que apresentaram uma diminuição na pontuação no Inventário de Religiosidade - sujeito V e sujeito VIII - relataram uma situação aparentemente contraditória, pois aparece no relato deles, a “Percepção/Conexão com o Sagrado”.

No entanto, façamos a seguinte análise: percebe-se que o Inventário de Religiosidade avalia predominantemente a religiosidade extrínseca. Enfim, avalia-se o grau de religiosidade por meio de uma religião ou seita institucionalizada.

Em nossa opinião, aquele indivíduo que possui um sentimento religioso, cuja religiosidade leva a uma ligação com o transcendente/espiritual, mas não a expressa através de um culto ou filiação religiosa, pode passar despercebido.

A religiosidade parece não ter importância, porque não é expressa por meio de uma doutrina específica. Uma hipótese com relação a esta questão, é que a experiência do sagrado é maior do que o da religiosidade no campo emocional. Mas a religiosidade é detectada no discurso dos sujeitos, o que pôde ser verificado nas respostas dadas as perguntas-chave do questionário (ANEXO IV): *“Pude sentir a minha vida, o que me rodeia como algo sagrado. Modificou-se a minha visão de religiosidade: a religiosidade seria estar em contato com a natureza, com o que vem do divino”* (sujeito V); e *Prestar atenção quanto à presença do sagrado a nossa volta, o infinito, a celebração com o mesmo objetivo*” (sujeito VIII).

5.4- Análise quantitativa quanto à qualidade de vida

Conforme já mencionamos anteriormente, para a avaliação dos sujeitos quanto a sua qualidade de vida escolheu-se o questionário WHOQOL - Avaliação de Qualidade de Vida - versão 100 - para o português, cuja validação para a

população brasileira, foi coordenada por Marcelo Pio de Almeida Fleck (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Portanto, a definição de saúde e qualidade de vida a ser utilizada será aquela aceita pela Organização Mundial da Saúde e também adotada por FLECK (1999):

... A Organização Mundial da Saúde definiu saúde como um estado de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença (p. 2)

... O grupo de Qualidade de Vida da OMS, sob a coordenação de John Orley, definiu qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL GROUP¹⁰, 1994). Nesta definição fica implícito que o conceito de qualidade de vida é *subjetivo, multidimensional* e que inclui elementos de avaliação tanto *positivos* como *negativos* (p. 3).

... O WHOQOL-100 é um instrumento que possui seis domínios (psicológico, físico, nível de independência, relações sociais, ambiente e espiritualidade). Cada domínio é constituído por facetas que são avaliadas por quatro questões. Assim, o Instrumento é composto por 24 facetas específicas descritas na Tabela reproduzida abaixo e uma faceta geral que inclui questões de avaliação global de qualidade de vida (p. 5).

Tabela 2- Domínios e facetas do Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da OMS (WHOQOL)

Domínio I - Domínio físico
1. Dor e desconforto
2. Energia e fadiga
3. Sono e repouso
Domínio II - Domínio psicológico
4. Sentimentos positivos
5. Pensar, aprender, memória e concentração
6. Auto-estima
7. Imagem corporal e aparência
8. Sentimentos negativos
Domínio III - Nível de independência
9. Mobilidade
10. Atividades da vida cotidiana
11. Dependência de medicação ou de tratamentos
12. Capacidade de trabalho
Domínio IV - Relações sociais
13. Relações pessoais
14. Suporte (Apoio) social
15. Atividade sexual
Domínio V - Ambiente
16. Segurança física e proteção
17. Ambiente no lar
18. Recursos financeiros
19. Cuidados de saúde e sociais : disponibilidade e qualidade
20. Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades
21. Participação em, e oportunidades de recreação/ lazer
22. Ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/clima)
23. Transporte
Domínio VI - Aspectos espirituais/religião/crenças pessoais
24. Espiritualidade/religião/crenças pessoais

A escolha do WHOQOL-100 como instrumento para a nossa pesquisa deu-se em virtude de este teste ser um instrumento geral de Qualidade de Vida e não apenas um instrumento que avalia a Qualidade de Vida relacionada à saúde.

Especificamente o domínio "espiritualidade/religião/crenças pessoais" é valido para "avaliar qualidade de vida em outras situações que não a de saúde-doença" (FLECK, 1999b, p.10-11).

O WHOQOL-100 pode ser utilizado como instrumento auxiliar na prática clínica; no aprimoramento da relação médico-paciente; "como instrumento de avaliação e comparação de resposta a diferentes tratamentos em especialidades médicas diversas, de serviços de saúde, bem como de avaliação de políticas de saúde" (FLECK, 1999b, p.14).

Na avaliação estatística desta nossa pesquisa usou-se: Teste (1- pré-avaliação, 2- pós-avaliação) e domínio (1- domínio físico, 2- domínio psicológico, 3- nível de independência, 4- relações sociais, 5- ambiente, 6- aspectos espirituais religião/crenças pessoais, usou-se um modelo do tipo fatorial considerando como fatores teste (2), domínios (6).

A tabela a seguir mostra o procedimento da análise fatorial, realizado no SAS (1996):

Tabela 3- Análise da variância do modelo fatorial

CAUSAS VARIAÇÃO	GL	SQ	QM	VALOR f	Pr > F
TESTE	1	11.408	11.408	0.43	0.512
DOMÍNIO	5	105093.241	21018.648	794.91	0.0001
DOMÍNIO * TESTE	5	72.441	14.488	0.55	0.7396
RESÍDUO	108	2855.700	26.441		
TOTAL	119	108032.791			

O ajuste do modelo deu um coeficiente de explicação $R^2 = 97,3\%$ com coeficiente de variação CV= 9,39.

Conclusão

- 1) Não há diferença significativa do ponto de vista estatístico no teste entre a pré-avaliação e a pós-avaliação; aplicando o Teste de Tukey não foi significativo a pré-avaliação com média 55.016 e pós-avaliação com média 54.400. Novamente o fato dos valores não serem estatisticamente significativos se dá em função do pequeno número de sujeitos da pesquisa.
- 2) Não há diferença significativa do ponto de vista estatístico na interação entre teste e domínio;
- 3) Há diferença significativa do ponto de vista estatístico entre os domínios, independentes do tipo de avaliação, fazendo o teste de Tukey. Assim podemos verificar qual o domínio que mais apresentou alterações em todo o processo descrito na tabela abaixo:

Tabela 4- Médias dos domínios, independentes do tipo de avaliação e teste de Tukey

TUKEY	MÉDIA	N	DOMÍNIO
A	108.200	20	5- Ambiente
B	68.150	20	2- Domínio Psicológico
C	60.750	20	3- Nível de Independência
D	40.750	20	4- Relações Sociais
D	36.150	20	1- Domínio Físico
E	14.250	20	6- Aspectos Espirituais

Muito provavelmente devido ao pequeno número de sujeitos, não houve significância estatística. Fizemos então uma avaliação qualitativa de cada faceta, em cada domínio. Sendo assim, para a interpretação dos resultados em qualidade de vida nesta avaliação qualitativa, foram consideradas as facetas que apresentaram melhoras para cada sujeito, descritas num quadro sinóptico.

Conclusão

Relacionando-se a análise qualitativa de cada faceta com o Teste de Tukey nos domínios, temos os mesmos resultados. A análise qualitativa é uma explanação dos domínios no Teste de Tukey. Verificamos também que podemos estabelecer relações entre os domínios do WHOQOL 100 que mais apresentaram alterações em todo o processo, e as unidades significativas (mencionaremos apenas US e citaremos alguns dos relatos), a saber:

- Ambiente (disponibilidade e qualidade social - WHOQOL 100) com “Socialização” (US): *“tivemos a oportunidade de integração e uma melhor socialização com o grupo; fez o grupo ficar mais próximo; favoreceram no aspecto de socialização com o grupo.*
- Domínio psicológico (WHOQOL 100) com “Ganho Intrapsíquico” (US): *“Houve melhora no humor; Foi... um despertar sentir-se mais revigorada, entusiasmada. Senti mais euforia”; “Me senti mais leve, mais alegre como uma criança... Sentia-me muito bem e mais solta; Muitas vezes cheguei triste e saí alegre”.*
- Nível de independência (que envolve mobilidade física - WHOQOL 100) com Disposição física (US): *Senti mais disposição física; sentia-me mais leve, com o corpo mais relaxado; Eu estava muito cansada e as danças me ajudaram muito; chegava cansada e sem ânimo e ao término estava mais animada”.*

5.5- Análise qualitativa quanto à qualidade de vida - quadro sinóptico

SUJEITO 1:

Apresentou melhoras nas facetas: energia e fadiga, sono e repouso (domínio físico); sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, (domínio psicológico); mobilidade, atividades da vida cotidiana (nível de independência); segurança física e proteção, ambiente do lar, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, oportunidade de adquirir novas informações e habilidades, participação em oportunidades de recreação/lazer, transporte (ambiente).

SUJEITO 2:

Apresentou melhoras nas facetas: dor e desconforto (domínio físico); sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos (domínio psicológico); mobilidade da vida cotidiana (nível de independência), segurança física e proteção (ambiente).

SUJEITO 3:

Apresentou melhoras nas facetas: sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, auto-estima, imagem corporal e aparência, sentimentos

negativos (domínio psicológico); atividades da vida cotidiana (nível de independência); relações pessoais, atividade sexual (relações sociais); segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, oportunidades de adquirir novas informações e habilidades (ambiente).

SUJEITO 4:

Apresentou melhoras nas facetas: sentimentos positivos, auto-estima, pensar, aprender, memória e concentração, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos (domínio psicológico); relações pessoais, suporte (apoio) social (relações sociais); oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, transporte (ambiente).

SUJEITO 5:

Apresentou melhoras nas facetas: energia e fadiga, sono e repouso (domínio físico); sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, sentimentos negativos (domínio psicológico); atividades da vida cotidiana, dependência de medicação ou de tratamentos (nível de independência); relações pessoais, suporte (apoio) social, atividade sexual (relações sociais); segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de

saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, participação em oportunidades de recreação/lazer, ambiente físico (ambiente).

SUJEITO 6:

Apresentou melhoras nas facetas: sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, (domínio psicológico); suporte (apoio) social, (relações sociais); segurança física e proteção, participação em oportunidades de recreação/lazer (ambiente).

SUJEITO 7:

Apresentou melhoras nas facetas: sentimentos positivos (domínio psicológico); atividades da vida cotidiana (nível de independência); suporte (apoio) social (relações sociais); ambiente no lar, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade (ambiente).

SUJEITO 8:

Apresentou melhoras nas facetas: pensar, aprender, memória e concentração, auto-estima, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos (domínio psicológico); atividades da vida cotidiana, dependência de medicação ou de tratamentos, capacidade de trabalho

(nível de independência); relações pessoais (relações sociais); segurança física e proteção, ambiente no lar, oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, participação em oportunidades de recreação e lazer, transporte, (ambiente).

SUJEITO 9:

Apresentou melhoras facetas: energia e fadiga, sono e repouso, (domínio físico) sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, auto-estima, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos (domínio psicológico); mobilidade, atividade da vida cotidiana, capacidade de trabalho (nível de independência); relações pessoais, atividade sexual (relações sociais); segurança física e proteção, recursos financeiros, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, oportunidade de adquirir novas informações e habilidades, participação em oportunidades de recreação/lazer, transporte (ambiente).

SUJEITO 10:

Apresentou melhoras nas facetas: sentimentos positivos, imagem corporal e aparência (domínio psicológico); segurança física e proteção, oportunidade de adquirir novas informações e habilidades, participação em oportunidades de recreação/lazer (ambiente).

5.6- Comparação da imagem corporal através dos desenhos da figura humana

5.6.1-.Sujeito 1



Pré-Avaliação - Antes das danças



Pós-Avaliação - Depois das danças

Figura 1- Desenho da figura humana do sujeito 1 na pré e na pós avaliação.

É possível observar uma nítida diferença entre os dois desenhos: o primeiro (Pré-Avaliação) apresenta uma tensão nos ombros e braços longe do corpo, um olhar não muito simétrico - cada pupila aponta para um lado, um afinamento no pescoço na área da garganta, a boca acentuada de vermelho com os lábios presos, tensos, e não há chão. O segundo (Pós-Avaliação), apresenta o tronco - ombros e braços, mais frouxos, relaxados, as mãos parecem repousar nos bolsos da calça, há uma simetria mais adequada no olhar, o pescoço mais alongado e também simétrico, os lábios esboçam um leve sorriso, o chão está presente, bem como uma linha de botões vertical ao longo da blusa, que pode nos fazer lembrar a coluna vertebral, símbolo de eixo e sustentação corporal.

- Acredito poder resumir o primeiro desenho como “tensão” e o segundo como “tranqüilidade”.

5.6.2- Sujeito 2



Figura 2- Desenho da figura humana do sujeito 2 na pré e na pós avaliação.

O primeiro desenho mostra uma figura feminina com traços mais soltos e sensuais, um olhar sereno, mas uma pequena tensão nos braços ao lado do corpo, as clavículas e o ponto de junção perto do osso externo, busto e umbigo assinalados, chão e o detalhe dos sapatos fechados, sugerindo um tênis.

O segundo desenho mostra no rosto um traço mais infantil, pueril, jovial, com uma expressão maior de alegria, vivacidade, uma leveza nos movimentos, um jeito romântico expresso com as flores e uma maior feminilidade inclusive nos pés com as sandálias. A figura fica mais à frente, pois o chão passa a ocupar levemente o fundo da figura.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “tensão” e o segundo como “jovialidade”.

5.6.3- Sujeito 3



Figura 3- Desenho da figura humana do sujeito 3 na pré e na pós avaliação.

Percebemos no primeiro desenho traços mais infantis, etéreos, com o corpo mal definido, num desenho de figura humana tipo "palito"; há a presença de chão e de pequenos matinhos. No segundo desenho um esboço de desenho de uma mulher com o rosto mais maduro, com tronco, braços na cintura e o final de um vestido. Podemos verificar uma imagem corporal mais condizente com a realidade, e um ligeiro aumento no tamanho no segundo desenho. Acredito poder resumir o primeiro desenho como "etérea" e o segundo como "esboço de mulher".

5.6.4- Sujeito 4



Figura 4- Desenho da figura humana do sujeito 4 na pré e na pós avaliação.

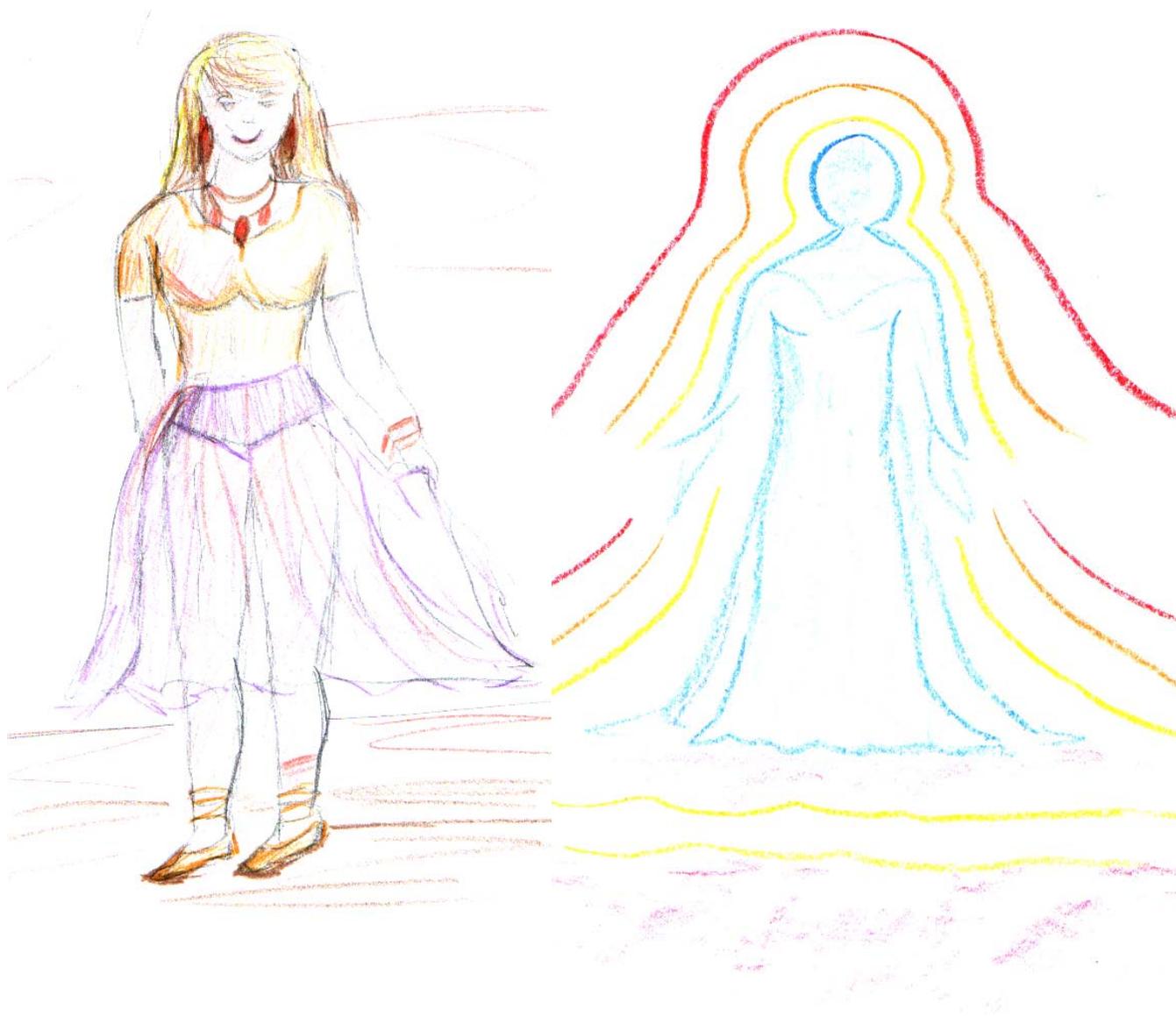
No primeiro desenho temos um rosto mais infantil, com um olhar meio assustado como se observasse com surpresa, com um certo susto, alguma coisa.

Adornos femininos como brincos, colares, pulseira, porém, há uma certa tensão nos ombros e braços, e uma leveza no vestido.

O segundo desenho já revela um olhar mais maduro, sedutor, maroto de quem observa algo com perspicácia. Mais colorido e feminino, apresenta também os brincos e os colares. Há um certo movimento na postura, já não mais tão tensa, os braços colocados atrás do corpo sugerindo uma união das mãos, os pés mais juntos. O vestido de alças, mais aberto, tem um cruzar na altura do osso externo.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “susto” e o segundo como “perspicácia”.

5.6.5- Sujeito 5



Pré-Avaliação

Pós-Avaliação

Figura 5- Desenho da figura humana do sujeito 5 na pré e na pós avaliação.

Temos no primeiro desenho uma mulher com um leve sorriso, seu corpo bem definido, sensual, com a saia transparente e com adereços tipicamente femininos, tais como brincos, colar, pulseiras e tornozeleiras.

No segundo o esboço de um ser sem rosto, mas também com traços femininos, percebidos no decote de uma roupa longa, e busto. Camadas de cores indicando como que uma energia, de luz, como auras, revelam um ser sutil, mais espiritual.

Aqui encontramos uma relação de oposição entre os desenhos: o primeiro, mais instintivo, e o segundo mais espiritual.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “mulher” e o segundo como “ser espiritual”.

Observo que há uma relação entre o segundo desenho desta pessoa, e a unidade significativa “Percepção/Conexão com o Sagrado”.

5.6.6- Sujeito 6



Pré-Avaliação

Pós-Avaliação

Figura 6- Desenho da figura humana do sujeito 6 na pré e na pós avaliação.

O primeiro desenho apresenta uma mulher com os cabelos desordenados, escondendo uma parte do rosto, não se percebe a pupila dos olhos, e a boca sugere que vai comunicar algo numa atitude de apreensão. Uma postura mais tensa, com as mãos no bolso, a vestimenta alinhada ao centro do tórax com três botões. Cintura bem marcada e colar.

O segundo desenho embora de costas, os cabelos aparecem presos e ordenados, a postura dos braços, que mais relaxados, parecem repousar à frente do corpo. A cintura marcada, mas colorida. Há a presença das flores que, em botão, se superpõem à figura feminina quase na altura dos rins.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “apreensão” e o segundo como “camponesa”.

5.6.7- Sujeito 7

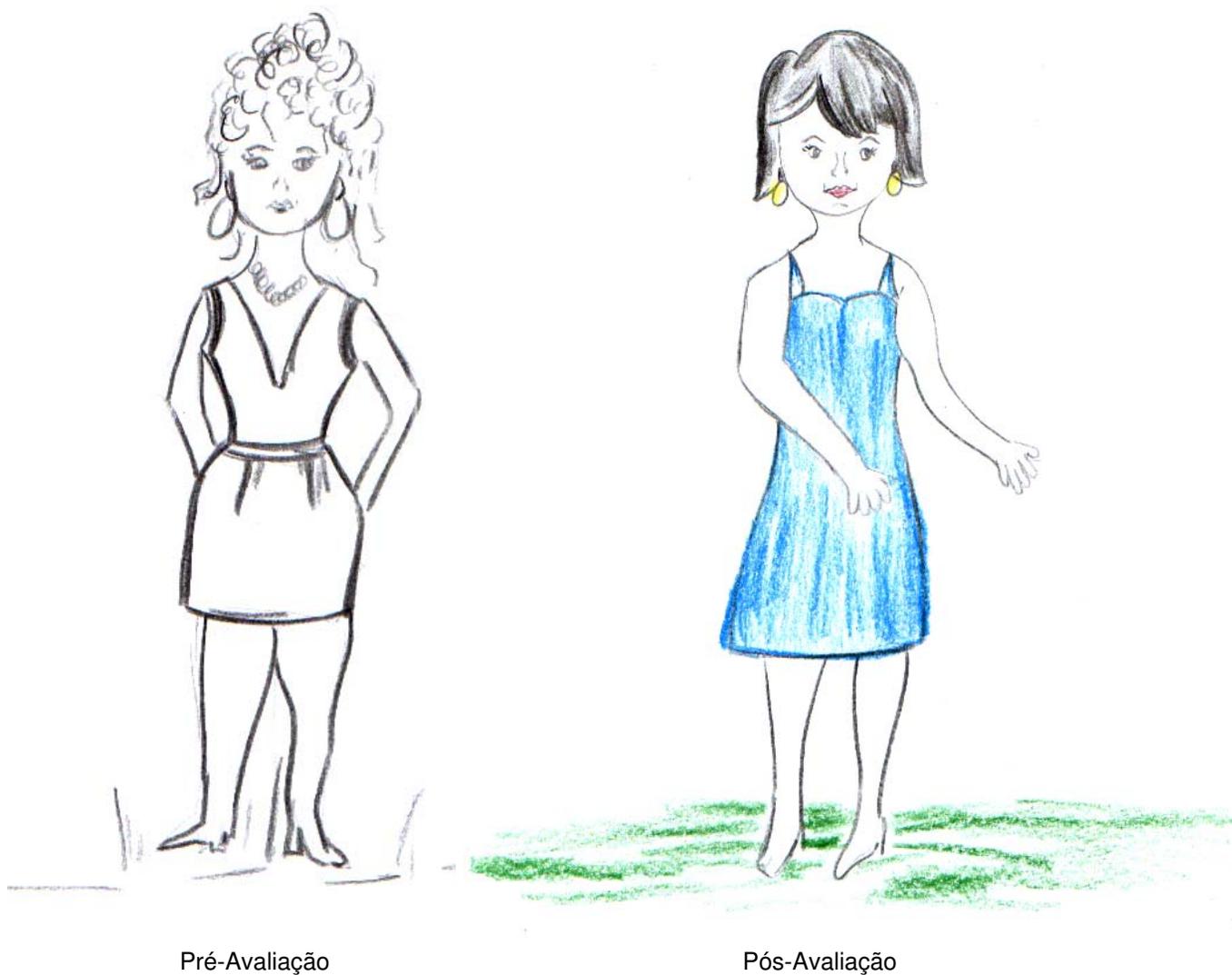


Figura 7- Desenho da figura humana do sujeito 7 na pré e na pós avaliação.

O primeiro desenho revela a figura de uma mulher ereta, numa postura tranqüila, olhar sereno de quem observa algo, cintura marcada, mãos nos bolso, brincos e colares, mas uma certa instabilidade nos pés, no apoio com o chão.

O segundo desenho apresenta um rejuvenescimento na face, uma leveza no corpo com os movimentos dos braços, como se a mulher estivesse dançando...

O colorido, o olhar mais atento, vivo, e uma estabilidade no apoio dos pés com o chão.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “ereta” e o segundo como “leveza”.

5.6.8- Sujeito 8



Pré-Avaliação



Pós-Avaliação

Figura 8- Desenho da figura humana do sujeito 8 na pré e na pós avaliação.

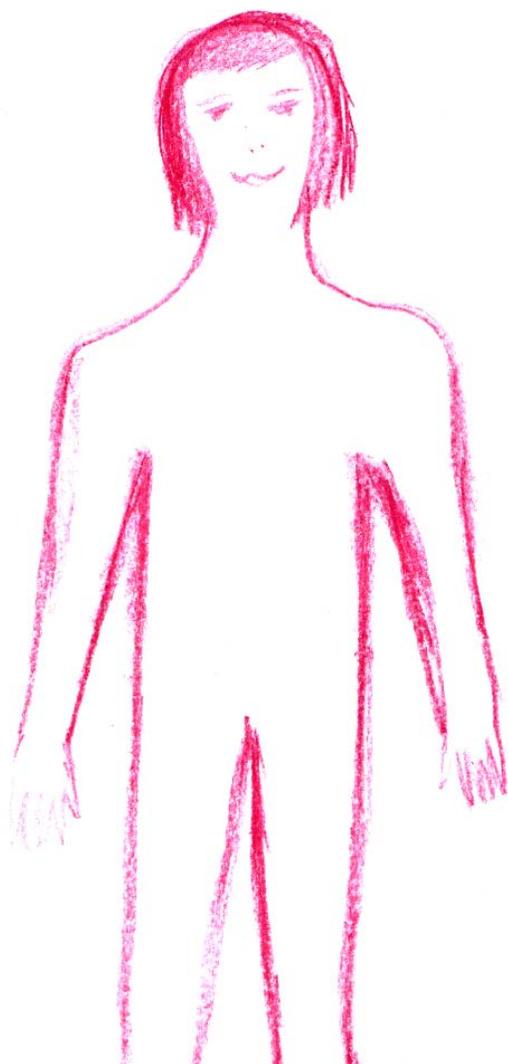
O primeiro desenho revela o esboço de uma figura masculina, com um afunilamento na região do pescoço, um olhar tenso e a boca tensa.

O segundo desenho revela o esboço de figura feminina, com um olhar embora mais “arregalado”, leve. Esboça um pequeno sorriso e o pescoço marcado com um discreto decote na roupa. Os braços ao longo do corpo, um pouco mais relaxados, a cintura marcada. Não há pernas, nem os pés.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “esboço de homem” e o segundo como “esboço de mulher”.

Observo aqui a relação existente entre o segundo desenho desta pessoa e a análise das unidades significativas, na qual aparece a “Feminidade”; o desenho também revela esta questão.

5.6.9- Sujeito 9



Pré-Avaliação



Pós-Avaliação

Figura 9- Desenho da figura humana do sujeito 9 na pré e na pós avaliação.

O primeiro desenho apresenta um corpo com características mais masculinas, porém com traços mais femininos no rosto, com um olhar tranquilo de quem observa algo e um leve sorriso nos lábios.

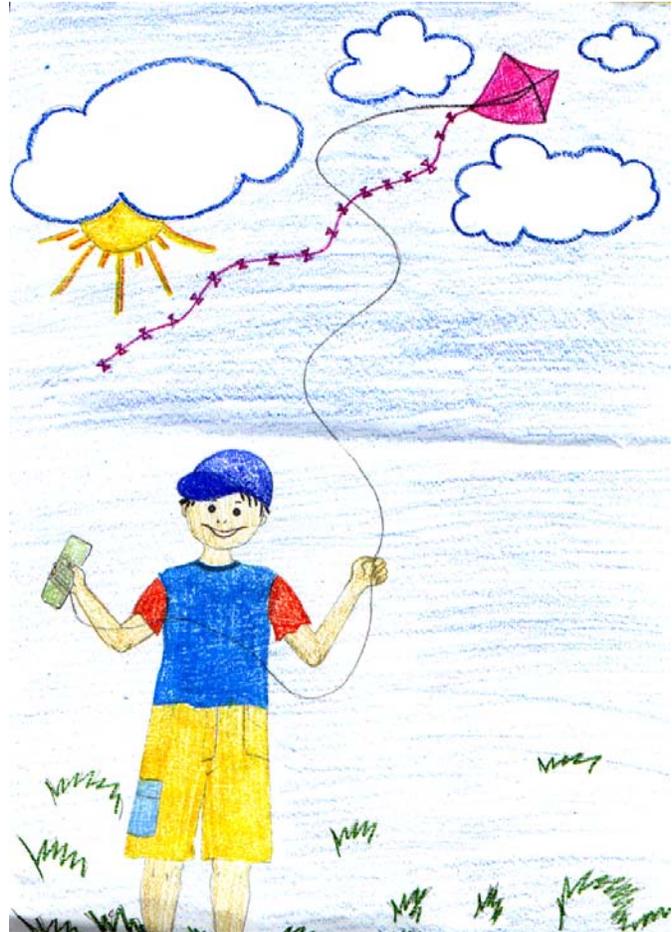
O segundo desenho também apresenta um corpo com características mais masculinas, porém sem um rosto, sem uma identidade, como um ser de luz, a qual emana ao seu redor.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “corpo” e o segundo como “ser de luz”.

5.6.10- Sujeito 10



Pré-Avaliação



Pós-Avaliação

Figura 10- Desenho da figura humana do sujeito 10 na pré e na pós avaliação.

O primeiro desenho revela a figura de uma jovem mulher com um rosto sereno, postura leve como quem caminha em direção a algo, com o pé direito (à esquerda) um pouco a frente do esquerdo (à direita), com um vestido feminino cheio de flores.

O segundo desenho revela o desenho de uma criança, um menino alegre empinando sua “pipa”, com um olhar, um sorriso vivo e alegre. Há um leve esboço de chão na parte inferior da folha, mas sem os pés.

Acredito poder resumir o primeiro desenho como “feminina” e o segundo como “criança alegre”.

Um dos aspectos fundamentais do motivo da criança é o seu aspecto de futuro, pois a criança é o futuro em potencial. Símbolo de antecipação de um estado nascente de consciência. O arquétipo da criança expressa a totalidade do ser humano. “A criança prepara uma futura transformação da personalidade... síntese dos elementos conscientes e inconscientes... símbolo de unificação de opostos... um mediador... um propiciador de completude” (JUNG, 2000, p. 165, parágrafo 278).

6- CONCLUSÃO

6.1- Considerações finais

Viver é afinar o instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro, a toda hora, a todo o momento... Tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta, e o coração tranquilo.

(Walter Franco - música: serra do luar e coração tranquilo - gravação de Leila Pinheiro).

Neste trabalho, fez-se uma ampla revisão sobre a dança, sua relação com o primitivo, com o sagrado, com o rito, bem como a história das danças circulares sagradas, seu desenvolvimento em alguns países e seu recente movimento no Brasil.

Constatou-se que houve modificação da imagem corporal através dos desenhos da figura humana após toda a vivência das danças circulares sagradas. Pode-se observar que na maioria dos desenhos da pós-avaliação as mãos são omitidas. Talvez isto se deva a uma diminuição da agressividade na medida que entendemos a supressão das mãos como um indício dessa diminuição, o que teve como consequência uma maior integração entre os sujeitos da pesquisa, conforme constatado através da análise das respostas ao questionário aplicado (APÊNDICE 1), na 'unidade significativa' - socialização. Em muitos dos desenhos da pré-avaliação observamos uma tensão, uma energia que não fluía. No desenhos da pós-avaliação verificamos uma mudança em torno disto, uma diminuição da tensão, uma maior expressão, uma expansão de cores, uma energia que flui com leveza e graciosidade após as danças, o que sugere uma melhora consigo mesmo.

Verificou-se uma melhora no ambiente, na socialização, em aspectos físicos e psíquicos, (conforme os domínios do WHOQOL 100 e da análise das unidades significativas) que repercutiu na qualidade de vida dos sujeitos que participaram desta pesquisa.

Na análise qualitativa das respostas dadas pelos sujeitos ao questionário (APÊNDICE 1), podemos observar a constelação do Arquétipo da Grande Mãe, ou arquétipo materno, e também o da “feminilidade”, que está relacionado ao Arquétipo do Feminino.

Atualmente, em nossa vida cotidiana, com o avanço no mercado de trabalho e um desenvolvimento maior de autonomia no mundo exterior, as mulheres muitas vezes não prestam mais tanta atenção no mundo interior, nos seus aspectos femininos - a paixão, à feminilidade, à sensualidade, no seu corpo enquanto vaso - menstruação, gravidez, o trazer a criança dentro de si, o penetrar do homem durante o ato sexual, o crescimento da criança, enfim, o corpo da mulher como receptáculo e agente de transformação.

Creio que por meio das danças essa reflexão pode ser iniciada, o que constatamos também na análise das respostas dos sujeitos, como por exemplo: *“Houve uma maior leveza e graciosidade; Percebi também que despertou a questão da sexualidade, me senti mais mulher principalmente após a dança “sensual” (Rumelaj) que participamos”.*

Com relação à manifestação ou modificação da religiosidade, isto também pode ser verificado na análise das respostas dadas pelos sujeitos ao questionário (APÊNDICE 1), nas ‘unidades significativas’ que chamamos de “Percepção/Conexão com o sagrado: *“Numa dança específica - “Minussis”- eu senti que o sagrado e/ou divino estavam muito próximos de nós”;* *“Pude sentir a minha vida, o que me rodeia como algo sagrado... religiosidade, seria estar em contato com a natureza, com o que vem do divino”;* *“Uma oportunidade de estar conectada com o Universo... Houve um reforço da minha visão de religiosidade. Somos parte do Universo e do Divino”;* *“Enquanto dançava eu me sentia transportar gradativamente para um espaço sagrado”.*

Em nossa opinião os objetivos e pressupostos deste trabalho neste grupo foram alcançados, pois constatamos que, ao dançarmos as danças circulares sagradas com um conhecimento sobre estes seus simbolismos, de alguma forma restauramos algum significado em nossas vidas.

Este dançar levou as participantes deste trabalho a perceber a comunhão com o nível arquetípico, com o sagrado, com o transcendente, e até com o divino. Parece que por meio desta comunhão ocorre uma maior conexão com a vida, com a totalidade do ser - que caminha em consonância com o “self”, no sentido do “religere” e do “religare” - mencionados anteriormente neste trabalho.

Observei nesta pesquisa que as danças circulares sagradas puderam ser um veículo para uma expressão maior da espiritualidade.

Assim, acredito que, ao refletirmos cuidadosamente sobre estes resultados, estaremos abrindo uma porta, uma nova dimensão, e também uma iniciação em direção a um homem menos fragmentado, menos mecanicista, menos materialista.

Na verdade estaremos nos abrindo para reconhecer algo que um dia soubemos: que podemos religar nossa vida com a natureza, aprendendo com isto, e fazendo uma re-ligação com uma dimensão arquetípica que pode até atingir o nível do sagrado, que traz um significado a este nosso mundo vivo, o que nossos ancestrais já faziam, respeitando esta ligação existente com a natureza, com o universo.

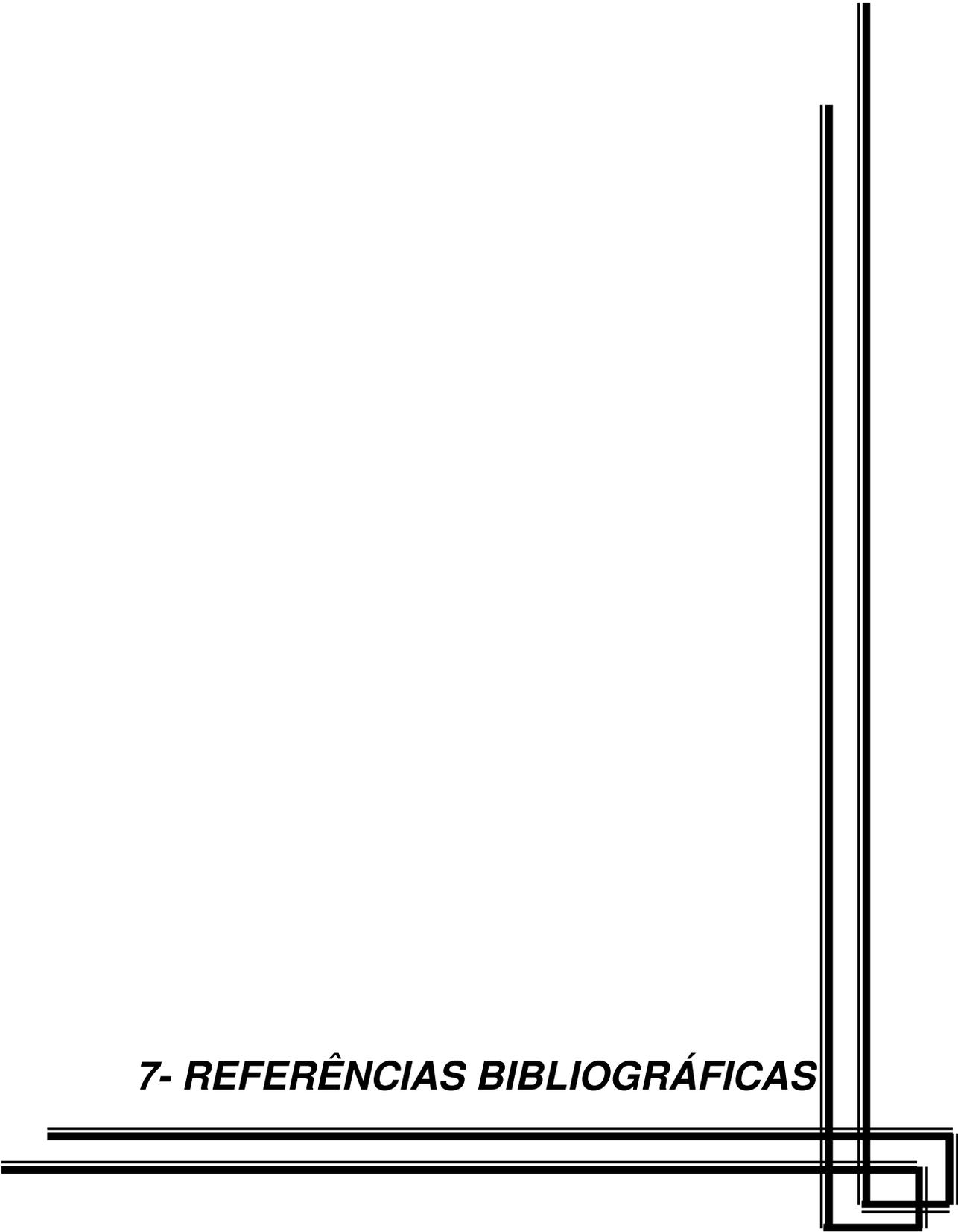
Deste modo, com uma compreensão mais rica da natureza humana, considerando os ciclos da vida, a nossa união com a terra e com o céu, percebendo a força criativa da natureza, teremos a possibilidade de viver de forma mais plena e integrada no mundo.

Verificamos que quem vivencia este tipo de dança, evidencia uma melhora na sua qualidade de vida que repercute na sua saúde mental, levando a uma condição mais plena consigo mesmo e mais harmoniosa com o coletivo.

Quando dançamos e nos apropriamos dos significados das danças circulares sagradas, podemos perceber de uma maneira mais profunda o nosso significado no mundo, e evocamos em nós o sentido da religiosidade que Jung

aponta: a consciência transformada pela experiência do numinoso, pela observação cuidadosa, bem como a percepção da religiosidade enquanto uma das expressões mais antigas e universais da alma humana.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALMEIDA, L. H. H. **A psicologia organísmica, a psicologia junguiana e a utilização de desenhos:** uma reflexão para a educação física. Rio Claro, 1999. (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual Paulista).

ALMEIDA, L.H.H. Danças sagradas: uma proposta de ligação entre a psique e a religiosidade. In: GIGLIO, Z.G. & GIGLIO, J.S. **Anatomia de uma época:** olhares junguianos através do binômio eficiência/transformação. Campinas: Instituto de Psicologia Analítica de Campinas (IPAC), 2002, p. 18-189.

ANDRADE, L. Q. Linhas teóricas em Arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

ANDRADE, L. Q. Pensando sobre diferentes linguagens. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

ARCURI, I. G. **Memória corporal:** o simbolismo do corpo na trajetória da vida. São Paulo: Vetor Editora, 2004.

ARNOLD, Peter J. Creativity, education and dance. In: 8 COMMONWEALTH AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPORT, PHYSICAL EDUCATION, DANCE, RECREATION AND HEALTH, Glasgow, 18-23 jul., 1986. **Dance: the study of dance and the place of dance in society.** London, E. & F. N. Spon, 1986, pg 255-64.

AYTAI, D. A música como veículo de comunicação com o mundo paralelo. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros.** São Paulo: CPA Editora, 1999.

BARROS, J. A. C. Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? **Saúde e Sociedade**. Vol. 11. n. 01. jan-jul/2002. Acesso em 01/03/2005 - <http://apsp.org.br/saudesociedade/>

BARROS, M. M. S. Wu'Tú: o grande ritual Krikati. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros**. São Paulo: CPA Editora, 1999.

BARSIN, D. **SOMATICS, 1984**: Uma entrevista com Gerda Alexander. Texto mimeo para alunos do curso de Terapia Psicomotora do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo: 1985, p. 5.

BÉJART, M. Prefácio. In: GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERLIM, M. T.; FLECK, M. P. A. Quality of life: a new concept for psychiatry. **Rev Bras Psiq**, 25(4):249-52, 2003.

BERNI, L. E. V. **A dança circular e o sagrado**: um estudo exploratório das relações históricas e práticas de um movimento *New Age*, em busca de seus aspectos numinosos e hierofânicos. São Paulo, 2002. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BOFF, L. **O despertar da águia**: o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora Ltda, 1994.

BONETTI, M. C. de F. Dança sagrada: a celebração da vida. In: RAMOS, R. **Danças circulares sagradas**: uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998.

BONILHA, L.C. **Comparações entre elementos da projeção gráfica e de auto-avaliações.** São Paulo: PUC, 1974.

BOUCIER, P. **História da dança no Ocidente.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRINSON, Peter. Dance and social policy: an argument for action. In: 8 COMMONWEALTH AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPORT, PHYSICAL EDUCATION, DANCE, RECREATION AND HEALTH, Glasgow, 18-23 jul., 1986. **Dance: the study of dance and the place of dance in society.** London, E. & F. N. Spon, 1986, pg 73-80.

BURKERT, W. **Antigos cultos de mistério.** São Paulo: EDUSP, 1992.

BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CAMPOS, D.M.S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARROZZI, M. J. (Org.) **A nova era no Mercosul.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, F. Oheokoti: A cerimônia dos xamãs terena. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros.** São Paulo: CPA Editora, 1999.

CARVALHO, M. M. M. J.; ANDRADE, L. Q. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

CARVALHO, M. M. M. J. de. O que é arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

CARVALHO, M. M. M. J. (Coord.) **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas, Workshopsy, 1995.

CERCHIARI, E. A. N. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários.** Campinas, 2004. (Tese - Doutorado - Universidade Estadual de Campinas).

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CORBETT, N. Q. **A prostituta sagrada.** A face eterna do feminino. São Paulo: Paulus, 1990.

CORTESE, F. N. **Comunicação pessoal a seus alunos.** Instituto "Sedes Sapientiae" - São Paulo, SP, 1993.

COX, Rosann McLaughlin. An update on States' dance curricula: Texas. **JOPHERD**, 6(5):54-55, May/Jun. 1989.

CREMA, R. **Introdução à visão holística.** São Paulo, Summus, 1989.

DETONI, A. R.; PAULO, R. M. A Organização dos dados da pesquisa em cena. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) **Fenomenologia: confrontos e avanços.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

DEUTSCH, S. **Música e dança de salão: interferências da audição e da dança nos estados de ânimo.** São Paulo, 1997. (Tese - Doutorado - Universidade de São Paulo).

DI LEO, J.H. **A interpretação do desenho infantil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

DOSSEY, L. **Space, time & medicine.** Massachusetts, Shambhala Publications, 1982.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação.** Campinas: Papyrus, 1988.

DURAN, S.M.G.T.: **O atendimento psicoterapêutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal de Pethö Sándor: Uma interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C.G. Jung**", São Paulo, 1997. (Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo).

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EARLS, Ruth; LUNT, Joanne M. An update on States' dance curricula: South Carolina. **JOPHERD**, 6(5):52-53, May/Jun. 1989.

EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo**. A individuação e a função religiosa da psique. São Paulo: Cultrix, 1989.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, M. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, s/d.a, p. 128-129

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercúrio, 1992.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Lisboa: Livros do Brasil-Lisboa, s/d.b

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIEZER, J. Arteterapia: proposta de integração - indivíduo, sociedade e ambiente. **Viver Psicologia**. São Paulo, Ano XII, n. 136, maio/2004.

ELLMERICH, L. **História da dança**. São Paulo: Ricordi, 1964.

ESPÍRITO SANTO, R. C. **O renascimento do sagrado na educação**. Campinas: Papirus, 1998.

FARAH, R.M. **Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Companhia Ilimitada/Robe Editorial, 1995.

FARO, A. J. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLECK, M.P.A.; LOUZADA, S.; XAVIER, M.; CHACHAMOVICH, E.; VIEIRA, G.; SANTOS, L.; PIZON, V. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, dez, 21(1): 19-28, 1999a.

FLECK, M.P.A.; LEAL, O.F.; LOUZADA, S.; XAVIER, M.; CHACHAMOVICH, E.; VIEIRA, G.; SANTOS, L.; PIZON, V. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista de Saúde Pública**, abr., 33(2): 198-205, 1999b.

FORTUNA, S. M. C. B. **Terapias expressivas, demência de Alzheimer e qualidade de vida: uma compreensão junguiana**. Campinas, 2000. (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas).

FRANÇA, C. **Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

FRANCES, L.; BRYANT-JEFFERIES, R. **The sevenfold circle: selfawareness in dance**. Scotland: Findhorn Press, 1998.

FREGTMAN, C. D. **O tao da música**. São Paulo: Pensamento, 1988.

FURTH, G.M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

GAETNER, R. **Terapia psicomotriz y psicosis**. Barcelona: Paidós, 1981.

GALLIAN, D. M. C. A (re) humanização da Medicina. **Psiquiatria na prática médica**. São Paulo, Centro de Estudos, Departamento de Psiquiatria UNIFESP/EPM. Vol 33, n. 2, abr-jun/2000. Disponível em: <http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/index.htm> Acesso em 01/03/2005.

- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 13.
- GARRISON, F. H. **História de la medicina**. México: Editorial Interamericana, 1966.
- GIBRAN, G. K. **O profeta**. Rio de Janeiro: Raval, 1971.
- GIGLIO, J. S. Técnicas Expressivas como Recurso Auxiliar na Psicoterapia: Perspectiva Junguiana. **Boletim de Psiquiatria**. 27(1): 21-25, 1994.
- GIGLIO, J. S. O homem diante do mistério. **Jornal O Comunitário**, 55: 3-4, 1996.
- GIGLIO, J. S.; GIGLIO, Z. G. Religiosidade na prática psicoterapêutica - uma leitura contemporânea. In **Desafios da Prática: o paciente e o continente**. Anais do III Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Salvador - Brasil, 2003. VALLADA & KAUSMAN - Editores. São Paulo, Lector, 2004. pp 445-453.
- GIORGI, A. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Dusquene University, 1985.
- GNECCO, J. R. **Corporeidade e Paidéia: a Corporeidade na Grécia Antiga à luz da Paidéia de Jaeger**. São Paulo, 1999. (Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo).
- GODOY, M. F. A teoria do caos e a medicina. **Ser Médico**, 29:21, 2004.
- GONÇALVES, M. **A religiosidade como fator de proteção contra transtornos depressivos em pacientes acometidas com patologia oncológica da mama**. Campinas, 2000. (Tese - Doutorado - Universidade de Campinas).
- GÖSSWEINER, V; PFEIFER, C.; RICHTER, R. Quality of life and social quality. **Osterreichische institu für familienforschung (OIF)**. 12:2-5, 2001.
- GROESBECK, C. J. A imagem arquetípica do médico ferido. **Junguiana**, 1:75, 1983.

GUDMUNDSON, Jane Edwards. An update on States' dance curricula: North Dakotta. **Jofherd**, 6(5):50-51, May/Jun. 1989.

GUNTHER, H.; SCHAEFER, H. **Vom schamanentanz zur rumba:** Die Geschichte des Gesellschaftstanzes. Deutschland: Verlag Fritz Ifland Stuttgart, 1975.

HANEMANN, S. C. F. **Organon da arte de curar.** São Paulo: Grupo "Benoit Mure", 2ª. ed., 1984.

HARRIS, J.A.; PITTMAN, A.M.; WALLER, M.S. **Dance a while.** 5th ed., Minneapolis, Burgess Publishing Company, 1978.

HESIODO. **Origem dos deuses:** teogonia. Trad. de J. Torrano. São Paulo: Roswitha Kempf, 7.ed., 1989. 160p.

HOELLER, S. A. **Jung e os evangelhos perdidos:** uma apreciação junguiana sobre os manuscritos do Mar Morto e a Biblioteca de Nag Hammadi. São Paulo: Cultrix, 1993.

IENCARELLI, A.M.B. Relaxação, Psicossomática e Adolescência. **Arquivo Brasileiro de Psicologia.** Rio de Janeiro, v.32, n.1, 431- 6, jan-mar/1980.

INGRAM, A. Philosophical discusson of where dance belongs in higher education (USA). In: 8 COMMONWEALTH AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPORT, PHYSICAL EDUCATION, DANCE, RECREATION AND HEALTH, Glasgow, 18-23 jul., 1986. **Dance: the study of dance and the place of dance in society.** London, E. & F. N. Spon, 1986, pg 194-203.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo.** São Paulo: Cultrix, 1991.

JAFFÉ, A. C. G. **Jung - word and image.** Bollingen Series XCVII, vol. 2, Princeton, Princeton University Press, 1979.

JAFFÉ, L. W. **Libertando o coração** - Espiritualidade e psicologia junguiana. São Paulo: Cultrix, 1992.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 8ª. ed., s.d.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 5, parágrafo 11.

JUNG, C. G. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 332. parágrafo 497.

JUNG, C. G. **Aion - estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 25, parágrafo 50.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2ª. Edição, 1991.

JUNG, C. G. **Psicologia em transição**. Petrópolis: Vozes, 1993, p.97, parágrafo 195.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 282, parágrafo 524.

KIRSCH, T.B. **The Jungians: a comparative and historical perspective**. London: Routledge, 2000.

LANZ, R. **Noções básicas de antroposofia**. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1978.

LEÃO, M. A. B. G. **A aposentadoria como perspectiva de individuação em mulheres trabalhadoras de meia-idade**. Campinas. 2000. (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas).

LE BOUCH, J. **Curso de psicomotricidade**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1983.

LEVY, F. J. **Dance-movement therapy**. Reston: A healing art. 1992.

LIGETI, M. Liberdade e Criatividade: uma abordagem junguiana em arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

LELOUP, J. Y. **Cuidar do ser: Fílon e os Terapeutas de Alexandria**. Petrópolis: Vozes, 1996.

LELOUP, J. Y. **O evangelho de Tomé**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LELOUP, J. Y. **O corpo e seus símbolos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIFAR, S. **La danza**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, s/d.

LORENZETTO, L. A. **O corpo que joga o jogo do corpo**. Campinas, 1991, Tese (Doutorado - Universidade Estadual de Campinas).

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MACHADO FILHO, P. T. **Gestos de cura e seu simbolismo**. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado - Universidade de São Paulo).

MACHOVER, K. **Proyeccion de la personalidad en el dibujo de la figura humana**. Havana: Cultural S.A., 1949.

MARDONES, J. M. **As novas formas de religião**. Coimbra: Editorial Verbo Divino, 1996.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Moraes-Educ, 1989.

- MEAD, S. R. G. **O hino de Jesus: um rito gnóstico.** Brasília: Teosófica, 1994.
- MENDES, M. G. **A dança.** São Paulo: Ática, 1987.
- MEZAN, R. Psicanálise e psicoterapias. **Estudos Avançados.** São Paulo, v. 10, n.27, maio-ago 1996.
- MONTAGU, A. **Introdução à antropologia.** Trad. de Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORAES, L.P. **Calatonia: a sensibilidade, os pés, e a imagem do próprio corpo em psicoterapia.** São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado - Universidade de São Paulo).
- MORAIS, R. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: GEBARA, A.; MOREIRA, W.W. (Orgs). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI.** Campinas: Papirus, 1992
- MOSCHELLA, V. **Questionário de religiosidade.** Tradução e Validação para o português por Prof. Dra. Márcia Gonçalves (UNICAMP), Prof. Dr. Marcos Ferraz (UNIFESP), Prof. Dr. Joel Gíglio (UNICAMP), 2000.
- MURPHY, Sally. Why dance? A functional perspective. In: 8 COMMONWEALTH AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPORT, PHYSICAL EDUCATION, DANCE, RECREATION AND HEALTH, Glasgow, 18-23 jul., 1986. **Dance: the study of dance and the place of dance in society.** London: E. & F. N. Spon, 1986, pg 93-99.
- NANNI, D. **Dança-educação: pré-escola à universidade.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência.** São Paulo: Cultrix, 1990.
- NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 1996.

O'BRIEN, E. (Org.). **The essential plotinus**. Indianápolis: Hackett Publishing Co., 1964.

OCAMPO, M.L.S. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

OLIVEIRA, E. M. **Perspectivas psicanalíticas dos desenhos infantis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

OTTO, R. **O sagrado**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PELLEGRINI FILHO, A. **Danças folclóricas**. São Paulo: Esperança, 1986.

PENNICK, N. **Geometria sagrada**. São Paulo: Pensamento, 1982.

PRUTKIN, J. M.; FEISNTEIN, A. R. Quality-of-life measurements: origin and pathogenesis. **Yale Journal of Biology and Medicine**. 75: 79-93, 2002.

PULVER, M. Jesus'round dance and crucifixion according to the Acts of St. John. In: CAMPBELL, J. **The Mysteries: papers from Eranos Yearbooks**. Bollingen Series XXX, vol. 2, Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 169-93.

RAMOS, D.G. **A Psique do Corpo: uma compreensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 1994.

RAMOS, R. C. L. (Org). **Danças circulares sagradas**. São Paulo: Triom, 1998.

READ, H. **Educación por el arte**. Buenos Aires: Paidós, 1955.

ROOB, A. **Alquimia e Misticismo**. Lisboa: Taschen, 1997.

SABELLA, G. M. **Os efeitos da dança circular e de técnicas expressivas corporais no stress e na qualidade de vida**. São Paulo: 2004. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

SACHS, C. **História universal de la danza**. Buenos Aires: Ediciones Centurión, 1943.

SANDOR, P. **Comunicação pessoal à seus alunos**. Instituto "Sedes Sapientiae"
- São Paulo, 1991.

SANTILLI, P. Rituais litúrgicos beneditinos e a celebração catequética entre os povos indígenas no Vale do Rio Branco. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros**. São Paulo: CPA Editora, 1999.

SANTIS, M. I. de **O discurso não verbal do corpo no contexto psicoterápico**. Rio de Janeiro: 1976. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

SANTOS FILHO, L. C **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1991.

SAS/STAT **User's Guide Version 6**. Fourth Edition, Volumes 1 e 2, Cary, NC: SAS Institute Inc., 1996.

SATZ, M. **El cuerpo y sus símbolos**. Buenos Aires: Planeta Argentina, 1994.

SCALIN, Judith. An update on States' dance curricula: California. **JOPHERD**, 6(5):34,35 e 60, May/Jun. 1989.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SEIXAS, L. M. P. **O caso de Nina**: um atendimento na esquizofrenia dentro da visão junguiana. São Paulo, 1989. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

SHEEHAN, D.V.; LECRUBIER, Y.; WEILLER, E.; HERGUETA, T.; AMORIM, P.; BONORA, L.I.; LÉPINE, J.P. **Mini International Neuropsychiatric Interview - DSM IV**. Hôpital de la Salpêtrière - Paris - França. Versão Brasileira 5.0.0 - feita por Patrícia Amorin, 2000. Comunicação em curso oferecido no Depto de Psiquiatria - FCM - UNICAMP, 2001.

SHELDRAKE, R. **O renascimento da natureza**. São Paulo: Cutrix, 1993.

- SILVEIRA, N. **Jung vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SILVEIRA, N. **O mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 2001.
- SOUZENELLE, A. **O simbolismo do corpo humano**. São Paulo: Pensamento, 1994.
- STEINER, R. **Eurythmy and the impulse of dance**. Dornach: Rudolf Steiner Press, 1974.
- STEINER, R. **A arte da educação I: O Estudo Geral do Homem, uma base para a Pedagogia**. São Paulo: Antroposófica, 1988.
- STEINER, R. **A arte da educação II: Metodologia e Didática no Ensino Waldorf**. São Paulo: Antroposófica, 1988b.
- STEWART, I. J. **Sacred woman, sacred dance: awakening spirituality through movement & ritual**. Rochester Vermont: Inner Traditions, 2000.
- STRAYHORN, J. M.; WEIDMAN, C. S.; LARSON, D. A measure of religiousness, and its relation to parents and child mental health variables. ***Journal of community psychology***. Vol 18, January-1990, p. 34-43.
- STUEK, Patricia M.; TAYLOR, Sherry B. An update on States' dance curricula: Georgia. **JOPHERD**, 6(5):38-39, May/Jun. 1989.
- ULANOV, A. **The feminine in jungian psychology and in Christian theology**. Evaston: Northwestern University Press, 1971
- VAN DER LEWIV, G. **Sacred and profane beauty: The holy in Art**. London: Weidenfeld e Nicolsen, 1963.
- VASCONCELLOS, E. A.; GIGLIO, J. S. **Imagens simbólicas no processo do adoecer**. In: 6th World Congress of Psycho-Oncology - Banff - Alberta - Canadá, 2003.

VASCONCELLOS, E. A. **Imagens simbólicas no adoecer**: estudo descritivo sobre o processo arteterapêutico de pacientes oncológicos. Campinas, 2004. Tese (Doutorado - Universidade Estadual de Campinas).

VIERTLER, R. B. Implicações adaptativas do funeral ao processo de mudança social entre os bororos de Mato Grosso. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros**. São Paulo: CPA Editora, 1999.

VOLP, C. M. **Vivenciando a dança de salão na escola**. São Paulo, 1994. (Tese - Doutorado - Universidade de São Paulo).

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

WAHBA, L.L. **Consciência de si através da vivência corporal**. São Paulo, 1982. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

WALDENFELS, H. **Léxico das religiões**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1990.

WHOQOL Group. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, 10:1403-09, 1995.

WHOQOL 100. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol-100.html>. Acesso em: 20 set. 2005.

WILLIAMS, H. G. **Perceptual and motor development**. New Jersey: Prentice Hall Inc., 1983.

WOSIEN, B. **Dança**: um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

WOSIEN, M. G. **The Dancing Circle**. Winchester: Inglaterra, s/d.

WOSIEN, M. G. **Danzas sagradas**: el encuentro com los dioses. Madrid: Editorial Debate, 1996.

WOSIEN, M. G. **Dança sagrada**: deuses, mitos e ciclos. São Paulo: Triom, 2002.

WOSIEN, M. G. **Dança - símbolos em movimento**. São Paulo: Anhembi/Morumbi, 2004.

ZACHARIAS, J. J. M. **Vox Dei**. O simbolismo do órgão no Cristianismo Ocidental. São Paulo: Vetor, 2002.

ZANNONI, C. Rituais de iniciação entre os Tenetehara. In: CARVALHO, S. M. S. (Coord.) **Rituais indígenas brasileiros**. São Paulo: CPA Editora, 1999.

ZIMMERMANN, E. B. **Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade**. Campinas. 1992. (Dissertação - Mestrado - Universidade de Campinas).

8- OBRAS CONSULTADAS

BACH, S. **Acta psychosomatica**: spontaneous paintings of severely ill patients. Basel: Geigy S. A., 1969.

BARTON, A. **Espírito da dança** - volume I e II. Tradução de Renata Carvalho Lima Ramos. São Paulo: Triom, 1995.

BONOMI, A. E.; PATRICK, D. L.; BUSHNELL, D. M.; MARTIN, M. **World health organization quality of life (WHOQOL) instrument**. Department of Health Services, University of Washington, School of Public Health and Community Medicine, Seattle, USA. Validação e tradução para o português por Marcelo Pio de Almeida Fleck - versão 100 - (UFRGS).

CAEIRO, A. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, F. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Comp. José Aguilar Ed., 1975, p. 162.

CHAVES, M. Educação das profissões da saúde: perspectivas para o século XXI. **Ver Bras Educ Med** 20 (1): 21-7, 1996.

DOSSEY, L. **Space, Time & Medicine**. Massachusetts: Shambhala Publications, 1982.

ELIOT, T. S. **Quatro quartetos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira-Record, 1967.

FRANCES, L. Sacred dance and spirituality. In: KING, J. **The dancing circle**: Volume Two. Winchester: UK, s.d.

FROMM, E. **A linguagem esquecida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

GUÉNON, R. **Os símbolos da ciência sagrada**. A importância dos símbolos na transmissão dos ensinamentos doutrinários de ordem tradicional. São Paulo: Pensamento, 1989.

JACOBI, J. **Von Bilderreich der Seele**. Weg und Umwege zu Sich Selbst. Suíça, Walter-Verlag AG Olten, 1969.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org). **Diante do Mistério: Psicologia e Senso Religioso.** São Paulo: Loyola, 1999.

RUMI, J. D. **Mawlana: poemas místicos - Divan de Shams de Tabriz.** São Paulo: Attar Editorial, 1996.

SANNINO, A. **Métodos do trabalho corporal na psicoterapia junguiana: teoria e prática.** São Paulo: Moraes, 1992.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: GEBARA, A.; MOREIRA, W.W. (Orgs). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI.** Campinas: Papirus, 1992.

SCHWARZ, F.; DURAND, G.; MORIN, E. **Mircea Eliade: o reencontro com o sagrado.** Lisboa: Nova Acrópole, 1993.

SOKAL, R. R.; ROHLF, F. J. **Biometry.** New York: Freeman, 3a. ed., 1995.

SPIRIT OF DANCE. Desenvolvido pela Findhorn Foundation Sacred Dance Programme. São Paulo: Triom, 1995. 1 CD de músicas.

SPIRIT OF DANCE - The next steps. Desenvolvido pela Findhorn Foundation Sacred Dance Programme. São Paulo: Triom, 1995. 1 CD de músicas.

STRAYHORN, J. M.; WEIDMAN, C. S.; LARSON, D. **Inventário de religiosidade.** Tradução e Validação para o português por Prof. Dra. Márcia Gonçalves (UNICAMP), Prof. Dr. Marcos Ferraz (UNIFESP), Prof. Dr. Joel Gíglío (UNICAMP), 2000.

WOLFF, O.; HUSEMANN, F. **A imagem do homem como base da arte médica.** São Paulo: Associação Beneficiente Tobias, 1984.

9- ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto: “Uma Investigação entre Qualidade de Vida e Religiosidade através da Prática das Danças Circulares Sagradas”.

Responsável: Lúcia Helena Hebling Almeida.

Eu, _____
RG _____, aceito participar do “ Programa de Vivências com Danças Sagradas” desenvolvida por Lúcia Helena Hebling Almeida, CRP 06/22.225-5 . Informo ainda ter ciência dos seguintes aspectos:

- Que o “Programa de Vivências com Danças Sagradas” refere - se a parte prática do projeto “Uma Investigação entre Qualidade de Vida e Religiosidade através da Prática das Danças Circulares Sagradas”, que investigará possíveis alterações na qualidade de vida e na religiosidade das pessoas que dele participam.
- Que haverá uma breve avaliação psicodiagnóstica com o uso de teste devidamente validado; Pré e Pós-Teste que possibilitará a investigação da qualidade de vida através de um questionário; e ainda um inventário de religiosidade, ambos descritos, publicados e, portanto validados.
- Que teremos 9 encontros de 50 minutos organizados previamente em local e datas definidos, onde o trabalho será desenvolvido, executando algumas danças circulares sagradas.
- Que poderei obter qualquer esclarecimento referente a qualquer dúvida relacionada a pesquisa e aos seus procedimentos.
- Que o devido sigilo e caráter confidencial das informações, visando a privacidade e não identificação pessoal nas conclusões e publicações será considerado.
- Que poderei interromper este trabalho, caso não me adapte a ele.
- Que sei que o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa é: (019) 3788. 8936.

Assinatura e data.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
RESOLUÇÃO Nº 196, de 10 de outubro de 1996

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Ordinária, realizada nos dias 09 e 10 de outubro de 1996, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, **RESOLVE:**

Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos:

I- PREÂMBULO

A presente Resolução fundamenta-se nos principais documentos internacionais que emanaram declarações e diretrizes sobre pesquisas que envolvem seres humanos: o Código de Nuremberg (1947), a Declaração dos Direitos do Homem (1948), a Declaração de Helsinque (1964 e suas versões posteriores de 1975, 1983 e 1989), o Acordo Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (ONU, 1966, aprovado pelo Congresso Nacional Brasileiro em 1992), as Propostas de Diretrizes Éticas Internacionais para Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos (CIOMS/OMS 1982 e 1993) e as Diretrizes Internacionais para Revisão Ética de Estudos Epidemiológicos (CIOMS, 1991). Cumpre as disposições da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e da legislação brasileira correlata: Código de Direitos do Consumidor, Código Civil e Código Penal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Orgânica da Saúde 8.080, de 19/09/90 (dispõe sobre as condições de atenção à saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes), Lei 8.142, de 28/12/90 (participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde), Decreto 99.438, de 07/08/90 (organização e atribuições do Conselho Nacional de Saúde), Decreto 98.830, de 15/01/90 (coleta por estrangeiros de dados e materiais científicos no Brasil), Lei 8.489, de 18/11/92, e Decreto 879, de 22/07/93 (dispõem sobre retirada de tecidos, órgãos e outras partes do corpo humano com fins humanitários e científicos), Lei 8.501, de 30/11/92 (utilização de cadáver), Lei 8.974, de 05/01/95 (uso das técnicas de engenharia genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados), Lei 9.279, de 14/05/96 (regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial), e outras.

Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

O caráter contextual das considerações aqui desenvolvidas implica em revisões periódicas desta Resolução, conforme necessidades nas áreas tecnocientífica e ética.

Ressalta-se, ainda, que cada área temática de investigação e cada modalidade de pesquisa, além de respeitar os princípios emanados deste texto, deve cumprir com as exigências setoriais e regulamentações específicas.

II- TERMOS E DEFINIÇÕES

A presente Resolução, adota no seu âmbito as seguintes definições:

- II.1- Pesquisa-** classe de atividades cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável. O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência.
- II.2- Pesquisa envolvendo seres humanos** - pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.
- II.3- Protocolo de Pesquisa** - Documento contemplando a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais, informações relativas ao sujeito da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e à todas as instâncias responsáveis.
- II.4- Pesquisador responsável** - pessoa responsável pela coordenação e realização da pesquisa e pela integridade e bem-estar dos sujeitos da pesquisa.
- II.5- Instituição de pesquisa** - organização, pública ou privada, legitimamente constituída e habilitada na qual são realizadas investigações científicas.
- II.6- Promotor** - indivíduo ou instituição, responsável pela promoção da pesquisa.
- II.7- Patrocinador** - pessoa física ou jurídica que apoia financeiramente a pesquisa.
- II.8- Risco da pesquisa** - possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente.
- II.9- Dano associado ou decorrente da pesquisa** - agravo imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade, com nexos causal comprovado, direto ou indireto, decorrente do estudo científico.
- II.10- Sujeito da pesquisa** - é o(a) participante pesquisado(a), individual ou coletivamente, de caráter voluntário, vedada qualquer forma de remuneração.
- II.11- Consentimento livre e esclarecido** - anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa,

seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa.

- II.12- Indenização** - cobertura material, em reparação a dano imediato ou tardio, causado pela pesquisa ao ser humano a ela submetida.
- II.13- Ressarcimento** - cobertura, em compensação, exclusiva de despesas decorrentes da participação do sujeito na pesquisa.
- II.14- Comitês de Ética em Pesquisa-CEP** - colegiados interdisciplinares e independentes, com “munus público”, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.
- II.15- Vulnerabilidade** - refere-se a estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido.
- II.16- Incapacidade** - Refere-se ao possível sujeito da pesquisa que não tenha capacidade civil para dar o seu consentimento livre e esclarecido, devendo ser assistido ou representado, de acordo com a legislação brasileira vigente.

III- ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais.

III.1- A eticidade da pesquisa implica em:

- a)** consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (**autonomia**). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade;
- b)** ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (**beneficência**), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c)** garantia de que danos previsíveis serão evitados (**não maleficência**);
- d)** relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (**justiça e equidade**).

III.2- Todo procedimento de qualquer natureza envolvendo o ser humano, cuja aceitação não esteja ainda consagrada na literatura científica, será considerado como pesquisa e, portanto, deverá obedecer às diretrizes da presente Resolução. Os procedimentos referidos incluem entre outros, os de natureza instrumental, ambiental, nutricional, educacional, sociológica, econômica, física, psíquica ou biológica, sejam eles farmacológicos, clínicos ou cirúrgicos e de finalidade preventiva, diagnóstica ou terapêutica.

III.3- A pesquisa em qualquer área do conhecimento, envolvendo seres humanos deverá observar as seguintes exigências:

- a) ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;
- b) estar fundamentada na experimentação prévia realizada em laboratórios, animais ou em outros fatos científicos;
- c) ser realizada somente quando o conhecimento que se pretende obter não possa ser obtido por outro meio;
- d) prevalecer sempre as probabilidades dos benefícios esperados sobre os riscos previsíveis;
- e) obedecer a metodologia adequada. Se houver necessidade de distribuição aleatória dos sujeitos da pesquisa em grupos experimentais e de controle, assegurar que, *a priori*, não seja possível estabelecer as vantagens de um procedimento sobre outro através de revisão de literatura, métodos observacionais ou métodos que não envolvam seres humanos;
- f) ter plenamente justificada, quando for o caso, a utilização de placebo, em termos de não maleficência e de necessidade metodológica;
- g) contar com o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal;
- h) contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do sujeito da pesquisa, devendo ainda haver adequação entre a competência do pesquisador e o projeto proposto;
- i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico - financeiro;
- j) ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser sujeitos de pesquisa quando a informação desejada possa ser obtida através de sujeitos com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer

benefícios diretos aos vulneráveis. Nestes casos, o direito dos indivíduos ou grupos que queiram participar da pesquisa deve ser assegurado, desde que seja garantida a proteção à sua vulnerabilidade e incapacidade legalmente definida;

- l)** respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades;
- m)** garantir que as pesquisas em comunidades, sempre que possível, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão. O projeto deve analisar as necessidades de cada um dos membros da comunidade e analisar as diferenças presentes entre eles, explicitando como será assegurado o respeito às mesmas;
- n)** garantir o retorno dos benefícios obtidos através das pesquisas para as pessoas e as comunidades onde as mesmas forem realizadas. Quando, no interesse da comunidade, houver benefício real em incentivar ou estimular mudanças de costumes ou comportamentos, o protocolo de pesquisa deve incluir, sempre que possível, disposições para comunicar tal benefício às pessoas e/ou comunidades;
- o)** comunicar às autoridades sanitárias os resultados da pesquisa, sempre que os mesmos puderem contribuir para a melhoria das condições de saúde da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os sujeitos da pesquisa não sejam estigmatizados ou percam a auto-estima;
- p)** assegurar aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- q)** assegurar aos sujeitos da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento ou de orientação, conforme o caso, nas pesquisas de rastreamento; demonstrar a preponderância de benefícios sobre riscos e custos;
- r)** assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa ou patrocinador do projeto;
- s)** comprovar, nas pesquisas conduzidas do exterior ou com cooperação estrangeira, os compromissos e as vantagens, para os sujeitos das pesquisas e para o Brasil, decorrentes de sua realização. Nestes casos deve ser identificado o pesquisador e a instituição nacionais co-responsáveis pela pesquisa. O protocolo deverá observar as exigências da Declaração de Helsinque e incluir documento de aprovação, no país de origem, entre os apresentados para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição brasileira, que exigirá o cumprimento de seus próprios referenciais éticos. Os estudos patrocinados do exterior também devem responder às necessidades de treinamento de pessoal no Brasil, para que o país possa desenvolver projetos similares de forma independente;

- t) utilizar o material biológico e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo;
- u) levar em conta, nas pesquisas realizadas em mulheres em idade fértil ou em mulheres grávidas, a avaliação de riscos e benefícios e as eventuais interferências sobre a fertilidade, a gravidez, o embrião ou o feto, o trabalho de parto, o puerpério, a lactação e o recém-nascido;
- v) considerar que as pesquisas em mulheres grávidas devem, ser precedidas de pesquisas em mulheres fora do período gestacional, exceto quando a gravidez for o objetivo fundamental da pesquisa;
- x) propiciar, nos estudos multicêntricos, a participação dos pesquisadores que desenvolverão a pesquisa na elaboração do delineamento geral do projeto; e
- z) descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que a aprovou.

IV- CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

IV.1- Exige-se que o esclarecimento dos sujeitos se faça em linguagem acessível e que inclua necessariamente os seguintes aspectos:

- a) a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) os desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados;
- c) os métodos alternativos existentes;
- d) a forma de acompanhamento e assistência, assim como seus responsáveis;
- e) a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, informando a possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo;
- f) a liberdade do sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- g) a garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;
- h) as formas de ressarcimento das despesas decorrentes da participação na pesquisa; e
- i) as formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

IV.2- O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

IV.3- Nos casos em que haja qualquer restrição à liberdade ou ao esclarecimento necessários para o adequado consentimento, deve-se ainda observar:

- a) em pesquisas envolvendo crianças e adolescentes, portadores de perturbação ou doença mental e sujeitos em situação de substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, deverá haver justificação clara da escolha dos sujeitos da pesquisa, especificada no protocolo, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e cumprir as exigências do consentimento livre e esclarecido, através dos representantes legais dos referidos sujeitos, sem suspensão do direito de informação do indivíduo, no limite de sua capacidade;
- b) a liberdade do consentimento deverá ser particularmente garantida para aqueles sujeitos que, embora adultos e capazes, estejam expostos a condicionamentos específicos ou à influência de autoridade, especialmente estudantes, militares, empregados, presidiários, internos em centros de readaptação, casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes, assegurando-lhes a inteira liberdade de participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias;
- c) nos casos em que seja impossível registrar o consentimento livre e esclarecido, tal fato deve ser devidamente documentado, com explicação das causas da impossibilidade, e parecer do Comitê de Ética em Pesquisa;
- d) as pesquisas em pessoas com o diagnóstico de morte encefálica só podem ser realizadas desde que estejam preenchidas as seguintes condições:
 - documento comprobatório da morte encefálica (atestado de óbito);
 - consentimento explícito dos familiares e/ou do responsável legal, ou manifestação prévia da vontade da pessoa;
 - respeito total à dignidade do ser humano sem mutilação ou violação do corpo;
 - sem ônus econômico financeiro adicional à família;
 - sem prejuízo para outros pacientes aguardando internação ou tratamento;
 - possibilidade de obter conhecimento científico relevante, novo e que não possa ser obtido de outra maneira;

- e) em comunidades culturalmente diferenciadas, inclusive indígenas, deve-se contar com a anuência antecipada da comunidade através dos seus próprios líderes, não se dispensando, porém, esforços no sentido de obtenção do consentimento individual;
- f) quando o mérito da pesquisa depender de alguma restrição de informações aos sujeitos, tal fato deve ser devidamente explicitado e justificado pelo pesquisador e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

V- RISCOS E BENEFÍCIOS

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade.

V.1- Não obstante os riscos potenciais, as pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

- a) oferecerem elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos;
- b) o risco se justifique pela importância do benefício esperado;
- c) o benefício seja maior, ou no mínimo igual, a outras alternativas já estabelecidas para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento.

V.2- As pesquisas sem benefício direto ao indivíduo, devem prever condições de serem bem suportadas pelos sujeitos da pesquisa, considerando sua situação física, psicológica, social e educacional.

V.3- O pesquisador responsável é obrigado a suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento. Do mesmo modo, tão logo constatada a superioridade de um método em estudo sobre outro, o projeto deverá ser suspenso, oferecendo-se a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime.

V.4- O Comitê de Ética em Pesquisa da instituição deverá ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

V.5- O pesquisador, o patrocinador e a instituição devem assumir a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

V.6- Os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização.

V.7- Jamais poderá ser exigido do sujeito da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O formulário do consentimento livre e esclarecido não deve conter nenhuma ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao sujeito da pesquisa abrir mão de seus direitos legais, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

VI- PROTOCOLO DE PESQUISA

O protocolo a ser submetido à revisão ética somente poderá ser apreciado se estiver instruído com os seguintes documentos, em português:

VI.1- folha de rosto: título do projeto, nome, número da carteira de identidade, CPF, telefone e endereço para correspondência do pesquisador responsável e do patrocinador, nome e assinaturas dos dirigentes da instituição e/ou organização;

VI.2- descrição da pesquisa, compreendendo os seguintes itens:

- a)** descrição dos propósitos e das hipóteses a serem testadas;
- b)** antecedentes científicos e dados que justifiquem a pesquisa. Se o propósito for testar um novo produto ou dispositivo para a saúde, de procedência estrangeira ou não, deverá ser indicada a situação atual de registro junto a agências regulatórias do país de origem;
- c)** descrição detalhada e ordenada do projeto de pesquisa (material e métodos, casuística, resultados esperados e bibliografia);
- d)** análise crítica de riscos e benefícios;
- e)** duração total da pesquisa, a partir da aprovação;
- f)** explicitação das responsabilidades do pesquisador, da instituição, do promotor e do patrocinador;
- g)** explicitação de critérios para suspender ou encerrar a pesquisa;
- h)** local da pesquisa: detalhar as instalações dos serviços, centros, comunidades e instituições nas quais se processarão as várias etapas da pesquisa;
- i)** demonstrativo da existência de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da pesquisa e para atender eventuais problemas dela resultantes, com a concordância documentada da instituição;
- j)** orçamento financeiro detalhado da pesquisa: recursos, fontes e destinação, bem como a forma e o valor da remuneração do pesquisador;
- l)** explicitação de acordo preexistente quanto à propriedade das informações geradas, demonstrando a inexistência de qualquer cláusula restritiva quanto à divulgação pública dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento; neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento;

m) declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; e

n) declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados.

VI.3- informações relativas ao sujeito da pesquisa:

a) descrever as características da população a estudar: tamanho, faixa etária, sexo, cor (classificação do IBGE), estado geral de saúde, classes e grupos sociais, etc. Expor as razões para a utilização de grupos vulneráveis;

b) descrever os métodos que afetem diretamente os sujeitos da pesquisa;

c) identificar as fontes de material de pesquisa, tais como espécimens, registros e dados a serem obtidos de seres humanos. Indicar se esse material será obtido especificamente para os propósitos da pesquisa ou se será usado para outros fins;

d) descrever os planos para o recrutamento de indivíduos e os procedimentos a serem seguidos. Fornecer critérios de inclusão e exclusão;

e) apresentar o formulário ou termo de consentimento, específico para a pesquisa, para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, incluindo informações sobre as circunstâncias sob as quais o consentimento será obtido, quem irá tratar de obtê-lo e a natureza da informação a ser fornecida aos sujeitos da pesquisa;

f) descrever qualquer risco, avaliando sua possibilidade e gravidade;

g) descrever as medidas para proteção ou minimização de qualquer risco eventual. Quando apropriado, descrever as medidas para assegurar os necessários cuidados à saúde, no caso de danos aos indivíduos. Descrever também os procedimentos para monitoramento da coleta de dados para prover a segurança dos indivíduos, incluindo as medidas de proteção à confidencialidade; e

h) apresentar previsão de ressarcimento de gastos aos sujeitos da pesquisa. A importância referente não poderá ser de tal monta que possa interferir na autonomia da decisão do indivíduo ou responsável de participar ou não da pesquisa.

VI.4- qualificação dos pesquisadores: “Curriculum vitae” do pesquisador responsável e dos demais participantes.

VI.5- termo de compromisso do pesquisador responsável e da instituição de cumprir os termos desta Resolução.

VII- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-CEP

Toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa.

- VII.1-** As instituições nas quais se realizem pesquisas envolvendo seres humanos deverão constituir um ou mais de um Comitê de Ética em Pesquisa- CEP, conforme suas necessidades.
- VII.2-** Na impossibilidade de se constituir CEP, a instituição ou o pesquisador responsável deverá submeter o projeto à apreciação do CEP de outra instituição, preferencialmente dentre os indicados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS).
- VII.3 - Organização** - A organização e criação do CEP será da competência da instituição, respeitadas as normas desta Resolução, assim como o provimento de condições adequadas para o seu funcionamento.
- VII.4- Composição** - O CEP deverá ser constituído por colegiado com número não inferior a 7 (sete) membros. Sua constituição deverá incluir a participação de profissionais da área de saúde, das ciências exatas, sociais e humanas, incluindo, por exemplo, juristas, teólogos, sociólogos, filósofos, bioeticistas e, pelo menos, um membro da sociedade representando os usuários da instituição. Poderá variar na sua composição, dependendo das especificidades da instituição e das linhas de pesquisa a serem analisadas.
- VII.5-** Terá sempre caráter multi e transdisciplinar, não devendo haver mais que metade de seus membros pertencentes à mesma categoria profissional, participando pessoas dos dois sexos. Poderá ainda contar com consultores “ad hoc”, pessoas pertencentes ou não à instituição, com a finalidade de fornecer subsídios técnicos.
- VII.6-** No caso de pesquisas em grupos vulneráveis, comunidades e coletividades, deverá ser convidado um representante, como membro “ad hoc” do CEP, para participar da análise do projeto específico.
- VII.7-** Nas pesquisas em população indígena deverá participar um consultor familiarizado com os costumes e tradições da comunidade.
- VII.8-** Os membros do CEP deverão se isentar de tomada de decisão, quando diretamente envolvidos na pesquisa em análise.
- VII.9- Mandato e escolha dos membros** - A composição de cada CEP deverá ser definida a critério da instituição, sendo pelo menos metade dos membros com experiência em pesquisa, eleitos pelos seus pares. A escolha da coordenação de cada Comitê deverá ser feita pelos membros que compõem o colegiado, durante a primeira reunião de trabalho.
Será de três anos a duração do mandato, sendo permitida recondução.

VII.10- Remuneração - Os membros do CEP não poderão ser remunerados no desempenho desta tarefa, sendo recomendável, porém, que sejam dispensados nos horários de trabalho do Comitê das outras obrigações nas instituições às quais prestam serviço, podendo receber ressarcimento de despesas efetuadas com transporte, hospedagem e alimentação.

VII.11- Arquivo - O CEP deverá manter em arquivo o projeto, o protocolo e os relatórios correspondentes, por 5 (cinco) anos após o encerramento do estudo.

VII.12- Liberdade de trabalho - Os membros dos CEPs deverão ter total independência na tomada das decisões no exercício das suas funções, mantendo sob caráter confidencial as informações recebidas. Deste modo, não podem sofrer qualquer tipo de pressão por parte de superiores hierárquicos ou pelos interessados em determinada pesquisa, devem isentar-se de envolvimento financeiro e não devem estar submetidos a conflito de interesse.

VII.13- Atribuições do CEP:

- a) revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas;
- b) emitir parecer consubstanciado por escrito, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, identificando com clareza o ensaio, documentos estudados e data de revisão. A revisão de cada protocolo culminará com seu enquadramento em uma das seguintes categorias:
 - aprovado;
 - com pendência: quando o Comitê considera o protocolo como aceitável, porém identifica determinados problemas no protocolo, no formulário do consentimento ou em ambos, e recomenda uma revisão específica ou solicita uma modificação ou informação relevante, que deverá ser atendida em 60 (sessenta) dias pelos pesquisadores;
 - retirado: quando, transcorrido o prazo, o protocolo permanece pendente;
 - não aprovado; e
 - aprovado e encaminhado, com o devido parecer, para apreciação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa -CONEP/MS, nos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.
- c) manter a guarda confidencial de todos os dados obtidos na execução de sua tarefa e arquivamento do protocolo completo, que ficará à disposição das autoridades sanitárias;
- d) acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores;

- e) desempenhar papel consultivo e educativo, fomentando a reflexão em torno da ética na ciência;
- f) receber dos sujeitos da pesquisa ou de qualquer outra parte denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, decidindo pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa, devendo, se necessário, adequar o termo de consentimento. Considera-se como anti-ética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou;
- g) requerer instauração de sindicância à direção da instituição em caso de denúncias de irregularidades de natureza ética nas pesquisas e, em havendo comprovação, comunicar à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP/MS e, no que couber, a outras instâncias; e
- h) manter comunicação regular e permanente com a CONEP/MS.

VII.14- Atuação do CEP:

- a) A revisão ética de toda e qualquer proposta de pesquisa envolvendo seres humanos não poderá ser dissociada da sua análise científica. Pesquisa que não se faça acompanhar do respectivo protocolo não deve ser analisada pelo Comitê.
- b) Cada CEP deverá elaborar suas normas de funcionamento, contendo metodologia de trabalho, a exemplo de: elaboração das atas; planejamento anual de suas atividades; periodicidade de reuniões; número mínimo de presentes para início das reuniões; prazos para emissão de pareceres; critérios para solicitação de consultas de *experts* na área em que se desejam informações técnicas; modelo de tomada de decisão, etc.

VIII- COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP/MS)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS é uma instância colegiada, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa, independente, vinculada ao Conselho Nacional de Saúde.

O Ministério da Saúde adotará as medidas necessárias para o funcionamento pleno da Comissão e de sua Secretaria Executiva.

VIII.1- Composição: A CONEP terá composição multi e transdisciplinar, com pessoas de ambos os sexos e deverá ser composta por 13 (treze) membros titulares e seus respectivos suplentes, sendo 05 (cinco) deles personalidades destacadas no campo da ética na pesquisa e na saúde e 08 (oito) personalidades com destacada atuação nos campos teológico, jurídico e outros, assegurando-se que pelo menos um seja da área de gestão da saúde. Os membros serão selecionados, a partir de listas indicativas elaboradas pelas instituições que possuem CEP registrados na CONEP, sendo que 07 (sete) serão escolhidos pelo Conselho Nacional de Saúde e 06 (seis)

serão definidos por sorteio. Poderá contar também com consultores e membros “ad hoc”, assegurada a representação dos usuários.

VIII.2- Cada CEP poderá indicar duas personalidades.

VIII.3- O mandato dos membros da CONEP será de quatro anos com renovação alternada a cada dois anos, de sete ou seis de seus membros.

VIII.4- Atribuições da CONEP - Compete à CONEP o exame dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, bem como a adequação e atualização das normas atinentes. A CONEP consultará a sociedade sempre que julgar necessário, cabendo-lhe, entre outras, as seguintes atribuições:

- a) estimular a criação de CEPs institucionais e de outras instâncias;
- b) registrar os CEPs institucionais e de outras instâncias;
- c) aprovar, no prazo de 60 dias, e acompanhar os protocolos de pesquisa em áreas temáticas especiais tais como:
 - 1- genética humana;
 - 2- reprodução humana;
 - 3- fármacos, medicamentos, vacinas e testes diagnósticos novos (fases I, II e III) ou não registrados no país (ainda que fase IV), ou quando a pesquisa for referente a seu uso com modalidades, indicações, doses ou vias de administração diferentes daquelas estabelecidas, incluindo seu emprego em combinações;
 - 4- equipamentos, insumos e dispositivos para a saúde novos, ou não registrados no país;
 - 5- novos procedimentos ainda não consagrados na literatura;
 - 6- populações indígenas;
 - 7- projetos que envolvam aspectos de biossegurança;
 - 8- pesquisas coordenadas do exterior ou com participação estrangeira e pesquisas que envolvam remessa de material biológico para o exterior; e
 - 9- projetos que, a critério do CEP, devidamente justificado, sejam julgados merecedores de análise pela CONEP;
- d) prover normas específicas no campo da ética em pesquisa, inclusive nas áreas temáticas especiais, bem como recomendações para aplicação das mesmas;
- e) funcionar como instância final de recursos, a partir de informações fornecidas sistematicamente, em caráter *ex-offício* ou a partir de denúncias ou de solicitação de partes interessadas, devendo manifestar-se em um prazo não superior a 60 (sessenta) dias;

- f) rever responsabilidades, proibir ou interromper pesquisas, definitiva ou temporariamente, podendo requisitar protocolos para revisão ética inclusive, os já aprovados pelo CEP;
- g) constituir um sistema de informação e acompanhamento dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos em todo o território nacional, mantendo atualizados os bancos de dados;
- h) informar e assessorar o MS, o CNS e outras instâncias do SUS, bem como do governo e da sociedade, sobre questões éticas relativas à pesquisa em seres humanos;
- i) divulgar esta e outras normas relativas à ética em pesquisa envolvendo seres humanos;
- j) a CONEP juntamente com outros setores do Ministério da Saúde, estabelecerá normas e critérios para o credenciamento de Centros de Pesquisa. Este credenciamento deverá ser proposto pelos setores do Ministério da Saúde, de acordo com suas necessidades, e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde; e
- l) estabelecer suas próprias normas de funcionamento.

VIII.5- A CONEP submeterá ao CNS para sua deliberação:

- a) propostas de normas gerais a serem aplicadas às pesquisas envolvendo seres humanos, inclusive modificações desta norma;
- b) plano de trabalho anual;
- c) relatório anual de suas atividades, incluindo sumário dos CEP estabelecidos e dos projetos analisados.

IX- OPERACIONALIZAÇÃO

IX.1- Todo e qualquer projeto de pesquisa envolvendo seres humanos deverá obedecer às recomendações desta Resolução e dos documentos endossados em seu preâmbulo. A responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

IX.2- Ao pesquisador cabe:

- a) apresentar o protocolo, devidamente instruído ao CEP, aguardando o pronunciamento deste, antes de iniciar a pesquisa;
- b) desenvolver o projeto conforme delineado;
- c) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- d) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- e) manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP;
- f) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- g) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

- IX.3-** O Comitê de Ética em Pesquisa institucional deverá estar registrado junto à CONEP/MS.
- IX.4-** Uma vez aprovado o projeto, o CEP passa a ser co-responsável no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa.
- IX.5-** Consideram-se autorizados para execução, os projetos aprovados pelo CEP, exceto os que se enquadrarem nas áreas temáticas especiais, os quais, após aprovação pelo CEP institucional deverão ser enviados à CONEP/MS, que dará o devido encaminhamento.
- IX.6-** Pesquisas com novos medicamentos, vacinas, testes diagnósticos, equipamentos e dispositivos para a saúde deverão ser encaminhados do CEP à CONEP/MS e desta, após parecer, à Secretaria de Vigilância Sanitária.
- IX.7-** As agências de fomento à pesquisa e o corpo editorial das revistas científicas deverão exigir documentação comprobatória de aprovação do projeto pelo CEP e/ou CONEP, quando for o caso.
- IX.8-** Os CEP institucionais deverão encaminhar trimestralmente à CONEP/MS a relação dos projetos de pesquisa analisados, aprovados e concluídos, bem como dos projetos em andamento e, imediatamente, aqueles suspensos.

X- DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

- X.1-** O Grupo Executivo de Trabalho-GET, constituído através da Resolução CNS 170/95, assumirá as atribuições da CONEP até a sua constituição, responsabilizando-se por:
- a)** tomar as medidas necessárias ao processo de criação da CONEP/MS;
 - b)** estabelecer normas para registro dos CEP institucionais;
- X.2-** O GET terá 180 dias para finalizar as suas tarefas.
- X.3-** Os CEP das instituições devem proceder, no prazo de 90 (noventa) dias, ao levantamento e análise, se for o caso, dos projetos de pesquisa em seres humanos já em andamento, devendo encaminhar à CONEP/MS, a relação dos mesmos.
- X4-** Fica revogada a Resolução 01/88.

ADIB D. JATENE

Presidente do Conselho Nacional de Saúde

Homologo a Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.

ADIB D. JATENE

Ministro de Estado da Saúde

M.I.N.I.

Mini International Neuropsychiatric Interview

Brazilian version 5.0.0 DSM IV

Y. Lecrubier, E. Weiller, T. Hergueta, P. Amorim, L.I. Bonora, J.P. Lépine

Hôpital de la Salpêtrière - Paris - França

D. Sheehan, J. Janavs, R. Baker, K.H. Sheehan, E. Knapp, M. Sheehan

University of South Florida - Tampa - E.U.A.

Tradução para o português (Brasil) : P. Amorim

© 1992, 1994, 1998, 2000, Sheehan DV & Lecrubier Y.

Todos os direitos são reservados. Este documento não pode ser reproduzido, todo ou em parte, ou cedido de qualquer forma, incluindo fotocópias, nem armazenado em sistema informático, sem a autorização escrita prévia dos autores. Os pesquisadores e os clínicos que trabalham em instituições públicas (como universidades, hospitais, organismos governamentais) podem fotocopiar o M.I.N.I. para utilização no contexto estrito de suas atividades clínicas e de investigação.

MINI 5.0.0 / Versão Brasileira / DSM-IV / Atual

Nome do(a) entrevistado(a):	Número do protocolo:
Data de nascimento:	Hora de início da entrevista:
Nome do(a) entrevistador(a):	Hora do fim da entrevista:
Data da entrevista:	Duração total da entrevista:

MÓDULOS	PERÍODO EXPLORADO	CRITÉRIOS PREENCHIDOS	DSM-IV	ICD-10
A EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR (EDM) Único F32.x	Atual (2 semanas)		296.20-296.26	
Recorrente	Recorrente F33.x		296.30-296.36	
EDM COM CARACTERÍSTICAS MELANCÓLICAS Single (opcional)	Atual (2 semanas) F32.x		296.20-296.26	
Recurrent	F33.x		296.30-296.36	
B TRANSTORNO DISTÍMICO	Atual (Últimos 2 anos) Passado		300.4 300.4	F34.1 F34.1
C RISCO DE SUICÍDIO	Atual (Último mês) Risco: Baixo Médio Alto		nenhum	nenhum
D EPISÓDIO MANÍACO	Atual Passado		296.00-296.06	F30.x-F31.9
EPISÓDIO HIPOMANÍACO	Atual Passado		296.80-296.89	F31.8- F31.9/F34.0
E TRANSTORNO DE PÂNICO	Atual (Último mês) Vida inteira		300.01/300.21	F40.01-F41.0
F AGORAFOBIA	Atual		300.22	F40.00
G FOBIA SOCIAL	Atual (Último mês)		300.23	F40.1
H TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO (TOC)	Atual (Último mês)		300.3	F42.8
I TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO	Atual (Último mês)		309.81	F43.1
J DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL ABUSO DE ÁLCOOL	(Últimos 12 meses) (Últimos 12 meses)		303.9 305.00	F10.2x F10.1
K DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA (Não álcool) ABUSO DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	(Últimos 12 meses) (Últimos 12 meses)		304.00-.90/305.20-.90 304.00-.90/305.20-.90	F11.0-F19.1 F11.0-F19.1
L SÍNDROME PSICÓTICA	Vida inteira Atual			
TRANSTORNO DO HUMOR COM CARACTERÍSTICAS PSICÓTICAS	Vida inteira		296.24	F32.3/F33.3
M ANOREXIA NERVOSA	Atual (Últimos 3 meses)		307.1	F50.0
N BULIMIA NERVOSA ANOREXIA NERVOSA, TIPO COMPULSÃO PERIÓDICA PURGATIVO	Atual (Últimos 3 meses) Atual		307.51 307.1	F50.2 F50.0
O TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA	Atual (Últimos 6 meses)		300.02	F41.1
P TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL (opcional)	Vida inteira		301.7	F60.2

INSTRUÇÕES GERAIS

O M.I.N.I. (DSM IV) é uma entrevista diagnóstica padronizada, de aplicação rápida (em torno de 15 minutos), que explora os principais Transtornos Psiquiátricos do Eixo I do DSM IV (American Psychiatric Association, 1994). O M.I.N.I. pode ser utilizado por clínicos, após uma formação breve. Os entrevistadores não clínicos necessitam de uma formação mais intensiva.

- **Entrevista:**

Com o objetivo de reduzir o mais possível a duração da entrevista deve-se preparar o(a) entrevistado(a) para este enquadramento clínico pouco habitual, informando que lhe serão feitas perguntas precisas sobre os seus problemas psicológicos e que se espera dele(a) respostas “sim” ou “não”.

- **Apresentação:**

O MINI está dividido em **módulos** identificados por letras, cada um correspondendo a uma categoria diagnóstica.

- No início de cada um dos módulos diagnósticos (exceto o módulo “L” que explora os sintomas psicóticos), uma ou várias questões/filtros que correspondem aos critérios principais do Transtorno são apresentadas num quadro com fundo acinzentado.
- No final de cada módulo, um ou vários **quadros diagnósticos** permite(m) ao clínico indicar se os critérios de diagnóstico foram ou não preenchidos.

- **Convenções:**

As frases escritas em “letras minúsculas” devem ser lidas “palavra por palavra” para o(a) entrevistado(a) de modo a padronizar a exploração de cada um dos critérios diagnósticos.

As frases escritas em “MAÍUSCULAS” não devem ser lidas para o(a) entrevistado(a). São instruções às quais o clínico deve-se referenciar de modo a integrar os algoritmos diagnósticos ao longo de toda a entrevista.

As frases escritas em “negrito” indicam o período de tempo a explorar. O clínico deve lê-las tantas vezes quanto necessário, ao longo da exploração dos sintomas e só levar em conta aqueles presentes ao longo desse período.

As frases escritas entre (parêntesis) são exemplos clínicos que descrevem o sintoma avaliado. Podem ser lidos de modo a clarificar a questão.

Quando os termos são separados por uma barra (/) o clínico deve considerar apenas o termo que corresponde ao sintoma apresentado pelo(a) entrevistado(a) e que foi explorado anteriormente.

As respostas com uma seta sobreposta (∧) indicam que um dos critérios necessários ao estabelecimento do diagnóstico explorado não é preenchido. O clínico deve ir diretamente para o fim do módulo, cotar “**NÃO**” no(s) quadro(s) diagnóstico(s) correspondente(s) e passar ao módulo seguinte.

- **Instruções de cotação :**

Todas as perguntas feitas devem ser cotadas. A cotação faz-se à direita de cada uma das questões, envolvendo com um círculo a resposta correspondente do(a) entrevistado(a), seja “SIM” ou “NÃO”.

O clínico deve se assegurar que cada um dos termos formulados na questão foi, de fato, considerado pelo(a) entrevistado(a) na sua resposta (em particular, os critérios de duração, de frequência e as alternativas “e / ou”).

Não levar em conta os sintomas imputáveis a uma doença física, ou ao uso de medicamentos, droga ou álcool.

Se tem questões ou sugestões, se deseja ser treinado(a) na utilização do M.I.N.I. ou informado(a) das atualizações, pode contactar:

Yves LECRUBIER / Thierry HERGUETA Inserm U302 Hôpital de la Salpêtrière 47, boulevard de l'Hôpital F. 75651 PARIS FRANCE tel: +33 (0) 1 42 16 16 59 fax: +33 (0) 1 45 85 28 00 e-mail: hergueta@ext.jussieu.fr	Patrícia AMORIM N.A. P. S. Novo Mundo Avenida Manchester 2000, Chácara 2 Jardim Novo Mundo 74703-000 - Goiânia - Goiás BRASIL Tel: + 55 62 524 18 02 + 55 62 524 18 04 fax: + 55 62 213 64 87 e-mail: p.amorim@persogo.com.br	David SHEEHAN University of South Florida Institute for Research in Psychiatry 3515 East Fletcher Avenue TAMPA, FL USA 33613-4788 ph: +1 813 974 4544 fax: +1 813 974 4575 e-mail: dsheehan@com1.med.usf.edu
---	---	--

A- EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

A1	Nas duas últimas semanas, sentiu-se triste, desanimado(a), deprimido(a), durante a maior parte do dia, quase todos os dias?	NÃO	SIM	1
A2	Nas duas últimas semanas, quase todo tempo, teve o sentimento de não ter mais gosto por nada, de ter perdido o interesse e o prazer pelas coisas que lhe agradam habitualmente?	NÃO	SIM	2
	A1 OU A2 SÃO COTADAS SIM ?	→ NÃO	SIM	

A3 Durante as duas últimas semanas, quando se sentia deprimido(a) / sem interesse pela maioria das coisas:

a	O seu apetite mudou de forma significativa, ou o seu peso aumentou ou diminuiu sem que o tenha desejado ? (variação de + 5% ao longo do mês, isto é, + 3,5 Kg, para uma pessoa de 65 Kg) cotar SIM , se RESPOSTA SIM num caso ou no Outro	NÃO	SIM	3
b	Teve problemas de sono quase todas as noites (dificuldade de pegar no sono, acordar no meio da noite ou muito cedo, dormir demais)?	NÃO	SIM	4
c	Falou ou movimentou-se mais lentamente do que de costume ou pelo contrário, sentiu-se agitado(a) e incapaz de ficar sentado quieto(a), quase todos os dias?	NÃO	SIM	5
d	Sentiu-se a maior parte do tempo cansado(a), sem energia, quase todos os dias?	NÃO	SIM	6
e	Sentiu-se sem valor ou culpado(a), quase todos os dias?	NÃO	SIM	7
f	Teve dificuldade de concentrar-se ou de tomar decisões, quase todos os dias?	NÃO	SIM	8
g	Teve, por várias vezes, pensamentos ruins como, por exemplo, pensar que seria melhor estar morto(a) ou pensar em fazer mal a si mesmo(a) ?	NÃO	SIM	9

A4 HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM A3 ?
(ou 4 se A1 OU A2 = "NÃO")

NÃO SIM *

Se o(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um
Episódio Depressivo Maior Atual:

**EPISÓDIO
DEPRESSIVO
MAIOR ATUAL**

A5	Ao longo da sua vida, teve outros períodos de 2 semanas ou mais, em que se sentiu deprimido (a) ou sem interesse pela maioria das coisas e durante os quais teve os problemas dos quais falamos [SINTOMAS EXPLORADOS DE A3a à A3g]?	→ NÃO	SIM	10
b	Entre esses períodos de depressão que apresentou ao longo de sua vida, alguma vez teve um intervalo de pelo menos 2 meses em que não apresentou nenhum problema de depressão ou de perda de interesse ?	NÃO	SIM	11

A5b É COTADA SIM ?

NÃO SIM

**EPISÓDIO
DEPRESSIVO
MAIOR
RECORRENTE**

* SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR, COTAR AS QUESTÕES CORRESPONDENTES (A6d, A6e) NA PÁGINA 5

A'- EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR COM CARACTERÍSTICAS MELANCÓLICAS (opcional)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL (A4 = SIM), EXPLORAR O SEGUINTE:

A6 a	A2 É COTADA SIM ?	NÃO	SIM	12				
b	Durante este último período de depressão, quando sentiu-se pior, perdeu a capacidade de reagir às coisas que antes lhe agradavam ou o (a) alegravam?	NÃO	SIM	13				
	Se NÃO: Quando acontecia alguma coisa agradável, era incapaz de sentir-se melhor, mesmo temporariamente?							
	A6a OU A6b SÃO COTADAS SIM ?	→ NÃO	SIM					
Durante as duas últimas semanas, quando se sentia deprimido (a) e sem interesse pela maioria das coisas:								
A7 a	Os sentimentos depressivos que tinha eram diferentes daqueles que se pode sentir quando se perde uma pessoa querida?	NÃO	SIM	14				
b	Quase todos os dias, sentia-se, em geral, pior pela manhã ?	NÃO	SIM	15				
c	Acordava pelo menos duas horas mais cedo do que o habitual, e tinha dificuldade para voltar a dormir, quase todos os dias?	NÃO	SIM	16				
d	A3c É COTADA SIM (ALTERAÇÕES PSICOMOTORAS)?	NÃO	SIM	17				
e	A3a É COTADA SIM (ALTERAÇÕES DO APETITE / DO Peso)?	NÃO	SIM	18				
f	Sentia-se excessivamente culpado(a) ou sentia uma culpa exagerada em relação à situação que vivia?	NÃO	SIM	19				
	HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM A7 ?	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>NÃO</td> <td>SIM</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR com Características Melancólicas ATUAL</td> </tr> </tbody> </table>			NÃO	SIM	EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR com Características Melancólicas ATUAL	
NÃO	SIM							
EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR com Características Melancólicas ATUAL								

B- TRANSTORNO DISTÍMICO

^ SIGNIFICA: IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

NÃO EXPLORAR ESTE MÓDULO SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL.

B1	Durante os últimos 2 anos, sentiu-se triste, desanimado(a), deprimido(a), a maior parte do tempo ?	→ NÃO	SIM	20
B2	Ao longo desse período, sentiu-se bem durante 2 meses ou mais ?	NÃO	→ SIM	21
B3	Desde que se sente deprimido(a) a maior parte do tempo:			
a	O seu apetite mudou de forma significativa ?	NÃO	SIM	22
b	Tem problemas de sono ou dorme demais ?	NÃO	SIM	23
c	Sente-se cansado ou sem energia ?	NÃO	SIM	24
d	Perdeu a auto-confiança ?	NÃO	SIM	25
e	Tem dificuldade de concentrar-se ou de tomar decisões ?	NÃO	SIM	26
f	Sente-se sem esperança ?	NÃO	SIM	27
	HÁ PELO MENOS 2 RESPOSTAS “SIM” EM B3?	→ NÃO	SIM	
B4	Esses problemas causam - lhe um sofrimento importante ou perturbam de maneira significativa seu trabalho, suas relações sociais, ou outras áreas importantes ?	→ NÃO	SIM	28

B4 É COTADA SIM?

NÃO SIM

**TRANSTORNO
DISTÍMICO
ATUAL**

C- RISCO DE SUICÍDIO

Durante o último mês:		Pontos		
C1	Pensou que seria melhor estar morto (a) ou desejou estar morto (a) ?	NÃO	SIM	1
C2	Quis fazer mal a si mesmo (a) ?	NÃO	SIM	2
C3	Pensou em suicídio ?	NÃO	SIM	6
C4	Pensou numa maneira de se suicidar ?	NÃO	SIM	10
C5	Tentou o suicídio ?	NÃO	SIM	10
Ao longo da sua vida:				
C6	Já fez alguma tentativa de suicídio ?	NÃO	SIM	4
HÁ PELO MENOS UM "SIM" DE C1 À C6 ?		NÃO SIM		
SE SIM, SOMAR O NÚMERO TOTAL DE PONTOS DAS QUESTÕES COTADAS SIM DE C1 - C6 E ESPECIFICAR O RISCO DE SUICÍDIO ATUAL COMO SE SEGUE:		RISCO DE SUICÍDIO ATUAL		
		1-5 pontos Baixo		
		6-9 pontos Moderado		
		≥ 10 pontos Alto		

D- EPISÓDIO (HIPO)MANÍACO

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE.

D1 a	Alguma vez teve um período em que se sentia tão eufórico(a) ou cheio(a) de energia que isso lhe causou problemas, ou em que as pessoas à sua volta pensaram que não estava no seu estado habitual ? (Não considerar períodos que ocorrem apenas sob o efeito de drogas ou álcool)	NÃO	SIM	1
	Se O(A) ENTREVISTADO(A) não compreende o significado de “eufórico” ou “cheio de energia”, explicar da seguinte maneira: Por eufórico ou cheio de energia, quero dizer estar excessivamente ativo(a), excitado(a), ter menos necessidade de dormir, ter pensamentos rápidos, estar cheio(a) de idéias ou extremamente motivado(a) ou criativo(a) ou extremamente impulsivo(a).	NÃO	SIM	2
b	Se D1a = SIM: Sente-se, atualmente, eufórico (a) ou cheio (a) de energia?			
D2 a	Alguma vez teve um período em que, por vários dias, estava tão irritável que insultava as pessoas, gritava ou chegava até a brigar com pessoas que não eram de sua família? Você ou outras pessoas achou /acharam que você estava mais irritável ou hiperativo(a), comparado(a) a outras pessoas, mesmo em situações em que isso lhe parecia justificável ? (Não considerar os períodos que ocorrem apenas sob o efeito de drogas ou álcool)	NÃO	SIM	3
b	Se D2a = SIM: Sente-se, continuamente irritável atualmente? D1a OU D2a SÃO COTADAS “SIM” ?	NÃO	SIM	4
		→ NÃO	SIM	
D3	Se D1b ou D2b = “SIM”: explorar o episódio atual Se D1b E D2b = “NÃO” : explorar o episódio mais grave Quando se sentiu mais eufórico(a), cheio(a) de energia ou mais irritável:			
a	Tinha a sensação que podia fazer coisas que os outros seriam incapazes de fazer ou que você era alguém especialmente importante?	NÃO	SIM	5
b	Tinha menos necessidade de dormir do que costume (por ex., sentia-se repousado(a) com apenas poucas horas de sono) ?	NÃO	SIM	6
c	Falava sem parar ou tão rapidamente que as pessoas não conseguiam compreendê-lo(a) ?	NÃO	SIM	7
d	Os pensamentos corriam tão rapidamente na sua cabeça que não conseguia acompanhá-los ?	NÃO	SIM	8
e	Distraía-se com tanta facilidade que a menor interrupção o fazia perder o fio daquilo que estava fazendo ou pensando ?	NÃO	SIM	9
f	Estava tão ativo(a) e agitado(a) que as outras pessoas se preocupavam por sua causa ?	NÃO	SIM	10
g	Desejava tanto fazer coisas que lhe pareciam agradáveis ou tentadoras que não pensava nos riscos ou nos problemas que isso poderia causar (gastar demais, dirigir de forma imprudente, ter uma atividade sexual pouco habitual para você...) ?	NÃO	SIM	11

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM D3 →

ou 4 se D1a = "NÃO" (episódio passado) ou D1b = "NÃO" (episódio atual)? NÃO SIM

D4 Esses problemas dos quais acabamos de falar já duraram pelo menos uma semana E lhe causaram dificuldades em casa, no trabalho / na escola ou nas suas relações sociais NÃO SIM 12

OU você foi hospitalizado(a) por causa desses problemas?

Cotar SIM, se SIM num CASO ou no outro

D4 É COTADA "NÃO" ?

Se **SIM**, Especificar se o episódio é Atual ou Passado

D4 É COTADA "SIM" ?

Se **SIM**, Especificar se o episódio é Atual ou Passado

NÃO	SIM
EPISÓDIO HIPOMANÍACO	
Atual	<input type="checkbox"/>
Passado	<input type="checkbox"/>
NÃO	SIM
EPISÓDIO MANÍACO	
Atual	<input type="checkbox"/>
Passado	<input type="checkbox"/>

Se E6 = “ SIM ”, passar a F1 .				<i>Ataques Pobres em Sintomas Vida inteira</i>
E7 Durante o último mês, teve pelo menos 2 desses episódios de ansiedade, seguidos de um medo constante de ter outro episódio ?	NÃO	SIM	18	<i>Transtorno de Pânico Atual</i>

F- AGORAFOBIA

F1 Sente-se particularmente ansioso(a) ou desconfortável em lugares ou em situações das quais é difícil ou embaraçoso escapar ou, ainda, em que é difícil ter ajuda como estar numa multidão, esperando numa fila, longe de casa ou sozinho (a) em casa, atravessando uma ponte, dentro de um ônibus, de um carro ou de um avião?	NÃO	SIM	19	
Se F1 = “NÃO”, cotar “NÃO” em F2.				
F2 Tem tanto medo dessas situações que na prática, evita-as, sente um intenso mal-estar quando as enfrenta ou procura estar acompanhado(a) ao ter que enfrentá-las ?	NÃO	SIM	20	<i>Agorafobia Atual</i>
F2 (Agorafobia Atual) É COTADA “ NÃO ” e E7 (Transtorno de Pânico Atual) É COTADA “ SIM ” ?	NÃO SIM TRANSTORNO DE PÂNICO sem Agorafobia ATUAL			
F2 (Agorafobia Atual) É COTADA “ SIM ” e E7 (Transtorno de Pânico Atual) É COTADA “ SIM ” ?	NÃO SIM TRANSTORNO DE PÂNICO com Agorafobia ATUAL			
F2 (Agorafobia Atual) É COTADA “ SIM ” e E5 (Transtorno de Pânico Vida Inteira) É COTADA “ NÃO ” ?	NÃO SIM AGORAFOBIA sem história de Transtorno de Pânico ATUAL			

G- FOBIA SOCIAL (*Transtorno de Ansiedade Social*)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

G1	Durante o último mês, teve medo ou sentiu-se incomodado(a) por estar no centro das atenções, teve medo de ser humilhado(a) em algumas situações sociais; por exemplo, quando devia falar diante de um grupo de pessoas, ou comer com outras pessoas ou em locais públicos, ou escrever quando alguém estava olhando ?	→ NÃO	SIM	1
G2	Acha que esse medo é excessivo ou injustificado ?	→ NÃO	SIM	2
G3	Tem tanto medo dessas situações sociais que, na prática, as evita ou sente um intenso mal-estar quando as enfrenta ?	→ NÃO	SIM	3
G4	Esse medo causa-lhe um sofrimento importante ou perturba de forma significativa seu trabalho ou suas relações sociais? G4 É COTADA "SIM" ?	NÃO	SIM	4

NÃO **SIM**
FOBIA SOCIAL
(Transtorno de
Ansiedade Social)
ATUAL

H- TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE.

I- TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (opcional)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE.

I1	Alguma vez viveu ou presenciou ou teve que enfrentar um acontecimento extremamente traumático, no decorrer do qual morreram pessoas, ou você mesmo e/ou outros foram ameaçados de morte ou foram gravemente feridos ou atingidos na sua integridade física? ExEMPLOS de contextos traumáticos: acidente grave, agressão, ESTUPRO, ASSALTO A MÃO ARMADA, SEQÜESTRO, rapto, incêndio, descoberta de cadáver, morte súbita no meio EM QUE VIVE, guerra, catástrofe natural...	→ NÃO	SIM	1
I2	Durante o último mês, pensou freqüentemente nesse acontecimento de forma penosa ou sonhou com ele ou freqüentemente teve a impressão de revivê-lo?	→ NÃO	SIM	2
I3	Durante o último mês:			
a	Tentou não pensar nesse acontecimento ou evitou tudo o que pudesse fazê-lo(a) lembrar-se dele?	NÃO	SIM	3
b	Teve dificuldades de lembrar-se exatamente do que se passou?	NÃO	SIM	4
c	Perdeu o interesse pelas coisas das quais gostava antes?	NÃO	SIM	5
d	Sentiu-se desligado(a) de tudo ou teve a impressão de se ter tornado um(a) estranho(a) em relação aos outros?	NÃO	SIM	6
e	Teve dificuldade de sentir as coisas, como se não fosse mais capaz de amar?	NÃO	SIM	7
f	Teve a impressão de que a sua vida não seria nunca mais a mesma, ou que morreria mais cedo do que as outras pessoas ?	NÃO	SIM	8
	HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS “SIM” EM I3 ?	→ NÃO	SIM	
I4	Durante o último mês:			
a	Teve dificuldade de dormir ?	NÃO	SIM	9
b	Estava particularmente irritável, teve explosões de raiva facilmente?	NÃO	SIM	10
c	Teve dificuldades de se concentrar ?	NÃO	SIM	11
d	Estava nervoso(a), constantemente alerta?	NÃO	SIM	12
e	Ficava sobressaltado(a) por quase nada?	NÃO	SIM	13
	HÁ PELO MENOS 2 RESPOSTAS “SIM” EM I4	→ NÃO	SIM	
I5	Durante o último mês, esses problemas perturbaram de forma significativa seu trabalho, suas atividades cotidianas ou suas relações sociais?	NÃO	SIM	14
	I5 É COTADA SIM?	NÃO SIM TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS- TRAUMÁTICO ATUAL		

J- DEPENDÊNCIA/ABUSO DE ÁLCOOL

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

J1	Nos últimos 12 meses , em três ou mais ocasiões você bebeu pelo menos cinco latas de cerveja ou uma garrafa de vinho ou três doses de uma bebida alcoólica forte (pinga, caipirinha, conhaque, vodka, whisky...), num período de três horas ?	→ NÃO	SIM	1
-----------	--	----------	-----	---

J2 Nos últimos 12 meses:

a	Constatou que precisava de quantidades cada vez maiores de álcool para obter o mesmo efeito ?	NÃO	SIM	2
b	Quando bebia menos, as suas mãos tremiam, transpirava ou sentia-se agitado (a) ? Alguma vez bebeu uma dose para evitar esses problemas ou evitar uma ressaca? Cotar " SIM ", se RESPOSTA " SIM " num CASO ou no outro	NÃO	SIM	3
c	Quando começava a beber, com frequência bebia mais do que pretendia ?	NÃO	SIM	4
d	Tentou, mas não conseguiu diminuir seu consumo de álcool ou parar de beber ?	NÃO	SIM	5
e	Nos dias em que bebia, passava muito tempo procurando bebida, bebendo ou se recuperando dos efeitos do álcool ?	NÃO	SIM	6
f	Reduziu suas atividades (lazer, trabalho, cotidianas) ou passou menos tempo com os amigos ou a família por causa da bebida ?	NÃO	SIM	7
g	Continuou a beber mesmo sabendo que isso lhe causava problemas de saúde ou problemas psicológicos?	NÃO	SIM	8

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM J2 ?

→ NÃO	SIM
DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL ATUAL	

J3 Durante os últimos 12 meses:

a	Ficou embriagado ou de "ressaca" várias vezes, quando tinha coisas para fazer no trabalho (/ na escola) ou em casa ? Isso lhe causou problemas? Cotar " SIM " somente se a embriaguez / ressaca causou problemas	NÃO	SIM	9
b	Por várias vezes esteve sob o efeito do álcool em situações em que isso era fisicamente arriscado como dirigir, utilizar uma máquina ou um instrumento perigoso... ?	NÃO	SIM	10
c	Por várias vezes teve problemas legais como uma interpelação ou uma condenação ou uma detenção porque tinha bebido?	NÃO	SIM	11
d	Continuou a beber mesmo sabendo que a bebida lhe causava problemas com seus familiares ou com outras pessoas ?	NÃO	SIM	12

HÁ PELO MENOS 1 RESPOSTA "SIM" EM J3 ?

NÃO	SIM
ABUSO DE ÁLCOOL ATUAL	

K- DEPENDÊNCIA / ABUSO DE SUBSTÂNCIAS (NÃO ALCOÓLICAS)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE

K1	Agora, vou lhe mostrar / ler (mostrar a lista das substâncias / ler a lista abaixo) uma lista de drogas e de medicamentos e gostaria que me dissesse se, durante os últimos 12 meses, usou várias vezes uma destas substâncias para se sentir melhor, para mudar o seu estado de humor ou para ficar “de cabeça feita / chapado(a)”?	→ NÃO	SIM
-----------	--	----------	-----

Envolver com um círculo cada SUBTÂNCIA CONSUMIDA

ESTIMULANTES : anfetaminas, “bolinha”, “rebite”, ritalina, pílulas anorexígenas ou tira-fome.

COCAÍNA: “coca”, pó, “neve”, “branquinha”, pasta de coca, merla, crack, pedra

OPIÁCEOS: heroína, morfina, pó de ópio (Tintura de ópio®, Elixir Paregórico®, Elixir de Dover®), codeína (Belacodid®, Belpar®, Pambenyl®), meperidina (Dolantina®, Demerol®), propoxifeno (Algafan®, Doloxene A®), fentanil (Inoval®)

ALUCINOGENEIOS: L.S.D., “ácido”, mescalina, PCP, êxtase (MDMA), cogumelos, “vegetal” (Ayhuaska, daime, hoasca), Artane®.

SOLVENTES VOLÁTEIS: “cola”, éter, “lança perfume”, “cheirinho”, “loló”

CANABINÓIDES: cannabis, “erva”, maconha, “baseado”, hasish, THC, bangh, ganja, diamba, marijuana, marihuana

SEDATIVOS: Valium®, Diazepam®, Dienpax®, Somalium®, Frisium®, Psicosedin®, Lexotan®, Lorax®, Halcion®, Frontal®, Rohypnol®, Urbanil®, Sonebon®, barbitúricos

DIVERSOS: Anabolisantes, esteróides, remédio para dormir ou para cortar o apetite sem prescrição médica.

Toma outras substâncias?

Especificar A(s) substância (s) mais consumida (s): _____

Especificar a(s) substância (s) a ser(em) explorada(s) segundo os critérios abaixo indicados:

- Se há consumo de várias substâncias (ao mesmo tempo ou sequencialmente):
 - Cada substância (ou classe de substâncias) separadamente
 - Somente a substância (ou classe de substâncias) mais consumida
- Se há consumo de uma só substância (ou classe de substâncias):
 - Somente uma substância (ou classe de substâncias)

K2 Considerando o seu consumo de [substância ou a classe de substâncias seleccionada], durante os últimos 12 meses:

a	Constatou que precisava de quantidades cada vez maiores de [substância ou a classe de substâncias seleccionada] para obter o mesmo efeito ?	NÃO	SIM	1
b	Quando usava menos ou parava de consumir [substância ou a classe de substâncias seleccionada], tinha problemas como dores, tremores, febre, fraqueza, diarreia, náuseas, suores, aceleração do coração, dificuldade de dormir ou sentir-se agitado(a), ansioso (a), irritável ou deprimido (a) ? Ou você tomava qualquer outra coisa para evitar esses problemas ou para se sentir melhor ? Cotar “ SIM ”, se RESPOSTA “ SIM ” num CASO ou no outro	NÃO	SIM	2
c	Quando começava a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada], freqüentemente consumia mais do que pretendia ?	NÃO	SIM	3

d	Tentou, sem conseguir, diminuir ou parar de usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada]?	NÃO	SIM	4
e	Nos dias em que usava [substância ou a classe de substâncias seleccionada], passava mais de 2 horas tentando conseguir a(s) droga(s), se drogando, ou se recuperando dos efeitos do(a) [substância ou a classe de substâncias seleccionada], ou ainda pensando nessas drogas ?	NÃO	SIM	5
f	Reduziu as suas atividades (lazer, trabalho, cotidianas) ou passou menos tempo com os amigos ou a família por causa da(s) droga(s) ?	NÃO	SIM	6
g	Continuou a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada] mesmo sabendo que esta(s) lhe causava(m) problemas de saúde ou problemas psicológicos?	NÃO	SIM	7

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM K2 ?

Especificar a(s) substância(s): _____

<p>→ NÃO SIM</p> <p>DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA(S) ATUAL</p>
--

K3 Durante os últimos 12 meses:

a	Por várias vezes ficou intoxicado ou " de cabeça feita / chapado(a)" com [substância ou a classe de substâncias seleccionada], quando tinha coisas para fazer no trabalho (/ na escola) ou em casa ? Isso lhe causou problemas? cotar " sim " somente se a intoxicação causou problemas	NÃO	SIM	8
b	Por várias vezes esteve sob o efeito de [substância ou a classe de substâncias seleccionada] em situações em que isso era fisicamente arriscado como dirigir, utilizar uma máquina ou um instrumento perigoso, etc.?	NÃO	SIM	9
c	Por várias vezes teve problemas legais como uma interpelação ou uma condenação ou uma detenção porque tinha usado [substância ou a classe de substâncias seleccionada]?	NÃO	SIM	10
d	Continuou a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada] mesmo sabendo que esta(s) droga(s) lhe causava(m) problemas com os seus familiares ou com outras pessoas ?	NÃO	SIM	11

HÁ PELO MENOS 1 "SIM" EM K3 ?

Especificar a(s) substância(s) : _____

<p>NÃO SIM</p> <p>ABUSO DE SUBSTÂNCIA(S) ATUAL</p>
--

L- SÍNDROME PSICÓTICA

Para todas as questões deste MÓDULO, pedir um exemplo em caso de resposta positiva.

Só cotar **SIM** se os exemplos mostram claramente uma distorção do pensamento e / ou da percepção ou se são culturalmente INAPROPRIADOS OU DISTOANTES.

AVALIAR SE OS SINTOMAS DESCRITOS APRESENTAM OU NÃO CARACTERÍSTICAS “bizarras” E COTAR A ALTERNATIVA APROPRIADA.

DELÍRIOS BIZARROS : SÃO AQUELES CUJO conteúdo é manifestamente absurdo, implausível, incompreensível e QUE não pode ESTAR baseado em experiências habituais da vida.

ALUCINAÇÕES BIZARRAS: vozes que comentam os pensamentos ou os atos do(A) ENTREVISTADO(A) OU duas ou mais vozes que conversam entre si.

Agora vou fazer-lhe algumas perguntas sobre experiências pouco comuns ou estranhas que algumas pessoas podem ter.		Bizarro			
L1a	Alguma vez acreditou que alguém o(a) espionava ou estava conspirando contra você ou tentando lhe fazer mal ?	NÃO	SIM	SIM	1
b	SE SIM : Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM ^L6a	2
L2a	Alguma vez acreditou que alguém podia ler ou ouvir os seus pensamentos ou que você podia ler ou ouvir os pensamentos de outra (s) pessoa (s) ?	NÃO		SIM	3
b	SE SIM : Atualmente acredita nisso ?	NÃO		SIM ^L6a	4
L3a	Alguma vez acreditou que alguém ou alguma força exterior colocava, dentro da sua cabeça, pensamentos estranhos que não eram os seus ou o(a) fazia agir de uma maneira diferente do seu jeito habitual ? Alguma vez acreditou que estava possuído(a) ?	NÃO	SIM	SIM	5
b	SE SIM : Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM ^L6a	6
L4a	Alguma vez acreditou que estava recebendo mensagens especiais através da televisão, do rádio ou do jornal ou teve a impressão de que alguém que não conhecia pessoalmente estava particularmente interessado em você ?	NÃO	SIM	SIM	7
b	SE SIM : Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM ^L6a	8
L5a	Alguma vez teve idéias que os seus familiares ou amigos achavam estranhas ou fora da realidade e que eles não compartilhavam com você ? Cotar “SIM” apenas se O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta claramente idéias delirantes hipocondríacas ou de possessão, de culpa, de ruína, de grandeza ou outras não exploradas pelas questões de L1 a L4	NÃO	SIM	SIM	9
b	SE SIM : Atualmente eles acham suas idéias estranhas ?	NÃO	SIM	SIM	10

L6a	Alguma vez ouviu coisas que outras pessoas não podiam ouvir, como, por exemplo, vozes? Cotar “SIM” “Bizarro” unicamente se O(A) ENTREVISTADO(A) responde sim à questão: Estas vozes comentavam os seus pensamentos ou atos ou ouvia duas ou mais vozes falando entre elas?	NÃO	SIM		11
b	SE SIM : Ouviu essas coisas/ vozes no último mês?	NÃO	SIM	SIM ^L8a	12
L7a	Alguma vez viu alguma coisa ou alguém que outras pessoas presentes não podiam ver, isto é, teve visões quando estava completamente acordado? Cotar “SIM” se as visões são culturalmente inAPROPRIadas OU DESTOANTES.	NÃO	SIM		13
b	SE SIM : Teve essas visões no último mês?	NÃO	SIM		14
	OBSERVAÇÕES DO CLÍNICO:	NÃO	SIM		15
L8b	Atualmente O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um discurso claramente incoerente ou desorganizado ou apresenta uma perda evidente das associações ?				
L9b	Atualmente O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um comportamento claramente desorganizado ou catatônico?	NÃO	SIM		16
L10b	Os sintomas negativos tipicamente esquizofrênicos (embotamento afetivo, pobreza do discurso, falta de energia ou de interesse para iniciar ou terminar as atividades) são proeminentes durante a entrevista?	NÃO	SIM		17
L11	DE L1 a L10 HÁ PELO MENOS : UMA QUESTÃO « b » COTADA “SIM” BIZARRO OU DUAS QUESTÕES« b »COTADAS “SIM”(NÃO BIZARRO)?	NÃO SIM		SÍNDROME PSICÓTICA ATUAL	
L12	DE L1 a L7 HÁ PELO MENOS: UMA QUESTÃO « a » COTADA “SIM” BIZARRO OU DUAS QUESTÕES « a » COTADAS “SIM” (NÃO BIZARRO)? (verificar se os sintomas ocorreram ao mesmo tempo) OU L11 É COTADA “SIM” ?	NÃO SIM		SÍNDROME PSICÓTICA VIDA INTEIRA	
L13a	Se L12 é cotada “SIM” E se há pelo menos um “SIM” de L1 a L7: O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA: UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL (A4 = SIM) OU PASSADO (A5b = SIM) OU UM EPISÓDIO MANÍACO ATUAL OU PASSADO (D4 = SIM) ?		→		
b	SE L13a é cotada “SIM”: Você me disse, há pouco, que teve um (vários) período(s) em que se sentiu deprimido (a) / eufórico(a) / continuamente irritável. Ao longo da sua vida, as idéias ou experiências das quais acabamos de falar, como (citar os sintomas cotados "sim" de L1 à L7) ocorreram somente durante esse(s) período(s) em que se sentia deprimido (a) /eufórico (a) / continuamente irritável ?		→	NÃO SIM	18

<p>c SE L13a é cotada “SIM”: ATUALMENTE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR (A4) OU UM EPISÓDIO MANÍACO (D4) ASSOCIADO A UMA SÍNDROME PSICÓTICA (L11) ?</p>	<p>NÃO SIM TRANSTORNO DO HUMOR <i>com características psicóticas</i> ATUAL</p>
<p>d L13b OU L13c SÃO cotadaS “SIM”?</p>	<p>NÃO SIM TRANSTORNO DO HUMOR <i>com características psicóticas</i> VIDA INTEIRA</p>

M- ANOREXIA NERVOSA

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

M1a	Qual é a sua altura ?	_ _ _ cm		
b	Nos últimos 3 meses, qual foi seu peso mais baixo ?	_ _ _ kg		
c	O PESO DO(A) ENTREVISTADO(A) É INFERIOR AO LIMITE CRÍTICO INDICADO PARA A SUA ALTURA ? (Ver Tabela de correspondência abaixo)	→ NÃO	SIM	1

Durante os últimos 3 meses:

M2	Tentou não engordar , embora pesasse pouco ?	→ NÃO	SIM	2
M3	Teve medo de ganhar peso ou de engordar demais, mesmo estando abaixo do seu peso normal ?	→ NÃO	SIM	3
M4a	Achou que era muito gordo(a) ou pensou que uma parte do seu corpo era muito gorda ?	NÃO	SIM	4
b	Sua opinião sobre si mesmo(a) ou a sua auto-estima foram muito influenciadas pelo seu peso ou por suas formas corporais ?	NÃO	SIM	5
c	Achou que o seu peso era normal ou até excessivo ?	NÃO	SIM	6
M5	HÁ PELO MENOS 1 "SIM" EM M4 ?	→ NÃO	SIM	
M6	apenas Para as mulheres: Nos últimos três meses sua menstruação não veio quando normalmente deveria ter vindo (na ausência de uma gravidez) ?	→ NÃO	SIM	7

PARA AS MULHERES: M5 E M6 SÃO COTADAS "SIM" ?
PARA OS HOMENS: M5 É COTADA "SIM" ?

NÃO	SIM
ANOREXIA NERVOSA ATUAL	

TABELA DE CORRESPONDÊNCIA ALTURA - LIMITE CRÍTICO DE PESO (SEM SAPATOS, SEM ROUPA)

Mulheres altura/ peso															
cm	145	147	150	152	155	158	160	163	165	168	170	173	175	178	
kg	38	39	39	40	41	42	43	44	45	46	47	49	50	51	
Homens altura/ peso															
cm	155	156	160	163	165	168	170	173	175	178	180	183	185	188	191
kg	47	48	49	50	51	51	52	53	54	55	56	57	58	59	61

Os limites de peso acima correspondem a uma redução de 15% em relação ao peso normal, segundo o gênero, como requerido pelo DSM-IV. Essa tabela reflete pesos 15% menores que o limite inferior do intervalo da distribuição normal da Tabela de Peso da Metropolitan Life Insurance.

N- BULIMIA NERVOSA

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

N1	Nos últimos 3 meses, teve crises de “comer descontroladamente” durante as quais ingeriu quantidades enormes de alimentos num espaço de tempo limitado, isto é, em menos de 2 horas?	→ NÃO	SIM	8				
N2	Durante os últimos 3 meses, teve crises de “comer descontroladamente” pelo menos duas vezes por semana ?	→ NÃO	SIM	9				
N3	Durante essas crises de “comer descontroladamente” tem a impressão de não poder parar de comer ou de não poder limitar a quantidade de alimento que come ?	→ NÃO	SIM	10				
N4	Para evitar engordar depois das crises de “comer descontroladamente”, faz coisas como provocar o vômito, dietas rigorosas, praticar exercícios físicos importantes, tomar laxantes, diuréticos ou medicamentos para tirar a fome ?	→ NÃO	SIM	11				
N5	Sua opinião sobre si mesmo(a) ou a sua auto-estima são muito influenciadas pelo seu peso ou pelas suas formas corporais ?	→ NÃO	SIM	12				
N6	O (A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UMA ANOREXIA NERVOSA (MÓDULO “M”)?	NÃO ↓	SIM	13				
N7	Estas crises de “comer descontroladamente” ocorrem sempre que o seu peso é inferior a ____ Kg* ?	NÃO	SIM	14				
* Retomar o peso crítico do(a) ENTREVISTADO(A) em função da sua altura e SEXO.na tabela dO MÓDULO “M” (Anorexia Nervosa)								
N8	N5 É COTADA “SIM” E N7 COTADA “NÃO” (OU NÃO COTADA)?	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>NÃO</td> <td>SIM</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">BULIMIA NERVOSA ATUAL</td> </tr> </tbody> </table>			NÃO	SIM	BULIMIA NERVOSA ATUAL	
NÃO	SIM							
BULIMIA NERVOSA ATUAL								
	N7 É COTADA “SIM” ?	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>NÃO</td> <td>SIM</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão PeriódicA / Purgativa ATUAL</td> </tr> </tbody> </table>			NÃO	SIM	ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão PeriódicA / Purgativa ATUAL	
NÃO	SIM							
ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão PeriódicA / Purgativa ATUAL								

O- TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

O1	Durante os últimos 6 meses, sentiu-se excessivamente preocupado (a),	→							
a	inquieto (a), ansioso (a) com relação a vários problemas da vida cotidiana (trabalho / escola, casa, familiares / amigos), ou teve a impressão ou lhe disseram que se preocupava demais com tudo ?	NÃO	SIM	1					
b	Teve essas preocupações quase todos os dias?	→							
		NÃO	SIM	2					
	a ansiedade DESCRITA É RESTRITA EXCLUSIVAMENTE A, OU MELHOR EXPLICADA POR QUALQUER OUTRO TRANSTORNO JÁ explorado ATÉ AQUI ? [POR Ex, medo de ter um ataque de pânico (TRANSTORNO de Pânico), de seR HUMILHADO em público (Fobia Social), de ser contaminado (TOC), de ganhar peso (Anorexia Nervosa), ETC]..	NÃO	SIM	3					
O2	Tem dificuldade em controlar essas preocupações (/ essa ansiedade) ou ela (s) o(a) impede(m) de se concentrar no que tem que fazer?	→							
		NÃO	SIM	4					
	De O3 a O3f cotar " NÃO " SE os sintomas ocorrem EXCLUSIVAMENTE no contexto de QUALQUER OUTRO TRANSTORNO já explorado anteriormente								
O3	Nos últimos seis meses, quando se sentia excessivamente preocupado(a), inquieto(a), ansioso(a), quase todo o tempo:								
a	Sentia -se agitado(a), tenso(a), com os nervos à flor da pele?	NÃO	SIM	4					
b	Tinha os músculos tensos?	NÃO	SIM	5					
c	Sentia-se cansado (a), fraco(a) ou facilmente exausto(a)?	NÃO	SIM	6					
d	Tinha dificuldade de se concentrar ou tinha esquecimentos/"brancos" ?	NÃO	SIM	7					
e	Sentia-se particularmente irritável ?	NÃO	SIM	8					
f	Tinha problemas de sono (dificuldade de pegar no sono, acordar no meio da noite ou muito cedo, dormir demais)?	NÃO	SIM	9					
	HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM O3 ?	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>NÃO</td> <td>SIM</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA ATUAL</td> </tr> </tbody> </table>				NÃO	SIM	TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA ATUAL	
NÃO	SIM								
TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA ATUAL									

P- TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL (opcional)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE

P1 Antes dos 15 anos:

- | | | | | |
|----------|--|-----|-----|---|
| a | Freqüentemente faltou à escola ou passou a noite fora de casa ? | NÃO | SIM | 1 |
| b | Freqüentemente mentiu, passou a perna/ enganou os outros ou roubou ? | NÃO | SIM | 2 |
| c | Provocou, ameaçou ou intimidou os outros ? | NÃO | SIM | 3 |
| d | Destruiu ou incendiou coisas de propósito ? | NÃO | SIM | 4 |
| e | Fez sofrer animais ou pessoas de propósito? | NÃO | SIM | 5 |
| f | Forçou alguém a ter relações sexuais com você? | NÃO | SIM | 6 |

HÁ PELO MENOS 2 RESPOSTAS "SIM" EM P1?

→
NÃO SIM

Não cotar "SIM" Nas QUESTÕES abaixo se os comportamentos DESCRITOS ACONTECEM UNICAMENTE em contextos políticos ou religiosos ESPECÍFICOS.

P2 Depois dos 15 anos:

- | | | | | |
|----------|---|-----|-----|----|
| a | Freqüentemente teve comportamentos que os outros achavam irresponsáveis, como não pagar as dívidas, agir impulsivamente ou não querer trabalhar para se sustentar ? | NÃO | SIM | 7 |
| b | Fez coisas ilegais (mesmo que não tenha sido preso/a), como destruir a propriedade alheia, roubar, vender droga ou cometer um crime? | NÃO | SIM | 8 |
| c | Freqüentemente foi violento(a) fisicamente, inclusive com seu(sua) companheiro (a) ou seus filhos ? | NÃO | SIM | 9 |
| d | Freqüentemente mentiu, passou a perna ou enganou os outros para obter dinheiro ou prazer ou mentiu apenas para se divertir ? | NÃO | SIM | 10 |
| e | Expôs pessoas a perigos sem se preocupar com elas? | NÃO | SIM | 11 |
| f | Não sentiu nenhuma culpa depois de ter mentido, ferido, maltratado ou roubado alguém, ou destruído a propriedade alheia? | NÃO | SIM | 12 |

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM P2 ?

NÃO SIM

**TRANSTORNO DA
PERSONALIDADE
ANTI-SOCIAL
VIDA INTEIRA**

REFERÊNCIAS

Lecrubier Y, Sheehan D, Weiller E, Amorim P, Bonora I, Sheehan K, Janavs J, Dunbar G. The Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.), a short diagnostic interview: Reliability and validity according to the CIDI. *European Psychiatry*, 1997 ; **12** : 232-241.

Sheehan DV, Lecrubier Y, Harnett Sheehan K, Janavs J, Weiller E, Keskiner A, Schinka J, Knapp E, Sheehan MF, Dunbar GC. Reliability and validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.) according to the SCID-P. *European Psychiatry*, 1997 ; **12** : 232-241.

Sheehan DV, Lecrubier Y, Harnett Sheehan K, Amorim P, Janavs J, Weiller E, Hergueta T, Baker R, Dunbar G. The Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.): The development and validation of a structured diagnostic psychiatric interview. *Journal of Clinical Psychiatry*, 1998 ; 59 [suppl 20] : 22-33.

Amorim P, Lecrubier Y, Weiller E, Hergueta T, Sheehan D. DSM-III-R Psychotic disorders : procedural validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.). Concordance and causes for discordance with the CIDI. *European Psychiatry*, 1998; **13** : 26-34.

Traduções	M.I.N.I. 4.4 e versões anteriores	M.I.N.I. 4.6/5.0, M.I.N.I. Plus 4.6/5.0, M.I.N.I. Screen 5.0:
Afrikaans	R. Emsley	
Alemão	I. van Denffer, M. Ackenheil, R. Dietz- Bauer	G. Stotz, R. Dietz-Bauer, M. Ackenheil
Árabe		O. Osman, E. Al-Radi
Basco		Em preparação
Bengali		H. Banerjee, A. Banerjee
Búlgaro		L.G. Hranov
Catalão		Em preparação
Checo		P. Zvolsky
Chinês		L. Carroll, K-d Juang
Croata		Em preparação
Dinamarquês	P. Bech	P. Bech, T. Scütze
Esloveno	M. Kocmur	M. Kocmur
Espanhol	L. Ferrando, J. Bobes-Garcia, J. Gilbert- Rahola, Y. Lecrubier	L. Ferrando, L. Franco-Alfonso, M. Soto, J. Bobes-Garcia, O. Soto, L. Franco, G. Heinze
Estonian	J. Shlik, A. Aluoja, E. Kihl	
Farsi/Persa		K. Khooshabi, A. Zomorodi
Finlandês	M. Heikkinen, M. Lijeström, O. Tuominen	M. Heikkinen, M. Lijeström, O. Tuominen
Francês	Y. Lecrubier, E. Weiller, P. Amorim, L. Bonora, J.P. Lepine	Y. Lecrubier, E. Weiller, P. Amorim, T. Hergueta
Grego	S. Beratis	T. Calligas, S. Beratis
Gujarati		M. Patel, B. Patel
Hebreu	J. Zohar, Y. Sasson	R. Barda, I. Levinson
Hindi		C. Mittal, K. Batra, S. Gambhir
Holandês/ Flamenco	I. Van Vliet, H. Leroy, H. van Megen	E. Griez, K. Shruers, T. Overbeek, K. Demyttenaere
Húngaro	I. Bitter, J. Balazs	I. Bitter, J. Balazs

Inglês	D. Sheehan, J. Janavs, R. Baker, K. D. Sheehan, R. Baker, J. Janavs, K. Harnett-Sheehan, E. Knapp, M. Harnett-Sheehan, M. Sheehan Sheehan	
Islandês		J.G. Stefansson
Italiano	L. Bonora, L. Conti, M. Piccinelli, M. L. Conti, A. Rossi, P. Donda Tansella, G. Cassano, Y. Lecrubier, P. Donda, E. Weiller	
Japonês		T. Otsubo, H. Watanabe, H. Miyaoka, K. Kamijima, J. Shinoda, K. Tanaka, Y. Okajima
Letão	V. Janavs, J. Janavs, I. Nagobads	V. Janavs, J. Janavs
Norueguês	G. Pedersen, S. Blomhoff	K.A. Leiknes , U. Malt, E. Malt, S. Leganger
Polaco	M. Masiak, E. Jasiak	M. Masiak, E. Jasiak
Português	P. Amorim	P. Amorim, T. Guterres, P. Levy
Português-Brasil	P. Amorim	P. Amorim
Punjabi		A. Gahunia, S. Gambhir
Romeno		O. Driga
Russo		A. Bystitsky, E. Selivra, M. Bystitsky
Sérvio	I. Timotijevic	I. Timotijevic
Setswana		K. Ketlogetswe
Sueco	M. Waern, S. Andersch, M. Humble	C. Allgulander, M. Waern, A. Brimse, M. Humble, H. Agren
Turco	T. Örnek, A. Keskiner, I. Vahip	T. Örnek, A. Keskiner
Urdu		A. Taj, S. Gambhir

O desenvolvimento e a validação do M.I.N.I. foram possíveis graças, em parte, a fundos cedidos pelos laboratórios SmithKline Beecham e pela Comissão Européia.

Os autores agradecem a Dra Pauline Pawers por su as contribuições nos módulos Anorexia e Bulimia Nervosa.

ANFETAMINA	ÊXTASE	MORFINA
BRANQUINHA	ERVA	ÓPIO
CANNABIS	ÉTER	DAIME
BASEADO	GASOLINA	PÓ
COCAÍNA	HASHISH	RITALINA
CODEÍNA	HEROÍNA	COGUMELO
COLA	L.S.D.	VEGETAL
CRACK	MARIJUANA	REBITE
MACONHA	CHEIRINHO	LOLÓ
MERLA	BOLINHA	MESCALINA
ARTANE	ESTERÓIDES	PÍLULAS TIRA-FOME
CALMANTES	DOLANTINA	ALGAFAN
AYHUASCA	PEDRA	TARJA PRETA
ANABOLISANTE	LANÇA	REMÉDIO PARA DORMIR

INVENTÁRIO DE RELIGIOSIDADE - MOSCHELLA - LARSON - (ML)

Nome _____ Idade: _____

- 1- Você tem religião? () Sim. Qual? _____ Não()
- 2- Você freqüenta a igreja? A() mais de uma vez por semana; B() uma vez por semana; C() menos que uma vez por semana; D() de vez em quando; E() nunca.
- 3- Quantas vezes você reza quando não freqüenta as igrejas? A() uma vez por dia; B() mais de uma vez por semana; C() uma vez por semana; D() menos que uma vez por semana; E() de vez em quando; F() nunca.
- 4- Você acredita em alguma forma de vida após a morte? Sim() Não()
- 5- Em que sua doença modificou seu comportamento religioso? A() eu rezo mais agora que antes; B() eu rezo menos; C() nada mudou; D() outros.
- 6- Que tem lhe ajudado a enfrentar sua doença? A() minha família e ou amigos; B() minha religião (fé); C() meus médicos; D() minhas enfermeiras; E() eu não tenho nada que me ajude a enfrentar minha doença; F() outros.

Algumas pessoas acreditam que seu sofrimento significa mais do que apenas dor física. Sofrimento mental (por exemplo) medo da morte, medo do futuro, outros medos ou sentimentos.

- 7- Você acredita que seus sofrimentos são punição de Deus? () Sim; Não(); Não sei ()
- 8- Você acredita que Deus o fez sofrer para ser uma pessoa melhor? Sim(); Não()
- 9- Você acredita que a recompensa de seus sofrimentos virá no céu? Sim(); Não()
- 10- Você acredita que Deus está envolvido de alguma forma com seus sofrimentos? Sim(); Não()
- 11- Desde que eu fiquei doente, eu acredito que Deus esta testando minha fé. Não(); Sim()

- 12-** Você acredita que Deus o abandonou? Sim(); Não()
- 13-** Você se considera uma pessoa de fé? Sim(); Não()
- 14 -** O que é fé para você? (avaliação qualitativa)
- 15-** Como você acha que uma pessoa que tem fé deveria agir com relação à sua doença? (avaliação qualitativa).
- 16-** Quais as obrigações de uma pessoa que se considera UMA pessoa de fé? (avaliação qualitativa).
- 17 -** Você acredita em Santos? Sim() Não()
- 18-** Com que frequência você lê ou estuda a bíblia, ou outros livros sobre religião. 1-() nunca; 2-() raramente; 3-() ocasionalmente; 4-() freqüentemente (pelo menos uma vez por semana, mas não diariamente); 5-() diariamente.
- 19-** Quando você é tentado a fazer algo errado, com que frequência você pede a Deus (ou a uma força superior, energia ou entidade superior) forças para fazer as coisas certas? 1-() nunca; 2-() raramente; 3-() as vezes; 4-() freqüentemente; 5-() muito freqüentemente.
- 20-** Se você tem que tomar uma decisão no seu dia a dia, com que frequência você pergunta a você mesmo o que Deus ou uma força superior gostaria que você fizesse, ou pede a Deus (ou um a força superior) ajuda para tomar a decisão? 1-() nunca; 2-() raramente; 3-() as vezes; 4-() freqüentemente; 5-() muito freqüentemente.
- 21-** Em média, com que frequência você foi ao culto (missa, celebração) de sua igreja no último ano? 1-() nunca; 2-() umas poucas vezes no ano; 3-() uma vez por semana (ou quase uma vez por semana); 4-() mais de uma vez por semana.
- 22-** Com que frequência você serve a (ou participa) em sua igreja (ou outra organização religiosa) em trabalhos religiosos como por exemplo escola dominical, grupo de jovens, grupo de crianças, catecismo, ou outra atividade deste tipo? 1-() nunca; 2-() poucas vezes no ano; 3-() uma ou duas vezes por mês; 4-() semanalmente ou quase semanalmente; 5-() mais de uma vez por semana.

WHOQOL-100 - Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor, responda todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser a sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência **às duas últimas semanas**.

Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

Quanto você se preocupa com sua saúde?				
nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você se preocupou com sua saúde nas últimas duas semanas. Portanto, você deve fazer um círculo no número 4 se você se preocupou "bastante" com sua saúde, ou fazer um círculo no número 1 se você não se preocupou "nada" com sua saúde. Por favor, leia cada questão, veja o que você acha, e faça um círculo no número que lhe parece a melhor resposta. Muito obrigado por sua ajuda.

As questões seguintes são sobre *o quanto* você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas. Por exemplo, sentimentos positivos tais como *felicidade* ou *satisfação*. Se você sentiu estas coisas "*extremamente*", coloque um círculo no número abaixo de "*extremamente*". Se você não sentiu nenhuma destas coisas, coloque um círculo no número abaixo de "*nada*". Se você desejar indicar que sua resposta se encontra entre "*nada*" e "*extremamente*", você deve colocar

um círculo em um dos números entre estes dois extremos. As questões se referem **às duas últimas semanas**.

F1.2- Você se preocupa com sua dor ou desconforto (físicos)?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F1.3- Quão difícil é para você lidar com alguma dor ou desconforto?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F1.4- Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F2.2- Quão facilmente você fica cansado(a)?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F2.4- O quanto você se sente incomodado(a) pelo cansaço?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F3.2- Você tem alguma dificuldade para dormir (com o sono)?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F3.4- O quanto algum problema com o sono lhe preocupa?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F4.1- O quanto você aproveita a vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F4.3- Quão otimista você se sente em relação ao futuro?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F4.4- O quanto você experimenta sentimentos positivos em sua vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F5.3- O quanto você consegue se concentrar?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F6.1- O quanto você se valoriza?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F6.2- Quanta confiança você tem em si mesmo?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F7.2- Você se sente inibido(a) por sua aparência?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F7.3- Há alguma coisa em sua aparência que faz você não se sentir bem?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F8.2- Quão preocupado(a) você se sente?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F8.3- Quanto algum sentimento de tristeza ou depressão interfere no seu dia-a-dia?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F8.4- O quanto algum sentimento de depressão lhe incomoda?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F10.2- Em que medida você tem dificuldade em exercer suas atividades do dia-a-dia?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F10.4- Quanto você se sente incomodado por alguma dificuldade em exercer as atividades do dia-a-dia?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F11.2- Quanto você precisa de medicação para levar a sua vida do dia-a-dia?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F11.3- Quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F11.4- Em que medida a sua qualidade de vida depende do uso de medicamentos ou de ajuda médica?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F13.1- Quão sozinho você se sente em sua vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F15.2- Quão satisfeitas estão as suas necessidades sexuais?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F15.4- Você se sente incomodado(a) por alguma dificuldade na sua vida sexual?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F16.1- Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F16.2- Você acha que vive em um ambiente seguro?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F16.3- O quanto você se preocupa com sua segurança?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F17.1- Quão confortável é o lugar onde você mora?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F17.4- O quanto você gosta de onde você mora?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F18.2- Você tem dificuldades financeiras?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F18.4- O quanto você se preocupa com dinheiro?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F19.1- Quão facilmente você tem acesso a bons cuidados médicos?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F21.3- O quanto você aproveita o seu tempo livre?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F22.1- Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F22.2- Quão preocupado(a) você está com o barulho na área que você vive?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F23.2- Em que medida você tem problemas com transporte?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F23.4- O quanto as dificuldades de transporte dificultam sua vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre *quão completamente* você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas. Por exemplo, atividades diárias tais como lavar-se, vestir-se e comer. Se você foi capaz de fazer estas atividades *completamente*, coloque um círculo no número abaixo de "*completamente*". Se você não foi capaz de fazer nenhuma destas coisas, coloque um círculo no número abaixo de "*nada*". Se você desejar indicar que sua resposta se encontra entre "*nada*" e "*completamente*", você deve colocar um círculo em um dos números entre estes dois extremos. As questões se referem **às duas últimas semanas**.

F2.1- Você tem energia suficiente para o seu dia-a-dia?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F7.1- Você é capaz de aceitar a sua aparência física?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F10.1- Em que medida você é capaz de desempenhar suas atividades diárias?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F11.1- Quão dependente você é de medicação?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F14.1- Você consegue dos outros o apoio que necessita?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F14.2- Em que medida você pode contar com amigos quando precisa deles?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F17.2- Em que medida as características de seu lar correspondem às suas necessidades?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F18.1- Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F20.1- Quão disponível para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F20.2- Em que medida você tem oportunidades de adquirir informações que considera necessárias?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F21.1- Em que medida você tem oportunidades de atividades de lazer?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F21.2- Quanto você é capaz de relaxar e curtir você mesmo?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F23.1- Em que medida você tem meios de transporte adequados?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre o quão *satisfeito(a)*, *feliz ou bem* você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas. Por exemplo, na sua vida familiar ou a respeito da energia (disposição) que você tem. Indique quão satisfeito(a) ou não satisfeito(a) você está em relação a cada aspecto de sua vida e coloque um círculo no número que melhor represente como você se sente sobre isto. As questões se referem às **duas últimas semanas**.

G2- Quão satisfeito(a) você está com a qualidade de sua vida?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

G3- Em geral, quão satisfeito(a) você está com a sua vida?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

G4- Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F2.3- Quão satisfeito(a) você está com a energia (disposição) que você tem?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F3.3- Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F5.2- Quão satisfeito(a) você está com a sua capacidade de aprender novas informações?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F5.4- Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de tomar decisões?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F6.3- Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F6.4- Quão satisfeito(a) você está com suas capacidades?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F7.4- Quão satisfeito(a) você está com a aparência de seu corpo?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F10.3- Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F13.3- Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F15.3- Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F14.3- Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de sua família?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F14.4- Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F13.4- Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de dar apoio aos outros?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F16.4- Quão satisfeito(a) você está com com a sua segurança física (assaltos, incêndios, etc.)?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F17.3- Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F18.3- Quão satisfeito(a) você está com sua situação financeira?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F19.3- Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F19.4- Quão satisfeito(a) você está com os serviços de assistência social?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F20.3- Quão satisfeito(a) você está com as suas oportunidades de adquirir novas habilidades?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F20.4- Quão satisfeito(a) você está com as suas oportunidades de obter novas informações?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F21.4- Quão satisfeito(a) você está com a maneira de usar o seu tempo livre?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F22.3- Quão satisfeito(a) você está com o seu ambiente físico (poluição, clima, barulho, atrativos)?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F22.4- Quão satisfeito(a) você está com o clima do lugar em que vive?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F23.3- Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F13.2- Você se sente feliz com sua relação com as pessoas de sua família?

Muito infeliz	infeliz	nem feliz / nem infeliz	feliz	muito feliz
1	2	3	4	5

G1- Como você avaliaria sua qualidade de vida?

muito ruim	ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	2	3	4	5

F15.1- Como você avaliaria sua vida sexual?

Muito ruim	ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	2	3	4	5

F3.1- Como você avaliaria o seu sono?

Muito ruim	ruim	nem ruim / nem bom	bom	muito bom
1	2	3	4	5

F5.1- Como você avaliaria sua memória?

Muito ruim	ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	2	3	4	5

F19.2- Como você avaliaria a qualidade dos serviços de assistência social disponíveis para você?

Muito ruim	ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a "*com que frequência*" você sentiu ou experimentou certas coisas, por exemplo, o apoio de sua família ou amigos ou você teve experiências negativas, tais como um sentimento de insegurança. Se, nas duas últimas semanas, você não teve estas experiências de nenhuma forma, circule o número abaixo da resposta "nunca". Se você sentiu estas coisas, determine com que frequência você os experimentou e faça um círculo no número apropriado. Então, por exemplo, se você sentiu dor o tempo todo nas últimas duas semanas, circule o número abaixo de "sempre". As questões referem-se **às duas últimas semanas.**

F1.1- Com que frequência você sente dor (física)?

Nunca	raramente	às vezes	repetidamente	sempre
1	2	3	4	5

F4.2- Em geral, você se sente contente?

Nunca	raramente	às vezes	repetidamente	sempre
1	2	3	4	5

F8.1- Com que frequência você tem sentimentos negativos, tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?

Nunca	raramente	às vezes	repetidamente	sempre
1	2	3	4	5

As questões seguintes se referem a qualquer "*trabalho*" que você faça. *Trabalho* aqui significa qualquer atividade principal que você faça. Pode incluir trabalho voluntário, estudo em tempo integral, cuidar da casa, cuidar das crianças, trabalho pago ou não. Portanto, *trabalho*, na forma que está sendo usada aqui, quer dizer as atividades que você acha que tomam a maior parte do seu tempo e energia. As questões referem-se **às últimas duas semanas**.

F12.1- Você é capaz de trabalhar?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F12.2- Você se sente capaz de fazer as suas tarefas?

nada	muito pouco	médio	muito	completamente
1	2	3	4	5

F12.4- Quão satisfeito(a) você está com a sua capacidade para o trabalho?

muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

F12.3- Como você avaliaria a sua capacidade para o trabalho?

muito ruim	ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre "quão bem você é capaz de se locomover" referindo-se às duas últimas semanas. Isto em relação à sua habilidade física de mover o seu corpo, permitindo que você faça as coisas que gostaria de fazer, bem como as coisas que necessite fazer.

F9.1- Quão bem você é capaz de se locomover?

muito ruim	ruim	nem ruim / nem bom	bom	muito bom
1	2	3	4	5

F9.3- O quanto alguma dificuldade de locomoção lhe incomoda?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F9.4- Em que medida alguma dificuldade em mover-se afeta a sua vida no dia-a-dia?

Nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F9.2- Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de se locomover?

Muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito / nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se às suas *crenças pessoais*, e o quanto elas afetam a sua qualidade de vida. As questões dizem respeito à religião, à espiritualidade e outras crenças que você possa ter. Uma vez mais, elas referem-se **às duas últimas semanas**.

F24.1- Suas crenças pessoais dão sentido à sua vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F24.2- Em que medida você acha que sua vida tem sentido?

Nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F24.3- Em que medida suas crenças pessoais lhe dão força para enfrentar dificuldades?

Nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

F24.4- Em que medida suas crenças pessoais lhe ajudam a entender as dificuldades da vida?

nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
1	2	3	4	5

RESULTADOS - AVALIAÇÃO DO PONTO DE CORTE

RELIGIOSIDADE - MOSCHELLA - LARSON - (ML)

Notas atribuídas a cada questão para estabelecimento do ponto de corte para inclusão dos participantes nas categorias de **Religiosos/ Não religiosos**

- 1- Você tem religião? Sim (10). Qual? _____ Não (00).
- 2- Você freqüenta a igreja? A(10) mais de uma vez por semana; B(8) uma vez por semana; C(6) menos que uma vez por semana; D(4) de vez em quando; E(2) nunca.
- 3- Quantas vezes você reza quando não freqüenta as igrejas? A(10) uma vez por dia; B(8) mais de uma vez por semana; C(6) uma vez por semana; D(4) menos que uma vez por semana; E(2) de vez em quando; E(0) nunca.
- 4- Você acredita em alguma forma de vida após a morte? Sim (10) não (00)
- 5- Em que sua doença modificou seu comportamento religioso? A(10) eu rezo mais agora que antes; B(00) Eu rezo menos; C(00) Nada mudou; D(00) outros.
- 6- Que tem lhe ajudado a enfrentar sua doença? A(00) minha família e ou amigos; B(10) minha religião (fé); C(00) meus médicos; D(00) minhas enfermeiras; E(00) eu não tenho nada que me ajude a enfrentar minha doença; F(00) outros.

Algumas pessoas acreditam que seu sofrimento significam mais do que apenas dor física. (sofrimento mental, por exemplo) Medo da morte, medo do futuro, outros medos ou sentimentos.

- 7- Você acredita que seus sofrimentos são punição de Deus? Sim (10); não (00); não sei (00)

- 8-** Você acredita que Deus o fez sofrer para ser uma pessoa melhor? Sim (10); não (00)
- 9-** Você acredita que a recompensa de seus sofrimentos virá no céu? Sim (10); não (00)
- 10-** Você acredita que Deus está envolvido de alguma forma com seus sofrimentos? Sim (10); não (00).
- 11-** Desde que eu fiquei doente, eu acredito que Deus esta testando minha fé. Não (00); sim (10).
- 12-** Você acredita que Deus o abandonou? Sim (10) não (00)
- 13-** Você se considera uma pessoa de fé? Sim (10) não (00)
- 14 -** O que é fé para você (avaliação qualitativa)
- 15-** Como você acha que uma pessoa que tem fé deveria agir com relação à sua doença? (avaliação qualitativa).
- 16-** Quais as obrigações de uma pessoa que se considera UMA pessoa de fé? (avaliação qualitativa).
- 17-** Você acredita em Santos? Sim (10) não (00)
- 18-** Com que freqüência você lê ou estuda a bíblia, ou outros livros sobre religião? 1-(2) nunca; 2-(4) raramente; 3-(6) ocasionalmente; 4-(8) freqüentemente (pelo menos uma vez por semana, mas não diariamente); 5-(10) diariamente.
- 19-** Quando você é tentado a fazer algo errado, com que freqüência você pede a Deus (ou a uma força superior, energia ou entidade superior) forças para fazer as coisas certas? 1-(2) nunca; 2-(4)raramente; 3-(6) às vezes; 4-(8) freqüentemente; 5-(10) muito freqüentemente.

- 20-** Se você tem que tomar uma decisão no seu dia a dia, com que freqüência você pergunta a você mesmo o que Deus ou uma força superior gostaria que você fizesse, ou pede a Deus (ou um a força superior) ajuda para tomar a decisão? 1-(2) nunca; 2-(4) raramente; 3-(6) às vezes; 4-(8) freqüentemente; 5-(10) muito freqüentemente .
- 21-** Em média, com que freqüência você foi ao culto (missa, celebração) de sua igreja no último ano? 1-(2) nunca; 2-(4) umas poucas vezes no ano; 3-(6) uma vez por semana (ou quase uma vez por semana); 4-(8) mais de uma vez por semana.
- 22-** Com que freqüência você serve a (ou participa) em sua igreja (ou outra organização religiosa) em trabalhos religiosos como, por exemplo, escola dominical, grupo de jovens, grupo de crianças, catecismo, ou outra atividade deste tipo? 1-(2) nunca; 2-(4) poucas vezes no ano; 3-(6) uma ou duas vezes por mês; 4-(8) semanalmente ou quase semanalmente; 5-(10) mais de uma vez por semana.

10- APÊNDICES



Nome: _____ Idade: _____

Questionário:

- 1- Em que setores da personalidade você acha que as danças circulares sagradas interferiram e/ou modificaram?
- 2- Houve alterações de humor?
- 3- Houve alterações na disposição e tônus?
- 4- Houve alguma modificação no seu conceito de sagrado?
- 5- Houve alguma modificação na sua visão de religiosidade?

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

DESCRIÇÃO DAS DANÇAS E SEUS SIMBOLISMOS

DANÇA DE SAUDAÇÃO: Shetland Wedding Dance - Ilhas Shetland, Escócia; também dançada na Bavária, Alemanha, geralmente no início dos trabalhos com as danças.

Formação inicial em círculo, separadas em duplas, uma de frente para outra.

1º comprimento: abaixar levemente o tronco e a cabeça, de frente para o companheiro

Bater 3X com a MD, com a MD do companheiro, (MD= mão direita)

2º comprimento: (repete anterior)

Bater 3X com a ME com a ME do companheiro e em seguida, (ME=mão esquerda)

Bater 3X com MD e 3X com ME

Girar sobre seu próprio eixo (uma volta sentido horário), mãos para cima balançando

Pegar o cotovelo direito (D) do companheiro, mão esquerda (E) na cintura e rodar (8 tempos na música)

Trocar para o cotovelo E, repetir o movimento e no tempo 7 - na música, sair pela D e repetir a seqüência com outro companheiro da frente.

KOS GREETING DANCE - Grécia - É uma dança de saudação realizada pelas mulheres, crianças e idosos, para saudar os pescadores, após longos períodos no mar... Representa a coesão, fraternidade e a união da comunidade. A cruz que se forma com a junção dos braços na altura do osso externo (coração), representa a cruz de Santo André. Essa dança era também praticada pelos Templários. O passo para o centro representa ir ao encontro do outro, e também ao essencial,

ao centro; para trás - dar o espaço para o outro e para si mesmo. O andar para a direita - seguir o curso junto com o outro, cada um dentro do Todo, mantendo sua individualidade, e também a tentativa de resolução do que está sendo proposto pela vida. Deve ser realizada num início de trabalho.

Formação inicial em círculo, braços cruzados em forma de cruz, o direito sobre o esquerdo, palma da mão D voltada p/ baixo e palma da mão E p/ cima. Os dedos da mão direita do sujeito tocam levemente a palma da mão esquerda do participante à sua esquerda e os dedos da mão esquerda do sujeito (com a palma para cima), tocam levemente a palma da mão direita do sujeito à sua direita. O círculo caminha para a direita - sentido anti-horário - 1 passo p/ dentro do círculo com pé E, unir (juntar) o D e flexionar o joelho 2x; 1 passo p/ atrás com pé D, unir (juntar) E flexionar o joelho 2x; com o pé D, ir p/ lateral D, unir (juntar) E, flexionar o joelho 2x.

AL ACHAT - Dança israelita de Páscoa

Formação inicial em círculo de mãos dadas: 16 passos para D, 16 passos para E, 8 passos caminhando para centro do círculo, subindo as mãos; 8 passos para fora, descendo as mãos. Realizar uma parte do 8 - infinito em 8 passos, mão D palma voltada para cima, no plexo solar, com o polegar indicando para frente e mão E dorso da mão no osso sacro, para fazer a outra parte do 8 trocar as mãos. Repetir a seqüência até o final da música.

AL ACHAT - variação Israel - Salmo: Agradeceremos Deus para sempre, pois nos salvou da escravidão. Páscoa. Glorifica o estar junto no mesmo caminho, trabalhando o centro comunitário e o centro de cada um.

Formação inicial em círculo * SENTIDO ANTI-HORÁRIO - CAMINHAR 16 passos D,E,D,E... para a direita e depois para a esquerda; **8 passos para o centro, erguendo os braços para cima sem soltar as mãos ***8 passos p/ trás abaixando os braços sem soltar as mãos; repetir* - 16 passos.... ****fazer um círculo em torno

de si mesmo p/ D - palma da mão D p/ cima, mão E sobre o osso sacro; fazer um círculo em torno de si mesmo p/ E - palma da mão E p/ cima, mão D sobre o osso sacro; forma o infinito.

RUMELAJ - Dança para acender o fogo interno - da região dos Balcãs - Europa Oriental

Formação inicial em círculo ou meia Lua, unindo-se todos os sujeitos, segurar, encaixar como um “ganchinho” com o dedo mínimo no sujeito ao lado, cotovelos levemente flexionados em forma de W - WWWW

Bate ponta do PD e joga quadril para a D em direção ao centro

Bate ponta do PE e joga quadril para a E em direção ao centro

Bate ponta do PD e joga quadril para a D em direção ao centro

Cruza PD atrás e abre para a lateral E (com a perna esquerda)

Cruza PD na frente e abre para a lateral E batendo a ponta do PE

Cruza PE atrás e abre para a lateral D (com a perna direita)

Cruza PE na frente e abre com a perna direita e batendo ponta do PD/ponta do PE

Bate ponta do PD iniciando tudo de novo, repetidamente.

ZEMER ATIK - Saudação de Casamento israelita - judeus da Polônia. Significa antiga melodia, é também conhecida por Nigun Atik

Formação inicial em círculo, um atrás do outro, ME em concha em cima do seu próprio ombro e MD na ME do companheiro da frente

Iniciar com PD, dar 4 passos, para frente, sentido anti-horário 4X

2 palmas para fora do círculo

1 palma para dentro

4 passos para centro do círculo, iniciar com PD, subir os braços da altura do peito elevando até o alto, balançando de um lado para o outro;

4 passos para fora do círculo, iniciar com PD, os braços descem, fazendo o mesmo balanço anterior, “abençoando” com os movimentos das mãos 2X

variação: na última parte ao invés de balançando de um lado para o outro os braços, vai se estalando os dedos.

NATAL - SHEPERD’S DANCE - Sul da França - Dança da Luz. Feita pelos pastores - para que haja luz na condução da vida, que a luz (que o nascimento de Cristo representa) guie os nossos passos em nossa caminhada. Os sujeitos podem dar as mãos, unindo pelos dedos médio, anular e mínimo, e com o polegar e indicador segurar uma vela - que deverá ter anteparo de cartolina, para que a cera não pingue e queime as mãos.

Formação inicial em círculo, 4 passos para a E (sentido horário - lado do coração); no tempo da música: colocar a ponta de pé D para frente - direção ao centro (divino), para a D (caminhada progressiva na vida), para atrás (aprendendo com o passado), pequena pausa (2x) - acompanhando com o olhar colocar a ponta de pé E para frente - direção ao centro (divino), para a E (caminhar com o coração), para atrás (aprendendo com o passado), pequena pausa. Fazer a seqüência toda uma vez e repetir sempre até o final (da música).

BÉTULA - Grã-Bretanha/Noroeste da França - Primavera - Árvore da Vida: simboliza o nascimento da natureza, pois é a primeira a ressurgir após o inverno. Tem raízes profundas - buscar a água nas profundezas. Para os Druidas - sacerdotes celtas o alfabeto era descrito com o nome das árvores, e a primeira letra é a Bétula. “Bride” - inglês = noiva. Brigitte: deusa da luz representa buscar a luz - Sta Brígida.

Formação inicial em círculo, na mão direita cada sujeito pode ter uma fita colorida (cerca de 40 cm) amarrada no dedo mínimo, ficando pendurada (pode ser nas duas mãos).

- 1- Passos no ar: abre pé D - perna E no ar; abre pé E - perna D no ar - 2x
- 2- Passos da terra - raiz: abre pé D - junta pé E - duas flexões joelhos unidos - 2x
- 3- Giro livre com as mãos soltas e braços ao alto, para D (sentido horário) em 4 tempos e depois para a E (sentido anti-horário) em 4 tempos
- 4- O grupo dá as mãos e vai ao centro, com os braços esticados, voltados para baixo em 8 passos pequenos até estar ombro com ombro
- 5- Todos com os braços esticados, voltados para baixo - fazem 6x os passos terra/raiz para a D
- 6- Abrir o círculo com 8 passos para atrás formando um círculo maior
- 7- Saltitar - andando 16 tempos no sentido da roda (criança interna que comemora)
- 8- De mãos dadas, saltitando ir ao centro em 4 tempos e voltar em 4 tempos também – 2x
- 9- Repete 1 8 – 2x
- 10- Repete 1 e 2 (passos no ar e passos da terra) e termina com um cumprimento, inclinando o corpo para frente.

SAUDAÇÃO PARA A LUA: Povo Krenák - Tribo indígena de Minas Gerais, Brasil - Reverência à lua cheia - iluminação do caminho, fertilidade da terra e das mulheres (Comunicação pessoal de Kaká Verá, índio desta tribo à pesquisadora).

Formação inicial em círculo, sujeitos voltados para o centro do círculo, dando-se as mãos com MD palma para cima e ME palma para baixo. Os cotovelos bem juntos; PD cruza na frente e anda com o PE (a roda caminha para E - sentido horário)

Letra da Música: Tumiaque, Tumiaque, Tumiaque, Hehehe - repetir quatro vezes
Hehehehehehe, Hehehehehehe, Hehehehehehe, HeheheheheHA repetir quatro
vezes, no final - há - elevando os braços e a cabeça para cima.

O “he” se origina na altura do diafragma, e canta-se reverenciando a terra, olhando para baixo, o “há” origina-se na parte baixa da garganta, no final do pescoço e se projeta para o céu, quando se eleva os braços e a cabeça para cima, entoa-se o som “há”.

MENOUSSIS - Agradecimento - Dança de Epyrus - Grécia.

Em circulo de mãos dadas

(1) 1 passo para D com PD, juntando os pés

1 passo para D com PD, PE fica na frente

(2) 1 passo para o centro com PE

1 passo para o centro com PE, elevar perna D com o joelho flexionado

(3) 2 passos para atrás com PD, juntando os pés

(4) 1 passo para E com PE, junta PD

repetir a seqüência até o final da música

(1) Este sou eu, meu corpo físico, que caminha na vida na direção do progresso
(para a direita);

(2) Que reconhece o Espírito e se move em direção a Ele o reconhecendo

(3) Trazemos o Espírito para nossas vidas;

(4) Experimentamos o que passou, mas não nos prendemos ao passado;
caminhamos em frente... para a direita...

allo mytho tha sas po]x2

Itan kapios mia fora

dhichos spiti ke ghonia

4 [Ghia tous andres iche frichi

ki ena misos floghero]x2

omos oles tis ghinekes

tis agapaye tharo.

Eu te saúdo

Eu te dou espaço

Eu caminho

e eu ocupo meu espaço

E D ED

f j fi

+fl

D E ED

t j fi

+fl

D E ED

lt j fl

+fl

Zemer Atik:

Dança circular. A palma E virada para cima, apoiada em nosso ombro esquerdo.
A palma D apoiada na palma da pessoa em frente.



$\frac{D}{f}$ $\frac{E}{f}$ $\frac{D}{f}$ $\frac{E}{f}$ $\frac{D}{lt}$ bater palmas duas vezes para a D $\frac{E}{lt}$ bater palmas uma vez para a E x 4

$\frac{D}{f}$ estalar os dedos para a D $\frac{E}{f}$ estalar os dedos para a E $\frac{D}{t}$ $\frac{E}{t}$ $\frac{D}{t}$ $\frac{E}{t}$ x 4
abaixar os braços

Perpetual Motion - Menoussis:

Dança circular. É uma meditação. Braços em “V”.

1) $\frac{D}{lt}$ $\frac{E}{j}$ $\frac{D}{lt}$ $\frac{E}{xf}$

ponta do pé

2) $\frac{E}{f}$ $\frac{D}{j}$ $\frac{E}{f}$ $\frac{D}{}$
levantar joelho, cabeça,
e braços ligeiramente

3) $\frac{D}{t}$ $\frac{E}{j}$ $\frac{D}{t}$ $\frac{E}{j}$

4) $\frac{E}{t}$ $\frac{D}{j}$

Para mim o significado desta dança é tornar-se consciente do Espírito e de nosso caminho na vida.

1) Representa o corpo físico. “Este sou eu”.

2) Reconhecemos o Espírito e nos movemos em direção a Ele e ao conhecimento Dele.

3) Trazemos o Espírito para nossas vidas e o integramos ao físico.

4) Ao caminharmos na vida experienciamos um passado; mas nosso passado nunca é tão grandioso quanto os passos que damos em direção ao futuro (ou, neste caso, para a direita!).

CÓDIGO PARA AS MARCAÇÕES DAS DANÇAS

D - pé direito	— -	um tempo
E - pé esquerdo	= -	dois tempos
lt - lateral	∩ -	meio tempo
t - atrás		direção da dança
xt - cruzar atrás		em direção ao centro
f - frente		giro para olhar noutra direção
xf - cruzar na frente		giro no lugar
j - junto	∩	posição do dançarino (olhando para o centro)
p - pulo		movendo para a direita, olhando para o centro
c - chute		movendo para a direita, olhando para a direita
pf - apontar na frente		mãos em "V"
pl - apontar na lateral		mãos em "W"
pt - apontar atrás		
fl - flexionar joelhos		
rep. - reposição	tap -	bater com a ponta do pé
b - batida		
H - homem		
M - mulher		
sh - sentido horário		
sah - sentido anti-horário		
lv - levantar		

'Pas de bas' ou 'Pas de basque'

D E D E D E
 ∩ ∩ ∩ ∩ ∩ ∩
 lt j rep. lt j rep.